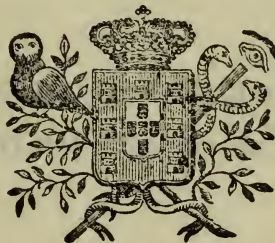
ANNAES
DA
MARINHA PORTUGUEZA

POR

IGNACIO DA COSTA QUINTELLA,

Vice-Almirante da Armada Real, Conselheiro d'Estado Honorario, Conselheiro do Real Conselho da Marinha, e Socio Honorario da Academia Real das Sciencias.

TOMO II.

LISBOA

NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.

1840.

ARTIGO

EXTRAHIDO DAS ACTAS

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DA

SESSÃO DE 9 DE DEZEMBRO DE 1835.

Determina a Academia Real das Sciencias, que sejão impressos á sua custa, e debaixo do seu privilegio, os Annaes da Marinha Portugueza, *que lhe forão apresentados pelo seu Socio Honorario Ignacio da Costa Quintella.*

Joaquim José da Costa de Macedo,

Secretario Perpetuo da Academia.

PARTE PRIMEIRA.

QUARTA MEMORIA,

COMPREHENDENDO DESDE O ANNO DE 1581 ATE' A' ACCLAMAÇÃO D' ELREI D. JOÃO IV. EM 1640.

REINADO D' ELREI FILIPPE II.

ElRei D. Henrique I., que levou o terror das Armas de Castella alêm da sepultura, não ousando declarar por successora da Monarchia a Senhora D. Catharina, filha do Infante D. Duarte, e Duqueza de Bragança, a cujo indisputavel direito se oppunha ElRei de Hespanha Filippe II., o mais rico, e poderoso Principe do seu seculo, deixou nomeados cinco Governadores para decidirem esta importante questão, de que pendia a gloria, a prosperidade, e a independencia de Portugal.

Negociações occultas, e destramente manejadas, fizerão preponderante neste Reino o partido Hespanhol, e mallográrão as combinações necessarias para pôr a Nação em estado de repellir a força pela força.

O severo Duque de Alva, hum dos primeiros Generaes do seu tempo, entrou por Alemtéjo nos fins de Junho de 1580 com hum Exercito formidavel pela qualidade das tropas, e até pelo seu numero relativamente ao Exercito Portuguez, que não existia (1), e chegou

(1) O Conde da Ericeira (Portugal Restaurado, tomo 1.) diz,

a Setubal sem opposição, excepto a que lhe fez Mendo da Mota, Governador da Torre do Outão, auxiliado por tres navios de guerra, que commandava Ignacio Rodrigues Veloso, cuja opposição cessou com a vinda do Marquez de Santa Cruz D. Alvaro Bazan, General da Armada de Hespanha, com vinte e cinco Galeões, setenta Galés, e quantidade de transportes, em que se embarcou o Duque com o seu Exercito, e foi desembarcar a Cascaes, d'onde marchou para Lisboa; e tomando por cerço, e intelligencias a Fortaleza de S. Julião, expulsou da ponte de Alcantara hum destacamento de quatro mil homens, sem armas, nem disciplina, com que o Prior do Crato lhe disputou o passo. Ao mesmo tempo entrava pelo Tejo a Armada Hespanhola, sem encontrar resistencia; ainda que se havião collocado algumas Náos em linha junto á Torre de Belem, e D. Manoel de Almada havia construido hum Forte de madeira na Cabeça Secca (hoje o Forte do Bugio), que batia o canal da Alcaçova. Tudo ficou em apparato, porque ninguem queria defender-se.

Desta maneira as Armas, e a Politica da Hespanha subjugárão Portugal; e, á excepção das Ilhas dos Açores (1), todas as suas vastas Conquistas recebêrão com docilidade o jugo.

que o Exercito Hespanhol era de mil e quinhentos Cavallos, e dezoito mil Infantes. Watson (Historia do Reinado de Filippe II., tomo 3. Livro 16.) dá a este Exercito trinta e dois mil homens; e á Armada Hespanhola trinta e seis Galeões, dezesete navios mais pequenos, e setenta Galés, com muitos transportes. — Luiz de Torres de Lima, na Obra intitulada Avisos do Ceo (tomo 1.) calcula o Exercito do Duque de Alva em quarenta mil Infantes, e quatro mil Cavallos. He certo, que os Hespanhoes, como adverte Faria (Europa Portugueza, tomo 3. Parte 1. Cap. 3.), além daquelle Exercito, tinhão varios Corpos de tropas nas fronteiras das Provincias do Norte de Portugal; e assim he provavel, que as forças da Hespanha chegassem a quarenta mil homens.

(1) Como as Ilhas dos Açores tomárão a voz do Prior do Crato,

Dos cinco Governadores nomeados por ElRei D. Henrique I., quizerão tres, que os seus nomes fossem manchados na posteridade, e a 7 de Julho de 1580 assignárão em Aia Monte, e publicárão em Castro Marim huma sentença, pela qual declarárão o Monarcha Hespanhol por legitimo Rei de Portugal: estes Governadores erão D. João Mascarenhas, Francisco de Sá, e Diogo Lopes de Sousa.

Por esta união com Hespanha se achárão os Portuguezes envolvidos em todas as guerras, tão longas, como sanguinosas, que aquella Monarchia sustentou contra as principaes Potencias da Europa, que desde seculos vivião em paz com elles; e isto justamente na época, em que o seu Commercio era mais extenso (1), e por

expedio ElRei a D. Pedro Valdez com quatro navios bem armados, e seiscentos soldados, para reduzir á sua obediencia as de S. Miguel, e Terceira, com instrucções, de que não o querendo ali receber, se dilatasse naquelles mares até chegar D. Lopo de Figueiroa, que se ficava aprestando com maiores forças, e devia neste caso commandar em chefe a expedição.

Chegou D. Pedro Valdez a S. Miguel, e não sendo admittido, dirigio-se á Terceira, onde achou a mesma opposição; e parecendo-lhe facil a conquista desta Ilha, a intentou, para que Figueiroa lhe não viesse roubar essa gloria. A 25 de Julho de 1581 desembarcou Valdez com muita difficuldade entre a Cidade de Angra e a Villa da Praia, talvez confiado nas intelligencias que tinha com João de Betancor, partidista de Hespanha; porém o Governador Cypriano de Figueiredo, prendendo a Betancor, desfez o conloio, e marchou a atacar os Hespanhoes, levando diante de si huma grande manada de bois, que corrião furiosos, e os Hespanhoes, receando serem atropelados, gastárão com elles a maior parte das suas munições. Quiz Valdez retirar-se para os seus navios, mas já não era tempo, e em poucos minutos foi derrotado com perda de quatrocentos e cincoenta homens, salvando-se elle com o resto. Poucos dias depois deste successo chegou D. Lopo de Figueiredo, que fez proposições vantajosas a Cypriano de Figueiredo, e não as acceitando este, voltou para Lisboa. Veja-se Faria na Europa Portugueza, tomo 3. Parte 1. Cap. 4.

(1) O testemunho de hum Escritor não suspeito dará melhor a conhecer a extensão do Commercio Portuguez naquelle seculo, e a bre-

consequencia necessitavão de maiores forças maritimas para a protegerem em hum, e outro hemisferio (1), mas as riquezas, tropas, navios, artilheria, e munições, tudo foi sacrificado para defender os Dominios tão derramados da Monarchia Hespanhola, dando com isto a entender os seus Soberanos, que consideravão os Portuguezes não como membros da mesma Nação Peninsular, porêm como alliados, de que cumpria tirar o maior partido possivel em quanto durava a alliança.

A primeira viagem dos Inglezes á India, parece que data de 1591 (2); depois apparecêrão ali os Hollande-

vidade com que diminuio: he este o Capitão Hespanhol Thomé Cano, que escreveo em 1611, e navegou por espaço de cincoenta e quatro annos; diz elle: ,, Que em Portugal sempre houverão mais de quatro- ,, centos navios do mar alto, e mais de mil e quinhentas Caravelas, e ,, Caravelões; e que por isso ElRei D. Sebastião póde reunir oitocen- ,, tas e trinta embarcações todas Portuguezas, sem deixar abandonadas ,, as navegações da India, S. Thomé, Brazil, Cabo Verde, Guiné, ,, Terra Nova, e de outras diversas partes; e que na época em que elle ,, escrevia, só havião em Portugal algumas Caravelas. ,, Veja-se o Prologo do Resumo Historico da primeira Viagem ao redor do Mundo, pelo Doutor Ortega, Madrid 1769.

(1) Esta necessidade foi reconhecida em hum grande Conselho, que ElRei Filippe convocou em Lisboa em 1581, composto das personagens mais eminentes, como o Duque de Alva, o Marquez de Santa Cruz, D. Lopo de Figueiroa, Sancho de Avila, D. Francisco Zapata, D. Affonso de Vargas, o Prior Mór D. Fernando de Toledo, o Conde Jeronymo Landrone, Alemão, e outros Conselheiros de Guerra, e alguns Portuguezes; e nelle perguntou ElRei, que medidas se devião tomar para segurança de Portugal, e dos outros Estados da Monarchia d' Hespanha?

Resolveo-se, que convinha mudar as forças de terra para o mar, porque desta maneira ficaria sendo senhor da terra, e do mar: e que tendo Esquadras situadas no Canal de Inglaterra, Estreito de Gibraltar, e Costas maritimas dos seus Estados, se enfreavão todos os inimigos, e se podia acudir melhor a qualquer ponto atacado. Este projecto era todo do Duque de Alva, e a sua morte embaraçou que se pozesse em pratica. Vede Avisos do Ceo, tomo 1. Cap. 16, e os Discursos sobre los Commercios de las Indias.

(2) Vede Historia da Navegação, seu principio, Commercio, &c. tomo 1. pag. 119.

zes, inimigos mais formidaveis naquelle tempo, os quaes emprehendêrão a sua primeira expedição em 1595, e continuárão quasi sem interrupção a fazer guerra aos Portuguezes. Os seus navios erão mais bem construidos, e aparelhádos que os de Portugal; mais razos, e ligeiros, melhores de bolina, e com mais panno (1), e artilheria de maior calibre, servida por habeis artilheiros: as suas equipagens compunhão-se de excellentes marinheiros, e o mesmo erão em geral os seus Officiaes, e soldados, de que se seguia terem mais gente para quaesquer manobras, do que os navios Portuguezes, onde os soldados não exercião o officio de marinheiros, nem tão pouco os criados. Porêm os Hollandezes evitavão sempre as abordagens, temendo o espirito guerreiro, e a pericia no jogo das armas, em que sobresahião os Portuguezes, e por isso procuravão decidir os combates a tiros de canhão.

Devo observar, que o deperecimento do espirito publico, e do Commercio, fez recuar em Portugal os conhecimentos das Artes Nauticas a ponto de não achar já discipulos o Cosmografo Mor.

ElRei julgou mais economico arrendar a Negociantes o contracto da pimenta, e o fabrico, e construcção das Náos da carreira da India (2), de que procedeo empregarem os Contratadores navios demasiado grandes, mal construidos, de pessimas madeiras, e mal fabricados, com o fim de trazerem maiores cargas em menor numero de vasos; e introduzírão a carena Italiana, isto he, o methodo de tombar os navios sobre barcaças, o que até ali se não praticava, porque se carenavão em secco.

(1) Em 1633 ainda os navios Portuguezes não tinhão mastaréos de joanete, nem vélas de estais, como adiante mostrarei.

(2) Couto, Decada 10. Cap. 19. — Noticias de Portugal, por Manoel Severim de Faria, Discurso 7.

Destes principios, e do erro commum de sobrecarregar os navios, resultou crescer o numero dos naufragios, com immensa perda da renda publica, e do commercio; de que eis-aqui as provas.

Neste Reinado hião cada anno mil soldados para servirem na India; e durante elle, sahírão de Lisboa oitenta e sete Náos, huma Naveta, e huma Caravela, de que arribárão nove Náos; e seguírão viagem para o Oriente setenta e oito Náos, a Naveta, e Caravela. Perderão-se á ida quatro Náos, de huma das quaes se salvou toda a guarnição, e parte da de outra; e os Inglezes tomárão a Naveta.

Na torna-viagem da India perderão-se vinte e oito Náos, onze das quaes perecêrão com toda a gente; e os Inglezes tomárão, ou queimárão cinco Náos, escapando de huma destas só treze pessoas: total das Náos perdidas trinta e sete, e huma Naveta; o que, sem exaggeração, devia causar a Portugal huma perda de trinta e cinco milhões de cruzados.

Falleceo ElRei Filippe II. a 13 de Setembro de 1598.

1581. — Logo que ElRei Filippe II. se apoderou da Coroa de Portugal, tratou dos negocios do Oriente (1), e nomeou para Vice-Rei da India a D. Francisco Mascarenhas, a quem concedeo muitas mercês, dando-lhe o Titulo de Conde de Ota, para usar delle em começando a exercer as funcções do seu Cargo, com trinta mil cruzados de ajuda de custo, pagos antes de sahir de Lisboa; e mais quarenta mil cruzados, que devia receber em Goa; e algumas ricas Commendas para seus filhos, e netos, e o nomeou Capitão dos Ginetes, e

(1) Couto, Decada 10. Liv. 1. Cap. 9. — Faria, Asia Portugueza. — Duarte Gomes, Discursos sobre los Commercios. — Epilogo de Pedro Barreto de Rezende.

da sua Guarda. Levava D. Francisco Mascarenhas em segredo varios Alvarás, em hum dos quaes conferia ElRei o Titulo de Marquez de Santarem ao Vice-Rei Conde da Atouguia (que julgava estaria vivo), se lhe entregasse pacificamente a India; e levava assignados em branco, para prometter ás Cidades, Governadores, e pessoas notaveis daquelles Estados, que quizessem oppor-se ao seu reconhecimento, todas as graças, e mercês que lhe parecessem sufficientes para os ganhar. Esta Politica era judiciosa, porque os animos dos Portuguezes estavão ainda alterados, e a Corte de Madrid receava que houvesse alguma revolução no Oriente.

A Esquadra do Vice-Rei constava de cinco Náos, cujos Commandantes erão Diogo Paçanha, no S. Lourenço; João de Mello, na Caranja (ou Bom Jesus); Pedro Lopes de Sousa, no Salvador; Manoel de Miranda, no Reis Magos (que á vinda desappareceo), e Leonel de Lima, no S. Pedro, com destino para Malaca.

Embarcou o Vice-Rei em a Náo S. Lourenço, e sahio de Lisboa a 11 de Abril; separou-se logo a Esquadra: as Náos Caranja, e Salvador forão por fóra da Ilha de S. Lourenço, e chegárão a Goa a 24 de Setembro. A Náo Reis Magos, indo por fóra da mesma Ilha, tomou Cochim no mez de Outubro, havendo-lhe morrido alguma gente. O Vice-Rei ancorou em Moçambique a 18 de Agosto, e surgio fóra das Ilhas, a tempo que sahia do Porto a Náo S. Pedro, á qual deo licença de continuar a sua derrota para Malaca.

Como a monção estava mui adiantada, não quiz o Vice-Rei entrar no Porto, nem desembarcar, e mesmo a bordo tomou nova homenagem ao Governador, para quem levava huma Carta d'ElRei, que foi logo acclamado na Cidade; e feito isto, partio para Goa, onde chegou a 26 de Setembro, e achou fallecido o Conde da Atouguia.

1582. — A Esquadra da India constou este anno de cinco Náos (1) commandada por Antonio de Mello e Castro, embarcado em a Náo S. Filippe; e os outros Commandantes Gonsalo Rodrigues Caldeira, na Boa Viagem; Luiz Caldeira, em S. Luiz; Diogo Teixeira, na Chagas; e João da Fonceca, em S. Francisco, destinado para Malaca.

Sahio a Esquadra de Lisboa a 4 de Abril: as Náos S. Filippe, e S. Francisco, não podendo montar a Costa do Brasil, arribárão a Portugal. O S. Luiz perdeo-se em Quilimane, salvando-se a gente. A Náo Chagas ancorou em Moçambique, d'onde voltou para Lisboa com a carga da Náo S. Pedro, que ali chegára de Malaca em tão máo estado, que não podendo seguir viagem, resolveo-se o Commandante a ir concertalla a Goa, mas perdeo-se no Parcel de Sofala. A Náo Boa Viagem foi a unica, que tomou Goa a salvamento; e na torna-viagem combateo sobre as Ilhas dos Açores com tres navios Inglezes, de que escapou com alguma avaria, deixando-os a elles assás maltratados.

1582. — Achava-se ElRei em Lisboa quando soube, que em França se preparava huma Armada (2), em que vinha o Prior do Crato com intento de assegurar-se das Ilhas dos Açores, onde preponderava o seu partido. Para se oppor ás operações deste Armamento partio o Marquez de Santa Cruz nos principios de Julho deste anno com trinta e tres grandes navios de guerra, em que entravão sete dos maiores Galeões Portuguezes, re-

(1) Couto, Decada 10. Liv. 3. Cap. 8. — Faria, Asia Portugueza. — Pedro Barreto. — Discursos sobre los Commercios.

(2) Faria, Asia Portugueza, tomo 3. Parte 1. Cap. 4. — Avisos do Ceo, por Luiz de Torres, Cap. 35. — Historia Genealogica da Casa Real Portugueza, tomo 10. pag. 725. — Vede tambem o Livro intitulado „ L'Armata Navale, del Capitano Pantero Pantera, Liv. 2. Capitulos 18 e 21, edição de Roma, 1614. „

partidos por todos cinco mil soldados veteranos, e grande numero de Aventureiros. Levava instrucções para esperar a Armada inimiga sobre os Açores, e dar-lhe batalha; comboiando depois a Lisboa as Náos da tornaviagem da India, e a Frota Hespanhola da America, que se esperavão.

Chegando o Marquez com 19 dias de viagem a vinte legoas de distancia de S. Miguel, soube pelos seus descobridores, que os Francezes já tinhão ali desembarcado, e estavão senhores da Cidade de Ponta Delgada. Constava a sua Armada de sessenta e quatro embarcações, vinte das quaes erão grandes, e bem preparadas; e perto de sete mil homens de tropas: commandava em Chefe o Marechal Filippe Strozi, e era Almirante Mor do Reino. Vinha com elles o Prior do Crato, accompanhado de D. Francisco de Portugal, chamado vulgarmente Conde de Vimioso, por ser herdeiro daquella Casa. O Marquez, com o parecer de todos os Officiaes Maiores, resolveo atacar os Francezes, antes que acabassem de estabelecer-se na Ilha; e estes, sabendo da sua chegada por hum Patacho, que trazião de observação, se havião já feito á véla com igual intento.

No dia 26, em distancia de sete, ou oito legoas da Ilha, se encontrárão as duas Esquadras: os Francezes, como estavão a barlavento, vierão arribando em pôpa sobre os Hespanhoes; e estes, seguindo o bordo fechados á bolina, despassárão a sua linha de modo, que virando, ajudados de alguma mudança de tempo, ficárão a seu barlavento. O Marquez de Santa Cruz, que era mui superior em artilheria, formou a sua ordem de batalha, collocando-se no centro com o seu Galeão São Martinho de sessenta peças, e oitocentos arcabuzeiros de guarnição, e nos extremos da linha pôz algumas das melhores Náos; e mandou guarnecer todas as gavias de soldados, e algumas com pequenas peças de artilheria,

para com estes fogos mergulhantes destruir as equipagens inimigas. Hum pouco a sotavento da linha estavão quatro navios de reserva, para acodirem onde fosse necessario; e a sotavento destes as embarcações pequenas.

A batalha travou-se furiosa, mas com desordem da parte dos Francezes, porque alguns dos seus navios combatêrão mal, e outros não entrárão em acção. O Almirante D. Lopo de Figueiroa, que trazia no seu Galeão S. Mattheus quinhentos soldados, abordou a Capitanea de Strozi, e foi abordado pelo outro lado da Almiranta de Brisac, que acodio ao seu General. Estava D. Lopo no maior perigo, tendo já duzentos e cincoenta soldados mortos, e quasi todos os outros feridos, quando o Marquez veio abalroar a Capitanea de Strozi, que se achou entalada entre os dois Galeões Hespanhoes. A acção tornou-se então horrorosa, e acabou com a tomada das duas Nãos Francezas. Brisac salvou-se a bordo de outro navio; Filippe Strozi ficou prisioneiro, e foi morto a sangue frio; D. Francisco de Portugal, que vinha na Almiranta, foi achado atravessado de tres balas, e outras feridas, de que falleceo, Fidalgo na força da idade, de muita erudição, e animo generoso. Dois navios Francezes forão a pique, e cinco aprisionados, avaliando-se a sua perda de gente em dois mil homens; a dos vencedores era muito menor. O Prior do Crato retirou-se á Ilha Terceira. Entre os primeiros contavão-se onze de grande distincção, e nascimento, alêm de muitos Officiaes; o resto soldados, e marinheiros.

A todos mandou o Marquez metter em processo, ao qual fez ajuntar huma Carta (verdadeira, ou falsa) d'ElRei de França, em que declarava não ter dado auxilio, nem consentimento para semelhante expedição. A sentença foi de morte para todos os prisioneiros, como piratas; os Nobres, e os Officiaes forão degolados, e os soldados, e marinheiros enforcados em numero de

quasi oitocentos, com grande indignação do Exercito Hespanhol.

Alguns navios Francezes, que fugírão da batalha conduzidos por Mr. de Londres, saqueárão a Ilha do Faial na sua volta para França, viagem que tambem seguio o Almirante Brisac, assim como o Prior do Crato com trinta navios. O Marquez de Santa Cruz regressou a Portugal.

1583. — A Esquadra da India (1) foi este anno de seis Náos, commandada por Antonio de Mello e Castro, que arribára no anno antecedente, embarcado na mesma Náo S. Filippe; os outros Commandantes erão Estevão Alvares, no Salvador, em que hia o Arcebispo de Goa D. Fr. Vicente da Fonceca; Fernão da Veiga, no S. Tiago; João Trigueiros, no S. Francisco; Balthasar Marrecos, no S. Lourenço; e Manoel de Medeiros, no Galeão S. Tiago, destinado para Malaca. Esta Esquadra levou algum dinheiro para despesas do Estado.

Sahio de Lisboa Antonio de Mello a 8 de Abril, e a 15 vio as Ilhas de Porto Santo, e Madeira, onde os navios se apartárão huns dos outros.

A Náo Salvador descobrio a Costa de Guiné no dia 24 de Abril, e por ella foi navegando com frequentes calmarias até 15 de Maio, que estando 2° ao Norte da Linha, encontrou a Náo S. Francisco. Passárão ambas o Equador a 26; e a 20 de Junho separou-se o São Francisco. A 11 de Julho vio o Salvador a Costa quinze legoas alêm do Cabo de Boa Esperança. A 20 encontrou segunda vez a Náo S. Francisco, com a qual navegou de conserva até 24; e no dia 30 achou-se na altura do Cabo das Correntes.

(1) Couto, Decada 10. Liv. 4. Cap. 5. — Pedro Barreto de Rezende. — Faria, Asia Portugueza — Discursos sobre los Commercios. — Historia da Navegação de João Hugues Linschot ás Indias Orientaes, Amsterdam, 1638.

A 5 de Agosto chegou a Moçambique, e á entrada achou a Náo S. Tiago, de que se apartára na Ilha da Madeira; no dia antecedente havião entrado as Náos S. Lourenço, e S. Francisco.

Estas quatro Náos sahírão de Moçambique a 20 de Agosto, e ancorárão em Goa a 20 de Setembro, havendo morrido trinta pessoas a bordo do Salvador. A Náo S. Filippe passou por fóra de S. Lourenço, chegou a Cochim a 20 de Novembro, levando muitos doentes de escorbuto.

1583. — Conservava-se a Ilha Terceira (1) pelo Prior do Crato, havendo recebido hum reforço de mil e duzentos Francezes, commandados por Mr. de Chartes, Cavalleiro de Malta; o que obrigou ElRei Filippe a tratar seriamente da sua redução.

Para este effeito partio de Lisboa o Marquez de Santa Cruz com quarenta e dois grandes navios de guerra, e doze Galés, as primeiras que se arriscárão a sulcar o Oceano, conduzindo huma divisão de dez mil homens de boas tropas Hespanholas, Alemans, Italianas, e duas Companhias de Portuguezes, commandadas estas ultimas por D. Felix de Aragão. Era Mestre de Campo General D. Lopo de Figueiroa; commandavão os dois Terços Hespanhoes os Mestres de Campo D. Francisco de Bobadilla, e D. João de Sandoval; o Terço dos Alemães o Conde Jeronymo Landrone; e o dos Italianos Lucio Pignateli.

Chegado o Marquez á Terceira, escreveo a Manoel da Silva, Governador da Ilha, offerecendo-lhe em nome d'ElRei o Titulo de Marquez de Torres Vedras, duas Commendas, e vinte mil cruzados em dinheiro, com perdão geral para todos os moradores. Não quiz Manoel da Silva receber a carta, e em consequencia resolveo-se

(1) Faria, Europa Portugueza tomo 3. Parte 1. Cap. 4. — Avisos do Ceo tomo 1. Cap. 36.

o Marquez a emprehender o desembarque, e buscou para isso algum ponto accommodado.

As Galés corrião todos os dias a marinha, ameaçando differentes lugares, até que na madrugada de 26 de Julho conseguírão deitar alguma gente em terra em Porto Mole, junto a S. Sebastião, onde achárão descuido nos defensores. Acodírão os Francezes a defender o desembarque, porêm batidos da artilheria, e mosqueteria das Galés, e outros navios que se aproximárão da Costa, não podérão evitar a continuação do desembarque das tropas, que a final se formárão em grande numero, e forçárão os seus inimigos a abandonar a posição, remando para o centro da Ilha, onde o Exercito Hespanhol penetrou com muita perda, e difficuldade, pelos obstaculos que lhe oppunha o terreno, e a obstinação da defensa. Mas havendo-se retirado os moradores para os matos, e sitios escabrosos, em que já tinhão posto a salvo as suas familias, capitulou Mr. de Chartes ao terceiro dia com as tropas Francezas, ás quaes se derão embarcações para França, deixando armas, e bandeiras. Entrárão depois os vencedores na Capital, que saqueárão de tudo quanto achárão, como se fora huma Cidade estrangeira tomada por assalto. O Governador, e outros muitos individuos forão justiçados.

Concluida esta conquista, destacou o Marquez de Santa Cruz huma Esquadra ás ordens de D. Pedro de Toledo, que entrou na Bahia do Faial, e offerecendo partidos ao seu Governador Antonio Guedes de Sousa, este, por toda resposta, matou a Gonsalo Pereira, morador da mesma Ilha, encarregado da mensagem. Desembarcou logo D. Pedro, e ganhando a Ilha com pouca resistencia, fez justiçar o Governador, e saqueou os habitantes.

As Ilhas do Pico, S. Jorge, e Graciosa renderão-se sem opposição.

1584. — Nomeou ElRei (1) para Vice-Rei da India D. Duarte de Menezes, Senhor da Casa de Tarouca, dando-lhe o Titulo de Conde (que não acceitou, por não ser de juro, e herdade, como pedira), e vinte mil cruzados para pagar as suas dividas, alêm de outras mercês.

A Esquadra foi de seis Náos, de que erão Commandantes Gonsalo Ribeiro Pinto, da Náo Chagas, em que embarcou o Vice-Rei; João Paes, da Caranja; Lourenço Soares de Mello, da Boa Viagem (que desappareceo á vinda); Gomes Henriques, da Reliquias; Mathias Leite, da Santa Maria; e Affonso Pinheiro, do Galeão S. Tiagó Maior (que á vinda se perdeo nos Açores), destinado para Malaca. Levava esta Esquadra muitos Fidalgos, que hião servir na India.

Sahio de Lisboa a 10 de Abril, e separou-se logo. O Vice-Rei, chegando á cabeça da Ilha de S. Lourenço já em Agostó, e tão doente, que se desconfiava da sua vida; achou ventos ponteiros, que o obrigárão a capear por espaço de quinze dias; o que vendo os Officiaes da Náo, lhe representárão, que achando-se tão avançada a estação, era impossivel ir por dentro do Canal, e arriscado passar por fóra da Ilha de S. Lourenço, em razão da demora da viagem, que lhe poderia custar muita gente; e que assim parecia mais prudente buscar algum dos Portos desta Ilha, onde estarião até elle convalescer, e dalli irião invernar a Moçambique. O Vice-Rei porêm respondeo com valor, *que não tratassem da sua saude, mas sim do maior serviço d'ElRei, que era passar aquelle anno á India*. Com esta determinação seguírão os Officiaes a viagem por fóra da Ilha, e com pouca perda de gente entrou a Náo em Cochim nos fins de Novembro.

(1) Couto, Decada 10. Liv. 6. Cap. 1. — Faria, Asia Portugueza. — Epilogo de Pedro Barreto. — Discursos sobre los Commercios, &c.

As Náos Caranja, e Boa Viagem seguírão o Canal de Moçambique, e não querendo tomar esta Ilha, forão ancorar em Goa no fim de Setembro. O Galeão S. Tiago chegou a salvamento a Malaca. As outras Náos passárão a S. Lourenço, e forão a Cochim.

1585. — A Esquadra da India foi este anno de seis Náos, commandada por Fernando de Mendonça, na Náo S. Tiago; e os outros Commandantes João Taveira, no S. Francisco; Miguel de Abreu, no Salvador; André Moreira, no Santo Alberto; Fernão Cotta Falcão, no S. Lourenço; e João Gago de Andrade, no S. Pedro para Malaca (1).

Esta Esquadra sahio de Lisboa a 10 de Abril. As Náos Salvador, e Santo Alberto, e o Galeão S. Pedro arribárão; e no dia 30 tornárão a sahir o Santo Alberto, e o Galeão. Este foi a Malaca a salvamento: o Santo Alberto vio a Costa da India em Novembro, e não conhecendo a terra, hia com vento em pôpa sobre os baixos de Chiláo, quando por fortuna encontrou dois navios de guerra Portuguezes, que vinhão de Negapatão para o Cabo Comorim, os quaes lhe bradárão, que surgisse, o que fez já em seis braças, cuidando o seu Piloto que estava em Cochim. E sahindo dali com espias, fez-se á véla, e foi de conserva com os outros navios a Cochim, d'onde passou a Goa. A Náo S. Francisco, dobrando o Cabo de Boa Esperança nos fins de Julho, chegou a Goa a salvamento. O S. Lourenço ancorou em Cananor a 30 de Novembro. Esta Náo, na torna-viagem arribou a Moçambique, onde ficou, por se achar incapaz de navegar.

Fernando de Mendonça montou o Cabo de Boa

(1) Couto, Decada 10. Liv. 7. Capitulos 1, 2, 3, e 5. — Faria, Asia Portugueza. — Epilogo de Pedro Barreto. — Discursos sobre los Commercios.

Esperança a 11 de Julho, e querendo ir pelo Canal, demorou-se na Costa do Norte com ventos contrarios até 13 de Agosto. A 15 teve vento favoravel, com que foi navegando em pôpa, e o Piloto, chamado Gaspar Gonsalves, observando o Sol no dia 18, achou-se em 21° 20′ de latitude, e pareceo-lhe venceria de dia o espaço que lhe faltava para dobrar o baixo da Judia (1), cujo meio julgava estar por 21° 30′, e assim continuou a navegar ao mesmo rumo, sem lhe occorrer, que poderia enganar-se na sua observação do Sol, ou achar-se o baixo mal situado na sua Carta; cousas mais que provaveis ambas, tanto pela imperfeição dos instrumentos de sombras então usados, como pelas poucas diligencias que se tinhão empregado em reconhecer, e determinar a posição daquelle, e dos outros baixos, que embaração o Canal de Moçambique, e mares da India. Accresceo mais, que hum Marinheiro, que observava o Sol, achou differente latitude, e gritou muitas vezes, que o baixo demorava pela proa, e que cumpria mudar de rumo, ou atravessar de noite. O Piloto teimou em seguir seu caminho, e o Commandante não ousou contraria-lo, quiçá por não entender da materia, ou por falta de senso commum, que esse bastava para não arriscar a Náo, e as vidas de tantas pessoas sobre huma simples hypothese, em que havia tanto a perder, e nada a ganhar.

O Mestre, por cautela, mandou pôr ao anoitecer alguns marinheiros no gorupés, para vigiarem o baixo, os quaes ás oito horas e meia do mesmo dia 18 vírão hum negrume pela proa, que a huns pareceo terra, e a outros nuvens; e em quanto disputavão, e se affirmavão bem no que seria, a Náo com todo o panno largo, e vento

(1) O baixo da Judia tem humas poucas de legoas, he todo de Coral, e faz no meio hum lagamar com bastante fundo, onde entra a maré: em roda delle ha alguns morros de Coral, que de longe parecem arvores.

mui fresco em pôpa foi de roda a roda com o baixo em hum logar, em que era cortado perpendicularmente; e com a velocidade, que trazia, correo sobre elle algum espaço a parte superior do navio, separando-se da parte mergulhada, como se fosse cortado á serra (1), e esta porção do casco ficou logo em secco.

A gente, que estava quasi toda em repouso, a este choque terrivel e inopinado correo acima em confusão, e tumulto, com tamanhos gritos, e alaridos, que se não entendião huns aos outros, correndo alienados aqui, e alli, sem attentarem no que fazião; e todos, com idêa da morte, querendo confessar-se ao mesmo tempo. O Piloto, que mandava a via no momento do naufragio, estava mudo de susto, e de terror. O Mestre, mais animoso, ao amanhecer deitou fóra o escaler, e entrando nelle com o Commandante, e alguns marinheiros, foi reconhecer o baixo, e examinar se huma sombra, que apparecia ao longe, seria alguma Ilha, para a qual podessem passar: mas desenganado do seu erro, e temendo que se voltasse para a Náo, se encheria o escaler de gente, com que se alagaria, resolveo com os marinheiros, que tratassem da sua segurança, ainda que o Commandante repugnava a isso; e largando a véla, confiados em levarem hum barril de agua, e algum biscoito, atravessárão para a Costa da Cafraria, e ao setimo dia de viagem tomárão terra duas leguas do Rio de Quilimane.

Os naufragados, que ficárão no baixo, vendo que o escaler não voltava, e que não podião tirar a lancha, por vir na coberta, ainda que o intentárão, começárão a ajuntar madeira para fazerem jangadas, em que salvar-se. Em quanto estavão nisto occupados, veio huma

(1) Assim o affirma não só Diogo do Couto, mas tambem Duarte Gomes, Author do Livro intitulado = Discursos sobre los Commercios de las Indias =, que hia de passageiro nesta Náo.

grande vaga, que levantou a Náo, e quando cahio, abrio-se toda, e deitou fóra a lancha, que em hum pedaço da mesma Náo rolou para o baixo, onde ficou em secco. Este visivel auxilio da Providencia animou todos: Cipião Grimoaldo, estrangeiro de nobre sangue, e muita intelligencia, correo com os carpinteiros a examinar a lancha, e vendo que se podia reparar, posto que lhe faltasse a maior parte da pôpa, pozerão mãos á obra, ajudados de outras pessoas, concertárão a lancha com taboas tiradas das caixas, que o mar arrojava sobre o baixo, e lhe fizerão mastro, vélas, rumos, e tudo quanto era necessario para navegar.

Como Fernando de Mendonça havia abandonado a sua guarnição, elegêrão por seu Commandante a Duarte de Mello, Fidalgo nascido na India, que vinha de passageiro nomeado Governador de Dio: para Mestre da Lancha nomeárão o Contra-Mestre Manoel da Silva, e para Piloto o mesmo da Náo. E como não era possivel caberem perto de quatrocentas pessoas em huma embarcação tão pequena, escolherão cincoenta e sete, que com difficuldade se podião nella accommodar, de que as principaes erão Fr. Thomaz Pinto, Dominicano, que hia para Inquisidor da India, Fr. Adriano, seu companheiro, o Padre Pedro Martins (que passava a ser Provincial), e outros Padres da mesma Ordem; D. João de Menezes, D. Fradique de Alarcão, D. Rafael de Noronha, D. Duarte de Mello, Jorge Soeiro Dória, Henrique Pinto, os dois irmãos Gaspar, e Fernando de Menezes, Negociantes de credito, Diogo Rodrigues Caldeira, e seu irmão Fernando Rodrigues Caldeira, Duarte Gomes de Soliz, Negociante; e o resto Officiaes da Náo, e marinheiros.

Antes de partir a lancha, deitárão quatrocentos mil cruzados, que a Náo levava, dentro de hum buraco aberto na rocha, para que em algum tempo se podessem ir buscar.

Ao largar a lancha no dia 22 de Agosto, foi grande a desordem, por quanto muitos dos que ficavão se lançavão ao mar, pedindo com clamores que os recebessem, o que os marinheiros concedião a alguns, e negavão a outros, e até lhes cortavão as mãos se se apegavão á borda, ou aos remos, sendo elles quem decidia de tudo, pelo seu numero. Logo que a lancha começou a navegar, conhecerão os Officiaes, que hia mui carregada, e tão empachada, que não podia manobrar, e concordárão em pôr fóra algumas pessoas. Fizerão os marinheiros a escolha, e começárão pelos dois irmãos Ximenes, Negociantes, dos quaes querendo deitar ao mar o que era mais idoso, se offereceo para isso o mais moço, e voluntariamente saltou na agua; mas seguio nadando atraz da lancha, e taes coisas disse aos marinheiros, que por ultimo o recolherão outra vez. Nadava ao mesmo tempo na esteira da lancha Diogo do Couto, moço de dezeseis annos, o qual pedia em nome da Virgem Maria, que o tomassem, e todos se salvarião; e isto com taes expressões, e protestos, que os Religiosos pedirão aos marinheiros o recolhessem, crendo que algum Anjo fallava pela sua boca; e assim o fizerão. Navegou a lancha no quadrante do N.O. a buscar a terra da Cafraria mais proxima, e a 29 encalhou nas Barreiras Vermelhas, entre os Rios de Quesungo, e Loranga, que ficão entre Quilimane, e as Ilhas de Angoxa em mais de 16° de Latitude. Logo que desembarcarão, acudirão os Cafres, que os despirão a todos, e no dia seguinte forão ter á huma Aldêa, cujos moradores os captivárão.

Os Portuguezes, que ficárão no baixo, vendo-se sem lancha, nem escaler, construirão algumas jangadas, de que só duas escapárão. A primeira foi a que fez o Sota-Piloto Rodrigo Migueis, habil marinheiro, que recolheo nella quarenta pessoas, em que entrava Simão

Moniz da Camara, Fidalgo da Ilha da Madeira. Partindo do baixo tiverão máo tempo, e hum dos naufragantes, que trazia ao pescoço hum Relicario com o Santo Lenho, achado na caixa do Inquisidor, o deitou pela pôpa da jangada atado a hum cabo; e todas as noites parecia aos que nella hião ouvirem huma musica Celestial, que precedia a jangada, como para lhe mostrar o caminho, e desapparecia com a manhã, segundo jurarão todos uniformemente em Moçambique, quando o proprio Inquisidor tirou naquella Ilha huma devassa sobre este caso. Em nove dias chegou a jangada a tomar terra entre Quilimane, e Luabo; e querendo recolher o Relicario, não se achou.

A segunda jangada aportou junto a Sofala, levando vivos só dois marinheiros, hum dos quaes era o que disputou com o Piloto no dia em que naufragárão. Tinhão-se embarcado nella mais de vinte pessoas; mas todas morrêrão de fome, e sede, pelas escassas provisões com que sahirão do baixo. Do resto da guarnição não se teve mais noticia.

Todos estes homens, que escapárão do naufragio, soffrêrão grandes trabalhos. Os da lancha, depois de roubados, e despidos, forão levados para huma Aldêa do sertão, onde estiverão quinze dias padecendo fomes, e frios; porêm dois, que se havião separado delles, hindo ter ao Rio de Loranga, fizerão com que os Cafres daquella terra, que erão amigos dos Portuguezes, os fossem resgatar a troco de alguns pannos; e vindo todos para Loranga, ahi se dilatárão dois mezes, em que passárão muitas necessidades, de que fallecêrão os Padres da Companhia Pedro Alves, João Gonçalves, e outros.

Nesta situação estavão quando Diogo do Couto, pondo-se a caminho, sem saber para onde hia, acertou de hir ter ao Rio de Quesungo, em que achou hum

Pangaio do Governador de Moçambique Nuno Velho Pereira; do qual era Capitão André Collaço, e dando-lhe conta da gente que ficára em Loranga, distante oito legoas de Quesungo, foi o Collaço dar fundo naquelle Rio, e resgatando a todos, os transportou a Cuama, e daqui ao Forte de Sena, em que acharão já Fernando de Mendonça com a gente do seu escaler, e a da jangada de Rodrigo Migueis, que havião chegado dois dias antes. Os Portuguezes, habitantes de Sena, tratárão, e vestirão a todos o melhor que podérão, e depois passárão a Moçambique.

Neste anno de 1585 desappareceo na volta para Portugal a Náo Boa Viagem, onde acabárão Francisco de Miranda de Azevedo, D. Manoel Henriques, D. Manoel de Menezes, D. João Rolim, e hum Embaixador da Persia.

1586. — Sabendo ElRei, que na Inglaterra se aprestava huma forte Esquadra (1), e receando que intentasse passar á Asia, fez partir em 5 de Janeiro deste anno o Galeão Reis Magos, commandado por João Gago de Andrade, com ordem de desembarcar em Moçambique a Estevão da Veiga, encarregado de officios para o Governador desta Praça, e para o Vice-Rei da India, e proseguir depois a sua viagem para Malaca.

Seguindo João Gago a sua derrota, no dia 14 de Fevereiro, antes de Nascer o Sol, achando-se 1° 30′ ao Norte da Linha, avistou huma Náo grande, e hum Patacho, que lhe vinhão dando cassa; e forão conhecidos por Inglezes. João Gago, homem velho, e gotoso, mas intrepido, poz logo a postos a sua guarnição, que constava de quasi duzentos homens, entre soldados, e marinhagem; distribuio pelas gaveas alguns marinheiros es-

(1) Faria, Asia Portugueza — Epilogo de Pedro Barreto — Discursos sobre lòs Commercios — Couto, Decada 10, L. 8, Capitulos 6, 8, e 9.

colhidos com espingardas, panellas de polvora (1), e armas missivas, e sentou se em huma cadeira para dar d'ali as suas ordens. Erão dez horas da manhaã quando chegou por barlavento a tiro de canhão a Náo Ingleza: durou a acção huma hora, com damno de ambas as partes; e vindo os Inglezes a abordagem, se prolongou o combate por mais duas horas, em que se distinguírão Antonio de Vilhegas, Estevão da Veiga, e Rodrigo Leitão. Por ultimo, desatracou-se a Náo Ingleza, havendo recebido consideravel perda de gente, causada sobre tudo pelos marinheiros que guarnecião as gaveas do Galeão. O Patacho entreteve-se em dar alguns tiros em quanto os dois navios estiverão abalroados. Os Portuguezes tiverão muitos feridos, e hum só morto.

Continuando João Gago a sua derrota, dobrou o Cabo de Boa Fsperança nos fins de Abril, e na altura da Terra do Natal encontrou huma Náo Portugueza destroçada, sem mastareos, sem gorupés, sem mezena; e sem as obras mortas da pôpa; e como elle hia correndo com vento forte, ainda que não passou longe d'ella, e segundo o que via, e o muito que lhe acenavão, conheceo o perigo em que estava, não ousou comtudo capear, e seguio para Moçambique, onde ancorou a 4 de Junho.

Estevão da Veiga entregou as Cartas ao Governador D. Jorge de Menezes, que immediatamente comprou hum Pangaio grande, e nelle o expedio para a India, dando-lhe por instrucções, que se não podesse tomar a barra de Goa, encalhasse na terra mais proxima, em que

(1) As panellas de polvora, e as lanças de fogo tão usadas pelos Portuguezes nos combates de mar, e terra, erão huma imitação das panellas de fogo, e lanças incendiarias dos Gregos, que as tomárão dos Povos mais antigos, como refere o Imperador Leão no seu livro de Tactica terrestre, e naval. Vede o Cap. 19, §. 57, e 59 na Traducção Latina de Meurcio.

salvasse a sua pessoa, e os officios de que era portador, e fosse por terra a Goa. Partio Estevão da Veiga em Julho, e achando ventos mui rijos, arribou á Ilha de Pemba na Costa de Melinde, e achando ali huma embarcação do Governador de Moçambique, se passou para ella, e seguindo a sua viagem, entrou em Goa no fim de Agosto.

Poucos dias depois da chegada do Galeão Reis Magos, chegou tambem a Moçambique a Náo S. Lourenço, que elle encontrára. Esta Náo vinha da India para Portugal, era seu Commandante Romão Falcão, e na jornada para o Cabo de Boa Esperança teve grandes tormentas, com que desarvorou, e abrio agoa por muitas partes, a qual cresceo tanto, apezar das bombas, e gamotes, que chegou a dezoito palmos; por cuja causa alijárão ao mar toda a fazenda que vinha por cima, e vendo-se perdidos, arribárão em pôpa caminho de Moçambique. Nesta volta encontrárão o Galeão, e com o alvoroço, largárão as bombas, e começárão a acenarlhe para que os soccoresse; porêm vendo que continuava na sua derrota, voltárão ao trabalho da bomba, e achárão que a agua tinha augmentado a vinte e dois palmos. Mas forão tão grandes os esforços que fizerão, que se conservou a agua sempre na mesma altura até chegarem a Moçambique. A Náo foi logo descarregada, e estava de maneira, que a condemnárão.

A 6 de Agosto partio de Moçambique o Galeão Reis Magos, e chegou a Malaca a 15 de Outubro. Na torna-viagem para Portugal, abrio agua, e arribando a Angola, achou-se tão arruinado, que o encalhárão.

A esquadra da India foi de cinco Náos, commandada por D. Jeronymo Coutinho, que embarcou em a Náo S. Thomé; e os outros Commandantes Antonio Gomes, na Caranja; Miguel de Abreu no Salvador; Francisco Cavalleiro, na Reliquias; e João Trigueiros, no S. Filippe.

Sahio de Lisboa a 13 de Abril, e ancorou em Goa a 6 de Outubro, menos a Náo S. Filippe, que chegando tarde a Moçambique, assentou-se que seria mais conveniente receber a carga da Náo S. Lourenço, e regressar com ella a Portugal.

Partio João Trigueiros em Dezembro de Moçambique com a carga daquella Náo, e sobre as Ilhas dos Açores encontrou huma Esquadra Ingleza, de nove navios, commandada pelo Almirante Francisco Drack (1). Defendeu-se elle até ver a sua Náo desarvorada, e quasi arrazada, e a maior parte da gente fóra de combate; por cujos motivos se rendeo a final, merecendo pelo seu valor a estimação de Drack, que lhe deu hum navio apparelhado, e provído de agua, e mantimentos, e lhe concedeo mesmo embarcar alguns generos, que lhe pertencião; com que chegou a Lisboa. Esta Náo foi huma presa mui rica para os Inglezes, que a conduzirão a Inglaterra.

Outras perdas soffreo mais esta Esquadra de D. Jeronymo Coutinho: a Náo Reliquias, estando para se fazer á véla na barra de Goa, achava-se tão sobrecarregada, e com tanto peso nos altos, que os seus Officiaes representárão ao Vedor da Fazenda, que veio a bordo, que não podia navegar d'aquella maneira, ao que respondeo mandando largar a amarra por mão. Logo que as vélas tomárão vento, succedendo correr a gente á borda, pendeo a Náo de tal sorte, que se adernou, e foi

(1) Este celebre Almirante voltava da sua expedição a Cadix, onde foi mandado com trinta navios (de que só quatro erão da Coroa, e os outros de Armadores) para arruinar os estabelecimentos navaes, e interceptar os transportes de munições, que d'alli passavão a Lisboa; e com effeito apresou, e destruio perto de cem embarcações, causando á Hespanha perdas immensas, e em certo modo irreparaveis. Vide o Tridente Britanico, tom. 1. pag. 3.

a pique, salvando-se a guarnição nas muitas embarcações de terra, que andavão á roda d'ella (1).

A Náo Salvador, Commandante Miguel de Abreu, vindo de volta para Portugal, abrio tanta agua antes de dobrar o Cabo de Boa Esperança, que arribou, e não podendo tomar Moçambique, seguio a Costa com intenção de varar na primeira terra, e por fortuna foi a Mombaça, onde achou huma Esquadra Portugueza vinda de Moçambique, commandada por Martim Affonso de Mello, o qual vendo o misero estado da Náo (que trazia dez palmos de agua no purão), e a riqueza da carga, a comboiou a Ormuz para se concertar; mas achou-se tão arruinada, e podre, que a condemnárão, e comprou-se hum navio grande, que trouxe a Portugal toda a gente, e a carregação.

1587 — A Esquadra da India (2) foi este anno de cinco Náos, commandada por Francisco de Mello, embarcado na Náo Santo Antonio; e os outros Commandantes Gaspar de Araujo, no S. Francisco; Heitor Velho Barreto, na Nazareth; Alvaro de Paiva, na Santa Maria Imperatriz; e Francisco de Brito, no S. Tiago, com destino a Malaca.

Sahio a Esquadra de Lisboa a 26 de Março; e arribando a Náo Santa Maria, as outras entrárão em Goa a 12 de Setembro: o S. Tiago foi tambem a salvamento a Malaca.

Neste anno se começárão a reunir em Lisboa navios, viveres, e munições para se organizar huma formidavel Armada, destinada em segredo para conquistar a Inglaterra, da qual logo tratarei.

(1) Vede Linschot na sua Obra já citada, pag. 153.

(2) Couto, Decada 10. L. 10. Capitulo 6 — Epilogo de Pedro Barreto. — Faria, Asia Portugueza.

1588. — A Esquadra da India (1) foi este anno de cinco Náos, commandada por João de Tovar da Cunha, embarcado em a Náo S. Christovão; e os outros Commandantes, Estevão da Veiga, no S. Thomé; D. Francisco de Viveiros, na Santa Maria Imperatriz; Pedro Correa na Conceição (que se perdeu á vinda); e Antonio de Sousa, no Santo Antonio.

Sahio a Esquadra de Lisboa a 5 de Abril, e chegou a Goa a salvamento.

1588. — Muitos Escriptores Hespanhoes, e estrangeiros (2) tem desenvolvido, e explicado as causas, que movêrão a ElRei D. Filippe a emprehender este anno a invasão da Inglaterra, cujo Throno occupava Isabel, Princeza de animo varonil, e de raros talentos na Arte difficil de governar. Eu só tratarei da execução do plano de campanha. Consistia este em conduzir a Flandes huma poderosa Armada, com tropas de desembarque, e recebendo alli o Exercito Hespanhol, que commandava o Duque de Parma Alexandre Farnese, hum dos maiores Generaes do seculo, desembarcallo na Inglaterra, e marchar a Londres (3).

Escolheo ElRei o Porto de Lisboa para a reunião

(1) Faria, Asia Portugueza — Epilogo de Pedro Barreto — Discursos sobre los Commercios.

(2) Vede Antonio do Couto Castello-Branco, Memorias Militares, tomo 1. em varias partes — Faria, Asia Portugueza, tomo 3. Parte 1. Cap. 2. - Tridente Britannico, tomo 1. — Hume, Historia de Inglaterra, tomo 5. Capitulos 41, e 42 - Guerras de Flandes, pelo Cardeal Bentivolio, Parte 2. L. 4.

(3) Este Exercito constava de trinta mil Infantes, e quatro mil Cavallos, tropas excellentes, e cheias de confiança nos talentos, e fortuna do seu General. O Duque de Parma tinha feito construir em Dunkerke, Newport, e Antuerpia as embarcações necessarias, de fundo chato, para o transporte das tropas, com as munições, viveres, e petrexos necessarios; mas não podia sahir d'aquelles Portos, senão debaixo da protecção dos navios de guerra Hespanhoes.

das forças da sua vasta Monarchia; e com muita antecipação mandou remetter para elle das outras Cidades maritimas tudo quanto era necessario; porêm o ataque de Cadiz pelo Almirante Drake atrazou os preparativos.

Por morte do famoso Marquez de Santa Cruz, nomeado Capitão General da expedição, e author d'ella, elegeo ElRei para o mesmo Cargo a D. Affonso Peres de Gusmão, Duque de Medina Sidonia; que nunca tinha servido no mar. Dividia-se a Armada em dez Esquadras, das denominações seguintes:

Esquadra de Portugal.

Galeão S. Martinho, em que embarcou o Duque, de 1000 toneladas, 600 soldados, 177 marinheiros, e 48 peças de artilheria. Dos soldados só oitenta erão Portuguezes.

Galeão S. João, de 1100 toneladas, 321 soldados, 174 marinheiros, e 50 peças.

Galeão S. Marcos, de 790 toneladas, 292 soldados, 117 marinheiros, e 33 peças.

Galeão S. Filippe, em que hia o Mestre de Campo D. Francisco de Toledo, de 900 toneladas, 445 soldados, 117 marinheiros, e 40 peças.

Galeão S. Mattheus, em que embarcou o Mestre de Campo D. Diogo Pimentel, de 750 toneladas, 277 soldados, 120 marinheiros, e 94 peças.

Galeão S. Tiago, de 520 toneladas, 300 soldados Portuguezes do Terço de Antonio Pereira, 93 marinheiros, e 24 peças.

Galeão de Florença, de 961 toneladas, 400 soldados Portuguezes do Terço de Gaspar de Sousa, 86 marinheiros, e 52 peças.

Galeão S. Christovão, de 352 toneladas, 300 sol-

dados Portuguezes do Terço de Antonio Pereira, 78 marinheiros, e 20 peças.

Galeão N., de 350, toneladas, 250 soldados Portuguezes, do Terço de Gaspar de Sousa, 81 marinheiros, e 20 peças.

Zabra Augusta, de 166 toneladas, 55 soldados, 57 marinheiros, e 13 peças.

Zabra Julia, de 170 toneladas, 44 soldados, 72 marinheiros, e 14 peças.

Total da força desta Esquadra: Dez Galeões, e duas Zabras, contendo 7059 toneladas, com 3286 soldados, 1172 marinheiros, e 384 peças.

Esquadra de Biscaia.

Seu General D. João Martines de Recalde, com o Posto de Almirante de toda a Armada.

Náo Santa Anna, em que hia o Almirante, de 769 toneladas; 325 soldados, 114 marinheiros, e 30 peças.

Náo Gargarim, de 1160 toneladas, 256 soldados, 73 marinheiros, e 28 peças.

Náo S. Tiago, de 666 toneladas, 214 soldados, 102 marinheiros, e 25 peças.

Náo Conceição, de 468 toneladas, noventa soldados, 70 marinheiros, e 16 peças.

Náo Conceição, de 418 toneladas, 164 soldados, 61 marinheiros, e 18 peças.

Náo Magdalena, de 580 toneladas, 103 soldados, 67 marinheiros, e 18 peças.

Náo Maria, de 665 toneladas, 172 soldados, 100 marinheiros, e 24 peças.

Náo Manoela, de 520 toneladas, 125 soldados, 54 marinheiros, e 12 peças.

Náo Santa Maria de Monte Maior, de 707 toneladas, 206 soldados, 45 marinheiros, e 18 peças.

Patacho Maria, de 70 toneladas, 20 soldados, 23 marinheiros, e 8 peças.

Patacho Santa Isabel, de 71 toneladas, 20 soldados, 24 marinheiros, e 10 peças.

Patacho N. de 96 toneladas, 20 soldados, 26 marinheiros, e 6 peças.

Total da força desta Esquadra: Nove Náos, e tres Patachos, contendo 6189 toneladas, com 1805 soldados, 759 marinheiros, e 213 peças.

Esquadra de Castella.

Seu General D. Diogo Flores de Valdez.

Galeão S. Christovão, em que hia Valdez, de 700 toneladas, 205 soldados, 120 marinheiros, e 36 peças.

Galeão S. João Baptista, de 560 toneladas, 207 soldados, 136 marinheiros, e 24 peças.

Galeão S. Pedro, de 530 toneladas, 141 soldados, 131 marinheiros, e 24 peças.

Galeão S. João, de 530 toneladas, 163 soldados, 113 marinheiros, e 24 peças.

Galeão S. Tiago Maior, de 530 toneladas, 210 soldados, 132 marinheiros, e 24 peças.

Galeão S. Filippe, e S. Tiago, de 530 toneladas, 151 soldados, 116 marinheiros, e 24 peças.

Galeão Ascensão, de 530 toneladas, 199 soldados, 114 marinheiros, e 24 peças.

Galeão Senhora do Rosario, de 530 toneladas, 155 soldados, 108 marinheiros, e 24 peças.

Galeão S. Miguel, de 530 toneladas, 160 soldados, 101 marinheiros, e 24 peças.

Galeão Santa Anna, de 250 toneladas, 91 soldados, 80 marinheiros, e 24 peças.

Náo Senhora N., de 800 toneladas, 174 soldados, 123 marinheiros, e 24 peças.

Náo Trindade, de 872 toneladas; 180 soldados, 122 marinheiros, e 24 peças.

Náo Santa Catharina, de 882 toneladas, 190 soldados, 159 marinheiros, e 24 peças.

Náo S. João Baptista, de 652 toneladas, 192 soldados, 93 marinheiros, e 24 peças.

Patacho Senhora do Rosario, de 180 toneladas, 20 soldados, 25 marinheiros, e 14 peças.

Patacho Santo Antonio de Padua, de 170 toneladas, 20 soldados, 46 marinheiros, e 12 peças.

Total da força desta Esquadra: Dez Galeões, quatro Náos, e dois Patachos, contendo 8776 toneladas, com 2458 soldados, 1719 marinheiros, e 374 peças.

Esquadra da Andaluzia.

Seu General D. Pedro de Valdez.

Náo N., em que hia o General, de 1150 toneladas, 304 soldados, 118 marinheiros, e 46 peças.

Náo S. Francisco, de 915 toneladas, 222 soldados, 56 marinheiros, e 21 peças.

Náo S. João Baptista, de 800 toneladas, 218 soldados, 89 marinheiros, e 35 peças.

Náo S. João Gargarim, de 569 toneladas, 165 soldados, 56 marinheiros, e 16 peças.

Náo Conceição, de 862 toneladas, 185 soldados, e 20 peças.

Urca Duqueza, de 900 toneladas, 280 soldados, 77 marinheiros, e 23 peças.

Náo Santa Catharina, de 730 toneladas, 231 soldados, 77 marinheiros, e 23 peças.

Náo Trindade, de 650 toneladas, 192 soldados, 74 marinheiros, e 13 peças.

Náo Santa Maria do Juncal, de 730 toneladas, 228 soldados, 80 marinheiros, e 20 peças.

Náo S. Bartholomeu, de 976 toneladas, 240 soldados, 72 marinheiros, e 27 peças.

Patacho Espirito Santo, de 160 toneladas, 31 soldados, 33 marinheiros, e 10 peças.

Total da força desta Esquadra: Nove Náos, huma Urca, e hum Patacho, contendo 8442 toneladas, com 2296 soldados, 803 marinheiros, e 254 peças.

Esquadra de Guipuscoa.

Seu General D. Miguel de Oquendo.

Náo Santa Anna, em que hia Oquendo, de 1200 toneladas, 303 soldados, 82 marinheiros, e 47 peças.

Náo Senhora da Roza, de 943 toneladas, 225 soldados, 64 marinheiros, e 26 peças.

Náo S. Salvador, de 958 toneladas, 621 soldados, 75 marinheiros, e 25 peças.

Náo Santo Estevão, de 936 toneladas, 196 soldados, 68 marinheiros, e 26 peças.

Náo Santa Martha, de 548 toneladas, 196 soldados, 68 marinheiros, e 20 peças.

Náo Santa Barbara, de 525 toneladas, 154 soldados, 45 marinheiros, e 12 peças.

Náo S. Boa-Ventura, de 379 toneladas, 168 soldados, 53 marinheiros, e 21 peças.

Náo S. João, de 291 toneladas, 110 soldados, 30 marinheiros, e 12 peças.

Náo Santa Cruz, de 680 toneladas, 138 soldados, 36 marinheiros, e 18 peças.

Náo Aurea Donzella, de 500 toneladas, 156 soldados, 32 marinheiros, e 16 peças.

Patacho Assumpção, de 60 toneladas, 20 soldados, 16 marinheiros, e 9 peças.

Patacho S. Barnabé, de 50 toneladas, 15 marinheiros, e huma peça.

Pinassa Senhora de Guadalupe, de 50 toneladas, 14 marinheiros; e huma peça.

Pinassa Magdalena, de 50 toneladas, 14 marinheiros, e huma peça.

Total da força desta Esquadra: Dez Náos, dois Patachos, e duas Pinassas, contendo 7170 toneladas, 1964 soldados, 607 marinheiros, e 235 peças.

Esquadra de Levante.

Seu General Martim de Bertendera.

Náo Aragoneza, em que hia o General, de 1294 toneladas, 344 soldados, 80 marinheiros, e 30 peças.

Náo Laura, de 728 toneladas, 203 soldados, 71 marinheiros, e 35 peças.

Náo Santa Maria, de 820 toneladas, 335 soldados, 84 marinheiros, e 35 peças.

Náo S. João, de 800 toneladas, 279 soldados, 63 marinheiros, e 26 peças.

Náo Trindade Valenceira, de 1100 toneladas, 281 soldados, 79 marinheiros, e 42 peças.

Náo Annunciada, de 703 toneladas, 196 soldados, 79 marinheiros, e 24 peças.

Náo S. Nicoláo, de 834 toneladas, 274 soldados, 81 marinheiros, e 26 peças.

Náo Juliana, de 860 toneladas, 325 soldados, 70 marinheiros, e 32 peças.

Náo Santa Maria de Piza, de *666* toneladas, 236 soldados, 71 marinheiros, e 18 peças.

Náo Trindade, de 700 toneladas, 307 soldados, 79 marinheiros, e 22 peças.

Total da força desta Esquadra: Dez Náos, contendo 8505 toneladas, com 2780 soldados, 757 marinheiros, e 280 peças.

Esquadra de Urcas (1).

Seu General João Lopes Mexia.

Grão Grifo, em que hia o General, de 650 toneladas, 243 soldados, 43 marinheiros, e 38 peças.

S. Salvador, de 650 toneladas, 218 soldados, 43 marinheiros, e 24 peças.

Cão Marinho, de 200 toneladas, 70 soldados, 24 marinheiros, e 7 peças.

Falcão Branco Maior, de 500 toneladas, 161 soldados, 36 marinheiros, e 16 peças.

Castello Negro, de 710 toneladas, 239 soldados, 34 marinheiros, e 27 peças.

Caza de Paz Grande, de 600 toneladas, 198 soldados, 27 marinheiros, e 26 peças.

S. Pedro Maior, de 580 toneladas, 213 soldados, 28 marinheiros, e 29 peças.

Samsão, de 550 toneladas, 200 soldados, 31 marinheiros, e 18 peças.

S. Pedro Menor, de 500 toneladas, 157 soldados, 23 marinheiros, e 18 peças.

(1) As Urcas erão navios grandes, mui bojudos do meio para vante, e esguios do meio para ré, de pôpa chata; o panno, e mastreação como as Náos.

Barca de Ancipe, de 450 toneladas, 200 soldados, 25 marinheiros, e 26 peças.

Falcão Branco Menor, de 300 toneladas, 76 soldados, 27 marinheiros, e 16 peças.

Santo André, de 400 toneladas, 150 soldados Portuguezes do Terço de Gaspar de Sousa, 28 marinheiros, e 14 peças.

Casa da Paz Pequena, de 350 toneladas, 162 soldados, 24 marinheiros, e 15 peças.

Cerco Voador, de 400 toneladas, 200 soldados Portuguezes do Terço de Antonio Pereira, 22 marinheiros, e 18 peças.

Pomba Branca, de 250 toneladas, 56 soldados, 20 marinheiros, e 12 peças.

Ventura, de 160 toneladas, 58 soldados, 14 marinheiros, e 4 peças.

Santa Barbara, de 370 toneladas, 70 soldados, 22 marinheiros, e 10 peças.

S. Tiago, de 600 toneladas, 56 soldados, 30 marinheiros, e 19 peças.

David, de 200 toneladas, 50 soldados, 24 marinheiros, e 7 peças.

Galgo, de 400 toneladas, 40 soldados, 22 marinheiros, 9 peças.

S. Gabriel, de 280 toneladas, 35 soldados, 20 marinheiros. e 4 peças.

Isaîas, de 280 toneladas, 30 soldados, 16 marinheiros, e 4 peças.

Total da força desta Esquadra; Vinte e duas Urcas, contendo 9480 toneladas, com 2882 soldados, 583 marinheiros, e 361 peças.

Esquadra de Zabras, e Patachos.

Seu General D. Antonio Furtado de Mendonça.

Patacho Senhora do Pilar de Saragoça, em que hia o General, de 300 toneladas, 109 soldados, 51 marinheiros, 11 peças.

Patacho Caridade Ingleza, de 180 toneladas, 70 soldados, 36 marinheiros, e 12 peças.

Patacho Santo André Escossez, de 150 toneladas, 40 soldados, 29 marinheiros, e 8 peças.

Patacho Senhora do Porto, de 55 toneladas, 30 soldados, 33 marinheiros, e 8 peças.

Patacho Senhora da Conceição da Graça, de 70 toneladas, 30 soldados, 42 marinheiros, e 5 peças.

Patacho Senhora da Vigonha, de 100 toneladas, 20 soldados, 31 marinheiros, e 10 peças.

Patacho S. Jeronymo, de 55 toneladas, 20 soldados, 37 marinheiros, e 4 peças.

Patacho Senhora da Graça, de 57 toneladas, 20 soldados, 34 marinheiros, e 5 peças.

Patacho Senhora da Conceição, de 75 toneladas, 20 soldados, 29 marinheiros, e 6 peças.

Patacho Senhora de Guadalupe, de 70 toneladas, 20 soldados, e 42 marinheiros.

Patacho S. Francisco, de 70 toneladas, 20 soldados, e 37 marinheiros.

Patacho Conceição de Castro, de 70 toneladas, 20 soldados, e 27 marinheiros.

Patacho Senhora da Fresneda, de 70 toneladas, 20 soldados, e 27 marinheiros.

Zabra Trindade, 23 marinheiros, e 2 peças.

Zabra Senhora de Castro, 26 marinheiros, e 2 peças.

Zabra Santo André, 15 marinheiros, e 2 peças.

Zabra Conceição de Val Maceda, 27 marinheiros, e 2 peças.

Zabra Conceição de Somma Riba, 31 marinheiros.
Zabra Santa Catharina, 23 marinheiros.
Zabra Assumpção, 23 marinheiros, e 2 peças.
Zabra S. João de Caraças, 23 marinheiros.
Total da força desta Esquadra: Treze Patachos, e oito Zabras, contendo 1322 toneladas, com 439 soldados, 646 marinheiros, e 79 peças.

Esquadra de Galcaças de Napoles.

Seu General Diogo de Moncada.

S. Lourenço, em que hia o General, 262 soldados, 124 marinheiros, 300 forçados, e 50 peças.
S. Luiz, 178 soldados, 112 marinheiros, 300 forçados, e 50 peças.
Gerona, 169 soldados, 120 marinheiros, 300 forçados, e 50 peças.
Napolitana, 264 soldados, 112 marinheiros, 300 forçados, e 50 peças.
Total da força desta Esquadra: Quatro Galeaças, com 873 soldados, de 468 marinheiros, e 1200 forçados.

Esquadra das Galés de Portugal.

Seu General D. Diogo de Medrano.

Galé Capitanea, 106 soldados, 106 marinheiros, 300 forçados, e 5 peças.
Princeza, 90 soldados, 90 marinheiros, 300 forçados, e 5 peças.
Diana, 94 soldados, 94 marinheiros, 300 forçados, e 5 peças.

Barão, 72 soldados. 72 marinheiros, 300 forçados, e 5 peças.

Força desta Esquadra: Quatro Galés, com 306 soldados, 306 marinheiros, 1100 forçados, e 20 peças.

Hião mais vinte Caravelas carregadas de munições, e bagagens, e doze Faluas para expedições das ordens dos Generaes.

Constava toda esta Armada de cento e quarenta e seis velas (não contando as Faluas), em que havião dezenove desde trinta até cincoenta peças; e trinta e nove desde vinte até trinta peças; o resto transportes, e embarcações de força insignificante. Os marinheiros, que por hum calculo moderado deverião ser dezoito mil, não passavão de oito mil homens, excluindo os das Caravelas, de que ignoro o numero. Os forçados erão dois mil e quatrocentos; a artilheria compunha-se de dois mil e quatrocentos canhões, dos quaes mil e quinhentos erão de bronze; e as munições para elles hião reguladas a cincoenta tiros por peça; o que seria sufficiente para huma batalha.

O Exercito de transporte, de que era Mestre de Campo General D. Francisco de Bobadilha, dividia-se em cinco Terços Hespanhoes, e dois Portuguezes, aquelles de vinte e seis Companhias, e estes de cinco; eis aqui a força de cada hum. O terço de D. Francisco de Toledo, 2694 homens; o de D. Diogo Pimentel, 2493; o de D Nicoláo de Luzon, 2854; o de Nicoláo de Illa, 2584; e o de D. Agostinho Mexia, 2659. O Terço Portuguez de Gaspar de Sousa era de mil homens, e Capitães Luiz Ferreira, Manoel Cabral, João de Trigueiros, Manoel Teixeira, e Pedro Rodrigues de Ayala: o Terço de Antonio Pereira, de igual numero de praças, tinha por Capitães Roque Borges de Sousa, Gonçalo Rodrigues Caldeira, Domingos Zagallo, Cosme Nabo, e Luiz de Uzeda. Servião como Voluntarios

á sua custa 124 Aventureiros, e 288 *Entretenidos*, quasi tudo pessoas da maior distincção, com 619 criados, que nas occasiões tinhão exercicio de soldados. O corpo dos Artilheiros não excedia a 100 homens, commandado pelo Tenente General D. Affonso de Cespedes. Assim o total do Exercito era de 16$\mathcal{D}$335 combatentes.

Os navios de guerra tinhão de guarnição propria trinta e duas Companhias de soldados com 3689 homens, os quaes quando desembarcassem, levarião o Exercito a pouco mais de vinte mil homens (1).

A Repartição da Saude compunha-se do Almirante em Chefe D. Martinho de Alarcão, hum Sub-Inspector, quatro Curas, cinco Medicos, hum Cirurgião Mór, quatro Cirurgiões, cinco Ajudantes de Cirurgia, e outros sessenta e quatro empregados. Erão Capellães da Armada, e Exercito 151 Religiosos de varias ordens de Hespanha, e Portugal.

A 27 de Maio de 1588 sahio de Lisboa o Duque de Medina Sidonia, que devêra ter sahido no principio do mez, senão fôra o embaraço que causou o inesperado fallecimento do Marquez de Santa Cruz, acontecido naquelle momento, cuja fatalidade fez dilatar a expedição. Huma tormenta que a Armada soffreo logo depois da sua sahida, a metteo em confusão, e desor-

(1) Os Historiadores varião sobre a força desta Armada, a que se deo o nome de Invencivel. Hume diz, que se compunha de 130 navios, em que entravão perto de 100 Galeões, maiores que todos os que até alli se praticavão na Europa, com 2630 peças grossas de bronze, e 19$\mathcal{D}$295 soldados. O Tridente Britannico affirma, que constava de 132 navios grandes, com 3165 canhões, e 21$\mathcal{D}$580 homens de tropas. Faria excluindo Caravelas, e Falúas, dá-lhe 129 embarcações, e quasi vinte mil soldados. Antonio do Couto de Castello Branco, assigna-lhe 152 navios, 12 Falúas, 18$\mathcal{D}$937 homens. Eu segui o Manuscrito, de que já fiz menção, por conter noticias authenticas tiradas dos Registos dos Arsenaes de Lisboa, e Cadiz.

dem, por falta de disciplina, e conhecimentos nauticos, e pelas ruins manobras de tão pesados navios, guarnecidos de poucos marinheiros, e muitos d'elles mal commandados: em consequencia todos se espalhárão, seguindo differentes rumos, e algumas embarcações de remo forão engolidas das ondas. A final reunio-se a Armada no Porto da Corunha em meado de Junho.

As forças navaes, de que a Rainha Isabel podia dispôr para resistir a esta invasão, reduzião-se a trinta e quatro navios de guerra, dois de mil toneladas, e o resto de quinhentas até cincoenta, os quaes levárão de guarnição 6225 homens, e 764 peças de artilheria. A pobreza da Coroa (toda a sua renda apenas chegava naquelle tempo a 500$000 libras esterlinas) tinha mallogrado os ardentes desejos desta illustre Princeza de augmentar a Marinha Real; e sabe-se hoje com certeza, que o numero total dos marinheiros dos seus Estados, não chegava a 14$000 homens. Tão mesquinho era ainda o seu Commercio! O perigo commum, e a Politica de Isabel despertavão o enthusiasmo da Nação; e alêm de copiosos emprestimos de dinheiro, todas as Cidades maritimas aprestavão navios á sua custa. Londres armou trinta e oito, guarnecidos de tres mil homens; outras Cidades armarão quarenta e tres, com 2592 homens. Alguns particulares associados derão dezoito navios, com 820 homens, e quinze transportes carregados de munições; alêm de outras quarenta e tres das melhores embarcações costeiras armadas, e tripoladas com 2170 homens. Assim as forças de Inglaterra excedião a 170 vasos; e posto que a maior parte pequenos, com tudo mui proprios para insidiar a Armada Hespanhola em hum canal estreito, cheio de baixos, sujeito a correntes variaveis, grandes marés, e subitas mudanças de ventos, de que os Hespanhoes não

tinhão experiencia. Os soccorros dos Hollandezes, e Flamengos forão tambem de grande auxilio aos Inglezes: aquellas duas Nações insurgidas contra a Hespanha, tendo o maior interesse em que se mallograsse a expedição, armárão duas Esquadras; a primeira, commandada por Justino de Nassau, bloqueou os Portos em que o Duque de Parma ajuntava o seu Exercito; e a segunda, combinou-se com outra Ingleza ás ordens de Lord Seymour, formando ambas quarenta navios, que se estacionárão sobre Dunkerke, e Newport.

A Rainha Isabel entregou o commando em chefe da sua Marinha ao Grão Almirante Lord Havard Effingham, tendo debaixo das suas ordens Drake, Hawkins, e Forbiher, os mais habeis marinheiros da sua Nação; e para defender o Paiz, no caso de se realizar o desembarque dos Hespanhoes, organizou tres Exercitos: O primeiro de vinte mil homens para guarnecer os postos da Costa mais expostos; o segundo de vinte e dois mil Infantes, e mil cavallos, commandado por Lord Leicester, que se postou em Tilbury, cobrindo a Capital; e o terceiro de trinta e quatro mil Infantes, e dois mil Cavallos, ás ordens de Lord Hunsdon, prompto a marchar onde fosse necessario. Estas numerosas tropas não inspiravão confiança aos homens sabios de Inglaterra; a sua esperança estava na Marinha.

A 21 de Maio sahio das Dunas Lord Effingham, e reunindo em Plymouth a sua Esquadra com a do Vice-Almirante Drake, partio com perto de noventa navios, para cruzar entre Ushant, e Scilly, e dar batalha aos Hespanhoes.

A noticia da arribada destes á Corunha chegou a Inglaterra com circunstancias tão exaggeradas, que a Rainha Isabel se persuadio, que a expedição não teria logar neste anno, e o seu genio economico lhe fez expedir ordens ao Grão Almirante para desarmar alguns dos

maiores navios, mas este respondeo pedindo licença para conservar todos armados, mesmo á sua propria custa; e como pelas embarcações ligeiras, que trazia de observação, lhe constou não haver noticias da Armada Hespanhola, resolveo-se a ir buscalla á Corunha, para a atacar antes que se refizesse das suppostas avarias, que se dizia haver soffrido. Em consequencia, sahio a 8 de Junho com vento Norte, e chegando no dia 10 a quarenta leguas das Costas de Hespanha, foi com certeza informado, que os Hespanhoes não tinhão padecido grande estrago: aproveitando-se então de hum vento Sul, voltou immediatamente a Plymout, e ancorou a 12.

Entretanto o Duque de Medina Sidonia largou da Corunha, e tomando hum pescador Inglez, este lhe disse, que a sua Armada tinha andado no mar, e sabendo da tempestade, que espalhára a de Hespanha, se recolheo a Plymout, onde os navios se estavão desarmando por se julgar que a invasão já se não verificaria aquelle Verão. Sobre esta noticia pouco exacta parece que o Duque formou o projecto de destruir os Inglezes naquelle Porto, a fim de ficar senhor do mar, e operar depois livremente, posto que as suas Instrucções lhe ordenavão, que corresse o Canal encostado á Costa de França até chegar ao Passo de Calé, e se ajuntasse ali com o Duque de Parma, que devia sahir de Newport com o seu Exercito embarcado nos transportes já preparados; e que evitasse nesta viagem toda a acção decisiva com a Marinha Ingleza, no caso de a encontrar.

Os Hespanhoes avistárão quasi ao pôr do Sol o Cabo Lizard, e tomando-o pela ponta de Ram-Head, que lhes ficava quarenta milhas mais a Leste, e he proxima a Plymout, affastárão-se de noite para o mar, a fim de virem no outro dia atacar os Inglezes. Porêm hum Pirata Escossez, que cruzava no Canal, correo a Plymout a avizar Lord Effingham, o qual apezar do tempo contra-

rio, trabalhou com tanta actividade, que tirou a maior parte dos seus navios fóra do Porto.

No dia 21 (outros dizem a 30) appareceo da banda de Oeste a Armada Hespanhola, navegando com vento S. O., e grande força de véla, formada em huma linha curva, que occupava hum espaço de mais de duas leguas. Lord Effingham tinha neste momento debaixo das suas ordens perto de cem navios, e deixando adiantar os Hespanhoes, ficou a barlavento delles, determinando aos seus Commandantes, que evitassem toda a acção de perto. Feitas estas disposições, seguio a retaguarda dos Hespanhoes, e na sua Náo a Ark Royal rompeo o fogo contra hum grande Galeão, que julgou ser a Capitanea inimiga, com a qual se bateo por algum tempo, sem resultado decisivo: o mesmo fazião entretanto com vantagem Drake, Hawkins, e Forbiher contra os navios Hespanhoes mais atrazados, aproveitando-se da ligeireza dos seus proprios navios, que manobrando melhor, podião aproximar-se, ou retirar-se á vontade; quando ao contrario as embarcações Hespanholas, mui alterosas, pezadas, e ronceiras, e com pouca marinhagem relativamente á sua grandeza, manobravão mal, e perdião a maior parte dos tiros, que passavão por alto aos Inglezes, cujas embarcações erão mui razas; e assim proseguirão hum combate em retirada, em que perderão dois Galeões, hum da Esquadra de Biscaia em que hia o pagador João da Guerra (com muito dinheiro), no qual pegou fogo por accidente, ou maldade de hum Artilheiro Hollandez; e o outro, que era a Capitanea da Esquadra da Andaluzia, que se atrazou por haver perdido hum mastro abordando com outro navio; e ambos forão tomados pela Esquadra de Drake. Esta primeira acção durou duas horas.

O Duque de Medina Sidonia expedio D. Luiz de Gusmão a participar ao Duque de Parma a sua entrada

no Canal, para que se reunisse com elle, ignorando achar-se bloqueado pelos Hollandezes. Ao anoitecer estava a sua Armada a quatorze milhas da ponta de Start; e na manhã de 22 a sotavento de Berry-Head, achando-se a maior parte dos navios Inglezes mui longe pela sua pôpa, o que deo tempo ao Duque de Medina Sidonia para pôr os seus navios em melhor ordem, e dar algumas instrucções aos Commandantes.

A noite de 22 foi calmosa, e ao amanhecer do dia seguinte, estando o vento pelo Nordeste, e achando-se os Hespanhoes pelo travez da Ilha do Wight, e a barlavento, arribárão sobre os Inglezes para os combater, e salvarem o Almirante Recalde, que se havia atrazado com as Galeaças, e corria perigo de ser cortado. Os Inglezes seguirão o seu systema de combater a certa distancia, para evitarem as abordagens, que os Hespanhoes procuravão, e não podião conseguir dar-lhes. Nesta acção, que durou todo o dia, e que não foi mais do que huma serie de combates particulares, o Galeão S. Martinho soffreo grandes avarias; porêm reunio a si o Galeão de Recalde, e só foi tomada huma Galeaça, que deo á costa.

A 24 nenhuma das Armadas procurou atacar a outra: os Inglezes por estarem faltos de munições, e os Hespanhoes porque querião adiantar caminho, para chegarem a Calé: o Duque de Medina Sidonia expedio Rodrigo Tello com outro aviso ao Duque de Parma, fazendo-lhe as maiores instancias para que embarcasse o Exercito, e viesse ajuntar-se com elle. O Duque começou com effeito o embarque, mas protestando não sahir de Newport, sem que o mar estivesse livre da Esquadra Hollandeza, que bloqueava toda aquella Costa; pois que as suas embarcações de transporte não erão feitas para combater; e seria a maior das imprudencias hir voluntariamente sacrificar o melhor Exercito da Mo-

narchia. A opinião deste grande General tinha sido; que a Armada se apoderasse primeiro de hum Porto situado no Canal da Mancha, em que se podesse recolher com segurança no caso de algum desastre.

Os Hespanhoes, receando as correntes, que os impellião com força para o mar do Norte, derão fundo a 27 a huma legua de Calé, e acharão-se na situação mais perigosa, tanto por ser aquella porção do Canal semeada de baixos, e alfaques, que os seus Pilotos mal conhecião, e onde era quasi impossivel que tantos navios grandes podessem manobrar, como por estarem agora cercados das forças navaes dos Inglezes, e Hollandezes de maneira, que Lord Effingham commandava cento, e quarenta navios, e havia recebido grandes reforços de munições, e de Voluntarios, em que entrava a flor da Nobreza de Inglaterra.

Na noite de 28 lançárão os Inglezes oito navios pequenos, cheios de materias combustiveis, sobre os Hespanhoes, que vendo vir aquellas embarcações ardendo em altas lavaredas, cujo clarão alumiava ao longe os mares, lembrando-se da famosa *maquina infernal* da ponte de Anvers, cortarão as amarras, e fizerão-se á vela com summa precipitação, e desordem, a qual augmentou ainda com o vento, e mar que cresceo neste instante. Cada Commandante seguio a direcção, que lhe pareceo: alguns navios abalroarão com outros, e desarvorarão; alguns encalharão pela Costa de França, e pelos baixos do Canal. Ao amanhecer, havendo abonançado o vento, appareceo a Armada espalhada, e derrotada; neste estado a atacarão os Inglezes por todas as partes, e tomarão, queimárão, e metterão a pique muitos navios; e talvez escaparião poucos, se o Duque de Medina Sidonia, reunindo em hum corpo alguns dos navios da Esquadra de Portugal, não resistisse bravamente, e protegesse o resto da sua Esquadra até ganhar o ancoradouro, que havia deixado.

Nesta desgraçada acção morreo D. Hugo de Moncada, defendendo-se com o maior valor na sua Galeaça de muitos navios Inglezes, que o cercarão. O Mestre de Campo D. Francisco de Toledo, Commandante do Galeão S. Filippe, atacado, e abordado por algumas embarcações Hollandezas, e tendo já o Galeão tão aberto, que se hia ao fundo, saltou na lancha com os seus mais intrepidos soldados, e rompendo por meio das lanchas inimigas, salvou-se em terra. O Mestre de Campo D. Diogo Pimentel, Commandante do Galeão S. Mattheus, defendeo-se por espaço de seis horas de muitos navios Hollandezes, e por ultimo foi obrigado a render-se, com alguns Officiaes Generaes que o acompanhavão.

Era já evidente que a expedição estava mallograda, e que só restava salvar o resto: he o que resolveo fazer o Duque de Medina Sidonia no dia 31, intentando sahir do Canal para Oeste: mas o vento, que começou a soprar do Noroeste com aguaceiros pezados, o arrojou para a Costa de Zelandia, onde Lord Effingham julgou inutil perseguillo, dando-o por perdido; e assim lhe acconteceria, se o vento não mudasse ao Sudoeste, a favor do qual determinou o Duque, em conselho de Generaes, navegar para Hespanha, rodeando as Ilhas Britannicas, por ser este o caminho unico, ainda que mui perigoso, que estava aberto.

Dous mezes durou esta infeliz viagem, em que as tempestades, e a ignorancia dos Pilotos na navegação daquelles mares, acabárão a ruina d'aquella Armada: muitos navios encalhárão nas Costas da Escossia, e estes forão os mais affortunados, porque ElRei Jacques deo liberdade ás equipagens. Outros naufragarão na Irlanda, cujo Governador fez passar á espada, ou enforcar os que escaparão das ondas. O Duque entrou em Santander nos fins de Setembro; o resto dos seus navios

tomarão differentes Portos: a perda foi immensa, salvando-se apenas cincoenta e tres embarcações.

Desta épocha data a decadencia da Monarchia de Hespanha: nem Filippe 2.°, nem os seus successores perceberão, que todos os seus esforços devião empregar-se em crear huma marinha tão poderosa, que podesse defender as suas vastissimas Possessões Ultramarinas, e proteger o seu Commercio, que abrangia as riquezas do Mundo. Mas a sua politica tomou huma direcção inversa, empregando-se toda em manter as guerras de Flandes, e as outras que forão a sua consequencia; de maneira, que este pequeno Estado foi o golfo, que engolio as forças, e os thesouros da Monarchia, sem proveito para a Nação: porque os cabedaes que sahião della para Flandes, Allemanha, Italia, e França, nunca mais voltavão a Hespanha.

1589 — A Esquadra da India (1) foi de cinco Náos, commandada por Bernardim Ribeiro Pacheco, em a Náo Madre de Deos; e os outros Commandantes D. João da Cunha, no Santo Antonio; Christovão Corrêa da Silva, no S. Bernardo; Sebastião Macedo de Carvalho, na Nazareth; e Christovão de Sousa, no Santo Alberto.

Sahio a Esquadra de Lisboa a 4 de Abril, e no caminho desappareceo a Náo Santo Antonio; as outras entrarão em Goa no mez d'Outubro.

Em Janeiro deste anno (2) sahio de Goa para Portugal a Náo S. Thomé, commandada por Estevão da Veiga, na qual vinha de passagem o famoso D. Paulo

(1) Faria, Azia Portugueza — Epilogo de Pedro Barreto — Discursos sobre los Commercios — Decada 11 supplementaria ás de Couto, cap. 11.

(2) Historia Tragico-Maritima, tomo 2. — Decada supplementaria acima citada.

de Lima, com sua mulher D. Beatriz, e outras pessoas nobres.

No primeiro tempo, que lhe deo, começou a Náo a fazer agua pela roda de proa, a qual poderão tomar; e chegando a 26°, abrio huma muito maior nos delgados de proa, e outra nos de pôpa, consequencias do seu máo fabrico; e ainda que ao favor do bom tempo, que sobreveio, remediarão em parte estas avarias, estando a 11 de Março em mais de 32°, oitenta leguas ao mar da Costa do Natal, saltou o vento ao Sudoeste, que os obrigou a virar no bordo do Norte, e crescendo o mar, abrio a Náo tanta agua pelos mesmos logares, que em breve teve seis palmos de agua no porão. Alijárão-se ao mar quantos fardos e caixotes vinhão no convez, e empregárão-se todos os individuos, sem excepção de pessoa, no trabalho das bombas, e gamotes; porêm crescendo muito a agua, assentou-se em buscar a terra mais proxima para encalhar, e correrão para ella em traquete.

No dia 14 acabou de encher-se o porão, e entupirão-se as bombas com a pimenta extravazada dos paioes; mas á força de trabalho conseguio-se desentupillas, e alijou-se ao mar toda a fazenda a que se pôde chegar de que a Náo vinha riquissima. No dia seguinte cobria a agua os bailéos do porão, e sendo o vento Sudoeste de aguaceiros mui rijos, deixou o leme de governar, e fez-se o panno em pedaços. Neste aperto, concordou-se em deitar a lancha fóra, para ao menos se salvarem os que nella coubessem, por se fazerem perto da terra, que ao Sol posto foi vista; indo então correndo ao Nornoroeste; e como o Piloto se receava dos recifes da Costa, seguio de noite o rumo de Nordeste, com intenção de a vir buscar de dia.

A 16 pela manhã não virão a terra, e tratarão de deitar a lancha fóra, o que se fez com muito perigo,

e grande desordem, porque todos querião embarcar primeiro, e sobre isso se ferião, e matavão huns aos outros. Por ultimo a lancha, tendo já muita gente dentro, affastou-se para fóra, e foi tomar pela pôpa da Náo a mulher de D. Paulo de Lima, e D. Joanna de Mendonça, Fidalga viuva, que trazia comsigo huma filha de oito annos, que lá lhe ficou, pela não quererem largar as suas escravas, apezar dos rogos, e lagrimas da triste mãi. O Padre Fr. Antonio do Rosario, Dominicano, recolheo-se a nado, depois de haver confessado, e absolvido a toda a gente, e a lancha começou a navegar com cento, e dez pessoas, e poucos mantimentos, e agua; e como hia mui carregada, e contra as vagas que vinhão da Costa, não pôde avançar caminho, e amanheceo ao pé da Náo, na qual se fizerão entretanto algumas jangadas tão ruins, que apenas cahirão na agua, se desfizerão, ou virarão; e nisto foi ella a pique á vista dos da lancha, que nem hum homem salvarão della, antes deitarão ao mar alguns dos seus companheiros, por se achar a embarcação sobrecarregada; e sem outro desastre, abordarão no dia seguinte a hum pequeno Rio da Terra dos Fumos, chamado então Rio de Simão Dote, nome do primeiro Portuguez, que alli foi ter, situado em 27°, 20′ de Latitude, quarenta leguas ao Sul da Bahia de Lourenço Marques. Aqui deitarão em terra dois homens para reconhecerem o Paiz, os quaes acharão huma Aldea de Cafres, que os tratarão bem, e os acompanharão á praia, trazendo algumas provisões para venderem aos da lancha; e não a vendo, porque se havia levado para aproveitar o Ponente que ventava, marcharão os dois Portuguezes por terra até que acharão a lancha, que estava surta, havendo-lhe acalmado o vento.

Seguirão depois a sua viagem para a Bahia de Lourenço Marques, onde chegarão a salvamento, e desembarcarão na Ilha do Inhaca, que he deserta, e sem

agua, e só achárão algumas cabanas, que os Portuguezes do navio de Moçambique, que andava empregado no Commercio do marfim, tinhão construido para se abrigarem. Aqui queimarão a lancha, com receio de que alguns dos seus fugissem nella de noite para Sofala, e aproveitárão a pregadura, que lhes servia para comprarem aos Cafres o que lhes fosse necessario: mas como perderão o meio unico que lhes restava para passarem á terra firme do Inhaca, que distava quatro, ou cinco leguas, morrerião todos de fome e sede na Ilha, victimas da sua propria ignorancia, senão acontecesse terem os Cafres percebido o clarão das fogueiras, que elles fizerão aquella noite, o que os induzio a virem no dia seguinte em duas pequenas embarcações a saber o que era; e poucos, e poucos transportarão todos á Aldea do Inhaca, Regulo d'aquelle estado, e grande amigo dos Portuguezes, o qual lhes forneceo alguns mantimentos, huns á credito, outros em troca de ferro, e de generos salvos do naufragio.

O Commandante Estevão da Veiga, o Sota-Piloto Gaspar Ferreira, e outros onze homens resolverão-se a hir por terra a Sofala, distancia perto de cem leguas; o que conseguirão á custa de grandes trabalhos, fomes, e sedes; e de Sofala passárão a Moçambique. O mesmo projecto seguio, e realizou Fr. Nicoláo do Rozario, com alguns outros individuos. D. Paulo de Lima, e o resto dos Portuguezes escolherão ficar nas terras do Inhaca, onde morrerão muitos de doenças, e necessidades, e entre elles o mesmo D. Paulo de Lima, Official dos de maior merecimento e reputação do seu tempo. Os que escapárão, embarcárão-se no anno seguinte para Moçambique no navio do marfim, entrando neste numero as tres Fidalgas D. Beatriz, D. Joanna, e D. Maria.

1589 — A Rainha Isabel (1), que aproveitava todas as occasiões de causar embaraços á Monarchia Hespanhola, enviou este anno hum grande armamento contra Lisboa, onde o Prior do Crato affirmava ter muitos partidistas, e que farião huma insurreição geral a favor dos seus imaginarios direitos á Corôa Portugueza, huma vez que fossem protegidos por alguma Potencia.

Constava o Exercito Inglez de quatorze mil homens, commandados por João Sir Norris; e a Esquadra de seis navios de guerra, os unicos que Isabel forneceo á sua custa, com 60ф libras esterlinas para despezas da expedição; e os aventureiros interessados nesta empreza correrão com o dispendio de outros vinte navios, que armárão em guerra, e cento e quarenta transportes. Era Almirante Sir Francisco Drake, cujas equipagens chegavão a quatro mil marinheiros. Alguns navios Hollandezes reunirão-se aos Inglezes, para parteciparem do saque, e presas que se fizessem. O Prior do Crato embarcou-se com o Almirante. Esta expedição hia mal provída de viveres, e munições, cuja falta se começou a sentir no principio da viagem.

A 18 de Abril sahio de Plymout o Almirante Drake, e a 4 de Maio entrou na Corunha, esperando tomar despojos, e viveres; mas ainda que commetteo grandes hostilidades, e queimou os arrabaldes, foi obrigado a levantar o cerco da Praça; e d'alli seguio para a Costa de Portugal, em cujo caminho se lhe reunio o Conde de Essex, que levado do seu espirito audaz, e romanesco, havia sahido para esse fim de Inglaterra com huma pequena Esquadra armada á sua custa.

(1) Faria, Europa Portugueza, tomo 3. Parte 4. Cap. 4. — Tridente Britanico, tomo 1. pag. 30 — Hume, Historia de Inglaterra, tomo 5. Cap. 42.

A 16 de Maio conseguirão os Inglezes desembarcar em Peniche, que não estava em termos de fazer muita resistencia, e d'aqui marchárão para Lisboa em numero de doze mil Infantes, e alguma Cavallaria, sem acharem opposição até se alojarem no arrabalde de Santa Catharina.

Governava o Reino de Portugal o Cardeal Archiduque Alberto, a quem ElRei Filippe avisou a tempo dos projectos do inimigo; e em consequencia reunio elle em Lisboa todas as tropas disponiveis; e no Tejo achava-se D. Affonso Baçan com dezoito Galés bem armadas, para auxiliar os Fortes, que defendião a entrada, a qual não pôde, ou não quiz commetter o Almirante Drake, como devia, segundo o plano de campanha combinado entre elle e o General Norris, escolhendo antes entreter-se em aprisionar navios neutros, que navegavão para Lisboa.

O General Norris, vendo que a presença do seu Exercito, não causava no Povo a commoção, que elle esperava, segundo as promessas do Prior do Crato, e não tendo artilheria de cerco para bater as muralhas, falto já de munições, e ainda mais de mantimentos, que as tropas Portuguezas, batendo a campanha, lhe não deixavão buscar, assustado tambem com a chegada de outra Esquadra Hespanhola de Galés, determinou em Conselho de Guerra retirar-se em quanto era tempo, por não se expôr a perder o Exercito. Felizmente Drake tinha ganhado Cascaes por traição do Governador, e alli se embarcárão os Inglezes com grande precipitação, e se dirigírão a Vigo, que destruírão, e o Paiz circumvizinho, e por ultimo chegárão a Inglaterra no principio de Julho, tendo perdido por doenças, fomes, e combates metade do seu Exercito; e de mil e cem Voluntarios Nobres, que nelle servião, apenas escapárão trezentos e cincoenta. E ainda a perda

seria maior, senão encontrassem na viagem a Esquadra do Conde de Cumberland, que lhes deo algumas provisões.

1590 — A 8 de Maio (1) partio de Lisboa para a India o Vice-Rei Mathias de Albuquerque com huma Esquadra de cinco Náos, embarcado no Bom Jesus, em que hia o Piloto Mór Vicente Rodrigues, huma das maiores Náos d'aquelle tempo: os outros Commandantes erão, Lopo de Pina, na Náo Conceição; João Lopes de Azevedo, na Santa Cruz; Pedro Gonçalves no S. João; e Alvaro de Paiva no S. Filippe.

As ultimas quatro Náos desta Esquadra arribárão a Lisboa, só o Vice-Rei chegou a avistar a Costa da India, mas não a podendo tomar, nem menos Mascate, ou Ormuz, surgio na Ilha de Socotorá, e faltando-lhe a amarra, tentou hir a Moçambique, e as correntes o levárão quasi sobre o baixo de João da Nova, de que o livrou huma mudança de vento, e assim tomou Moçambique a 10 de Janeiro de 1591, tendo perdido por doenças a maior parte da gente; e sahindo d'alli em Março em algumas Galeotas, entrou em Goa a 15 de Maio; pouco depois chegou a sua Náo, que ficára em Moçambique invernando.

A 19 de Outubro partírão para a India, Ruy Gomes da Gran, no Galeão S. Lucas; Diogo Pereira Tibáo, na Naveta Santo Espirito; e Gaspar Fagundes, na Caravela Santa Catharina.

O Galeão desappareceo na viagem; a Naveta foi tomada pelos Inglezes ao terceiro dia da sua sahida; só a Caravela chegou a Moçambique, e em Setembro do anno seguinte entrou em Goa.

O Governador da India Manoel de Sousa Coutinho, não vendo chegar este anno nenhum navio do Rei-

(1) Epilogo de Pedro Barreto — Faria, Asia Portugueza — Discursos sobre los Commercios — Decada 11 supplementaria Capitulos 12, e 14.

no expedio para Portugal a Náo S. Francisco dos Anjos, construida naquelle Estado, a qual se veio perder em Moçambique.

1591 — A 4 de Abril (1) sahio de Lisboa a Esquadra da India, commandada por Fernando Furtado de Mendonça, embarcado em a Náo Madre de Deos; e os Commandantes das outras erão Simão Vaz Velho, do S. Bartholomeu; Julião de Faria Cerveira, do S. João; Antonio Teixeira de Macedo, da Santa Cruz; João Trigueiros, do S. Christovão; e D. Francisco Mascarenhas, do S. Luiz, com destino a Malaca.

Esta Esquadra chegou a Goa por todo o mez de Setembro.

1592 — A Esquadra da India (2) constou de cinco Náos, seu Chefe Francisco de Mello, embarcado no Santo Alberto; e os outros Commandantes, Sebastião de Alvellos, no S. Paulo; Luiz de Souto, na Conceição; Nuno Rodrigues de Tavora, no S. Pantaleão; e Braz Correa, na Nazareth.

Partio a Esquadra de Lisboa a 7 de Abril; e arribárão com avarias ao Porto da sahida o S. Paulo, e a Conceição. As outras Náos chegárão a Goa nos fins de Setembro.

1592 — A 10 de Janeiro deste anno sahírão da India para Portugal as Náos Bom Jesus, S. Bartholomeu, Madre de Deos, Santa Cruz, e S. Christovão; esta ultima chegou a Lisboa a salvamento.

O Bom Jesus, em que se embarcou o Governador Manoel de Sousa Coutinho com toda a sua familia, naufragou nos baixos do Garajáos, sem escapar pessoa alguma. O S. Bartholomeu desappareceo na viagem,

(1) Epilogo de Pedro Barreto — Faria, Asia Portugueza — Discursos sobre los Commercios. — Decada 11 supplementaria, Cap. 14

(2) Epilogo de Pedro Barreto. — Discursos sobre los Commercios. — Faria, Asia Portugueza. — Decada 11. supplementaria, Cap. 21.

sem saber-se onde, nem como. A Madre de Deos, e a Santa Cruz, chegando separadas aos Açores, forão encontradas pela Esquadra Ingleza do Capitão Norton, composta de sete navios: o Commandante da Santa Cruz, querendo salvar a gente, e a carga, encalhou na Ilha das Flores no dia 9 de Julho, e depois de desembarcar tudo quanto lhe foi possivel, pôz fogo á Náo. A Madre de Deos, cercada dos navios Inglezes, se defendeo com valor desesperado por quasi hora e meia, e por ultimo rendeo-se a 19 de Agosto a forças tão superiores.

1591 — A Esquadra da India (1) foi este anno de cinco Náos, commandada por D. Luiz Coutinho, embarcado no S Filippe; e os outros Commandantes erão, João Lopes de Azevedo, no S. Francisco; Lopo de Pina, no S. Bartholomeu; Antonio Teixeira de Macedo, no S. Christovão; e Pedro Gonçalves no S. Pedro.

Sahio de Lisboa D. Luiz Coutinho a 4 de Abril, e chegou com a sua Esquadra a Goa nos fins de Dezembro.

1593 — A 2 de Janeiro deste anno (2) partio de Cochim para Lisboa Francisco de Mello na Náo Chagas, acabada de construir em Goa, e debaixo do seu commando vinhão as Náos Nazareth, Santo Alberto, e S. Pantaleão. Esta ultima chegou a salvamento a Portugal.

A Nazareth, Commandante Braz Correa, sahio de Goa tão sobre-carregada, que dando-lhe hum tempo em 15° de Latitude Sul, abrio tal quantidade d'agua pelos delgados da pôpa, que se não podia vencer ape-

(1) Epilogo de Pedro Barreto. — Faria, Asia Portugueza. — Discursos sobre los Commmercios — Decada 11, supplementaria ás de Diogo do Couto, Cap. 27.

(2) Historia Tragico-Maritima, tomo 2. — A mesma Decada supplementaria, Capitulos de 12 até 26.

sar das diligencias do Commandante, e mais Officiaes, que erão dos melhores d'aquella carreira, e já tratavão de varar na primeira terra que achassem, mas a final tomárão Moçambique a 24 de Março; e descarregando a Náo para ser carenada, a achárão tão comida do gusano, e podre, que ficou condemnada.

A Náo Santo Alberto, commandada por Julião de Faria Cerveira, vinha mui rica, e sobre-carregada, como succedia a quasi todas. Trazia de Passageiros Nuno Velho Pereira, Governador que fôra de Sofala, seu sobrinho Francisco Velho Pereira, Francisco da Silva, João de Valladares Soutomaior, D. Francisco de Azevedo, Francisco Nunes Marinho, Gonçalo Mendes de Vasconsellos, Antonio Moniz da Silva, Diogo Nunes Gramacho, Commandante que havia sido da Náo S. Luiz, Antonio Godinho, Henrique Leite, D. Isabel Pereira, viuva de Diogo de Mello Coutinho, Governador de Ceilão, com sua filha D. Luiza de Mello, de dezeseis annos de idade, e os Padres Fr. Pedro da Cruz, da ordem de Santo Agostinho, e Fr. Pantaleão da de S. Domingos, álem de outras pessoas de menos distincção. Era Piloto Rodrigo Migueis, Mestre João Martins, e Contra-Mestre Custodio Gonçalves.

Com vento largo, e bonançoso chegárão á Latitude de 10° Sul, onde a Náo abrio huma agoa de pouca consideração; e em 27° passou o vento ao Sul, o que obrigando a metter de ló, augmentou a agua, e para maior desastre forão tocar na ponta do Sul da Ilha de S. Lourenço, em que a Náo deo huma pancada tão forte, que rendeo o gorupés; o que logo se remediou. Daqui navegando com bom tempo, avistárão a 21 de Março a Terra do Natal por 31° 30′, e seguindo ao longo d'ella, estando no dia seguinte por 32°, passou o vento a Oeste bonança, com o qual virarão no bordo do mar. Sobre a madrugada, cresceo a agua excessivamente, e

achárão que entrava por baixo de huma caverna nos delgados da pôpa. Fez o Commandante conselho com os seus Officiaes, e assentárão em cortar huma porção da caverna, para se tomar a agua, o que com effeito fizerão, e conseguírão vedalla momentaneamente; porque pouco depois começou a fazer tanta, que em breve se virão com oito palmos de agua no porão.

Armárão-se bombas, e gamotes (já adverti, que as Náos não trazião ainda senão duas bombas), e alijou-se ao mar quanto vinha no convez, e nos paioes das drogas, mas a agua crescia sempre, e ao anoitecer tinha doze palmos d'ella no porão, e as bombas entupírão-se com a pimenta. Nuno Velho Pereira, dando exemplo aos outros Fidalgos, e soldados, desceo ao porão, e trabalhou com tanta actividade em encher os barris dos gamotes, que isto foi causa de não hir a Náo a pique. Ao amanhecer do dia 24, vio-se a terra perto com grande alvoroço de todos, e alijando ao mar quanto vinha no castello, e na pópa, largárão as gavias, e a cevadeira, hindo a Náo já arrastando as mezas pela agua. Nuno Velho, sempre acautelado, lembrou ao Commandante que fizesse metter em pipas as armas, e munições de guerra, que lhe serião depois bem necessarias, como succedeo.

Estando já proximos da Costa, mandou o Mestre cortar os mastros, os quaes em cahindo, derão ousadia a muitos homens para se lançarem sobre elles, cuidando chegarião assim primeiro a terra; porêm como elles estavão ainda presos por muitos cabos, que pela força, e confusão se não poderão cortar, vierão contra o costado impellidos das ondas do rolo da praia; e alli acabárão muitos homens, huns affogados, outros espedaçados. Pelas dez horas da manhã encalhou a Náo na distancia de quatrocentos passos da Costa; e como estava toda podre (segundo se vio depois quando a

quilha veio á praia, que Nuno Velho arrancou pedaços d'ella com huma bengala) despegárão-se as cobertas superiores do resto do casco, e corrêrão até encalharem perto da terra. Deitarão-se logo ao mar, os que melhor sabião nadar, alguns dos quaes se affogarão atropelados da ressaca do mar, que rebentava nos penhascos, e da muita madeira que boiava. Estavão entretanto no castello de proa o Commandante, o Piloto, e o Mestre com a maior parte da guarnição; e na pôpa Nuno Velho com D. Isabel, e sua filha, e outras pessoas distinctas, esperando alguma occasião opportuna para desembarcarem a salvo, o que nas circumstancias actuaes não era possivel.

Chegada a noite, separou-se a pôpa da proa, e foi encalhar na praia mui direita: era isto na vazante, e temendo Nuno Velho, que quando voltasse a maré, arrastasse para o mar aquelle pedaço da Náo, mandou a Diogo Fernandes seu criado, bom nadador, e animoso soldado, com hum cabo na boca, o qual foi amarrar a huns penedos; e depois desta manobra saltou sem perigo em terra muita gente. Logo que a maré começou a encher, alando-se o cabo, chegou-se a pôpa tanto a terra, que na outra vazante, ao amanhecer do dia 25, desembarcárão a pé enxuto Nuno Velho, e todas as Senhoras, Fidalgos, e soldados que alli estavão (1).

Reunidos finalmente em terra os naufragantes, depois de darem a Deos as devidas graças, passou-se mostra á guarnição, a qual constava no momento do naufragio de cento e cincoenta e tres Portuguezes, e cento e noventa e quatro escravos: achárão-se cento e vinte e cinco dos primeiros, e cento e sessenta dos segundos;

(1) O logar, em que naufragou esta Náo, he chamado ainda hoje o Penedo das Fontes, situado em 33° 14′ de Latitude Sul, e distante perto de duzentas leguas ao Sudoeste da Bahia da Alagoa.

havendo por consequencia perecido vinte e oito Portuguezes, e trinta e quatro escravos. O resto do dia passou-se a enxugar o fato, e descançar do trabalho.

No dia 26 mandou o Commandante ao Mestre, e Contra-Mestre com alguns marinheiros aos pedaços da Náo, para recolherem os mantimentos, e as armas que achassem, e mandou soldados pelas praias, onde o mar hia arrojando muita coisa; e com effeito colhêrão-se tres barris de polvora, que se refinou com hum barril de vinagre; algumas espingardas, rodelas, e espadas, caldeirões de cobre, e hum pouco de arroz; que tudo se poz a bom recado. Para se defenderem dos Cafres do Paiz, intrincheirárão-se o melhor que poderão; e das ricas fazendas, que o mar botava em terra, fizerão barracas, em que se abrigassem do calor do Sol, e do frio das noites, que he grande naquella Região.

No dia 27 determinou-se eleger novo Commandante, e para este fim nomeárão os soldados dez eleitores, que forão o proprio Commandante da Náo Julião de Faria Cerveira, Francisco da Silva, João de Valladares Soutomaior, Francisco Pereira Velho, Gonçalo Mendes de Vasconcellos, Francisco Nunes Marinho, Fr. Pedro da Cruz, e Fr. Pantaleão. Os marinheiros nomeárão o Piloto, e o Mestre. A huns e outros eleitores se derão amplos poderes, jurando todos de haverem por boa a eleição que elles fizessem. Sahio eleito por commum accordo Nuno Velho Pereira, que recusou, instando para que se continuasse o commando a Julião de Faria, que sempre se havia comportado bem, e offerecendo-se a auxiliallo com os seus conselhos; mas foi obrigado a acceitar; porque todos protestárão, que no caso contrario se dividirião em destacamentos, e cada hum seguiria o caminho que bem lhe parecesse. Esta ameaça, que posta em execução, causaria a ruina de todos, venceo a repugnancia de Nuno Velho, e ju-

rando cumprir com as obrigações do seu novo Cargo; recebeo o necessario juramento de obediencia da guarnição.

De tarde foi o Mestre á Náo, e trouxe algumas armas, e tres fardos de arroz, que se entregarão a Nuno Velho, o qual de noite mandou deitar fogo ao casco, para aproveitar as ferragens, unica moeda com que se commercêa naquelles Paizes. No dia 28 se colhêrão outras armas, dois fardos de arroz, hum barril de carne, dois de vinho, quatro de biscoito, alguns outros de azeite, e muitos de conservas; assim como hum caixão de Julião de Faria com vinte e sete peças de prata, dezesete de ouro, e alguns escriptorios cheios de rosarios de cristal, que elle entregou a Nuno Velho, e por ordem deste se guardou.

Neste mesmo dia o Ancosse, ou Regulo do Paiz, chamado Luspance, veio visitar Nuno Velho, acompanhado de sessenta homens, todos cobertos de capotes de pelles de bezerro com o pêlo para fora. Alli lhe deo conta Nuno Velho do seu naufragio, e o convidou com vinho, e doce, de que o Negro folgou muito, e prometteo mandar no dia seguinte hum dos seus para ensinar onde havia agua, de que os Portuguezes tinhão necessidade; e recebendo hum escriptorio dourado da China, e huma bacia de latão cheia de pregos, se retirou satisfeito, dando a Nuno Velho dois carneiros, que logo se matárão, e repartirão por todos.

No dia 29 tratou Nuno Velho de organizar a guarnição, de que encarregou Julião de Faria; e em quanto ao governo economico, nomeou Provedor a Diogo Nunes Gramacho, e Thesoureiros o Mestre, e Fr. Pedro, aos quaes se entregárão todas as peças de prata, e ouro, e mais coisas proprias para o commercio; e determinou, que todas as commutações se fizessem com assistencia de Antonio Godinho, por ser mui experiente

no trafico dos Cafres. Julião de Faria dividio os soldados em esquadras, nomeando para seus cabos Francisco da Silva, João de Valladares, e Francisco Pereira; e dos marinheiros fez outras tantas esquadras governadas pelo Mestre, Piloto, e Contra-Mestre. Repartírão-se pelos soldados todas as armas, que se havião salvado do naufragio, e consistião em doze piques, vinte e sete espingardas, cinco mosquetes, e algumas espadas, e rodelas. Entregou-se aos Artilheiros a polvora já refinada, a qual se metteo em bambús forrados de couro; e fizerão-se sacos para levar mantimento, e o cobre de huma caldeira, e de seis caldeirões, que se reduzírão a pedaços. Dos escriptorios, e peças de ouro, e prata achadas no caixão de Julião de Faria, fez este donativo aos soldados, para as venderem no primeiro Porto a que chegassem, e repartir-se por elles o seu producto; o que se verificou em Moçambique, aonde se vendêrão por mil e seiscentos cruzados. Proverão-se tambem aqui de agua para a jornada, porque a terra he falta de fontes, ainda que abundante de ribeiras.

A 31 de Março fez-se conselho sobre o caminho, que se deveria seguir: o maior numero votou pelo caminho ao longo da Costa, porêm Nuno Velho mostrou com os exemplos das Náos S. Thomé, e S. João naufragadas na Terra dos Fumos, muito mais proxima da Bahia de Lourenço Marques, que se devião evitar as funestas consequencias d'aquelle caminho, em que as guarnições das duas Náos se consumírão com fomes, sedes, e doenças, tudo produzido pela ruindade, e aridez da parte maritima d'aquella Região; e que portanto devião dirigir a sua marcha pelo sertão, no que todos concordárão. Em huma segunda visita, que lhes fez Luspance, pedio-lhe Nuno Velho guias, que o conduzissem aos Estados de outro Ancosse visinho, as quaes elle prometteo.

Nessa noite mandou Nuno Velho dar hum rebate falso, e ficou satisfeito da presteza, e actividade com que todos acudírão a occupar os postos que lhes estavão determinados. No 1.º de Abril mudou-se o Campo, e foi occupar hum valle, onde chegou Luspance com os guias, e duas vaccas, e dois carneiros, que vendeo por tres pequenos bocados de cobre; e Nuno Velho, para imprimir nos Cafres hum salutifero terror, mandou matar as duas vaccas á espingarda, o que lhes causou tal espanto, que o mesmo Ancosse fugiria, se elle lhe não travasse do braço. A muita agua, que cahio de noite, não permittio começar-se a marcha no dia seguinte, como estava determinado, porque foi necessario enxugar as tendas, e o fato.

A 3 de Abril, pelas nove horas da manhã se poz em movimento o Arraial: hia na vanguarda Julião de Faria com o Piloto, e hum guia, seguia-se Nuno Velho com Luspance, e os outros guias; e apôs elle o resto da gente. D. Isabel Pereira, e sua filha hião em catres aos hombros de escravos, assim como alguns Portuguezes feridos, dos quaes era hum Francisco Nunes Marinho; e deixou-se alli hum Negro pequeno com huma perna quebrada, dando algum cobre aos Cafres para o recolherem, e curarem, o que promettêrão fazer. O Piloto, marcando a direcção do caminho que seguião, achou que hia a Nornordeste. Era este caminho por huma fresca varzea cheia de feno, e marchando por elle de vagar, chegárão ás tres horas a hum valle, por onde corria huma bella ribeira, que se communicava com hum Rio, e este com o mar, e por conselho do guia fizerão aqui o primeiro alto, alojando-se ao longo da ribeira, e das espessas matas, que occupavão o valle.

No dia 4, buscando váo para passar aquelle Rio (que era o do Infante) encontrárão dois Negros, aos

quaes pedio Luspance, que os guiassem ao seu Ancosse, e serião bem pagos, o que acceitárão; e Nuno Velho deu a cada hum seu rozario de contas de cristal. Mostrárão os Negros o váo, que se passou com agua pelo joelho, por ser a maré vazia. Havia neste Rio muitos cavallos marinhos, e muitas adens; e passados todos á outra margem, se despedio Luspance com os seus Negros. Continuárão os Portuguezes a marcha com os dois novos guias por huma encosta acima, coberta de espesso arvoredo, e do alto d'ella entrárão em huma aprazivel campina ladeada de outeiros, cheios de bosques, que hia finalizar em hum monte alto, e redondo, cuja subida os cançou muito. Como os guias declarárão, que o logar, em que pertendião pousar, estava muito longe, mandou Nuno Velho fazer alto em hum valle, a que se desceo, onde havia muita lenha, e huma ribeira de excellente agua. Caminhárão-se neste dia duas leguas ao Nornordeste, cuja direcção foi a mesma por muitos dias; dizendo os guias, que por ella acharião sempre povoado com mantimentos, agua, e lenha. Alojada a gente, pedírão elles licença para hirem aquella noite á sua Aldeia, e trazerem no dia seguinte algumas vaccas, a qual Nuno Velho concedeo, promettendo comprallas por bom preço.

A 5 voltárão os Cafres com oito vaccas, que vendêrão por alguns pedaços de cobre. O caminho deste dia foi por viçozas planicies cobertas de feno mui alto, e retalhadas de ribeiras; e ao Sol posto fizerão alto ao longo de huma ribeira sombreada de basto arvoredo, onde matárão duas vaccas, que se repartírão por todos em quinhões iguaes, como se praticava sempre. De noite choveo muito, por ser já o mez de Abril principio de Inverno naquelle Paiz; e alli deixárão huma velha escrava India, que não podia andar.

No dia 6 caminhárão pouco, por causa da chuva;

ainda que o caminho foi como o antecedente por planicie abundante de pasto, e de agua; e se alojárão ao longo da ribeira, em que havia quantidade de lenha.

A 7, depois da gente comer (o que se fazia de madrugada), continuou se a marcha, e avistando humas casas, que pertencião aos dois guias, receosos estes de que lhes damnificassem as sementeiras de milho, que cercavão as suas habitações, tomárão outra direcção; o que percebendo Nuno Velho, mandou publicar pena de morte contra quem tocasse em alguma coisa pertencente aos nacionaes. Em consequencia, tornárão a metter-se no caminho, e forão alojar em torno das casas, onde comprárão algum milho; e se expedio aviso ao Ancosse, que habitava perto.

A 8 proseguiu-se a marcha por caminho igualmente bom, e pelas onze horas chegárão á Aldeia do Ancosse, que os sahio a receber com alguns Negros, e depois de cumprimentar a Nuno Velho, o foi acompanhando, deixando atraz a sua Aldeia, de que mandou vir tres vaccas, que vendeo por nove bocadinhos de cobre; e ás quatro horas da tarde acampárão em logar farto de agua, e lenha, onde se despedio o Ancosse. Matárão-se tres vaccas, que se distribuirão da maneira costumada. Aqui ficárão quatro escravos. Por estes campos havia abundancia de adens, perdizes, pombos, e outras aves.

A 9 encontrárão huma pequena Aldeia cercada de hum curral, em que havião cem vaccas, e cento e vinte grandes carneiros: vivia nella hum velho com seus filhos, e netos, os quaes recebêrão alegremente os Portuguezes, trazendo-lhes cabaços de leite, que á pressa ordenhárão. Comprarão-se-lhe quatro vaccas por huma insignificante porção de cobre. Continuando a marcha, achárão cinco Negros, entre os quaes vinha hum chamado Ubabú, que era irmão do guia, que Luspance

lhes dera; por cuja causa Nuno Velho o recebeo com gazalhado. Ao meio dia tomou o Piloto a altura do Sol, e achou estarem na Latitude de 32°, 6', e terem caminhado até alli dez leguas, segundo os rumos que havião seguido. A's quatro horas da tarde chegárão á Aldeia de Ubabú, que os fez alojar junto á sua casa; e lhes mostrou o seu gado, que consistia em duzentas vaccas, e duzentos carneiros grandes; e chamou as suas mulheres, que erão sete, com tres filhas, e alguns filhos, os quaes todos bailárão, com outros sessenta Negros que se ajuntárão. Acabada a festa, mandou Nuno Velho distribuir pelos rapazes, e raparigas algumas contas de cristal, e outras bagatellas, de que satisfeitos os pais, promettêrão quatro vaccas. Proximo a esta Aldeia se acampárão os Portuguezes ao longo de huma ribeira, em cujas margens abundava a lenha.

No dia 10, havendo Ubabú faltado á promessa, pedindo hum preço tal pelas vaccas, que não convinha dar-lho, se pozerão em marcha, tendo somente obtido huma vacca. De tarde fez-se alto junto de huma ribeira povoada de basto arvoredo; e querendo o guia, irmão de Ubabú, hir á sua Aldeia com promessa de volver no dia seguinte, não o consentio Nuno Velho, sem deixar outro Negro em refens.

A 12 passou Nuno Velho para a vanguarda, porque andava de vagar, e a outra gente poderia aturar o seu passo. Neste caminho passárão perto de huma Aldeia, em que comprárão huma vacca, e forão acampar em hum sitio abundante de agua, e lenha. Era costume dos Portuguezes metter de noite as vaccas no meio do alojamento, para que não as furtassem os Cafres; e tinha-se boa vigia com os guias, porque costumão fugir depois de pagos. Como os soldados hião cançados dos mosquetes, por serem mui pezados, mandou Nuno Velho, com parecer de todos, lançallos na ribeira.

No dia 12 marchárão por hum terreno pedregoso, ao qual sahírão os Negros a vender leite por pequenos pedaços de pregos; e por isso foi breve a jornada deste dia; e depois de alojados, vierão outros Cafres, que vendêrão tres vaccas por algum cobre, e hum delles se offereceo a servir de guia, a quem Nuno Velho deo a tampa de hum saleiro de prata.

A 13, antes de começar a marchar, veio o filho de hum Ancosse, que morava perto do Campo, acompanhado de vinte e oito Negros, ao qual Nuno Velho deitou ao pescoço a chave de hum escritorio, pendente de huma cadeia de prata; e o Negro disse, que vinha pedir-lhe da parte de seu pai, que passasse pela sua Aldea, ainda que torcesse alguma cousa o caminho, ao que Nuno Velho se recusou; e despedindo-se o Negro, fugio com elle o Cafre, a que se dera a tampa do saleiro, e ficárão sem guia; em cujo caso (e em outros similhantes) guiou o Piloto com a sua Agulha, dirigindo-se ao Nordeste. E subindo hum monte, achárão bom caminho, e mui povoado, a que vinhão os Negros com muito leite, e por tres, ou quatro tachas de bomba davão obra de seis canadas. Ao Sol posto chegárão a hum grande Rio, que pareceo ao Piloto ser hum dos tres marcados na sua Carta, por aquella altura dos quaes havião já passado o do Infante, e este deveria ser o terceiro, chamado de S. Christovão; e não terem visto o outro, seria por irem muito pela terra dentro, e elle penetrar menos. Este Rio levava muita agua, e corria mui furioso; mas vendo-se que algum gado o atravessava hum pouco acima d'onde estavão, o vadeárão naquelle lugar, posto que com trabalho, e molhados, sem accidente máo; e na outra margem passárão a noite, accendendo grandes fogueiras para se enxugarem.

A 14, seguindo a direcção, que marcava o Piloto, por caminho batido, ao longo do qual havião Aldeas,

de que sahião a vender leite, e humas fructas similhantes a melancias; sendo onze horas, e o Sol mui ardente, descançárão junto a huma ribeira sombreada de arvoredo, onde veio hum Negro bem acompanhado, trazendo diante de si perto de cem vaccas; e por estas circunstancias parecendo a Nuno Velho, que seria de maior qualidade que os outros Ancosses, mandou estender huma alcatifa fóra do Campo, em que o recebeo. Quiz o Negro saber quem erão os estrangeiros, e respondeo-lhe Nuno Velho, que erão Vassallos do poderoso Rei de Hespanha, e elle seu Capitão; que vindo em huma Náo para a sua patria, o deitára o mar naquellas terras, as quaes lhe convinha atravessar para chegar ao Inhaça, onde acharia embarcação em que partir. Apôs isto pedio-lhe guias, e mantimentos, e ambas as cousas lhe outorgou o Negro. Os guias forão dois filhos seus, com outros dois Negros, e os mantimentos duas vaccas. Nuno Velho deitou-lhe ao pescoço a mão de hum almofariz, e deo-lhe mais hum caldeirão pequeno, e humas contas de cristal, e tres rosarios a tres filhos seus. Este Negro parecia de oitenta annos, chamava-se Vibo, era de grande estatura, e mui azevixado. Sendo duas horas, despedio-se de Nuno Velho, deixando os dois filhos; e caminhando por terra plana, alojárão-se aquella noite debaixo de humas arvores, junto a huma Aldea, onde com licença se retirárão os dois irmãos, ficando os outros dois Negros, que tambem no dia seguinte se despedírão, receando o deserto.

A 15, que era Quinta Feira de Endoenças, se começou a marchar antes de sahir o Sol, por meio de formosos campos, e abundantes pastos; atravessarão-se duas ribeiras, e ao longo de outra se alojárão; e matárão duas vaccas, que se repartírão escaçamente, poupando-se outras duas, que ficárão para o deserto que havião atravessar nos tres dias seguintes, conforme dizião os Ne-

gros. Aqui celebrárão a Festa, como lhes foi possivel.

A 16 chegárão pelas onze horas a hum bréjo, onde havia huma pouca de agua turva, e nenhuma sombra; mas ás quatro horas passárão hum Rio largo com agua pelo joelho, e na outra margem alojárão; e como o mantimento era pouco, aproveitárão-se de humas raizes similhantes a nabiças, que erão mui doces, e se achárão por este caminho. Os escravos de Nuno Velho vinhão já mui cançados de trazerem a Dona Isabel, e a sua filha; e por isso ajustou com dezeseis grumetes, que por mil cruzados as levassem ao Rio de Lourenço Marques, cujo dinheiro elle lhes pagou em Moçambique.

A 17 subírão mui cedo com grande orvalhada a hum outeiro, e depois que sahio o Sol, subírão outros, que cançárão muito os Portuguezes, indo já quasi todos descalços; e subindo, e descendo sempre por caminho batido, e ao mesmo rumo, tiverão a Festa á sombra de hum denso arvoredo, por meio do qual corria huma ribeira. Descançando nas suas margens, appareceo hum Negro com duas mulheres, ao qual se mandou o Lingua, que o trouxe a Nuno Velho, e este lhe pedio fosse seu guia, e lhe pagaria bem; de que elle se escusou por causa das mulheres que levava. Continuou portanto a marcha até ao Sol posto, que se fez alto ao pé de hum monte, em que havia agua, e lenha.

A 18 subírão o monte, pelo qual achárão algumas raizes, e fructas bravas, que comêrão, e á sombra do arvoredo se abrigárão da calma. Ao meio dia observou o Piloto o Sol, e achou-se em 31° de latitude, cuja noticia alegrou a todos. Proseguírão logo seu caminho, e chegando ao cume de outro monte, não avistárão senão campos desertos, e alojarão-se aquella noite onde havia agua, e lenha. Aqui se resolveo enviar na manhã seguinte quatro homens a hum outeiro, que ficava ao

Sul, e outros quatro a outro outeiro, que demorava ao Norte, para examinarem se se descobria alguma Povoação; e que entretanto se mudaria o Arraial para hum valle, que distava meia legua, em que se percebia huma grande ribeira; e nella esperarião por elles, como se fez.

A 19 partírão os exploradores ao amanhecer, e ás dez horas voltárão os que forão ao Sul, que nada descobrírão; e ás onze chegárão os que forão ao Norte, e disserão, que em hum valle não muito longe enxergárão gente, e gado; o que causou geral contentamento. Passada a força da calma, começou-se a marchar pela margem da ribeira, buscando váo, que se achou, e passado este com agua pelo joelho, subírão hum monte, em cujas fraldas se matou huma lebre, e do alto delle vírão a gente, e o gado, que por ser já tarde, se hião recolhendo para a Aldea. Ordenou Nuno Velho, que o Mestre com Antonio Godinho, tres soldados, e o Lingua fossem examinar o que era; e mudou o alojamento para hum valle, a fim de o esconder dos Cafres, e não os espantar com a vista de tanta gente. O Mestre, e os seus companheiros, depois de marcharem legua e meia, chegárão a huma casa já de noite. Gritou o Lingua, pedindo licença para chegar, e hum Negro, que estava ao pé do fogo com sua mulher, e filhos, o apagou logo, e sahindo fóra, perguntou quem era? porque no accento conheceo ser estrangeiro. Respondeo o Lingua, que erão huns homens, que elle folgaria de ver, e tratar; mas o Cafre, sempre desconfiado, replicou, que chegasse elle só, o que o Lingua fez, e depois de fallarem ambos, forão os Portuguezes admittidos na casa daquella familia, que tornou a accender o seu fogo, e os hospedou com leite. O Mestre deo ao Cafre hum rosario de cristal, e lhe comprou hum Cordeiro, que logo se matou, e pôz a assar. Sobrevindo porém outros

nove Negros, os Portuguezes comêrão á pressa, e despedindo-se delles, voltárão para o Campo, onde entrárão de madrugada.

A 20, com a certeza de haver povoado, se pozerão cedo a caminho, e ás nove horas se achárão ao pé de hum monte, em que havião tres casas, junto a hum ribeiro, d'onde sahírão alguns Cafres a vender leite por tachas de bombas; e sabendo o Ancosse, chamado Inhancunha, da vinda dos Portuguezes, veio visitar Nuno Velho, que o recebeo do modo costumado, dando-lhe hum rosario de cristal, e outras cousas de pouco valor, de que ficou tão satisfeito, que prometteo guias, e offereceo huma vacca, a qual com outras seis que naquella manhã se comprárão, forão logo mortas, e repartidas para dois dias. De tarde comprarão-se mais dez vaccas por pedaços de cobre, e ao Sol posto se despedio Inhancunha para ir esperar Nuno Velho na sua Aldea, situada no alto do monte.

A 21 não se caminhou, para a gente ter tempo de descançar, e comprarão-se outras quatro vaccas, e muito leite, e milho. E como se soube pelas Aldeas, que estavão alli Portuguezes, acudírão muitos Negros aos ver, com os quaes ficárão dez escravos, receando a passagem de outro deserto. Nuno Velho, conhecendo quanto importava conservar o cobre, o ferro, e a roupa que houvesse no Arraial, para se pagarem os mantimentos, e os guias, e guardar algumas peças melhores, com que presentear os Ancosses, por cujas terras havia transitar; e sabendo que algumas pessoas compravão mantimentos sem ordem do Provedor, e Thesoureiro, com que se alteravão os preços, mandou fazer inventario de todo o cobre, e ferro, e mais generos que havia, obrigando todos com juramento a fazerem declaração do que tinhão, e a entregarem tudo áquelles dois Officiaes, a fim de

que se distribuissem as cousas com igualdade, e se poupassem para as necessidades.

A 22 pela manhã subírão o monte, em cujo cume os esperava o Ancosse, que deo a Nuno Velho dois Cafres para o guiarem, e tres para apascentarem, e domesticarem quatorze vaccas, que levavão, porque se espantavão com a vista dos brancos. Pelas duas horas descêrão o monte, e entrárão em terra plana coberta de grandes arvores, carregadas de huma fructa amarella como ameixas, e hum pouco acida, e desta fructa comêrão, e levárão muita colhida de huma só arvore. Passado este arvoredo, alojárão em hum campo abundante de feno, e com huma ribeira proxima.

A 23 continuou-se a marcha, passando por muitas Aldeas, cujos habitantes vendêrão muito leite, e milho por poucas tachas, e contas de cristal. Sub rão-se alguns outeiros, e havendo atravessado huma ribeira com agua pela coxa, fizerão alto ás onze horas até passar a força da calma, por irem cançados. Proseguírão depois seu caminho, que achárão mui povoado, por ser a terra mais fertil; e nos matos ha cravos tão aromaticos, e vermelhos como os de Portugal. Ao Sol posto acampárão junto de huma pequena Aldea, em que havia lenha, e agua; e de noite sobreveio huma rija trovoada de Oeste com muita chuva.

A 24 de madrugada subírão hum alto monte situado defronte do alojamento, e delle descêrão a huma campina cheia de povoações, pela qual caminhárão até ás onze horas, que chegárão a huma ribeira, que corria entre penedos, á sombra dos quaes passárão a calma. Aqui os vierão ver muitos Negros com mulheres, e meninos, que os festejárão bailando, e cantando: quasi todos erão fulos, e bem dispostos, e derão muito leite, e bolos de milho a troco de poucas tachas. Declinando o Sol, mar-

chárão os Portuguezes pelo mesmo campo, e chegando a outra ribeira, se recolhêrão a passar a noite debaixo de grandes arvores sem fructo, levando vinte e duas vaccas.

A 25 começárão a subir huma montanha, a primeira desta jornada, e chegando ao cume ás nove horas, achárão huma Aldea; e descendo a huma campina, caminhárão por entre casas até hum grande Rio, em que havião muitos cavallos marinhos, e os Negros dizião ser a mesma ribeira que deixárão aquella manhã, que fazia muitas voltas. Junto delle se assentou o Campo, e a troco de huma verruma, e alguns pedaços de cobre comprárão seis vaccas. Hum dos Cafres disse ao Lingua, que deixasse aquelle caminho, que por antigo, e cheio de serras estava em grande parte despovoado, e seguissem outro ao longo de huma serra, que ficava proxima, que não era tão ermo, e aspero. Esta opinião pareceo bem ao Piloto, por ser mais conforme a sua derrota; e dando-se conta a Nuno Velho, este deixou-lhe a escolha da eleição. Pedirão-se guias aos Cafres para este caminho, com promessa de boa paga, mas todos se recusárão, com temor do deserto que se havia atravessar. E para entrar nelle ao outro dia, se matárão, e distribuírão naquella noite duas vaccas, e restárão vinte e seis domesticas.

A 26, logo que amanheceo, começárão a caminhar para a serra, a que os Negros chamão Moxangála, a qual he mui viçosa, e tão abundante de agua, que em dois dias, que a costeárão, passárão vinte e tres ribeiras, de que tres erão mui caudalosas; e chegando ás quatro horas da tarde ao pé de huma elevação, se alojárão. Aqui vierão quatro Negros visitar os Portuguezes, e approvárão o caminho que seguião. Pedio Nuno Velho guias ao maioral delles, chamado Catina, e por hum castiçal de latão ajustou de as dar; e ficando

aquella noite no Campo, mandou dois dos seus a buscar vaccas para vender no outro dia, segundo dizia.

A 27 costeárão a mesma serra, e assomando em huma altura hum dos Negros, que havião ido buscar as vaccas, sem as trazer, fugio Catina, e o outro seu companheiro queria fazer o mesmo, porêm foi preso; e passado o seu primeiro susto, prometteo servir de guia pelo mesmo castiçal, indo amarrado. Continuou-se a marcha ao longo da serra, e passárão a calma á sombra de huns penedos, por meio dos quaes corria huma ribeira: de tarde marchárão ao Nordeste, e ao Sol posto acabárão de passar a serra, e chegárão a hum Rio, que corria impetuoso por entre hum grande bosque. Ao longo delle se estabeleceo o Arraial, e repartio-se mantimento para dois dias.

A 28 passou-se o Rio por algumas pedras grandes, que nelle havia, e marchando por terra chã, encontrárão outra serra, que vinha de Leste ligar-se com a de Moxangála, e entre ambas se abria hum valle, que corria ao Nordeste com caminho batido: por este marchárão em quanto durou o valle, e delle subírão outra serra, em cujo alto se desatou o Negro, e atravessando de salto hum regato, fugio. Ficárão os Portuguezes sem guia, e depois que descêrão do monte, e subírão outro todo de pedra, perdêrão nelle o trilho do caminho. Avistava-se d'alli huma campina coberta de excellente pasto, e no extremo della dois outeiros, que ficavão entre duas serras; e como os outeiros demoravão ao Nordeste, determinou o Piloto que se marchasse direito a elles, esperando achar sahida. Assim se fez; e alêm destes outeiros se encontrou huma ribeira, que corria por hum grande rochedo, ao pé do qual se alojárão sem lenha; e de noite soffrêrão huma trovoada com chuva.

A 29 ao amanhecer se passou a ribeira por cima dos penedos com agua pelo joelho. Alêm da outra mar-

gem era o terreno chão, com montes altos de hum, e de outro lado, cobertos de grandes, e viçosas arvores: a ribeira dava tantas voltas por aquella planicie, que naquelle dia a atravessárão cinco vezes. Pelas onze horas fizerão alto á sombra de grandes penhascos para passarem a calma, e abrandando esta, continuárão a marcha, e forão-se alojar em huma penedia, em que crescião algumas arvores, e alli passárão a noite com muita chuva, e vento.

A 30 subírão pela manhã hum monte, a que se seguia terra plana, e depois desta passárão huma ribeira caudalosa entre dois montes, a hum dos quaes forão os Portuguezes na esperança de descobrir povoado, e não o vendo, tornárão a descer mui tristes por hum caminho batido, que vírão, e em hum valle, em que havia agua, e lenha, se acampárão pelas tres horas.

No primeiro de Maio metterão-se por hum bosque tão alto, e tão espesso, e cepado, que sendo o dia ventoso, e chuvoso como a noite antecedente, não se sentia cousa alguma; e ao longo de hum ribeiro, que o atravessava, pousou o Arraial, com determinação de se não fazer mais longa marcha, por causa do máo tempo. Tomou-se porêm o Sol ao meio dia, e achou-se a latitude de 27° 53', noticia que alegrou a todos, e muito mais porque o Piloto affirmava, que havião passado o mais aspero, e fragoso daquella terra, pelo que devião esforçar-se os fracos a caminhar para se chegar ao Rio de Lourenço Marques no fim de Junho, que era o tempo em que delle partia o navio de Moçambique. Fundava-se Rodrigo Migueis em que a latitude achada era a do extremo da Terra do Natal (1), que he o ponto

(1) Esta latitude da ponta do Norte da Terra do Natal concorda, com muito pouca differença, com a que lhe assignão as melhores Cartas modernas. Os Naufragantes havião caminhado até aqui mais de cem

mais alto de toda a Costa, e por isso ha naquella paragem grandes frios no mar, e muito maiores trovoadas.

A 2 pela manhã cessou o máo tempo, e marchárão por huma encosta acima, da qual descerão a huma planicie, e desta subírão alguns montes, e em hum delles descançárão, sem acharem agua: aqui ficou expirando Alvaro da Ponte, e no mesmo estado dois escravos, e huma escrava. Passada a calma, continuando a marcha por hum longo valle, se achou huma grande ribeira, junto da qual se alojárão já quasi noite. E vendo o Piloto, que para o Nornordeste ficavão humas serras altas cobertas de neve, determinou dirigir-se a Lesnordeste, como fez na jornada seguinte.

O dia 3 foi mui trabalhoso, por ser necessario subir muitos outeiros, e hum monte alto, do cume do qual se virão para Lesnordeste quatro fumos, que muitos cuidárão serem de alguma povoação; mas erão de caçadores. Fez-se alojamento em hum valle, junto a huma ribeira, em que abundava a lenha.

A 4 subirão hum pequeno outeiro coberto de feno tão basto, e alto, que se não vião huns aos outros. Descendo delle a huma planicie, achárão o mais caudaloso Rio, que até alli havião encontrado: corria do Norte ao Sul, e para se achar o váo, foi o Piloto por elle a baixo com hum companheiro, e o mesmo fizerão outros dois homens por elle acima; mas o melhor váo, que se encontrou, foi onde o Arraial estava, porque fazendo naquelle lugar huma Ilhota, dividia-se em dois braços, e corria com menos furia. Passárão primeiro dois homens com piques na mão, dando-lhes a agua pelo peito, e voltárão outra vez para ensinarem o caminho. Or-

legoas, sem alteração da boa ordem, e disciplina; caso bem raro em taes circunstancias!

denou-se logo, que entrassem na agua os homens mais fortes, e de huns a outros se atravessassem piques, e pegados a elles passárão os mais fracos, e as mulheres. Os doentes forão levados aos hombros nos catres de Dona Isabel, e de sua filha, as quaes atravessárão o Rio levadas de braço por Francisco da Silva, e João de Valladares; e do mesmo modo passou Nuno Velho. Gastou-se todo o dia nesta operação, e chegados todos á outra margem, fizerão grandes fogueiras, em que se enxugárão; e armando as suas tendas debaixo de copadas arvores, passárão assim a noite, havendo antes colhido pelo mato muitos murtinhos, e maçãs de anafega.

A 5, logo que amanheceo, subirão hum monte, e depois outros, e passárão a calma á sombra de humas arvores, refrescando-se com melancias que por alli havia. Neste tempo apparecêrão tres Negros em hum alto: mandou Nuno Velho a elles hum escravo seu, que entendia alguma cousa da lingua do Paiz, o qual os trouxe comsigo. Saudárão elles a Nuno Velho com palavras differentes das que usavão os outros, e disserão que o povoado estava perto, e hum delles foi chamar outros oito, que ficárão detraz do outeiro. Reunidos todos com os Portuguezes, e tendo diminuido a calma, caminhárão de companhia, e sendo já tarde, disserão os Negros, que visto não poderem alcançar naquella noite o povoado, pernoitassem nas suas casas, o que pareceo bem a Nuno Velho, e elles guiárão para hum valle mui fundo, coberto de mato espinhoso, que mais parecia habitação de feras, que de gente, o que fez prevenir as armas aos Portuguezes, suspeitosos de alguma traição. Com tudo seguirão os Cafres, e entre huns altos, e asperos rochedos virão seis casaes, em que elles vivião com suas mulheres; e aqui se alojárão com a costumada vigia.

Os Negros, vendo que lhes era impossivel roubar algum gado, que era só o que intentavão, porque desse

exercicio, e da caça que matavão, he que vivião naquelle deserto, temendo-se do castigo que merecião, fugirão aquella noite levando suas mulheres, e algum milho que tinhão, deixando sómente nas casas laços, e armadilhas.

A 6 pela manhã, descobrindo-se a fuga dos Negros, mandou Nuno Velho, que o Piloto marcasse o caminho, e este o dirigio a Leste; e tendo-se marchado algum espaço, sem se ver povoado, enviarão-se alguns homens a dois montes, que demoravão hum a Leste, e outro ao Nordeste; mas nem huns, nem outros descobrirão cousa alguma. Começarão-se com isto a amotinar os mais impacientes, reprovando o caminho do sertão por deshabitado, e pedindo a vozes, que os levassem ao mar. O Piloto, e o Mestre lhes mostrárão, que a sua derrota era a mais breve para o mar; o que sendo approvado por Nuno Velho, se aquietárão; e marchando por aquelle rumo, derão em hum caminho trilhado, que seguirão de vagar até á noite, que se alojárão ao longo de huma ribeira, em que havia pouca lenha, e muito feno.

No dia 7 caminhárão toda a manhã por caminho seguido, que perdêrão de tarde em hum valle, e tornárão a achar outro em hum dos montes, que subirão, tendo visto ao meio dia de longe dois Negros, que fugirão. Passou-se a noite no meio de hum bosque sem agua, onde se acabou o deserto, havendo ainda no Arraial doze vaccas.

A 8, começando a caminhar, encontrárão quatro Negros, que com outros muitos já tinhão descoberto aos Portuguezes, mas não ousavão chegar-se. Mandou Nuno Velho a elles Antonio Godinho com o Lingua Antonio, e dando-lhes huns pedaços de cobre, vierão ao Arraial mais de cincoenta, e os principaes derão boas informações da fertilidade, e povoação do Paiz; e che-

gando ao ponto, em que o caminho se dividia em dois; que conduzião a duas differentes Aldeas, disputárão entre si os Cafres a qual delles irião primeiro os Portuguezes; porêm socegarão-se com alguma cousa que se lhes deo, e a certeza de que se comprarião as suas vaccas; e logo todos cantando, e bailando se encaminhárão para hum valle de muito arvoredo, e agua, onde por ser já tarde, e a Aldea ficar dalli meia legua, se assentou o Arraial. Mas os Negros concorrêrão com muito milho, legumes, leite, e manteiga, que vendêrão por poucas tachas, e pedaços de pregos. Estes Cafres erão bem dispostos, e mais verdadeiros, e azevixados que os outros do Sul, e entre elles vinhão alguns mancebos vestidos de esteiras de tabúa, que he traje de moços nobres. Pelas duas horas depois da meia noite chegou hum Negro chamado Inhanze, filho do Regulo daquelle Paiz, com huma vacca de presente a Nuno Velho; e hum recado de seu pai, em que se desculpava de não o vir logo visitar, o que faria pela manhã. Nuno Velho respondeo agradecendo o obsequio, e deo-lhe hum pedaço de cobre, e hum prego, com que se foi contente.

Pareceo conveniente a Nuno Velho demorar-se neste valle os dias 9, e 10, tanto para a gente descançar da jornada, como para se prover de vaccas. O que sabido pelos Cafres circumvisinhos, trouxerão muita farinha, gergelim, leite, manteiga, gallinhas, e carneiros em tanta quantidade, que sobejavão no Campo, e já não havia quem quizesse comprar cousa alguma, sem ser necessario matar vaccas, antes se comprárão mais vinte e quatro por pequena porção de cobre. Pelas onze horas chegou o Ancosse, chamado Mabomborucassobelo, acompanhado de cincoenta Negros de zagaias, trazendo comsigo sua mãi. Nuno Velho os recebeo com a devida cortezia; e assentando-se todos tres em huma alcati-

fa, lhe relatou a historia do seu naufragio, e concluio dizendo, que por ter noticias suas, levadas pela fama, fizera de proposito caminho pelos seus Estados só a fim de o ver. Ficou o Ancosse mui vão com este cumprimento, e prometteo-lhe guias, e tudo quanto houvesse nas suas Aldeas, o que Nuno Velho agradeceo dando-lhe a tampa de hum caldeirão, e hum ramo de coral, e a sua mãi humas contas de cristal. E sendo horas, jantárão com elle, e ás tres se retirárão com toda a sua comitiva. O Piloto tomou a altura do Sol, e achou 29°. 45′ de latitude.

A 11 partírão deste valle, a que derão nome da Misericordia, deixando nelle quatro escravos, e levando dois guias, que o Ancosse deo a Nuno Velho, despedindo-se delle aquella manhã. Dirigio-se o caminho ao Nordeste, e subindo hum monte, cuja descida era de pedra, achárão no valle tres Aldeas, e passadas estas, e mais hum ribeiro, e hum monte, em que comprárão duas vaccas, chegárão já tarde a outro monte, e descendo-o por entre mato espinhoso, encontrárão huma serra, que vinha do Nordeste ligar-se com o monte, no qual lhes anoiteceo com grande escuro, e por isso não descêrão ao valle, onde havia agua; e acampárão sem ella.

No dia 12 acabárão de descer o monte ás dez horas, e seguindo por hum valle sombreado de arvoredo, vadeárão huma ribeira com agua pela coxa; e como nella acabavão os Dominios daquelle Regulo, despedio Nuno Velho os guias que trazia, e mandou chamar outro, cujo nome era Mocongolo, a quem pertencia o territorio em que se achava, o qual veio logo visitallo com huma vacca de presente, e deixando-lhe outros guias, se retirou para o esperar na sua Aldea. Continuou-se a marcha, e foi-se estabelecer o alojamento ao longo de huma fresca ribeira, que corria por hum valle entre altos penedos, cobertos de grandes, e copadas arvores.

A 13 descançárão os Portuguezes neste ameno sitio, e derão á ribeira o nome das Flores Formosas.

A 14 partírão com dois guias, e fazendo alto pelas onze horas debaixo do arvoredo, para passarem a calma, vierão as mulheres dos guias com dois cabaços de excellente manteiga, que vendêrão por algum cobre, a que Nuno Velho accrescentou dois meios rosarios de cristal, com que ellas, e seus maridos ficárão contentissimos. E como não havia alli agua, hum dos Negros a foi buscar a huma fonte, a primeira que os Portuguezes tinhão visto na sua jornada. Passado o ardor da calma, continuárão por hum bom caminho, onde comprárão hum cabaço de favos de mel, que se repartio igualmente por todos; e pouco antes de anoitecer se alojárão em hum fresco valle, mettido entre grandes rochedos, e povoado de quinze Aldeas, das quaes vierão muitos Cafres com mantimentos.

A 15 rodeárão hum daquelles rochedos, dirigindo-se ao Sueste, e passada huma ribeira, voltárão outra vez para o Nordeste até ás dez horas, que estando descançando, vierão mais de quinhentos Negros com mantimentos, aos quaes se comprárão seis vaccas, muitos bolos de milho, leite, manteiga, e mel, a troco de cousas de pouco valor. Com estes Cafres vinha o seu Ancosse Gogambampolo, que apresentou a Nuno Velho huma vacca, e hum seu filho outra, recebendo em retorno dois pedaços de cobre, e dois pregos grandes. Continuárão os Portuguezes seu caminho por huma campina coberta de alto feno, e alojarão-se junto a huma ribeira.

A 16, em sendo manhã, continuárão a marcha, e ás 10 horas chegárão a huma pequena ribeira, em cujas margens havião trinta Aldeas, de que sahírão logo muitos Negros a ajudar os Portuguezes a passar a ribeira. Como as Aldeas da margem opposta pertencião a outro

Ancosse, veio este visitar a Nuno Velho com huma vacca, e recebendo em retorno hum pedaço de coral, dois de cobre, e humas contas de cristal, deo licença aos seus para venderem o que quizessem (que sem ella não o podem fazer); mas como tardárão, adiantarão-se os Portuguezes, e forão alojar-se em outro sitio abundante de agua, onde matárão das suas vaccas, como fazião quando era necessario.

Postos em marcha a 17, como o caminho era bom, andárão duas leguas até ás onze horas, e descançando, virão em hum outeiro cinco Negros, aos quaes foi fallar hum dos guias, e logo vio o seu Ancosse, que estava escondido detraz do outeiro com cem Cafres, todos de zagaias; e feitos os cumprimentos costumados, foi Nuno Velho com elle pela mão, e os Negros adiante cantando até hum ribeiro, que se não vadeou por ser já tarde. Havia da outra banda huma viçosa serra, e das Aldeas visinhas veio muita gente a vender mantimento. Deo Nuno Velho ao Ancosse hum pedaço de coral, dois de cobre, e humas contas de cristal, em troca de huma vacca, que elle lhe apresentou; e pedindo-lhe guias, as deo logo.

A 18 esperárão os Portuguezes até ás nove horas pelo Ancosse, que chegado, ajustou se dessem aos guias na sua volta tres pedaços de cobre; e pondo-se os Portuguezes em marcha por hum bom caminho, vadeárão huma ribeira, e subírão hum monte, em que passárão a calma. Alli vierão muitos Negros, e Negras de humas Aldeas visinhas, com bolos de milho, leite, e manteiga; e passada a calma, continuou-se a marcha, e alojárão antes do Sol posto debaixo de grandes maceiras de anafa carregadas de fructo, de que comêrão, tendo agua de huma ribeira, em que havião muitas adens. A noite foi mui fria, e orvalhosa.

A 19 pelas oito horas da manhã se pozerão a ca-

minho, e atravessando huma ribeira com agua pelo joelho, passárão a calma junto de outra cercada de muitas Aldeas, das quaes vierão Negros a vender bolos de milho, e leite. De tarde alojárão em sitio abundante de agua, e lenha. A este tempo descêrão de hum outeiro cento e vinte Negros acompanhando a hum, que os guias disserão ser o seu Ancosse. Nuno Velho o recebeo como tal, e dando-lhe conta do seu naufragio, respondeo o Negro (chamado Gimbacucuba), que tambem elle estava perdido, e fóra de seus Estados, que outro Regulo visinho lhe tomára, matando-lhe muita gente; e se recolhera naquella terra de hum seu parente. Nuno Velho mostrou sentimento desta sua desgraça, e desejo de o auxiliar, e perguntou-lhe as causas da guerra, e com quem a tivera. Respondeo elle, que fôra hum Capitão do Inhaca quem lhe tomára as suas terras, e matára a gente. E dizendo-lhe Nuno Velho, que mandasse dois dos seus com elle, e faria com que o Inhaca lhe restituisse o conquistado, pela amizade que tinha com os Portuguezes, acceitou o offerecimento, e dando a Nuno Velho hum cabaço de leite, e recebendo delle hum pedaço de coral, e humas contas de cristal, se retirou já de noite.

A 20 ao amanhecer se continuou a marcha, e a pouco espaço encontrárão o mesmo Regulo, que os esperava com tres mulheres suas, e muitos Cafres. Assentou-se ao pé delle Nuno Velho, e tornou-lhe a pedir os dois homens, para que, se alcançasse do Inhaca a restituição das suas terras, lhe viessem trazer a noticia. Escolheo elle dois, a quem fallou em particular; e sendo horas de jantar, se despedio de Nuno Velho, levando huma peça de panno de algodão, que este lhe deo, a qual repartio logo com as suas mulheres. A este alojamento vierão alguns Cafres doentes, e aleijados pedir a Nuno Velho, que os curasse, offerecendo-lhe carneiros,

e cabritos, que trazião. Olhou elle para o Ceo, e disse-lhes, que só Deos tinha poder para dar saude; e fazendo sobre elles o signal da Cruz, os despedio sem acceitar os seus presentes. Passada a calma, caminhárão por entre muitas Aldeas, que os recebêrão cantando, e ao Sol posto acampárão ao longo de huma ribeira, havendo naquella tarde atravessado outras sete. A noite foi fria, e não achárão lenha.

A 21 partírão de madrugada para aquecerem com o exercicio, e caminhárão por terra despovoada, como succedeo nos dias seguintes, mas coberta de bons pastos, e altas arvores, e tão fresca, que rodeando hum monte, vadeárão muitas ribeiras; e ao largo de outra, que por huma longa planicie dava muitas voltas, fizerão alto. Aqui vierão muitas perdizes.

A 22 encontrárão huma serra, que para passar com menos trabalho, guiárão os Cafres ao Noroeste; e assim caminhárão até se alojarem.

A 23 voltárão para o Nordeste, e ora subindo, e descendo montes, ora caminhando por valles, e passando ribeiras, alojarão-se ao longo de huma; e matando algumas vaccas para seu sustento, restarão-lhes ainda trinta e nove.

A 24 choveo pela manhã, e em quanto a agua impedia a marcha, mandou Nuno Velho a André Martins com o Lingua, e hum dos guias a pedir licença ao Ancosse do Paiz em que entrava, para passar por elle. A's dez horas levantou-se o Campo, e marchando pelo pé de hum monte por baixo de arvores espinhosas quasi huma legoa, encontrárão duas casas, junto ás quaes fizerão alto. Aqui veio André Martins com o Ancosse, que Nuno Velho recebeo do modo costumado, e presenteou com humas contas de cristal, promettendo elle guias, e tudo o mais que houvesse na sua terra.

A 25, chegando os Portuguezes ás suas Aldeas, não

deo o Ancosse (que se chamava Uquine) mais do que manteiga, leite, e bolos de milho, negando a licença necessaria para se venderem vaccas; mas vendo huma garrafa de porcelana a Nuno Velho, deo por ella hum grande boi, e com muita festa a pôz nos olhos, e depois os seus nas partes do corpo, em que tinhão alguma dor, persuadidos de que dava saude; e o mesmo praticárão os Negros daquellas Aldeas, que concorrêrão em sabendo que o seu Ancosse possuia aquella peça.

No dia 26 foi util aos Portuguezes este ajuntamento de Cafres, para atravessarem huma grande ribeira, que era mui rapida, e dava a agua pela cinta. Chegados á outra margem, se despedio o Ancosse, deixando dois dos seus para guias, e não consentio que passassem os outros, que trazião, nem os dois Cafres que hião ao Inhaca, por ser o seu costume não deixarem transitar pelas suas terras os Negros das alheias. Depois de descançarem aqui hum pouco, continuárão a marchar por entre Aldeas, de que sahio muita gente a vender mantimentos; e sendo duas horas da tarde, alojárão onde tinhão agua, e lenha, por estar ainda longe huma grande ribeira, que se avistava.

A 27 pelas dez horas chegárão a esta ribeira, que achárão ser a mais caudalosa, e rapida que tinhão visto; porêm não lhes faltou o auxilio dos Negros, porque veio logo o Ancosse daquelle districto acompanhado de trinta; e passando-a hum delles com agua pelo peito, conheceo-se a força com que a agua corria; e desconfiando os Portuguezes de a poderem atravessar, buscou o Piloto pelo mato alguma madeira de que fazer jangadas, e achou-a tão pezada, que se hia ao fundo. Em consequencia, sabendo Nuno Velho pelo dito do Ancosse, que a ribeira baixaria no dia seguinte, por ser o seu actual crescimento produzido da chuva de huma trovoada, mandou acampar no mesmo lugar, e disse ao

Ancosse, que viesse no outro dia com os seus para os ajudar a passar. Estes Negros são mais cubiçosos, que os outros que habitão para o Sul, e estimão mais os pannos; e vendião huma vacca pelo preço por que se compravão até alli tres. Nuno Velho, para evitar que elles intentassem algum insulto, deo ordem, que as vaccas, que se matassem para o sustento da gente, o fossem á espingarda. Com effeito, morta por este modo huma, ficárão os Cafres espantados; e o Ancosse, que indo já em retirada, sentio o estrondo, voltou a ver o que era, e sabendo dos seus o caso, pedio a Nuno Velho mandasse matar outra; o que logo se fez. De que elle maravilhado, tomou a espingarda, e dando-lhe mil voltas, disse, que pois matava as vaccas, tambem mataria os homens; ao que o Lingua respondeo, que a tudo tirava a vida; e com grande medo se recolhêrão todos á sua Aldea.

O dia 28 amanheceo tão nublado, que se receou chovesse, o que faria crescer de novo a ribeira. Mas dissipando o Sol as nuvens, e vendo-se por huma baliza, que se havia posto na tarde antecedente, que já tinha diminuido palmo e meio, determinou-se atravessalla. Assim, tendo chegado o Ancosse, escolherão-se dez dos Negros mais altos, que começárão a passar os moços ás costas. Francisco Pereira, e Francisco da Silva, com alguns Cafres, tomárão aos hombros em colchas a Dona Izabel, e sua filha, e todo o mais Arraial os foi seguindo. O gado custou mais a passar, porque não tomava pé; mas hum Negro, puxando huma vacca por huma corda, as outras a seguírão. Assentou-se o Campo na outra margem, e pagou-se mui bem aos Negros o seu trabalho.

A 29 pela manhã mandou o Ancosse dois Negros para servirem de guias, e logo os Portuguezes se pozerão em marcha por hum caminho cheio de pedras, e costeárão huma serra grande, que ficava da parte do Nor-

te, ao pé da qual lhes anoiteceo junto a hum ribeiro; em que havia bons pastos, e muitas arvores.

Na manhã de 30, marchando por hum similhante caminho, encontrárão ás nove horas hum Negro, a quem Nuno Velho disse, que fosse chamar o seu Ancosse. Não tardou este muito a chegar com quarenta Cafres armados de zagaias, rodellas, e adagas; e feitas as cortezias costumadas, forão todos de companhia até ás suas Aldeas, que estavão ao longo de hum ribeiro, onde se estabeleceo o Campo. Havia aqui grande escassez de mantimentos, por faltarem aquelle anno as chuvas, e tambem por ser o Paiz esteril, de asperos montes, e grandes penedias, e arvores poucas, e espinhosas: assim apenas se obteve huma vacca do Ancosse, e muito cara.

A 31 achárão igual caminho, e a mesma esterilidade, e acampárão onde virão sitio mais accommodado.

No 1.º de Junho proseguírão a marcha, e como trazião dois grumetes atacados de diarrhéas de sangue, que já não podião andar, os deixárão encarregados a hum Negro, a quem derão quatro pedaços de cobre pelos sustentar os poucos dias, que poderião viver. Esta jornada foi por caminho menos fragoso, e passárão a calma junto a humas Aldeas, onde comprárão huma vacca, e alli mesmo pernoitárão, em razão de ir indisposto Julião de Faria.

No dia 2, achando-se melhor Julião de Faria, caminhárão com os guias que lhes deo o Ancosse destas Aldeas, despedindo os que trazião. Subírão ao cume de huma serra, e descendo della, achárão terreno plano, e aprazivel, em que encontrárão muitos Negros, e Negras, que lhes davão espigas de milho, para que lhes pozessem as mãos sobre as partes do corpo, em que sentião dores, esperando curar-se com aquelle remedio: os Portuguezes fazião-lhes o signal da Cruz, e elles fi-

cavão contentes, e pondo-se adiante da vanguarda, hião cantando. Alojarão-se no meio da descida de hum monte, por ser tarde; e pouco depois vierão dois Cafres, que apresentárão a Nuno Velho huma vacca da parte da viuva de hum Ancosse, o que elle estimou muito, e lhe mandou de presente huma cortina de seda lavrada de ouro, e matizes, e tres pedaços de cobre.

Na manhã de 3 se acabou de descer o monte, passou-se huma ribeira, que corria proxima á sua base, e começou-se a subir huma serra na direcção do Norte, no cimo da qual voltava o caminho ao Nordeste, e ainda que cheio de pedras, que ferião os pés aos que hião descalços, marchárão até mui tarde, que achárão sitio com agua, e lenha, onde se alojárão.

A 4 encontrárão algumas Aldeas, das quaes sahírão os Negros alvoroçados a abraçar, e beijar os Portuguezes, mostrando-se tão domesticos, que beijavão as cruzes das contas. Assim de companhia chegárão a huma ribeira, que ajudárão a vadear com grande prazer, e boa vontade, que se lhes pagou com algumas continhas de cristal, e tiras de panno. Passou-se a calma ao longo de huma sementeira de milho já maduro, em que se não tocou, e os Cafres o vendião a baixo preço, como ao leite, e á manteiga. Passada a calma, e a ribeira, onde havião excellentes murtinhos, atravessárão huma planicie semeada de milho, e regada com as aguas de outra ribeira, que descia de huma serra fronteira, a qual subirão, e alli encontrárão o Ancosse Panjana com trinta Negros. Recebeo-o Nuno Velho como costumava, e narrando-lhe os seus trabalhos, respondeo o Ancosse, que lhe pezava muito d'elles, mas que era bom não morrer; e que lhe forneceria guias, e mantimentos. Mandou logo vir dois grandes bois, quatro carneiros, e hum cabaço de leite, o que tudo se pagou com alguns pedaços de cobre, e huma cortina de seda, de que ficou por

extremo contente, e acompanhou os Portuguezes até se alojarem, promettendo voltar no outro dia com guias.

A 5 cumprio o Ancosse o que promettera, e entreteve os Portuguezes no Campo até ao jantar, vendendo hum boi por tres pedaços de cobre, e dando outro a Nuno Velho, que lhe retribuio com humas contas de cristal, huma pedra de estancar sangue, e hum pouco de balsamo; e deo outro boi grande, e hum formoso carneiro ao Piloto por hum frasco de vidro. Sendo já passado o meio dia, marchárão por caminho plano, indo com elles o Ancosse, que se despedio ao Sol posto quando se alojárão, e ainda mandou a Nuno Velho huma vitela, e hum carneiro.

No dia 6 não vierão os guias, por temerem hum pedaço de deserto, que se seguia, e por esta mesma causa determinárão alguns Portuguezes separar-se dos mais, e apressar a jornada; de que avisado de noite Nuno Velho, os socegou, convencendo-os de que se perderião sem remedio em similhante empresa. E logo que amanheceo começárão a marchar por boa terra até ás onze horas, que fizerão alto ao longo de huma ribeira, onde vierão muitos Negros com o seu Ancosse Malangana, que vivia em humas Aldeas arredadas do caminho, ao qual se comprou huma vacca por hum pedaço de coral, e dois de cobre. Pedio-lhe Nuno Velho guias, que por causa do deserto não quiz conceder, porêm apontou com a mão a direcção que devião seguir; e marcada pelo Piloto com a Agulha, achou ser ao Nordeste. Retirados os Cafres, marchárão os Portuguezes até á noite, que se abrigárão em hum bosque.

A 7 seguírão a mesma direcção por Paiz deserto.

A 8 pelo meio dia entrárão em huma serra mui fresca, que se dividia em duas partes, huma hia ao Norte, e a outra a Leste, e entre ambas ficava hum comprido valle. Na entrada deste andavão oito Negros quei-

mando o feno; aos quaes se mandou o Lingua; e indo elles chamar o seu Ancosse, voltárão com elle já em numero de vinte. Estes Cafres andavão levantados nesta serra, e vivião de roubos, e assim vinhão armados de frechas, e zagaias. Fingírão elles ter longe a sua Aldea, e encaminhárão os Portuguezes a hum valle profundo, em que não havia lenha, nem agua. Levava Nuno Velho ao pé de si a hum destes Negros, e percebendo que elle estava com intento de furtar alguma vacca, disse aos soldados, que estivessem á lerta. O Piloto, que hia na vanguarda, conhecendo a mesma intenção nos que o acompanhavão, voltou para traz, e após elle toda a gente. Hum dos Cafres, mettendo-se entre as vaccas, procurou desviar huma, porêm recebeo na cabeça huma pancada com a haste de huma alabarda, de que cahio em terra, e todos outros Cafres deitárão a fugir, vendo descoberta a sua traição. Os Portuguezes, continuando sós a marchar, alojarão-se quasi noite na serra com boa vigia.

Na manhã de 9 costeárão a serra, que corria a Leste, dirigindo a sua marcha a Lesnordeste, e sendo vistos de alguns d'aquelles Negros ladrões, derão estes grandes brados, a que se ajuntárão outros muitos com zagaias, e vierão descendo por hum outeiro para o Arraial. Nuno Velho fez logo alto, e pondo a gente em ordem, continuou a marcha. Os Negros tambem parárão; e apartando-se alguns, vierão á falla, e perguntárão quem erão, e o que buscavão pelas suas terras. Respondeo-lhes o Lingua do modo costumado, e assegurados por elle, forão chamar o seu maioral, que Nuno Velho recebeo, e presenteou com hum rosario de contas de cristal. Retirados estes, continuárão os Portuguezes o seu caminho, e pouco adiante encontrárão sessenta Cafres, de que vierão a elles tres, o mais velho dos quaes, depois que soube do seu naufragio, e o caminho que levavão, chamou

os outros dizendo, que viessem ver homens, que erão filhos do Sol, e o hião buscar. Deixando todos elles as armas entregues a hum dos seus, vierão a correr, e ajuntando-se com os Portuguezes, caminhárão até que estes fizerão alto á sombra de hum bosque para passarem a força da calma. Aqui vierão alguns Negros com milho, que venderão por contas de cristal, e tiras de panno de cores; e veio tambem o seu Ancosse, no qual não achando Nuno Velho o gazalhado que esperava, e percebendo nelle desejos de saltear a sua gente quando a achasse desapercebida, avisou os Soldados que o acompanhavão, que preparassem os seus arcabuzes, e cada hum marcasse o Negro a que queria atirar. O Ancosse, percebendo esta determinação, dissimulou a sua, e Nuno Velho mandou que continuasse a marcha, e se não fizesse caso deste Cafre, nem da sua Aldea, pela qual logo adiante passou. Ao Sol posto armou-se o Campo em lugar provído de agua, e lenha, onde vierão dois Negros de outras Aldeas, que contentes com dois pedaços de cobre, promettêrão voltar no dia seguinte para servirem de guias.

A 10 amanhecêrão os Negros no Arraial, e por sua direcção subírão huma serra; e ainda que dalli descobrírão outras, os Cafres os levárão por caminhos, que diminuião a aspereza dellas, e alojarão-se á noite ao pé da ultima.

A 11 atravessárão aquella serra, indo a Leste, e a Lessueste, e acabada ella, tornárão ao caminho de Lesnordeste por bosques mui espessos de arvores altas, e sombrias; e descendo huma encosta, no fundo della entre grandes rochedos estavão humas casas, junto das quaes se alojárão. Estes Cafres erão pobres; e só tinhão algum milho, e leite, que vendêrão. Aqui ficou entre elles, em huma cabana, que se construio separada das suas, tendo-se primeiro confessado, e recebido as consolações da Religião (unicas consolações verdadeiras!) Alvaro Gonsal-

ves, velho de setenta annos, pai do Contra-Mestre, que vinha mui doente; e todos os seus companheiros tão cançados, que já não o podião levar aos hombros, como até alli fizerão. Deixou-se-lhe cobre para comprar o que houvesse mister, e em hum papel escritos na lingua do Paiz os nomes das coisas necessarias: não se consentio que o filho ficasse com elle, como pertendia. Este negocio deteve o Arraial até ao fim da manhã seguinte.

A 12 ao meio dia observou o Piloto o Sol, e achou estar em 27° 27′ de latitude, pelo que determinou caminhar a Leste-quarta ao Nordeste, para chegar mais de pressa ao mar, de que se fazia quarenta leguas. Sendo duas horas, veio o Ancosse daquellas Aldeas com guias, pelas quaes recebeo quatro pedaços de cobre, e marchárão direitos a Leste por terra plana, e boa, porque dizião os Negros, que naquella direcção ficava o povoado, onde se vendião as suas contas vermelhas, que são as que lhes vem do Rio de Lourenço Marques. Fez-se o alojamento ao Sol posto em hum valle.

A 13 partírão daqui, e pelas dez horas da manhã virão muitas Aldeas, de que vierão muitos Cafres a recebellos, e com elles o seu Capitão, que alli residia por mandado do Ancosse, que estava ausente; o qual, sendo bem recebido, disse a Nuno Velho, que dalli ao mar era jornada de seis dias, e por outra parte seria de doze, passando pelas terras do Inhaca, por onde se havia de vadear hum Rio grande com agua pelo peito. Esta noticia alegrou a todos; e passadas as horas da calma, veio hum filho do Ancosse visitar a Nuno Velho da parte de seu pai, e se retirou logo, levando de mimo huma medalha de prata. Comprou-se aos Cafres milho, leite, e manteiga, e matando algumas rezes para sua provisão, continuárão a marcha com o mesmo Capitão, até que se alojárão quasi noite ao pé de huma ribeira, d'onde o Capitão avisou ao seu Ancosse para que viesse pela manhã.

A 14 pelas onze horas da manhã chegou o Ancosse, chamado Gamabela, acompanhado de cem Negros desarmados: sahio Nuno Velho a recebello com quinze arcabuzeiros, e sentados ambos em huma alcatifa, lhe significou Nuno Velho quanto folgava de o ver, e de ter entrado nas suas terras, pela certeza de achar nellas o que necessitava para passar ás do Inhaca: Gamabela lhe offereceo tudo quanto estivesse debaixo do seu dominio. Passados estes cumprimentos, apresentou-lhe duas vaccas, e recebeo delle humas contas de Madre perola, huma peça de prata, huma pedra de estancar sangue, e alguns pedaços de cobre. Tratárão depois dos guias, e Gamabela deo para isso o seu mesmo Capitão, e outros dois Negros, e pedio, que lhe deixasse alguma peça, que lhe servisse de lembrança da sua pessoa, e dos Portuguezes. Respondeo Nuno Velho, que lhe daria a mais preciosa que havia no Mundo; e tirando a cruz de humas contas que tinha ao pescoço, com o chapeo na mão, a beijou, e assim o fizerão os Portuguezes, que com elle estavão; e a entregou ao Ancosse, que com igual acatamento a beijou, e o mesmo praticárão todos os outros Cafres. Vendo Nuno Velho a veneração, que elles mostravão á Cruz, mandou logo a hum Carpinteiro, que de huma arvore fizesse huma Cruz de oito palmos de alto, e a deo a Gamabela, explicando-lhe brevemente as virtudes daquella Sagrada Insignia, para que a pozesse diante da sua casa; e todas as manhãs quando sahisse, a beijasse, e adorasse de joelhos; e se faltasse saude aos seus Vassallos, ou chuva aos seus campos, com toda a confiança lha pedisse. O Ancosse, tomando a Cruz ás costas, e despedindo-se dos Portuguezes, seguido de mais de quinhentos Negros, a levou á sua Aldea, para cumprir o que lhe disserão.

No dia 15 seguírão seu caminho em companhia de Gamabela, que os quiz acompanhar na primeira jorna-

da com os outros guias, e ás 10 horas chegárão a huma casa, onde se despedio com verdadeiras demonstrações de amizade; e por entre arvores espinhosas, e terra despovoada se continuou a marcha até ser noite, que se alojárão ao pé de huma fresca ribeira.

A 16 continuárão a marchar até ás duas horas, que achárão Aldeas sem gente, mas com muitas gallinhas, e mantimentos. Mandou Nuno Velho guardar tudo, para que se não extraviasse coisa alguma, e fez pelos Linguas chamar os donos, que estavão em huns outeiros, os quaes descêrão logo, e disserão, que havião desamparado as suas casas por causa da guerra, que tinhão com seus visinhos; e tornárão para ellas, enviando hum dos seus a mostrar o sitio em que havia agua, e lenha.

A 17 caminhárão por huma estendida campina povoada de bons pastos, e arvoredo, e muitas vaccas bravas, veados, bufalos, e elefantes, que em numerosos bandos andavão por ella pastando. Forão estes os primeiros animaes deste genero, que encontrárão na sua dilatada jornada, os quaes descem áquelles campos de huma grande serra, que os atravessa de Norte a Sul. Entrárão os Portuguezes nesta serra por hum valle, pelo qual corria huma ribeira, que passárão muitas vezes, e junto d'ella se alojárão.

A 18 de madrugada continuárão seu caminho até ás dez horas pelo mesmo valle, e ribeira, que era sombreada de arvores de varias cores, nas quaes apparecião muitos papagaios, rolas, e outros diversos generos de passaros. Subirão depois huma ponta da serra da parte do Sudoeste, e em huma chapada, que no alto della se fazia, encontrárão quatro Negros, que andavão á caça, os quaes sabendo dos guias a largueza com que os Portuguezes pagavão os mantimentos, se forão logo, dizendo os hião buscar á sua Aldea. Ao longo da mesma ribeira fizerão os Portuguezes alto em hum bosque para pas-

sarem a calma. Acabada esta, subirão hum outeiro, que ficava do outro lado, e delle se seguia huma dilatada campina, que toda se regava da mesma ribeira, e nella havia muita caça; e em huma vasta alagoa, que se communicava com a ribeira, nadavão muitos cavallos marinhos, que com os seus rinchos não deixárão dormir os Portuguezes, que se alojárão nas suas proximidades.

A 19 sahirão mais tarde do costumado, pelo incommodo da noite antecedente, e chegárão a hum brejo, que os guias disserão estar perto do povoado; e alojando-se ao longo delle, enviou Nuno Velho hum dos guias a avisar o Ancosse da sua chegada.

No dia seguinte 20 o mandou visitar por Antonio Godinho, o qual quando voltou, achou os Portuguezes já da outra banda da ribeira descançando do trabalho, que havião tido em passar o gado, e deo por noticias, que o Ancosse era Capitão do Inhaca, e que lhe fizera offerecimento de tudo quanto havia na terra até chegarem ao Inhaca, por saber a amizade que entre elles existia; e que o navio de Moçambique não era partido, por quanto poucos dias antes passárão por aquella Aldea alguns Cafres, que lhe levavão marfim. Pouco depois chegou hum Capitão do Ancosse a visitar da sua parte Nuno Velho, trazendo-lhe dois cabritos, e duas gallinhas, e apôs elle chegou o mesmo Ancosse, que foi recebido em alcatifa, e confirmou as novidades que dera Antonio Godinho. Apresentou elle a Nuno Velho duas vaccas, e recebeo deste huma tampa de hum copo de prata, e quatro pedaços de cobre, e hum seu sobrinho teve igual presente; e com isto se retirárão, por estar a sua povoação longe. O Arraial conservou-se naquelle sitio, e observando o Piloto a latitude, achou estar em 27° 20', fazendo-se trinta leguas distante do Porto, em que se achava o navio.

A 21 pela manhã começárão a caminhar para a po-

voação do Ancosse, onde esperando achar guias fieis, achárão o contrario; porque guiando-os o proprio Ancosse, os levou por hum tal rodeio, que voltárão ao mesmo brejo de que havião partido. Escandalizado Nuno Velho desta perfidia, pedio-lhe o que lhe tinha dado, porque já não queria delle guias: a final o Ancosse, recebendo mais alguns pedaços de cobre, chamou tres dos seus Negros, e começou a dirigir o Campo por hum caminho de arêa cheio de palmeiras bravas, algumas das quaes tinhão fructo; e sendo já noite, alojarão-se debaixo de hum arvoredo sem agua.

A 22 de manhã, chegando a humas casas, levou o Ancosse os donos comsigo, e desviou os Portuguezes do caminho, mettendo-os por hum bosque, a fim de extraviar algumas vaccas, e fugir com ellas. Passado este bosque, e huma ribeira, entrárão por outro, mas como havia grande vigia nas vaccas, indo o Ancosse adiante com o Lingua, e não podendo fazer o que pertendia, sendo o mato mui espesso, que se não vião os que vinhão detraz delles, atirou com huma zagaia ao Lingua, e errando-o, fugio. O Lingua, segurando hum dos Negros das casas, que estava proximo delle, gritou, e acudindo os Portuguezes, prendêrão os companheiros daquelle; e sahindo do bosque, perguntárão aos Cafres, quem era o Ancosse fugido? A que respondêrão, que era hum grande ladrão chamado Bamba, ao qual por temor acompanhavão. E pedindo-lhes Nuno Velho, que o encaminhassem até ao Inhaca, promettêrão de o fazer. Postos com tudo a bom recado, forão marchando por hum mato, e atravessando hum brejo, achárão da outra banda bom caminho, que seguírão até á noite, e ao longo de hum ribeiro se acampárão, não lhes faltando lenha. Esta terra he alagadiça, e de muitos brejos, de que já tinhão passado alguns.

Na manhã de 23 passárão outro brejo com grande

trabalho, porque alêm de atolar muito, era no meio tão fundo, que excedia a altura de hum pique. Atravessou-se este espaço com troncos de arvores, e cobrio-se o resto com espadana, de que havia muita; e passado elle, descançárão á sombra do arvoredo. Aqui mandou Nuno Velho soltar hum dos Negros, para que fosse a sua casa dar noticia dos outros, satisfazendo-o com hum pedaço de cobre, e huma tira de panno encarnado; e passada a calma, marchárão até ao Sol posto, que se alojárão ao pé de outro brejo. Via-se ao Sudoeste a foz de hum Rio, que tinha na Carta o nome de Santa Luzia, e estava situada em 28° de latitude (1), o qual tinhão passado o dia antecedente, mas em parte que não os embaraçou, por ser longe da sua boca. Neste Rio he que morreo affogado Fernão Alvares Cabral, Commandante da Náo S. Bento.

No dia 24 pela manhã descobrírão de hum alto algumas Aldeas, cujas casas erão similhantes ás choupanas das vinhas em Portugal; porêm redondas como as que até alli tinhão encontrado; os Negros das quaes, em vendo os Portuguezes, se ajuntárão em numero de duzentos. Foi a elles o Lingua, e sabendo serem Portuguezes, vierão logo a Nuno Velho, e o certificárão de que estava nas terras do Inhaca, sendo aquellas Aldeas de huma irmã sua; e que o navio não era partido. Alvoroçarão-se todos com esta boa nova, e chegando ás casas, veio a irmã do Inhaca com seu marido visitar Nuno Velho, que os recebeo como devia, e dando-lhes hum panno preto, e dois pedaços de cobre, mostrou-se pezaroso de o tempo lhe não dar lugar a deter-se com elles alguns dias. Desta Aldea, situada onde chamão os Medãos do Ouro, se descobria o mar. Passada a cal-

(1) A ponta do Sul da entrada do Rio de Santa Luzia, segundo algumas Cartas Inglezas, está na latitude Sul de 28° 22'.

ma, continuárão a marcha com hum Negro do Inhaca (que da parte deste viera visitar a irmã), por huma grande praia de arêa ruiva, que em breve os cançou muito; e subindo ao alto dos Medãos, por onde se andava com menos trabalho, chegárão ao Sol posto a huma povoação situada ao longo de hum Rio, o qual, por ser maré vazia, passárão logo, e já de noite se acampárão na outra margem, onde comprárão por pequenos pedaços de panno, muito milho, peixe, e gallinhas.

A 25, sendo pela manhã preamar, estava o Rio mui crescido, e na boca fazia hum Ilhote: a elle he que os Naufragados da Náo S. Thomé pozerão o nome de Rio da Abundancia (1). Marchárão os Portuguezes por detraz dos Medãos até ao meio dia, que fizerão alto ao pé de huma Aldea. Observou o Piloto o Sol, e achou estar em 26° 45′ de latitude. Passada a calma, e atravessado hum brejo, se alojárão debaixo de grandes arvores, que os defendêrão da chuva naquella noite.

A 26 caminhárão até ás dez horas, que chegárão a huma grande, e formosa alagoa de huma legua de comprido, perto da qual estavão duas Aldeas, em que comprárão gallinhas; e fazendo alto ao meio dia, observou o Piloto a latitude, e achou 26° 20′. Continuárão ao longo da alagoa, vendo muitos patos, e garças, e alêm della se alojárão no meio de hum campo, onde matárão tres vaccas e ainda ficárão vinte e tres. Passou pelo Arraial hum Negro, que disse não ter partido o navio, e Nuno Velho, para certificar-se disso, mandou Antonio Godinho, Simão Mendes, e Antonio Mendes com o guia; e já de noite voltou este com hum Negro enviado pelo Inhaca a visitar Nuno Velho, cujo Negro havia alli ficado do naufragio do Galeão S. João, e o cumprimentou na lingua Portugueza, de que todos se alegrárão

(1) He o mesmo Rio chamado nas Cartas, dos Medãos do Ouro.

muito. Este Negro disse, que o Inhaca não viera logo, por ser de noite, e que o navio estava ainda no Rio. Esta noticia foi por extremo agradavel á gente, porque se o navio tivesse já partido, ou havião de marchar por terra a Sofala, que erão dois mezes de jornada, ou esperar alli hum anno por outro navio; a risco de morrerem quasi todos entretanto de fome, e doenças, por ser o Paiz doentio, de más aguas, e falto de víveres.

A 27 regressou hum dos Portuguezes, que Nuno Velho mandára ao Inhaca, e confirmou ser verdade o que se dissera ácerca do navio. Em consequencia, posto que chovesse, caminhárão até á Aldea do Inhaca, de que vierão muitos Negros a recebellos. Mandou Nuno Velho avisallo da sua chegada, e levando comsigo o Provedor, o Thesoureiro, o Piloto, o Lingua, e oito arcabuzeiros, o foi esperar debaixo de huma arvore, em quanto elle se vestia. Chegou finalmente o Inhaca, que era homem agigantado, bem feito, e de aprazivel semblante; e assentados ambos em huma esteira, depois dos primeiros cumprimentos, lhe agradeceo Nuno Velho os serviços que fizera a D. Pedro de Lima, na perdição da Náo S. Thomé, e lhe pedio hum homem para mandar com cartas ao Capitão do navio, que elle logo deo; e com este Negro partio Antonio Godinho, e mais dois soldados, e hum Lingua. Após isto offereceo-lhe Nuno Velho hum chapeo de feltro negro, hum panno lavrado de seda e ouro, duas vaccas, huma garrafinha de prata, e huma medalha pendente de duas cadêas de prata tiradas do apíto do Mestre, do que o Inhaca se mostrou contentissimo, e mandou mostrar hum sitio perto, em que havia agua, e lenha, onde Julião de Faria estabeleceo o Arsenal, ficando Nuno Velho com os Officiaes, e soldados que o acompanhavão, praticando com o Inhaca. E parecendo horas de jantar, disse o Piloto, que o relogio do Sol marcava onze horas, de que o Inhaca

se maravilhou, e muito mais mostrando-se-lhe na Carta pelos rumos da Agulha o caminho, que se fizera. Passando assim algum tempo, se levantárão, e de mãos dadas forão ao alojamento, onde o Inhaca visitou a Dona Isabel, e sua filha, e jantou com Nuno Velho na sua tenda, e pelas duas horas se retirou.

Voltou a 28 pela manhã cedo, vestido em hum roupão de gran guarnecido de veludo carmezim, o chapeo de feltro na cabeça, as cadêas do apíto ao pescoço, e os braços cheios de manilhas de latão. E depois das cortezias costumadas, lhe deo Nuno Velho o apíto, tocando primeiro o Mestre com elle, de que o Inhaca folgou, julgando ser bom instrumento para a guerra; e a hum seu filho se deo hum copo de prata, que o pai lhe tomou logo. Despedidos os Portuguezes do Inhaca, caminhárão ao longo de alagoas de agua doce até ás dez horas, que parárão para passar a calma. Aqui vierão dez Cafres do Paiz com dois marinheiros do navio, e hum natural de Moçambique, o qual andando no sertão a comprar marfim, e sabendo da chegada dos Portuguezes, os vinha visitar: em recompensa recebeo de Nuno Velho hum presente; e proseguindo-se a marcha até á tarde, armou-se o Campo em sitio abundante de agua, e lenha.

A 29 pelas nove horas da manhã chegárão á Aldea de hum filho do Inhaca, que veio logo, e deo hum Negro para ir com outras cartas ao Capitão do navio, em companhia do qual foi hum dos dois marinheiros. A este filho do Inhaca deo Nuno Velho o pé de hum copo de prata, e hum panno de seda igual ao que déra a seu pai; e recebeo delle huma cabra. Este Negro era mui parecido ao pai, e vivia separado delle, por haver intentado a sua morte, e apossar-se dos seus Estados. Despedido delle Nuno Velho, marchou até alojar-se junto de hum brejo.

A 30, estando já perto da praia, encontrárão hum marinheiro do navio com huma carta do Capitão para Nuno Velho, e outra do seu Piloto para Rodrigo Migueis, nas quaes os avisavão, que ficavão com elles os homens que lhes levárão as suas cartas, e que no dia seguinte virião embarcações a passar a gente á Ilha (1). E quasi ao anoitecer chegou em huma embarcação o Capitão do navio, e como vasava a maré, pareceo a Nuno Velho, que levasse logo comsigo as duas Fidalgas, e outras pessoas; e nos dois dias seguintes se transportárão todos á Ilha, com cento e nove vaccas, que lhes havião sobejado da jornada, prova incontestavel da prudencia com que Nuno Velho havia dirigido a sua laboriosa marcha. Constava neste momento a guarnição de cento e dezesete Portuguezes, e sessenta e cinco escravos, havendo-se perdido na jornada por doenças, combates, e deserções, trinta e seis Portuguezes, e cento e vinte e nove escravos. O espaço andado nestes tres mezes excedeo a trezentas leguas.

A 9 de Julho achavão-se todos embarcados, esperando a conjuncção da Lua nova, que havia ser a 12, para com os ventos Ponentes seguirem viagem; mas o navio estava tão empachado com perto de duzentas e trinta pessoas, que o seu Piloto Baptista Martins, marinheiro escapado do naufragio da Náo S. Thomé, declarou que não podia navegar desta maneira. Decidio-se em conselho, que se deixassem alli os marinheiros do navio com as suas mulheres, e filhos, sommando quarenta e cinco pessoas, para irem por terra a Moçambique, porque como todos erão Mouros, se arranjarião com os Cafres melhor do que os Portuguezes; o que elles acceitárão de bom grado, attrahidos da paga que Nuno Ve-

(1) Veja-se a descripção da Bahia de Lourenço Marques na minha terceira Memoria.

lho lhes deo. Nesta jornada todas as despezas (que forão mui grandes) correrão por conta deste Fidalgo.

Prompto o navio para navegar, não mudou o vento com a Lua, e foi necessario aguardar outra conjuncção, o que vendo alguns Portuguezes, enfadados da pequenez do navio, resolvêrão marchar por terra até Sofala, distancia de cento e cincoenta leguas; e apezar de tudo o que Nuno Velho lhes disse para os dissuadir de similhante projecto, partírão vinte e oito, de que foi por cabo hum soldado chamado Balthasar Pereira, aos quaes se derão armas, munições, e effeitos de Commercio; porêm não obstante isso, commettêrão taes desordens pelo caminho, que era já bem conhecido, qui mui poucos chegárão a Sofala.

A 22 de Julho sahio finalmente Nuno Velho daquelle Rio, e a 6 de Agosto entrou em Moçambique, havendo soffrido antes huma tempestade, em que se vio quasi perdido.

Achou nesta Ilha a guarnição da Náo Nazareth, que alli ficou condemnada; e a Náo Chagas, que não podendo dobrar o Cabo de Boa Esperança, pelos máos tempos que nella encontrou, veio invernar naquelle Porto.

1593. — Esta Náo, como era nova, lhe mettêrão na India superabundancia de carga (1), e vinha com effeito riquissima, com muita gente, e alguns Fidalgos de passageiros. Francisco de Mello, irmão do Monteiro Mor, seu Commandante, soccorreo liberalmente os naufragados, e recebeo a bordo quantos quizerão embarcar, assim como boa parte da carregação da Nazareth, com cujo excesso de peso ficou a Náo tão mettida, que começou a fazer alguma agua. Era Mestre della Manoel Dias, e Piloto seu filho João da Cunha.

(1) Historia Tragico-Maritima, tomo 2.

Em Novembro sahio de Moçambique Francisco de Mello, levando a bordo cento e trinta Portuguezes, e duzentos e setenta escravos, e de passageiros Nuno Velho Pereira, Julião de Faria Cerveira, Braz Correa, D. Duarte d'Éça, Antonio das Povoas, D. Rodrigo de Cordova, Fidalgo Hespanhol, João de Sousa, Pedro da Costa de Alvellos, João de Valladares Soutomaior, Paulo de Andrade, Henrique Leite, Luiz Leitão, Antonio Godinho de Béja, Bento Caldeira, Marcos de Goes, Diogo Nunes Gramacho, Belchior Martins, Gregorio Gomes Gallego, Dona Francisca da Fonceca (que trazia comsigo hum seu irmão), mulher de D. Tristão de Menezes, com tres filhos, e duas filhas, e Dona Izabel Pereira, e sua filha Dona Luiza.

Passou Francisco de Mello o Cabo de Boa Esperança com grandes tormentas, fazendo a Náo muita agua, por cuja causa se alijou muita fazenda que vinha por cima, e alguns mantimentos, que depois fizerão falta. Dobrado o Cabo, fez Francisco de Mello conselho, em que mostrou o Regimento, que lhe prohibia tomar a Ilha de Santa Helena, por ter ElRei noticia de irem a ella os Inglezes; e lhe determinava, que em caso de necessidade de víveres, ou aguada, buscasse o Porto de Angola, e não fosse ao Brazil. Em consequencia resolveo-se a arribada a Angola, onde esteve a Náo alguns dias, nos quaes fez mantimentos, e aguada, e embarcando muitos escravos, sahio para Portugal. As calmarias da enseada de Guiné a demorárão muitos dias, em que adoeceo quasi toda a gente de escorbuto, e morreo quasi metade, e os que escaparão vinhão pela maior parte tão enfermos, que quando chegárão aos Açores, mal podião com as armas. Na altura destas Ilhas fez Francisco de Mello outro conselho, e assentou-se, que não se fosse avistar o Corvo, a pezar de o mandar assim o Regimento, com declaração de que alli estaria huma Esquadra para

comboiar as Náos da carreira. Tinha Francisco de Mello sabido em Moçambique por D. Luiz Coutinho, que passava á India, que os Inglezes havião tomado sobre a Ilha do Corvo a Náo Madre de Deos, e feito queimar a Náo Santa Cruz, as quaes levavão este mesmo Regimento; e por isso quizerão todos evitar aquella Ilha.

Tomada esta resolução, seguírão sua viagem, e passados tres dias, começou hum susurro na guarnição suscitado por alguns marinheiros, e soldados, que espalhárão voz, de que não havião na Náo mantimentos para chegarem a Portugal, e se forão ao Commandante com hum protesto para que buscasse as Ilhas, na fórma do seu Regimento. Francisco de Mello, temendo ser castigado, em caso de algum desastre, por alterar as Ordens Regias, convocon outro conselho, e examinado o estado da aguada, e víveres, concluio-se que não se escusava tomar as Ilhas. Assim bem contra sua vontade, e da de outros, foi buscar o Corvo. E fazendo-se a Náo prestes para combater, convierão todos em se deixar antes abrazar, ou metter a pique, do que render-se. Francisco de Mello encarregou a defeza da pôpa a D. Rodrigo de Cordova, a prôa a Antonio das Povoas, e o convez a Braz Correa. Os Portuguezes capazes de pelejar não excedião neste momento a setenta homens.

Chegada a Náo á vista do Corvo, não a pôde tomar, por ser o vento contrario, e indo na volta do Faial, a 22 de Junho de 1594 avistárão tres Náos (conhecidas logo por Inglezas), de trezentas a quatrocentas toneladas, commandadas pelo General Kleve, guarnecidas de muita gente, e artilheria grossa de bronze, e munidas de armas, e petrechos de guerra em tal modo, que cada huma poderia combater com a Náo Chagas.

Passou-se de novo palavra a bordo deste, de se deixar antes queimar, ou metter no fundo, do que arriar a bandeira. Ao meio dia começou o fogo de artilheria, e

mosqueteria, que durou por muitas horas, com mortes, e feridas de parte a parte, sendo a Náo Chagas mui maltratada pela pôpa, em que não tinha peça alguma, mas de noite cavalgárão duas, e çafárão os guarda-lemes: faltavão porêm Artilheiros, por haverem morrido muitos das doenças; e em lugar delles, servião alguns Fidalgos.

Os Inglezes, vendo a Náo armada pela pôpa, d'onde recebião damno, resolverão-se a abordalla; e ao meio dia prolongou-se com ella costado a costado a sua Capitanea; o navio do Capitão Anthony accommetteo-a pela pôpa, e o outro navio pela prôa. Disparou-se neste momento toda a artilheria, e mosqueteria de ambas as partes, e das gavias chovião panellas de polvora, e alcancías de fogo, dardos, e pedras, de maneira que os quatro navios parecião incendiados, e envoltos em turbilhões de fumo. Isto succedia á vista da Ilha do Faial.

Huma bala de artilheria espedaçou ambas as pernas a D. Rodrigo de Cordova, e levando-o para baixo quasi espirando, levantou a voz, e disse: *Senhores, isto recebi em meu officio, ninguem desampare o seu posto; antes abrazados, que rendidos.* Succedeo-lhe na pôpa Pedro de Alvellos, valoroso soldado, que rechaçou os Inglezes, e o mesmo fez Nuno Velho, que com huma lánça de fogo, ajudado de Luiz Leitão, e de Belchior Martins, os forçou a retirar-se, e lhes pegou fogo no panno. Os da Capitanea tentárão duas vezes ganhar a Náo, entrando com grande impeto; porêm Braz Correa, que estava no convez, Nuno Velho, e Antonio das Povoas os tratárão de modo, que não poderão retirar-se a salvo, e deixárão alguns mortos dentro da Náo, e outros cahírão no mar. Em huma destas abordagens acabou Belchior Martins de huma bala de mosquete, e no seu posto entrou Bento Caldeira. Francisco de Mello corria todos os postos, dizendo, que se não entregaria, sem morrerem todos.

O navio, que estava atravessado na prôa, emprehendeo tambem abordar, mas sem successo; e a Capitanea deo outra abordagem: os Inglezes, cobertos de rodelas de aço, e capacetes, atacárão com vigor, e levantárão no portaló huma bandeira branca, crendo que os Portuguezes se renderião. O primeiro, que estes matárão, foi o da bandeira, e depois expulsárão os outros. A este tempo alçou na pôpa da Náo outra insignia branca o Piloto João da Cunha, a qual lhe rompêrão, e deitárão ao mar os soldados que estavão no tombadilho, e querião fazer-lhe o mesmo a elle.

Depois desta ultima não tentárão os Inglezes outra abordagem: a sua Capitanea duas vezes lhe pegou fogo, e outras tantas o apagou; e o navio, que estava pela prôa, se afastou ardendo em chammas, porêm delle se communicou o fogo á Náo Chagas, o qual pegando em hum coxim do gorupés, se ateou com tal braveza, que em hum momento se incendiárão as enxarcias, e vélas do mastro do traquete, e todo o castello de prôa. Quatro horas tinha durado esta terrivel abordagem, e afastados os Inglezes, ainda no meio do incendio não cessava o combate; até que desenganados os Portuguezes, de que a sua Náo ardia irremissivelmente, tratárão de salvar as vidas: huns lançavão-se ás ondas, outros que não sabião nadar, corrião a hum bordo e outro, dando gritos, e pedindo a Deos misericordia; outros deitavão ao mar páos, e barrís a que se pegavão; mas os Inglezes acudírão logo nos seus escaleres, e matárão todos os que poderão alcançar. Algumas mulheres tambem se deitárão ao mar, como forão Dona Izabel, e sua filha, as quaes atando-se primeiro huma á outra com hum cordão de S. Francisco, sahírão mortas na praia do Faial.

Esta barbaridade (se o facto he verdadeiro) dos Inglezes, foi em seu prejuizo, porque salvando a gente da Náo, salvarião para si mais de hum milhão em pedraria,

que ella trazia. De toda a guarnição apenas escapárão treze pessoas, por causa de hum *bizalho* de pedraria, que hum grumete mostrou a hum dos escaleres Inglezes, os quaes ao favor deste incidente recolhêrão os outros Portuguezes. Erão estes treze individuos: Nuno Velho Pereira, Braz Correa, Gonsalo Fernandes, Guardião da Náo Nazareth; Antonio Dias, escoteiro; Pedro Dias, soldado; dois Calafates, dois marinheiros, e quatro escravos. Ao anoitecer se concluio esta horrorosa tragedia, porque chegando o fogo á polvora, rebentou a Náo com estrondo pavoroso, e foi a pique, acabando de perecer os que ainda estavão pegados pelo costado.

Deitárão os Inglezes onze dos prisioneiros nas Costas do Faial, e levárão para Inglaterra Nuno Velho, e Braz Correa. Tiverão elles na acção perto de noventa mortos, e cento e cincoenta feridos, entrando no numero dos primeiros o Capitão Anthony, e nos segundos o seu General, que ficou aleijado. Os Portuguezes capazes de pelejar não passavão de setenta, havendo fallecido os outros de escorbuto; e ainda que havião a bordo muitos escravos, erão boçaes, de que apenas tomárão armas quatro, ou cinco.

Os Inglezes continuárão a cruzar sobre os Açores por mais de hum mez; e huma manhã descobrírão a Náo S. Filippe, Capitanea da carreira da India, em que vinha D. Luiz Coutinho, com a qual combatêrão todo aquelle dia, até que o Chefe Inglez mandou metter Nuno Velho, e Braz Correa em hum escaler, que enviou a D. Luiz, dizendo, que se rendesse, aliàs lhe queimaria o navio, como fizera á Náo Chagas, o que poderia saber daquelles dois Officiaes. D. Luiz, sem deixar aproximar o escaler, lhe respondeo, que aquella Náo era Capitanea da carreira da India, e Commandante elle D. Luiz Coutinho, que sobre a Ilha do Corvo aprisionára ao Vice-Almirante Ricardo Grenville; e

que se chegasse, porque a Náo vinha carregada de muita riqueza.

O General Inglez, ouvindo a resposta, determinou incendiar-lhe o navio, e para isto mandou logo despejar huma das suas Náos, que era velha, e sobrecarregar-lhe toda a artilheria, deixando-lhe só dez homens para a marearem, e hum escaler por pôpa, com ordem de abalroarem o S. Filippe, e depois de seguros com arpéos, deixarem rastilhos na polvora, e fugirem, para que os dois navios se abrazassem. Entretanto os outros dois navios combatêrão aquella tarde a D. Luiz, esperando occasião de lhe lançarem o Brulote; mas huma bala do S. Filippe cortou-lhe o mastro do traquete, e o inhabilitou para toda a manobra; e sobrevindo huma trovoada em pôpa, D. Luiz continuou a sua derrota, e os dois navios inimigos apôs ella, aos quaes D. Luiz aquella noite accendeo o farol, e como amanheceo, vendo o Chefe Inglez, que o outro navio já não apparecia, virou de bordo para se ajuntar com elle, e a final retirou-se para Inglaterra, onde o Conde de Cumberland, por cuja conta corria esta Esquadra, recebeo em sua casa, e tratou mui bem a Nuno Velho, e Braz Correa por espaço de hum anno, até que se resgatárão ambos por tres mil cruzados, os quaes pagou Nuno Velho, e vindo para Hespanha, ElRei fez a ambos mercês.

1594. — A Esquadra da India (1) constou este anno de tres Náos, e era commandada por Aires de Miranda Henriques, em a Náo Monte do Carmo; e os outros dois Commandantes Luiz do Souto no S. João, e Sebastião Gonsalves de Alvellos no S. Paulo.

Sahio a Esquadra de Lisboa a 30 de Março, e chegou a Goa em Setembro.

(1) Epilogo de Pedro Barreto. — Faria, Asia Portugueza. — Discursos sobre los Commercios. — Decada supplementaria 11. Cap. 33.

Em Janeiro deste mesmo anno partio da India para a Europa D. Luiz Coutinho, Chefe da Esquadra do anno antecedente, com cinco Náos, que navegárão separadas; e na altura dos Açores pelejou com tres navios Inglezes, como já disse. Das outras Náos o S. Christovão arribou a Moçambique, e sendo examinada, a achárão em tão máo estado, que o seu Commandante resolveo voltar para Goa em Setembro, e por fortuna encontrou a Náo S. Paulo, que lhe recolheo a gente, e a Náo foi logo a pique. A Náo S. Pedro, não podendo tomar a Ilha de Santa Helena para fazer aguada, de que vinha mui necessitada, arribou ao Brasil, onde estando surta, naufragou com hum tempo, salvando-se toda a guarnição.

1595. — A Esquadra da India (1) foi de cinco Náos, commandada por João de Saldanha, embarcado em a Náo Senhora da Luz; e os outros Commandantes João Rodrigues Carreiro, na Victoria; João Paes Freire, no S. Pantaleão; Gaspar Palha Lobo, no Rosario; e Antonio Carvalho, no S. Simão. Nesta Esquadra hia o Arcebispo de Goa D. Fr. Aleixo de Menezes (2).

(1) Epilogo de Pedro Barreto. — Discursos sobre los Commercios. — Decada 11. Supplementaria, Cap. 34.

(2) No anno antecedente se formou na Hollanda huma Companhia para fazer expedições á India (Vede a Collecção das Viagens da Companhia das Indias Orientaes, Amsterdam 1702, tomo 1.), cujo primeiro titulo foi *Companhia dos Paizes Remotos.* A 2 de Abril deste anno de 1595 sahio do Texel a primeira Esquadra, que armou esta celebre Companhia; constava dos seguintes navios: O Mauricio, de 400 toneladas, 32 peças, e 84 homens; seu Commandante João Janiz Molenaar, e Sobre-Carga Cornelio Houtman. A Hollanda, da mesma grandeza, e força que o Mauricio; seu Commandante João Dignumiz, e Sobre-Carga Gerardo Van Feuningen. O Amsterdam, de 200 toneladas, 26 peças, e 59 homens; Commandante João Schellinger, e Sobre-Carga René Van Hel. A Pinaca (ou Patacho) Pombinha, de 30 toneladas, 10 peças, e 20 homens; Commandante Simão Lambertsz Maú.

Esta Esquadra encontrou a 4 de Maio duas Náos Portuguezas separadas da Esquadra de João de Saldanha, em huma das quaes hia o Arcebis-

Sahio de Lisboa João de Saldanha a 14 de Abril, e entrou em Goa com toda a sua Esquadra nos principios de Outubro.

A 15 de Janeiro sahio da India para Portugal Aires de Miranda Henriques com as tres Náos, que compunhão a Esquadra que levára no anno de 1594, a que se aggregou a Náo Madre de Deos, acabada de fazer em Baçaim, commandada por Antonio Teixeira de Macedo.

Destas quatro Náos o S. Paulo deappareceo na viagem; e a Madre de Deos aos treze dias de viagem varou de noite no Cabo das Baixas, fazendo-se o Piloto muito longe da terra: a Náo desfez-se logo, em que morreo grande parte da gente, e o resto marchou pelo deserto até á Cidade de Magadaxo, onde chegárão unicamente dezeseis homens, havendo morrido os outros de fome, e sede pelo caminho.

1596. — Tendo ElRei nomeado (1) para Vice-Rei da India ao Conde Almirante D. Francisco da Gama, se aprestou huma Esquadra de cinco Náos, de que foi por Chefe João Gomes da Silva em a Náo Conceição; e os outros Commandantes D. Luiz da Gama, irmão do

po de Goa; e passando á falla, se fizerão huns e outros reciprocos presentes, segundo dizem os Escritores Hollandezes. He certo, que o seu projecto era introduzir-se na India sem escandalizar os Portuguezes, se possivel fosse, até formarem naquelles ricos Paizes algum estabelecimento solido, que lhes servisse de base para as futuras operações, que meditavão em segredo. Mas Diogo de Couto diz (Decada 12. Liv. 1. Capitulo 7.), que dois navios Hollandezes desta mesma Esquadra roubárão algumas embarcações Portuguezas mercantes em Cabo Comorim; e fizerão depois o mais, que em seu lugar se dirá.

Quando eu tratar das guerras do Oriente, exporei o plano que me parece deveria desde logo abraçar a Corte de Hespanha, para fechar a entrada da India áquelles ambiciosos, e astutos Republicanos.

(1) Couto, Decada 12. Liv. 1. Capitulos 1. e 2. — Epilogo de Pedro Barreto. — Faria, Asia Portugueza. — Discursos sobre los Commercios.

Vice-Rei, na Guadalupe; Pedro Tavares, no Vencimento; Vasco da Fonceca Coutinho, no S. Francisco; e Luiz da Silva, no S. Filippe. Embarcou o Vice-Rei na Guadalupe; e tanto nesta, como nas outras Náos embarcárão muitos Fidalgos, e homens distinctos, que hião occupar empregos, ou servir de voluntarios, taes como Lourenço de Brito, Diogo Moniz Barreto, Guterres de Monroy de Béja, D. Luiz Lobo, D. Paulo de Portugal, D. Fernando, e D. Christovão de Noronha, irmãos; D. Antonio de Castro, D. Bernardo de Noronha, D. Alvaro da Costa, D. Pedro de Noronha, D. João de Menezes, D. Jeronymo de Noronha, D. João Tello de Menezes, D. Lopo, e D. Duarte Henriques, irmãos; Lourenço Guedes, Diogo Botelho, Jeronymo Telles Barreto, Mendo Rodrigues de Vasconcellos, João da Gama de Vasconcellos, D. Lopo de Almeida, o Doutor Pedro da Silva, Chanceller da Relação; João de Abreu, Secretario; e Julio Simões, Engenheiro Mor.

Partio de Lisboa o Vice-Rei a 10 de Abril: soffreo na Costa de Guiné muitas calmarias, e trovoadas; e passando a Linha, separarão-se os navios. Dobrou o Cabo de Boa Esperança a 2 de Agosto; a 27 vio as Ilhas de Angoxa, e a 7 de Setembro ancorou em Moçambique, d'onde sahio no dia seguinte; e a 29, estando em 10° 30' de latitude Norte, encontrou correntes tão fortes, e contrarias, que em vinte e quatro horas se achou em 7°. Com estas alternativas de tempo vio a Ilha de Socotorá a 20 de Outubro, a qual não pôde tomar, por ser o vento Nordeste, antes foi forçado a arribar, e correr pela Costa abaixo; e depois de quatorze dias de ventos variaveis, e grandes correntes, ancorou em hum lugar doze leguas distante da Cidade de Ampaza; e tratando alguns negocios commerciaes com os seus moradores, e os de Pate, e Lamo, foi ancorar em Mombaça para esperar a monção.

A esta Cidade o veio visitar o Rei de Melinde, a quem o Vice-Rei hospedou, e presenteou magnificamente, e chegárão tambem dois navios da India, que o Governador Mathias de Albuquerque mandava a correr toda aquella Costa, para saberem noticias suas; e por elles soube o Vice-Rei, que as Náos Vencimento, S. Filippe, e Conceição havião chegado a salvamento, e só faltava o S. Francisco. A 12 de Abril do anno seguinte fez o Vice-Rei partir a Náo Guadalupe, cujo commando entregou a Manoel de Almeida, ordenando-lhe, que fosse tomar Bombaim, por ser mais facil, que o Porto de Goa; e elle sahio de Mombaça com os dois navios da India, e mais cinco Galeotas, fez aguada em Socotará, e a 22 de Maio entrou em Goa.

Manoel de Almeida ancorou em Bombaim a 30 de Maio com a Náo Guadalupe, a qual no anno de 1598, estando já carregada, e prompta a sahir de Cochim com Mathias de Albuquerque, que tinha o seu fato embarcado, e tendo pela pôpa huma barcaça com huma caldeira de breu, com que andavão breando algumas portinholas, saltou o fogo na caldeira, e sendo o vento da pôpa, pegou logo pelas obras mortas, d'onde se espalhou pela Náo com tanta rapidez, que se queimou sem se salvar coisa alguma, e ainda morrêrão algumas pessoas: a carga desta Náo avaliou-se em milhão e meio.

A Náo S. Francisco (1) sahio de Lisboa tão mal alastrada, e carregada, que foi sempre deitada á banda. Separando-se da conserva do Vice-Rei, navegou só; e chegando a 36° de latitude Sul, perdeo o leme. Armou-se huma esparrella com dois mastareos, e como governava muito mal, assentou-se em arribar á Bahia de Todos os Santos, para a qual se dirigírão com bom vento, mas estiverão quasi perdidos á entrada, porque ha-

(1) Vede a Historia Tragico-Maritima, tomo 2.

vendo quinze dias que o Piloto, por vir doente, não observava o Sol, e não tendo a bordo outra pessoa que o fizesse, amanhecêrão abarbados com terra, fazendo-se ainda muito longe della; e por fortuna se mudou o vento, e entrárão na Bahia em Outubro. Esta Náo levava quatrocentas e cincoenta pessoas, e na sua chegada á Bahia havião unicamente cinco homens sãos: todos os mais hião doentes.

Sahio a Náo desta Cidade, para regressar a Portugal, em Janeiro de 1597, e obrigada dos ventos foi até 26° de latitude Sul, d'onde virando, dobrou o Cabo de Santo Agostinho aos quarenta dias de viagem. Sobrevindo depois hum vento Norte mui rijo, e grande mar, abrio a Náo tanta agua, que chegou a ter quatorze palmos della no porão, e só huma bomba capaz de tocar; armárão gamotes, arroxárão o navio com viradores, e e alijárão muita carga ao mar. Achando-se em 33° de latitude Norte, e vendo que a Náo não podia governar, tanto pelo novo leme ser defeituoso, como pela muita agua, que continha no porão, e o vento era contrario para tomarem os Açores, arribárão para as Indias de Hespanha, e a 25 de Março descobrírão a Ilha de Porto Rico, em cuja entrada tocou a Náo, mas sem perigo, e já dentro do Porto encalhou na vasa. Tirada dalli, virou de carena, porêm não se pôde dar com a agua, que fazia. Depois de quinze mezes de demora nesta Ilha, resolverão-se a sahir com a mesma agua, e com effeito chegárão a avistar o Faial, onde encontrárão huma Frota composta de cento e vinte navios Inglezes, e dez Hollandezes, de que erão Generaes o Conde de Essex, Lord Thomaz Howard, e Sir Walter Raleigh: este poderoso Armamento, que tinha a bordo seis mil homens de tropas, destinado para atacar os Portos do Ferrol, e Corunha, havia mudado de direcção, e cruzava sobre os Açores para interceptar os navios Hespanhoes, que re-

gressavão da America. Nesta situação desesperada, o Commandante da Náo tomou por melhor expediente encalhar no Faial, e queimar a Náo, para salvar a gente, como fez.

Da Esquadra de João de Saldanha, que este anno de 1596 partio de Goa para Lisboa, desapparecêrão na viagem as Náos Senhora da Luz, e a Victoria: o S. Simão arribou a Moçambique, onde invernou, e no anno seguinte veio a Portugal: o Rosario arribou igualmente a Moçambique, e alli se perdeo, salvando-se a gente, e a carga; e só o S. Pantaleão chegou a salvamento a Lisboa.

1597. — A Esquadra da India (1) foi este anno de tres Náos, de que era Chefe D. Affonso de Noronha, embarcado em a Náo Castello; e os outros dois Commandantes erão Jorge da Silveira, do S. João; e Christovão de Siqueira Alvarenga, do S. Martinho.

Sahio a Esquadra de Lisboa a 5 de Abril, e entrou em Goa a 26 do mez de Setembro.

1598. — Achava-se prompta em Lisboa (2) huma Esquadra de cinco Náos para a India, quando veio bloquear este Porto huma Esquadra Ingleza de vinte grandes navios, de que era General o Conde de Cumberland, conduzindo a bordo hum Corpo de tropas commandado pelo Tenente General Sir João Berkley. Esta Esquadra dilatou-se todo o mez de Março na Costa de Portugal; e vendo mallogrado o projecto de interceptar á sahida os navios da carreira da India, foi descarregar a sua cólera sobre a Ilha de Lançarote, que destruio, da qual passou á de Porto Rico; e ainda que a tomou, foi

(1) Couto, Decada 12. Liv. 1. Cap. 7. — Epilogo de Pedro Barreto. — Faria, Asia Portugueza. — Discursos sobre los Commercios.

(2) Couto, Decada 12. Liv. 2. Cap. 1. — Epilogo de Pedro Barreto. — Faria, Asia Portugueza. — Discursos sobre los Commercios. — Tridente Britanico, tomo 1. pag. 55.

tal a epidemia que assaltou os soldados, e os marinheiros, que o Conde de Cumberland se vio forçado a abandonar a Ilha, e regressar a Inglaterra, com perda de muita gente, e de immensos cabedaes; porque elle, e outros associados fizerão quasi todas as despezas deste Armamento.

Em consequencia deste bloqueio, não passou navio algum á India, o que foi grande perda para aquelle Estado, que muito necessitava de soccorros abundantes, e efficazes, pelos armamentos navaes da Hollanda. Nem havia o menor obstaculo em que as Náos partissem juntas, ou separadas, logo que a Esquadra Ingleza desappareceo das Costas de Portugal; ou faltou o zelo, ou sobejou o terror panico (1).

(1) Neste anno (vede a citada Collecção tomo 1.) sahírão de Hollanda tres Esquadras armadas pela Companhia. A primeira constava de seis navios grandes, e dois Hiates; os navios erão: O Mauricio, em que hia o Almirante Jaques Cornelisz Van Neck, e por Commandante Govert Jansz, e Commissario Cornelio Heemskerk: o Amsterdam, com o Vice-Almirante Wibrant Van Wanvyk, e Commandante Cornelio Jansz Fortuyn: a Hollanda, Commandante Simão Lambertsz Mau: a Zelandia, Commandante Nicoláo Jansz Melk-nass: o Gueldres, Commandante João Bruyn: e o Utrecht, Commandante João Martsz. O Hiate grande chamava-se Frizia, Commandante João Cornelitsz; e o pequeno Overissel, Commandante João Jansz Hoen. Esta Esquadra levava quinentos e sessenta homens de guarnição; e sahio do Teixel no primeiro de Maio com destino de ir directamente á India, como fez; e voltou á Hollanda em Junho do anno seguinte.

A segunda Esquadra compunha-se de quatro navios, e hum Hiate, cujos nomes erão: A Esperança, de 500 toneladas, e 130 homens, no qual hia o Almirante Jaques Mahu: o Amor, de 300 toneladas, e 110 homens, seu Commandante Simão de Cordes, servindo de Vice-Almirante: a Fé, de 320 toneladas, e 109 homens, seu Commandante Gerard Van Beuningen: a Fidelidade, de 220 toneladas, e 86 homens, Commandante Jurien Van Bockholt: e o Hiate Feliz Mensagem, de 150 toneladas, e 112 homens, Commandante Sebald de Weert. Levava o Almirante Instrucções para passar o Estreito de Magalhães, a fim de conhecer se seria mais facil este caminho para a India, do que o do Cabo de Boa Esperança.

Reinado d'ElRei Filippe III.

No Reinado deste Principe continuou a decadencia de Portugal pelas causas já existentes, e por outras que

Sahírão de Hollanda a 28 de Junho: a 19 de Julho acharão-se na Costa de Barberia tão abarbados com a terra, que surgírão desde sete até quatro braças e meia de fundo, em risco eminente de se perderem. Escapando dalli, chegárão á Ilha do Maio no 1.º de Setembro, d'onde passárão ás de S. Tiago, e Brava, tendo em todas contendas com os moradores sobre lhes fornecerem refrescos, e aguada, de que tinhão a maior necessidade, porque já levavão metade da gente escorbutada, de que poucos dias depois morreo o Almirante, e tomou o commando da Esquadra o Vice-Almirante Cordes. De S. Tiago levárão hum barco de 30 toneladas.

A 2 de Novembro resolvêrão ir á Ilha de Anno Bom, porêm na mesma noite lhes foi forçoso dar fundo na Costa de Mani-Congo, quasi em tres gráos de latitude Sul, achando-se com cento e vinte leguas de erro na sua estima. Como a ressaca do mar não permittia o desembarque, quizerão demandar o Cabo de Lopo Gonsalves: fizerão-se á véla no dia 6, e navegando de dia, e surgindo de noite, chegárão a 9 á Costa de Guiné, e ahi pozerão em terra os doentes, havendo-se-lhes separado o barco com onze homens. Demorarão-se até 8 de Dezembro, em cujo lapso de tempo fallecêrão dezeseis homens, e adoecêrão muitos das molestias endemicas do Paiz, ainda que alguns dos escorbutados se restabelecêrão. Sahírão a 9 deste ancoradouro, e a 16 derão fundo na Ilha de Anno Bom, onde tiverão varias escaramuças com os poucos Portuguezes, que naquelle tempo a habitavão; e partindo para o Estreito de Magalhães a 2 de Janeiro de 1599, á proporção que augmentavão em latitude, se restabelecião os enfermos. Embocárão finalmente o Estreito, e a 6 de Abril ancorárão na Bahia Grande, e depois na de Cordes, onde o rigor do Inverno, que he terrivel naquellas Regiões, lhes custou mais de cem homens, e hum dos Commandantes.

Sahindo ao mar do Sul nos fins de Agosto, huma tormenta os separou, correndo todos varias fortunas. O Almirante Cordes foi morto pelos Indios na Ilha de Santa Maria (no Mar do Sul); e de toda a Es-

occorrêrão de novo; porque as Marinhas de Inglaterra;

quadra só o navio Fé voltou á Hollanda depois de vinte e cinco mezes de penosissima viagem, sem ter feito descoberta alguma importante no mar Pacifico.

A terceira Esquadra (vede o tomo 2. da citada Collecção), levando as mesmas Instrucções da segunda, constava de dois navios: o Mauricio, em que hia o Almiraute Olivier de Noort; e o Henrique Frederico, commandado por Jaques Claasz, servindo de Vice-Almirante; e dos Hiates Concordia, Commandante Pedro de Lint; e Esperança, commandado por João Huidecooper: o total das equipagens era de 248 homens. O Piloto Inglez Melis dirigia a derrota.

Sahírão de Roterdam a 13 de Setembro. A 10 de Dezembro virão a Ilha do Principe, onde querendo tomar alguns refrescos, e agua, os Portuguezes matárão o Piloto Melis, e hum irmão do Almirante, com alguns outros homens. Retirarão-se os Hollandezes, levando muitos feridos, e doentes: corrêrão a Costa de Africa; estiverão ancorados nas proximidades do Cabo de Lopo Gonsalves, e a 26 de Dezembro se pozerão a caminho para o Brasil. A 9 de Fevereiro de 1599 surgírão fóra da barra do Rio de Janeiro: pedírão licença para fazer víveres, e aguada; e não a obtendo, forão á Ilha de S. Sebastião, onde fizerão alguma agua. Gastárão nisto até 20 de Março, que vendo a estação adiantada para buscar o Estreito de Magalhães, tentárão ir á Ilha de Santa Helena, que não poderão tomar até 11 de Maio. Dirigirão-se então á Ilha da Ascensão; e a 21 descobrírão huma Ilha deserta (era a da Trindade) em 2° 15′ de latitude Sul, na qual não achárão refrescos. A 30 descobrírão a Costa do Brasil. No 1.° de Junho ancorárão em Rio Doce (na latitude de 19° 32′), onde não forão admittidos pelos Portuguezes. Sahidos dalli, avistárão no dia seguinte huma Ilha deserta (alguma das de Santa Anna, ou talvez a que fórma o Cabo Frio), que tinha menos de huma legoa de contorno, e distava outro tanto da terra firme, na qual desembarcárão os escorbutados, que se restabelecêrão quasi todos em quinze dias. Partírão desta Ilha a 21, queimando antes o Hiate Concordia, que não estava em termos de navegar. A 30 entrárão na mesma Enseada da Ilha de S. Sebastião, em que primeiro havião estado, e fizerão aguada.

A 16 de Julho se pozerão em derrota para o Estreito, e nos fins de Setembro ancorárão no Cabo das Virgens. Entrárão depois no Estreito, havendo já perdido cem homens; nelle encontrárão o navio Fé, pertencente á Esquadra do Almirante Mahu; e depois de grandes contratempos, desembocárão no mar Pacifico. Por ultimo o Almirante Noort foi o unico, que regressou á Hollanda com o seu navio a 26 de Agosto de 1601.

e de Hollanda forão progressivamente crescendo, e a segunda destas Potencias empregava sobre tudo os maiores esforços para atacar as Possessões Portuguezas Ultramarinas, e apoderar-se do Commercio da Asia, além de infestar os mares com Esquadras, e Corsarios que embaraçavão a navegação dos mercantes, e fazião immensas prezas, com que se enriquecião.

Estes males augmentárão com a Tregua infeliz, que ElRei concluio com os Estados Geraes no anno de 1610, na qual exceptuou os Dominios da Monarchia situados da Equinocial para o Sul, permittindo que nelles cruzassem vasos de guerra Hollandezes. Logo estes ávidos Republicanos destacárão muitos navios bem armados para as Costas do Brasil, os quaes aprezavão quantas embarcações Portuguezas sahião dos Portos daquelle vastissimo Continente, tendo a vantagem de ser o Brasil cheio de Bahias, e Enseadas, que então estavão abertas, onde elles se recolhião, carenavão, e refazião de agua, lenha, e refrescos, para sahirem como de huma emboscada nas monções opportunas a interceptar os navios Portuguezes, que voltavão carregados para a Europa.

O Governo de Portugal não podia só fazer face ás despezas, que exigirião as Esquadras necessarias para comboiar os navios do Brasil desde a sua sahida daquelles Portos até entrarem nos de Portugal; e a Corte de Madrid, por huma falsa Politica, não permittia que se consumisse em beneficio das Colonias Portuguezas o cabedal, de que ella se aproveitava para as precisões, e defensa das Possessões propriamente suas, sobre tudo as forças, e os thesouros da Monarchia em conservar os Estados de Italia, e de Flandes, que pela sua posição Geografica a respeito da Hespanha, mais cedo, ou mais tarde se devião perder.

As Esquadras Hespanholas estavão quasi sempre

estacionadas em Lisboa, onde se provião de tudo, á custa do Paiz, sem exceptuar artilheria, e munições de guerra. A Invencivel Armada foi quasi toda preparada em Lisboa com o dinheiro de Portugal. A estas Esquadras reunião-se de ordinario alguns navios Portuguezes, commandados por pessoas de grande qualidade; e nestes embarcavão tambem como Officiaes, ou simples Voluntarios (chamados Aventureiros) os Fidalgos, e outros homens illustres, que querião entrar nas Commendas da Ordem de Malta. Extinguio-se a Armada das Gales, que em Portugal (bem como na Hespanha) tinha hum General privativo.

Era costume na Hespanha dividir a Marinha em Esquadras, cada huma das quaes tomava o nome do Reino, ou Provincia, que corria com as despezas do seu armamento; e assim se dizia: Esquadra de Galliza, de Portugal, de Biscaia, etc.; e cada huma tinha seu General, e seu Almirante subordinados ao General em Chefe da Marinha, que se intitulava *Capitão General do Mar Oceano*; mas raras vezes os navios Portuguezes se formavão em corpo de Esquadra, e até ao anno de 1616 não se tinhão regulado as precedencias entre aquellas differentes Esquadras e a de Portugal; nem entre a de Portugal e a de Castella, que era a mais privilegiada, e commandada pelo Capitão General. Succedendo porêm achar-se no Governo de Portugal D. Diogo da Silva (vede as Epanaforas de D. Francisco Manoel), Marquez de Alemquer, quiz o Reino de Aragão disputar em preeminencias com Portugal; e tratando o Marquez este negocio com a Corte de Madrid, resolveo-se no Conselho de Estado, que a Esquadra de Portugal usasse da sua antiga bandeira, com tanto que visivelmente se distinguisse da bandeira Castelhana, que era branca, com hum escudo coroado no meio, e por isso de longe se confundia com ella a Portugueza. Em consequencia desta Reso-

lução, mandou o Marquez pintar na bandeira Portugueza huma silva verde nascendo do escudo das Armas Reaes, a qual occupava grande parte do chão branco da bandeira; com cuja distincção se satisfez ElRei.

Em quanto ás preeminencias, ordenou ElRei: *Que a Capitanea de Portugal abatesse a sua bandeira por guinda amaina* (arriar, e tornar a içar) *á Capitanea de Castella* (que tinha o nome *da Real de Hespanha*), *e o mesmo á sua Almiranta Real* (o Almirante da Esquadra de Castella era superior aos Almirantes das outras Esquadras): *Que as Capitaneas dos outros Reinos da Monarchia usassem com a Capitanea de Portugal a mesma civilidade, que esta praticava com a Real de Hespanha: E que nas salvas, faroes, e ordens houvesse similhante correspondencia.* Esta Ordenança não foi sempre executada pelos Hespanhoes.

Era por este tempo General da Armada de Portugal D. Affonso de Noronha, o qual escandalizado desta Resolução, que julgava indecorosa a Portugal, deo a sua demissão. Seguio-se-lhe interinamente no Posto João Rodrigues Roxo, soldado de fortuna, e experimentado marinheiro; e pelo mesmo modo D. Jeronymo de Almeida, e apôs elle, de propriedade D. Antonio de Ataide, que depois foi Conde de Castro Dairo, mas entrando em hum processo criminal, se nomeou Governador da Armada D. Manoel de Menezes.

Durante o Governo de D. Antonio de Ataide, se creou em Portugal o primeiro Terço de Infanteria, unicamente destinado para o serviço da Marinha, de que foi Mestre de Campo o Almirante D. Francisco de Almeida; e alguns annos depois (no Reinado seguinte) se creou outro com o nome de Terço do Soccorro, pelo motivo da expedição, que foi á restauração da Bahia: ambos estes Terços ficárão privativos do serviço naval, tendo hum delles o seu quartel na Fortaleza de S. Julião.

Antes da creação destes Terços guarnecião-se os navios de guerra Portuguezes com gente collecticia, reunida para aquelle momento, e concluido o embarque, retirava-se cada hum para sua casa; e desta maneira faltavão Officiaes, e soldados veteranos quando se querião. Assim a creação destes dois Corpos foi huma idéa feliz.

As Capitaneas das Náos da carreira da India, quando estas fazião Esquadra, estavão no uso de precederem, mesmo nos mares da Europa, ás Capitaneas das Esquadras de Portugal. Ventilou-se este objecto na Corte de Madrid, em huma Junta de Ministros Portuguezes de Guerra, e de Estado, e resolveo-se conservar-lhe esta preferencia, pelo fundamento, além de outros, de que a bandeira das Capitaneas da India não era huma Insignia Real, mas sim huma Insignia Religiosa, ornada com a Cruz de Christo (a bandeira das Náos da India tinha a Cruz vermelha da Ordem de Christo por baixo do escudo das Armas Reaes), a cuja Milicia competia todo o dominio util das Conquistas Orientaes; e por consequencia, huma Insignia quasi Sagrada, e Ecclesiastica, não podia ceder a outras Insignias, ainda que Soberanas, simplesmente Seculares.

Durante este Reinado sahírão de Lisboa para o Oriente cento e vinte e quatro Náos, ou Galeões, treze Urcas, sete Patachos, e seis Caravelas. Destes navios arribárão para Portugal vinte e quatro Náos, e hum Patacho; e seguírão viagem cem Náos, treze Urcas, seis Patachos, e seis Caravelas. Naufragárão na sua ida para a India dez Náos, duas Urcas, e hum Patacho; e na torna-viagem nove Náos, e duas Urcas. Forão tomadas, ou queimadas á ida cinco Náos, e huma Urca; e na torna-viagem duas Náos. Total 32 vasos perdidos; cujo valor não se póde calcular em menos de vinte e cinco milhões.

Falleceo ElRei Filippe III. em 1621.

1599. — Neste anno (1) mandou ElRei duas Esquadras á India. A primeira de quatro Náos sahio de Lisboa a 10 de Fevereiro, commandada por D. Jeronymo Coutinho, em a Náo S. Roque; e os outros Commandantes, João Paes Freire, na Senhora da Paz; Gaspar Tenreiro, no S. Mathias; e Sebastião da Costa, na Conceição. A segunda de tres Náos partio a 4 de Março, commandada por Simão de Mendonça, em a Náo Castello; e os outros dois Commandantes, João Soares Henriques, no S. Martinho; e Diogo de Sousa, no S. Simão (2).

(1) Couto, Decada 12. Liv. 3. Cap. 10. — Faria, Asia Portugueza. — Epilogo de Pedro Barreto.

(2) Neste anno (vede a citada Collecção, tomo 2.) sahírão de Hollanda duas Esquadras para a India. A primeira de tres navios, commandada pelo Almirante Estevão Van Der Hagen, embarcado em o navio Sol, de que era Commandante Cornelio Jansz Schouton; e os outros dois, a Lua, Commandante Cornelio Heynsen; e a Estrella da Manhã, Commandante Cornelio Jansz Mellicknap.

Partírão de Hollanda a 6 de Abril: a 8 do mez seguinte surgírão na Ilha do Maio para fazer agua, o que os habitantes embaraçárão, matando, e aprisionando alguns Hollandezes. Sahindo dalli, virão a Costa de Malagueta a 5 de Junho; a 10 o Cabo das Palmas, que lhes custou muito a montar; e a 23 ancorárão na Ilha do Principe, e pedírão licença para fazer aguada, dizendo serem Hespanhoes, que passavão ao Brasil; mas descoberto o engano, negou o Governador a licença, e sendo atacado pelos Hollandezes, os rechaçou com perda. Largárão desta Ilha para a do Corisco (*). A 27 avistárão a Costa da Ethiopia, e a 2 de Julho achárão a Ilha do Corisco, onde se demorárão quinze dias, tomando agua, e muito peixe. Fizerão-se daqui á véla, e a 24 derão fundo debaixo do Cabo de Lopo Gonsálves (**). Sahírão deste ancoradou-

(*) A Ilha do Corisco fica quasi na boca do Rio de S. João, na Costa Occidental da Africa, pouco ao Sul da sua ponta do Norte, chamada o Cabo de S. João, na latitude de 1° 14', distante coisa de trinta leguas da Ilha do Principe. Ha na Ilha do Corisco muita agua, e lenha, e muitos palmitos, e inhames.

(**) O Cabo de Lopo Gonsalves tem surgidouro da banda do Norte, e do Sul, mas este he o melhor.

Estas duas Esquadras se reunírão em Moçambique, e chegárão a Goa nos principios de Setembro, excepto a Náo Castello, que se perdeo no parcel de Sofala, junto a Quilimane; e ainda que se salvou quasi toda a gente em terra, fallecêrão alli muitas pessoas de enfermidades, em que entrou o seu Commandante.

1600. — A Esquadra da India (1) constou de quatro Náos, em que foi o Vice-Rei Aires de Saldanha embarcado em a Náo S. Valentim (que á vinda a tomárão os Inglezes ancorada na Ericeira); os outros Commandantes erão Fernão Rodrigues de Sá, no S. Francisco; Gaspar Palha, no S. Filippe; e Gonsalo Caldeira, no S. João (2).

ro, e forão tomar o da Ilha de Anno Bom, cujos moradores lhes fornecêrão refrescos. Depois destas extraordinarias escalas, pozerão-se em derrota para o Cabo de Boa Esperança.

A segunda Esquadra constava de oito navios, commandada pelo Almirante Pedro Both, embarcado em o navio Paizes Baixos. Sahio de Hollanda a 21 de Dezembro; passou a Linha no 1.º de Fevereiro de 1600, e dobrou o Cabo de Boa Esperança a 27 de Março.

(1) Couto, Decada 12. Liv. 5. Cap. 8. — Epilogo de Pedro Barreto. — Discurso sobre los Commercios.

(2) Neste anno (vede a Collecção já citada, tomo 2.) mandou a Companhia de Hollanda huma Esquadra de seis navios para as Indias Orientaes, commandada pelo Almirante Jaques Van Neck, embarcado em o navio Amsterdam, e os outros erão o Dordreget, o Harlem, o Leide, o Delfet, e o Hiate Gouda.

Sahio a Esquadra a 28 de Junho: a 13 de Agosto vio a Ilha do Maio, e a 24 de Setembro passou a Linha. A 28 virão huma Ilha, que cuidárão ser a de S. Mattheus; mas surgindo nella no 1.º de Outubro, achárão ser a de Anno Bom (o que fazia hum erro de duzentas e sessenta leguas), cujos moradores, receosos de algum ataque, consentírão que pozessem os doentes em terra, e lhes fornecêrão agua, e reforços: partírão dalli no dia 10, havendo-se restabelecido quasi todos os enfermos, e dobrárão o Cabo de Boa Esperança a 20 de Dezembro.

Com esta mesma Esquadra partírão de Hollanda, com destino ao Achem, os navios Aguia Branca, e Aguia Negra, ambos de 600 toneladas, e separando-se della, virão a 11 de Agosto a Ilha da Boa Vista. A 5 de Setembro encontrárão a Esquadra de Van Neck, e navegárão uni-

Sahio o Vice-Rei de Lisboa a 4 de Abril, e logo no principio da viagem desappareceo a Náo S. Filippe, sem se saber mais della; as outras chegárão em Outubro a Goa.

Nos principios de Janeiro deste anno (1) sahírão da India para Portugal seis Náos, de que veio por Chefe D. Jeronymo Coutinho, em a Náo S. Roque (que partio alguns dias antes), e os outros Commandantes erão Diogo de Sousa, no S. Simão; Sebastião da Costa, na Conceição; João Paes Freire, na Senhora da Paz; João Soares Henriques, no S. Martinho; e D. Vasco da Gama, no S. Mattheus, trazendo poderes para commandar a Esquadra, em quanto não encontrasse o Chefe.

Navegárão os navios desunidos; e a 25 de Abril avistou Diogo de Sousa a Ilha de Santa Helena, levando em sua conserva hum Caravelão, que encontrára em 16° de latitude, com destino do Rio da Prata para Angola; e indo buscar o ancoradouro, que he defronte da Ermida, vio surtas duas Náos Hollandezas, que vinhão do Sunda, e havia cinco, ou seis dias, que alli esperavão por outras duas da sua conserva. Tanto que as conheceo, aprestou-se para o combate, e foi dar fundo hum pouco afastado della, por ter falta de agua.

No momento de ancorar, chegou huma lancha Hollandeza, e hum pouco arredada, disse em Hespanhol, que o Chefe daquellas Náos mandava dizer ao Commandante Portuguez, que logo lhe fosse fallar, e lhe entregasse a Náo, se não, o viria buscar. Diogo de Sousa mandou apontar huma peça para a lancha, e gri-

dos. A 24 passárão a Linha; a 28 descobrírão a Ilha de Anno Bom, de que se julgavão a mais de cem leguas; recebêrão alguns refrescos, e a 30 se apartárão outra vez da Esquadra. A 6 de Outubro, estando por 4.° 30′ de latitude, virão a Costa de Congo a quatro leguas de distancia; e passárão Cabo de Boa Esperança a 22 de Dezembro.

(1) Couto, Decada 12. Liv. 4. Cap. 13.

tar-lhe que se chegasse mais perto, porque não a ouvião; mas os da lancha fizerão cea-voga, e se retirárão.

Os Hollandezes começárão então a bater a Náo com muita furia, matárão dois homens, cortárão o mastro do traquete, e quasi lhe destruírão as enxarcias, e huma bala passou obliquamente o mastro grande. A equipagem do S. Simão, vendo similhante destroço em pouco tempo, desanimou-se; e muitos homens, desamparando os postos, corrêrão á borda da Náo da parte d'onde estava o Caravelão, para se passarem a elle, e fazer-se á véla, por ser embarcação mui ligeira. Porêm Diogo de Sousa os fez volver a seus postos, ora affrontando-os de palavras, ora persuadindo-os a defender-se como verdadeiros Portuguezes, affirmando, que para aquellas duas Náos bastava a sua. Com effeito a sua artilheria, sendo bem servida, matou muita gente aos Hollandezes, e lhes fez taes avarias, que alando-se pelas regeiras, ficárão pela sua proa, d'onde o podião offender com menos risco.

O Mestre do S. Simão, homem experto, e habil marinheiro, metteo na lancha hum ancorote, e foi dar huma espia, sobre a qual a Náo se atravessou, apresentando o costado aos inimigos, e deste modo se batêrão os tres navios por muitas horas, até que a final os Hollandezes largárão as amarras por mão, e fazendo-se á véla, fugírão.

Os Portuguezes desembarcárão, e aproveitarão-se para a sua aguada das pipas, que os Hollandezes tinhão em terra para o mesmo fim; e na Ermida achárão hum letreiro, que elles alli pozerão para as outras duas Náos, que ficavão no Achem carregando, em que lhes fazião saber, que os Javos os retiverão seis mezes cativos, até chegarem outras duas Náos, que os fizerão pôr em liberdade. A razão desta prisão havia procedido de que estas duas Náos forão carregar a Sunda, e todas as pataças

16 ii

que levavão erão falsificadas; e tendo comprado com ellas muitas drogas, vierão os Javos a conhecer a falsidade, e prendêrão todos os que achárão em terra, e os conservárão presos quatro, ou cinco mezes, até que chegárão outros dois navios da sua conserva, e derão aos Javos outra moeda de lei.

Sahidas de Santa Helena as duas Náos Hollandezas, concertárão os Portuguezes a sua Náo; e a trinta, cinco dias depois da acção, surgio na Ilha a Náo Senhora da Paz; aos 3 de Maio a Conceição, e a 16 o S. Roque com o Chefe da Esquadra D. Jeronymo Coutinho. Neste mesmo dia apparecêrão as outras duas Náos Hollandezas, que esperavão do Achem; e indo demandar o surgidouro, como virão a Esquadra Portugueza, forão ancorar na ponta da Ilha, onde ficavão a barlavento; e D. Jeronymo preparou-se para as ir atacar, em o vento lhe dando lugar. A' boca da noite veio a Náo S. Martinho buscar a Ilha, e descobrindo as duas Náos Hollandezas, cuidou que erão da sua Esquadra, e por não perder tempo na Ilha, seguio derrota para o Brasil, onde fez agua, e mantimentos na Bahia, e regressou a Lisboa.

O Commandante das Náos Hollandezas, vendo que não havia agua na ponta da Ilha, onde estava, mandou huma Carta a D. Jeronymo Coutinho, em que lhe dizia: » Que elles erão Christãos, e vassallos de hum Principe » amigo da Hespanha; que erão mercadores, que bus» cavão sua vida pelo mundo; e como tinhão necessida» de de agua, lhe pedião licença para a mandar fazer » nas suas lanchas. » Respondeo D. Jeronymo, que pois erão Christãos, e amigos dos Portuguezes, fossem ancorar junto delle, e alli farião agua á sua vontade.

Os Hollandezes, percebendo a astucia, não quizerão mover-se, e ficárão alli mais cinco dias; mas a 21 de Maio chegou D. Vasco da Gama com a Náo S. Mat-

theus, e a tiros de canhão fez desamarrar os Hollandezes, que de noite se fizerão á véla, e desapparecêrão. Apressou D. Jeronymo a aguada do S. Mattheus, e sahio com a sua Esquadra a ver se ainda podia alcançar os Hollandezes, o que não pôde conseguir, e assim navegou para Portugal, onde chegou a salvamento.

1601. — Neste anno (1) determinou ElRei mandar á India duas Esquadras. A primeira de tres Náos, commandada por D. Francisco Tello, embarcado no S. Jacintho; e os outros Commandantes Sebastião da Costa, na Senhora da Paz; e Constantino de Mello, no S. Roque. A segunda Esquadra, commandada por Antonio de Mello e Castro, constava de seis Galeões: O São Tiago, em que elle hia; o S. João, Commandante Jorge de Moura; o Salvador, Commandante Francisco de Miranda Henrique; o S. Mattheus, Commandante Diogo Paes Castello; o Santo Antonio, Commandante Manoel Paes Viegas; e a Senhora da Bigonha, de que não achei o nome do Commandante. Esta ultima Esquadra levava gente, munições, e dinheiro para remediar as necessidades, que padecião os Estados da India (2).

(1) Epilogo de Pedro Barreto. — Faria, Asia Portugueza. — Historia Tragico-Maritima, tomo 2.

(2) Neste anno (vede a citada Collecção, tomo 2.) sahírão de Hollanda tres Esquadras para a India. A primeira commandada pelo Almirante Wolphart Hormansen, constava dos navios Gueldres, em que elle embarcou, de 250 toneladas; a Zelandia, em que hia o Vice-Almirante Hans Hendricksz Bouwer, de 400 toneladas, o Utrecht, de 240 toneladas; e os Hiates Gardien, de 120; e outro de 50 toneladas.

A segunda Esquadra compunha-se dos navios Amsterdam, Enchuise, Alckmaar, Leão Negro, Leão Branco, Leão Verde, Leão Vermelho, e Pombinha; repartida em duas Divisões, ás ordens dos Almirantes Van Heemskerk, e João Grenier.

A terceira Esquadra era composta dos navios a Ovelha, em que levava a sua bandeira o Almirante Jorge Spilberg; e o Carneiro, Commandante Guion le Fort; e do Hiate o Cordeiro, commandado por Guilherme Jansz.

Como não foi possivel apromptar ao mesmo tem-

Sahírão as duas primeiras Esquadras a 22 de Abril, e a 20 de Agosto chegárão á altura do Cabo de Boa Esperança, havendo-se na viagem separado a segunda.

Spilberg partio de Hollanda a 5 de Maio, a 29 vio a Madeira, a 31 a Palma, da qual se dirigio a Cabo Branco, que reconheceo a 4 de Junho, e a 10 ancorou ao Sueste de Cabo Verde. Deixando alli os seus dois navios, passou para o Hiate, em consequencia de ordens da Companhia, e foi a Porto Dale, então aberto ao Commercio de todas as Nações. Achou neste Porto tres Caravelas Portuguezas mercantes, com as quaes teve hum combate, de que sahio ferido; e na sua retirada os Negros da terra assaltárão a lancha do Hiate, em que elle hia, e o fizerão prisioneiro, conduzindo-o a Rufino, onde estavão algumas embarcações Francezas, que o livrárão das mãos dos Negros. Recolhido finalmente a bordo da sua pequena Esquadra, voltou com ella a Porto Dale, para se vingar das Caravelas, de que achou só huma, que tomou, e tornou a largar por concerto, que fez com alguns Portuguezes estabelecidos naquelle Porto.

Sahio daqui a 20 de Junho, e a 11 de Julho achou-se a tres legoas de Rio de Cestos (*), e determinou ir á Ilha de S. Thomé a buscar alguns refrescos; mas a 26, avistando a Ilha de Anno Bom, ancorou nella. Para enganar os moradores, disse-lhes, que tinha licença d'ElRei de Hespanha para ir ao Brasil; porém vendo logo descoberta a sua falsidade, tentou desembarcar com cento e vinte homens debaixo da protecção dos seus navios; empreza em que foi rechaçado. Partio desta Ilha a 29, e a 31 vio a de S. Thomé, na qual lhe succedeo o mesmo. Em consequencia destes acontecimentos, atravessou para o Continente, e a 3 de Agosto ancorou na Ilha do Corisco. Sahio a 11 para o Cabo de Lopo Gonsalves, em que deo fundo a 17. A 30 fez-se de véla, e finalmente reconheceo o Cabo de Boa Esperança a 28 de Novembro.

Seja-me permittido dizer aqui por antecipação, que tendo Spilberg affirmado ao Rei de Candia, *Que os Hollandezes erão os verdadeiros Christãos, e os que tinhão o verdadeiro Deos nos seus corações*; aconteceo pouco depois aprisionar no Porto de Matecaló, situado na mesma Ilha de Ceilão, tres embarcações mercantes Portuguezas, cujas equipa-

---

(*) Este Rio está situado na Costa da Malagueta na latitude N. 5° 57'; e longitude 9° 8'. He muito estreito, e só capaz de pequenas embarcações, mas as suas margens são povoadas de muitas Aldeas, onde ha abundancia de arroz, e outros mantimentos: a Costa he por aqui muito aparcelada.

po tantos navios, sahírão successivamente desde 11 até 27 de Abril; e arribárão para Portugal as tres Náos do commando de D. Francisco Tello, e os Galeões Bigonha, e S. Mattheus.

Antonio de Mello levava debaixo da sua bandeira as Frotas do Commercio destinadas para Africa, e Brasil, que largou nas paragens convenientes; e seguindo viagem com os quatro Galeões, que restavão da sua Esquadra, se apartou voluntariamente na altura das Ilhas de Tristão da Cunha o Galeão Santo Antonio, que se foi perder em Socotorá, onde morreo quasi toda a gente; e o seu Commandante Manoel Paes Viegas, embarcando-se para Goa com os que havião escapado, nunca mais appareceo. Os outros tres Galeões forão a Goa.

1602. — A Esquadra da India (1) foi este anno de seis Náos (2), commandada por D. Francisco Tello,

gens chegavão a cem homens, pela maior parte marinheiros Indios. Destes recebeo elle a seu bordo alguns, que acceitárão o serviço Hollandez: dos outros mandou huns poucos de presente ao Rei de Candia, inimigo capital dos Portuguezes, e mandou deitar o resto ao mar. Tal he o facto narrado no Jornal de Cornelio Jansz Vennip, Piloto do seu proprio navio. — Vede a mesma Collecção no tomo 2. já citado.

(1) Faria, Asia Portugueza. — Epilogo de Pedro Barreto.

(2) A Companhia Hollandeza mandou este anno á India huma Esquadra de quatorze navios, e hum Hiate, commandada pelo Almirante Wybrandt Van Waarwik (vede a citada Collecção, tomo 21), tendo por Vice-Almirante Sebalde de Weert; os navios erão: O Mauricio (em que hia o Almirante) de 800 toneladas; a Zelandia, de 800 toneladas; a Hollanda, de 700 toneladas; o Nassau, de 680 toneladas; o Sol, de 500 toneladas; a Lua, de 500 toneladas; o Flessingue, de 500 toneladas; o Erasmo, de 500 toneladas; o Jardim de Hollanda, de 400 toneladas; a Estrella, de 360 toneladas; a Virgem de Enchuise, de 350 toneladas; o Ganso, de 280 toneladas; a Concordia, de 240 toneladas; o Rotterdam, de 260 toneladas; e o Hiate Pombinha, de 50 toneladas. Estas embarcações hião bem artilhadas, e levavão mais de mil homens.

A 13 de Maio sahio primeiro de Hollanda o Vice-Almirante Weert com tres navios, e a 17 de Junho o Almirante Waarwik com o resto

embarcado em a Náo S. João; e os outros Commandantes Sebastião da Costa, na Senhora da Paz; Sebastião Macedo de Carvalho, no S. Francisco; Constantino de Mello, no S. Roque; Vicente Paes Castello Branco, no S. Mattheus; e Vicente de Sousa, no Galeão Conceição.

Sahio a Esquadra de Lisboa a 25 de Março, e chegou a Goa no mez de Setembro.

Determinando-se em Goa (1), que o Galeão S. Tiago voltasse carregado para Portugal (ainda que construido para a guerra), deitarão-lhe hum entrecostado para o fortificar, e metterão-lhe no porão quatro mil quintaes de pimenta, e nos baileos, coberta, convéz, tolda, tombadilho, e até dentro da lancha, e á roda do cabrestante erão tantos os caixotes, e fardos a cavalete, que não podia passar hum homem entre elles; e ainda não satisfeitos desta espantosa carga, pozerão fardos, e camarotes de vento nas mezas, e em postiças armadas por fóra do costado, de maneira que o Galeão vinha enterrado no mar, e era impossivel marear o panno em qualquer momento critico. Em recompensa não tinha partido da India desde muitos annos hum navio tão importante.

A 25 de Dezembro de 1601 sahio Antonio de Mello e Castro no Galeão com perto de trezentos homens, entre marinheiros, soldados, e escravos; e alêm destes, vinhão trinta Fidalgos, e pessoas nobres, como erão D.

da Esquadra. A 24 de Julho descobrio a Madeira, e a 3 de Agosto a Ilha da Boa Vista. A 23 achou-se junto ao Cabo das Palmas, e a 5 de Setembro reconheceo a Ilha de S. Thomé, que não pôde tomar. A 13 vio o Rio de Gabão, e a 24 ancorou no Cabo de Lopo Gonsalves, para fazer agua. Sahio a 28; a 11 de Outubro chegou á Ilha de Anno Bom, onde por força de armas, e com perda de gente, fez aguada, colheo algumas fructas, e queimou, e saqueou tudo quanto pôde alcançar. Largou desta Ilha no dia 21, e a 12 de Dezembro dobrou o Cabo de Boa Esperança.

(1) Vede a Historia Tragico-Maritima, tomo 2.

Pedro Manoel, irmão do Conde da Atalaia; D. Filippe de Sousa, D. Manoel de Lacerda, Francisco de Mello e Castro, filho do Commandante; Ruy Pereira, Simão Ferreira do Valle, Duarte Barbosa de Alpoem, Alvaro Velho, João Falcão, Fernando Ortiz de Tavora, Pedro Mexia, o Padre Fr. Felix, e outros.

Vendo Antonio de Mello, que o Galeão governava mal, ordenou, com o parecer dos Officiaes, que se alijasse ao mar o que fosse indispensavel para ficar mais boiante; e assim se fez, obrigando-se todos ás perdas do alijado, por serem effeitos de marinheiros, e grumetes. Navegando na volta de Moçambique, na fórma do seu Regimento, não o pôde tomar, por ser o vento contrario a isso, e bom para seguir viagem. A 25 de Fevereiro de 1602 passárão o Cabo de Boa Esperança com tudo largo, e mar bonança, como até alli não passára navio algum.

Montado o Cabo, preparou-se a artilheria, e fizerão-se todas as disposições para se poderem defender, por terem noticias na India de haverem passado ao Sunda muitos navios Hollandezes. Agitou-se aqui a questão, se devião ir á Ilha de Santa Helena, ou seguir para Lisboa, onde podião chegar até Maio. O Regimento, que Antonio de Mello trazia de Goa, dado pelo Vice-Rei Aires de Saldanha, ordenava:

» Que a derrota fosse á Ilha de Santa Helena,
» como Sua Magestade mandava; e que achando sur-
» to algum navio inimigo, o accommettesse, parecen-
» do-lhe que seguramente o podia fazer, com tanto que
» não se desgarrasse do surgidouro. E que chegando
» á Ilha, surgisse na primeira ponta, chamada o Espa-
» ravel, porque estando a Bahia occupada de Náos ini-
» migas, ficava seguro de não poderem ir a elle, por
» ser o vento sempre por cima da terra, contrario a
» quem estava dentro, que não podia ganhar aquella

» ponta. E não estando Náos inimigas na Bahia, tam-
» bem ficava melhor no dito Porto, para dalli defen-
» der a entrada da Ilha a quem a viesse demandar de
» fóra. Que depois do Galeão bem amarrado, seria
» bom mandar fazer em terra huma trincheira com
» duas, ou tres peças, e gente sufficiente, a cuja som-
» bra ficaria melhor defendido o navio, e capaz de of-
» fender a quem viesse demandar o Porto. E que acon-
» tecendo ajuntarem-se as outras Náos da sua conser-
» va, não devião deixar o ancoradouro do Esparavel,
» ainda que fizessem aguada com mais trabalho, pois
» que delle se podião defender, e impedir aos inimi-
» gos, que surgissem na Ilha. Que succedendo, que
» no dito lugar, e na Bahia estivessem surtos navios,
» com os quaes não fosse licito arriscar-se a pelejar,
» passasse de largo seguindo a sua viagem para o Rei-
» no, na fórma do Regimento. E que surgindo em
» Santa Helena, mandasse vigiar a terra, e a Ermida
» por pessoas intelligentes, e fossem ao alto da serra
» descobrir rasto de inimigos. Que acontecendo ap-
» parecerem mais Náos, que a da sua conserva (que
» era indicio certo de serem inimigas), se fizesse á vé-
» la, e assentasse com os Officiaes, Fidalgos, e mais
» pessoas o que conviesse para maior segurança da via-
» gem, não se desviando da altura limitada. E que se
» encontrasse alguns navios inimigos, deixava em seu
» entendimento como se haveria com elles. »

Com este Regimento se defendeo Antonio de Mello de não proseguir a viagem para Portugal, alêm de outras ordens precisas, que trazia do Vice-Rei, e Conselho de Estado da India, que o obrigavão a tomar Porto naquella Ilha, e esperar alli todo o mez de Maio pelos outros dois Galeões do seu commando, que havião sahido da India depois delle, para irem juntos buscar a Costa de Portugal, em que andavão Corsarios. Estas Ordens

lhe tinhão sido dadas, a pesar de todas as representações, que contra ellas fizera em Goa.

Repartio Antonio de Mello os postos para o caso de combate, nomeando D. Pedro Manoel para commandar no convéz, Ruy Pereira no castello de proa, e Simão Ferreira do Valle na tolda. Constava a artilheria do Galeão de dezesete peças, quasi todas de pequeno calibre, e as do convéz (sua unica bateria) não se podião ponteirar, tanto por serem as portinholas muito estreitas, como pela grossura dos dois costados; e alêm disso estava o convéz empaxado com fardos, e caixotes; tambem as munições de guerra erão poucas. Em fim, preparado o navio do modo possivel, soltou o rumo para Santa Helena.

A 14 de Março pela manhã avistou a Ilha, e indo buscalla pelo Norte, descobrio a ponta do Esparavel, e logo ancoradas no Porto tres Náos Hollandezas. Esta Esquadra, commandada por Cornelio Sebastiansz, vinha do Sunda, e havia chegado a Santa Helena nos principios de Fevereiro, em consequencia das ordens, que para isso recebêra. A Capitanea montava trinta e duas peças, e as outras trinta cada huma: todas tinhão duas baterias; e como só trazia cada huma dois mil quintaes de pimenta, vinhão mui boiantes, e bem armadas, e as suas portinholas erão bem rasgadas, de maneira que ponteiravão as peças para todas as partes. Cada huma tinha de guarnição quasi cem homens escolhidos.

Antonio de Mello, ainda que alguns lhe aconselhavão a retirada, considerando quanto o seu Galeão era máo de véla, e o animo que similhante manobra daria aos inimigos, resolveo ir buscar o ancoradouro, que o seu Regimento lhe ordenava. O Commandante Hollandez quando vio vir o Galeão demandar o Esparavel, cuidou que queria encalhar, e queimar-se, como fizera na Ilha das Flores a Náo Santa Cruz, acossada dos Inglezes. Em

consequencia expedio logo huma lancha com hum trombeta a fallar aos Portuguezes, e foi-se entretanto fazendo á véla com a sua Náo, e mais outra, deixando a terceira no ancoradouro. A lancha fallou de largo, sem se perceber o que dizia, e retirou-se logo, porque isto era artificio para entreter o Galeão, que foi dar fundo no Esparavel, onde ao mesmo tempo surgírão as duas Náos Hollandezas, que forçando de véla, havião ganhado barlavento, vindo com bandeiras, e flamulas, tocando as trombetas, com a artilheria fóra, e morrões accesos. Simão Peres, Mestre do Galeão, bradou a Antonio de Mello, que não consentisse os inimigos naquelle lugar. Antonio de Mello atirou-lhes hum tiro, a que elles respondêrão com toda a artilheria, e assim se travou huma furiosa batalha a tiro de arcabuz, arma de que os Portuguezes usárão todo o dia, mas com pouco effeito, porque dos inimigos não apparecia pessoa alguma descoberta, pelas boas trincheiras que trazião. Vendo Antonio de Mello, que na posição em que estava, lhe não servia huma parte da sua artilheria, mandou dar huma espia em terra pela pôpa, com que o Galeão se atravessou; e sentindo os Hollandezes o damno; se fizerão á véla, e no outro bordo vierão surgir em tal posição, que hum dos seus navios ficava pela prôa do Galeão. Com esta vantagem pelejárão todo o dia, havendo de parte a parte muitos mortos, e feridos, entre os quaes foi hum Francisco de Mello e Castro, que estando no convéz apontando huma peça, cuja guarnição o tinha desamparado, recebeo treze mortaes feridas, e perdeo hum olho pelos estilhaços que levantou huma bala, que atravessou os costados. E estando cahido sem accordo, querendo D. Pedro Manoel encobrir a seu pai este triste successo, não pôde, porque como elle acudia a todas as partes, veio logo alli, e cuidando que o filho estava morto, levantou a voz, e disse: *Senhores, não*

haja turvação; se meu filho está morto, cubrão-no; que acabou em seu officio, e cada hum acuda ao seu.

Os Portuguezes não cessavão de buscar todos os meios de offender os Hollandezes, cujas balas fazião grandissimo estrago no casco do Galeão, e nas enxarcias. No convéz hum Artilheiro Hespanhol, agastado de lhe não correr huma peça á sua vontade, acabava de dizer: *Praza a Deos, que venha huma bala, e me quebre estas pernas*, quando chegou a bala, e lhas quebrou, e o matou. O Piloto tinha seis escravos, e metteo-os todos entre as abitas mui juntos, cuidando estarião mais seguros; veio huma bala, e espedaçou todos seis. Alêm destas mortes, houverão outras, e muitos feridos. Todos os Fidalgos, e soldados mostrárão muito valor, pelejando com os seus mosquetes, e arcabuzes, e servindo a artilheria, porêm cheios de magoa de não poderem chegar ás mãos com os inimigos.

Cerrada a noite, botarão-se os mortos ao mar, e se curárão os feridos; reformou-se o apparelho, que estava espedaçado, trabalhando todos nisso; e parecendo a Antonio de Mello, que os Hollandezes tinhão naquelle sitio muita vantagem, e que no mar largo, se estivesse agitado, serião obrigados a fechar a primeira bateria, que era a mais importante, e elle poderia aproveitar-se da sua artilheria de hum e outro lado, o que lhe não era possivel estando surto, determinou fazer-se á véla; e dando disto conta a algumas pessoas, julgárão que devia seguir seu caminho, na fórma do Regimento; e esta foi tambem a opinião do Mestre. Rendido o quarto da prima, se desamarrou o Galeão; e como os Hollandezes, logo que anoiteceo, voltárão para o Porto, com receio de que os Portuguezes os abordassem de noite, que era o que mais temião, vendo vir o Galeão velejado com a proa direita a elles, alárão-se para a terra com tanta presteza, que ficárão por seu barlavento, e não pô-

de Antonio de Mello abordallos, como era seu intento, e lhe foi forçoso seguir viagem.

As tres Náos Hollandezas, fazendo-se então á véla, em breves horas o alcançárão; e ficando huma dellas affastada, as outras duas se collocárão pela sua pôpa, e alheta de sotavento, e o começárão a bater, mettendo-lhe muitas balas ao lume de agua, sem o Galeão lhes poder fazer grande damno, porque alêm de não trazer peça alguma na pôpa, como hia a barlavento, era-lhe preciso arribar quasi a pôpa, para lhe servir a sua bateria, mas nesta occasião orçavão elles, e tiravão-se da direcção das peças, que pela estreiteza das portinholas, e embaraço dos caixões, e fardos que empaxavão o convéz, não podião ponteirar. Desta maneira se acabou o dia, havendo alguns mortos, e feridos a bordo do Galeão, que ficou hum crivo de balas, por onde bebia tanta agua, que não a podião vencer as duas bombas: as enxarcias, e velame estavão feitos em pedaços, e o mastro grande passado por tantas partes, que se esperava que cahisse. Passou-se a noite com grande trabalho, não descançando pessoa alguma, especialmente para acudir ás bombas; pois ainda que o Calafate José Diniz andou em hum balso tapando os buracos por fóra, debaixo do fogo dos inimigos, não pôde tapar todos por causa da mareta; e por dentro era impossivel, pelo macisso da carga. Deitarão-se os mortos ao mar, curarão-se os feridos, e preparou-se tudo o melhor que foi possivel. Mas Antonio de Mello, percebendo que não podia ter vantagem, senão abordando os Hollandezes, mandou ao amanhecer largar huma bandeira encarnada, que naquelles tempos significava hum desafio para abordagem; e fez abrir duas portinholas na pôpa, em que se cavalgárão dois canhões tirados da proa.

Os Hollandezes mostrárão ao principio acceitar o desafio, porêm mudárão de projecto, e continuárão a ba-

ter o Galeão com a sua artilheria, matando, e ferindo algumas pessoas, e recebendo tambem algum damno das duas peças da pôpa. A este tempo achava-se já o Galeão sem governo, a mastreação arruinada, sem panno, nem cabos, e as bombas entupidas, por se haver arrombado hum paiol de pimenta, a qual correo para a arcada da bomba. Neste estado, a maior parte da gente se deo por perdida, e muitos forão representar ao Commandante, que o Galeão hia a pique, e era necessario render-se, para salvarem as vidas. Antonio de Mello os animou, lembrando-lhes que erão Portuguezes, a quem a morte nunca fez esquecer da honra; e que de noite desentupirião as bombas, e alijarião muita fazenda ao mar, como havião feito na antecedente; e que esperava em Deos se defenderião com muita gloria. Os Fidalgos, e mais pessoas distinctas, que se comportárão sempre com o maior valor, ajudárão a socegar o alvoroço, e a animar a gente atemorizada.

Tornando todos a seus postos, não passou muito, que se levantou hum sussurro entre a gente, de que o Galeão se hia ao fundo; e com grande motim tornárão ao Commandante, levando comsigo o Padre Fr. Felix com hum Crucifixo nas mãos, o qual lhe requereo em nome de toda aquella gente, que pelas chagas de Nosso Senhor Jesus Christo se quizesse entregar. Respondeo-lhe Antonio de Mello: *Já Vossa Reverencia tem muito bem cumprido com o Officio de Religioso, e Prégador, agora deixe-me a mim fazer o de Capitão.* O Escrivão Manoel Ferreira ousou dizer-lhe, que pozesse o caso a votos, a que elle se recusou. Chegou neste momento o Mestre, que vinha do porão, e fallando-lhe ao ouvido, pareceo aos que estavão presentes ouvir-lhe dizer, que o Galeão hia a pique, e responder-lhe Antonio de Mello: *Pois ajudallo a ir*; ao que o Mestre lhe tornou: *Logo*

V. mercê quer morrer? Pois se isso quer, tambem eu morrerei com elle.

A isto bradou quasi toda a gente com grande motim: *Se Vossas mercês querem morrer, nós queremos salvar as vidas; já que não aproveita pelejar, nem ha remedio de defensa.* E desobedecendo ás vozes, e diligencias do Commandante, corrêrão ao tombadilho, e içárão huma bandeira branca, a cuja vista cessárão os Hollandezes o fogo, e vierão a bordo nos seus escaleres. Entrando o Commandante Hollandez na camara, onde Antonio de Mello estava retirado com algumas pessoas, que nunca o desampararão, o cumprimentou com as palavras em taes casos costumadas, promettendo-lhe em nome da sua Republica toda a fazenda, que lhe pertencesse; e que lhe entregasse os papeis, e pedraria que trazia; a que Antonio de Mello respondeo: *Esse partido fazei vós com os que vos entregárão o Galeão, e vos chamárão, e deixárão entrar, que eu não heide mister mercês vossas, nem da vossa Republica, porque tenho Rei para mas fazer: nem eu tenho para vos entregar nada, pois me não dou por vencido, senão quando vós me abordardes, e renderdes pelas armas.* Com esta resposta voltou o Hollandez colerico nos escaleres para os seus navios, d'onde tornou a vir com gente armada. Neste meio tempo tomou Antonio de Mello as Vias, e livro de carga, com boa copia de pedraria, e deitou tudo ao mar, dizendo a Ruy Pereira, e a outros que estavão na Camara, e lhe observavão o perigo a que se expunha: *Que perecesse embora a sua vida, e não perecesse hum ponto da sua obrigação, nem permittisse Deos, que os inimigos soubessem os segredos d'ElRei.*

Disto se resentio muito o Commandante Hollandez, e mandou passar para bordo da sua Náo a Antonio de Mello, e a seu filho Francisco de Mello, com

outras pessoas principaes; e depois trabalhárão os Portuguezes, e Hollandezes em reparar o Galeão até ser noite, que os Hollandezes não ousárão ficar nelle, com receio que fosse a pique.

No dia seguinte tornárão os Hollandezes, e continuou-se o trabalho dos gamotes, e o reparo dos furos das balas; mas a pezar de tudo, cada vez o Galeão se afundava mais, por ser impossivel tapar-lhe todos os rombos, de que estava crivado; e vendo isto os Hollandezes, que estavão a bordo, chamárão as suas lanchas, e saltárão nellas com tal pressa, que se afogárão dois. Os Portuguezes, considerando-se abandonados, largárão os gamotes, e huns nús, outros vestidos, subirão-se pelos bordos, e pelas mezas, clamando aos Hollandezes, que os recolhessem; porêm estes, longe de o fazerem, matavão os que os hião buscar a nado, entre os quaes foi hum o Calafate José Diniz. Ao Escrivão ferírão gravemente, e assim mesmo se pôde metter na lancha; e fazendo-se morto em quanto elles se occupavão em assassinar os mais, escapou com vida. Finalmente gritando alguns do Galeão aos Hollandezes, que tomassem pedraria, e mostrando-lhes *bizalhos* della, forão recolhidos a bordo. O Mestre mostrou-lhes o seu apíto com cadêa de prata, e foi recebido. Os restos da gente, observando que só levavão os que davão pedraria (que poucos tinhão), entrárão em desesperação, e pegados por fóra do costado, pedião a gritos misericordia.

Succedeo aqui hum caso raro. Hia no Galeão hum Artilheiro chamado Vicente Fernandes, fugido do Reino, com intento de ficar na India, temendo ser enforcado em Portugal por haver morto hum homem; e vendo que os Hollandezes só tomavão os que tinhão pedras preciosas, determinou lançar-se da pôpa dentro das suas lanchas quando passassem por baixo. Para isto pendurou-se de hum balso, com taes voltas, que indo a ar-

riar-se sobre huma lancha, se lhe embaraçou o balso no pescoço, e ficou nelle enforcado.

Não podendo Antonio de Mello soffrer por mais tempo tão triste espectaculo, disse ao Commandante Hollandez, que já que soubera vencer com tanto valor, o mostrasse em se apiedar daquella gente, que diante dos seus olhos se hia ao fundo, pedindo-lhe misericordia. A esta justissima representação respondeo outro Official Hollandez, insultando grosseiramente a Antonio de Mello, e ameaçando-o com a morte. Entretanto anoiteceo.

Os Portuguezes, irritados da barbaridade dos seus inimigos, começárão com grande espirito a trabalhar na sua conservação, alijando ao mar a artilheria, e fazenda que podérão, e não cessando com os gamotes: amanheceo o Galeão ainda sobre o mar, com espanto dos Hollandezes, que parecendo-lhes agora o poderião fazer navegavel, ou que ao menos salvarião parte da carga, acudírão com muita gente; cortárão o mastro grande, que estava incapaz de serviço; e alijando mais caixotes, e tapando por fóra os rombos mais baixos, pelo socego do mar o permittir, chegárão a desentupir as bombas, e a vencer a agua, com grande gosto dos Portuguezes, que se derão por salvos. Finalmente em poucos dias se poz o Galeão em estado de navegar, posto que sempre fazendo agua; e assim seguírão derrota para a Ilha de Fernando de Noronha, expedindo logo para Hollanda o navio, que não entrára em combate.

Em 22 dias, que gastárão até á Ilha de Fernando de Noronha, soffrêrão os Portuguezes cruel trato dos Hollandezes, que se não devia esperar nem de gente barbara; e antes de os lançarem na Ilha, forão a hum e hum apalpados por dois Hollandezes escolhidos para esse ministerio, que os despírão nús, para que não escapasse cousa alguma. Antonio de Mello foi apalpado em

hum camarote pelos Commandantes dos dois navios Hollandezes, que nada lhe achárão. Porêm o que os Portuguezes mais sentírão forão os insultos, que elles fizerão a algumas Imagens.

Desta maneira forão os Portuguezes desembarcados na Ilha, sem cousa alguma que os abrigasse, e só a Francisco de Mello derão huma alcatifa para ser transportado, por estar muito mal das feridas; e a todos os escravos declarárão livres, levando comsigo os que quizerão ir com elles.

Entrados os Portuguezes na Ilha, se fez resenha de gente, e achou-se que nos combates, e successos que se lhes seguírão, morrêrão quarenta homens, pela maior parte escravos: dizia-se, que dos Hollandezes morrêrão dezoito. Todos os moradores da Ilha se reduzião naquelle tempo a hum Feitor Portuguez, com treze escravos de ambos os sexos. Os Hollandezes derão aos prisioneiros hum moio de milho pilado, hum barril de arroz, hum pouco de biscouto avariado, e hum barril de vinagre; ainda que se lhe pedírão alguns dos muitos mantimentos, que trazia o Galeão; e nem mesmo lhes quizerão deixar huma espingarda para poderem matar algum gado bravo, de que havia bastante na Ilha.

Padecêrão aqui os Portuguezes grandes fomes, e necessidades, porque as arvores não davão fructo, nem os campos hervas, que se comessem; e assim tratárão de fazer hum barco, para mandarem á Costa fronteira do Brasil buscarem auxilios, e meios para sahirem dalli, e com summa difficuldade obtiverão dos Hollandezes alguma ferramenta, com que á força de trabalho concluírão o barco.

A falta de abrigo, a má qualidade das aguas, e dos alimentos causárão doenças graves; e estando Antonio de Mello muito mal, pedio-se huma gallinha aos Hollandezes, que não a quizerão dar, e foi necessario comprar-se

huma ao Feitor da Ilha a troco de camizas; mas pondo a gallinha hum ovo, julgou-se conveniente não a matar, a fim de aproveitarem os ovos para Antonio de Mello, e seu filho.

Demorarão-se os Hollandezes na Ilha muitos dias, em que baldeárão a maior parte da carga do Galeão nos seus navios, e a final partírão com elle para Hollanda, levando por força alguns marinheiros Portuguezes; porêm antes de sahirem, escrevêrão por duas vezes a Antonio de Mello, pedindo huma cadêa de ouro, que dizião terem visto em terra a hum dos prisioneiros, com ameaças de queimarem o barco; e por fim nada fizerão.

Neste barco partio da Ilha D. Pedro Manoel, que chegou felizmente a Parahiba, e dalli avisou ao Governador de Pernambuco Diogo Botelho, que expedio duas Caravelas a buscar a gente, a qual por ultimo veio a Portugal. Antonio de Mello justificou-se por Justiça, e em Resolução de Consulta do Desembargo do Paço de 15 de Julho de 1603 foi declarado não só livre de toda a culpa, mas louvado pelo seu bom comportamento.

1603. — A Esquadra da India (1) foi de cinco Náos (2), commandada por Pedro Furtado de Mendon-

(1) Epilogo de Pedro Barreto. — Faria, Asia Portugueza.

(2) A Esquadra Hollandeza (vede a citada Collecção tomo 3.), que se armou este anno para a India, era commandada pelo Almirante Estevão Van der Hagen, tendo por Vice-Almirante Cornelio Sebastiansz, e constava dos seguintes navios: As Provincias Unidas (em que hia o Almirante), de 700 toneladas, seu Commandante Simão Hom; o Amsterdam, de 700 toneladas, Commandante Arent Claarsz Calck-huis; o Dordrecht (navio do Vice-Almirante) de 700 toneladas, Commandante Hans Rymelandt; o Hoorn, de 700 toneladas, Commandante João Cornelisz Avenhorn; o Gueldres, de 500 toneladas, Comandante João Jansz Mol; a Zelandia, de 500 toneladas, Commandante Crijn Pietersz; a Queste Frizia, de 500 toneladas, Commandante Jaques Jacobsz Clunt; a Corte de Hollanda, de 340 toneladas, Commandante Guilherme Cornelisz; o Delft, de 300 toneladas, Commandante Guilherme Lock; o Euchuise, de 300 toneladas, Commandante Nicoláo Thijiz Cab; o Gou-

ça, embarcado em a Náo Bitancor; e os outros Commandantes Vasco Fernandes Pimentel, no Galeão São Salvador; Antonio Moreira, no Galeão S. Simão; Antonio Vaz Salema, no S. João; e Pedro de Almeida Cabral, no S. Mattheus.

Sahio a Esquadra de Lisboa a 9 de Abril, e chegou a Goa por todo o mez de Outubro.

1604. — Este anno (1) partio para a India o Vice-Rei D. Martim Affonso de Castro, commandando huma Esquadra de cinco Náos, indo elle embarcado no S. Jacintho; e os outros Commandantes Braz Telles de Menezes, na Senhora da Palma; Antonio de Mendonça, no S. Filippe; D. João de Menezes, no S. Nicoláo; e Manoel Barreto Rolim, na Senhora das Neves.

Sahio o Vice-Rei de Lisboa a 28 de Abril, e navegando só, por se espalharem os navios, foi ter ás Ilhas de Angoxa com o mastro grande rendido, e dalli a Moçambique, onde invernou. O S. Filippe perdeo-se em Angoxa, salvando-se a gente. As tres Náos restantes, achando-se já em 12° de latitude Sul, arribárão para Portugal; caso extraordinario, de que não achei explicação!

Em Novembro partírão de Lisboa para Malaca as

da, de 260 toneladas, Commandante Cornelio Hersz Pronek; o Medenblick, de 250 toneladas, Commandante Dierick Claasz Moyliеves; e o Hiate Pombinha, de 60 toneladas, Commandante Guilherme Jansz. Esta Esquadra levava mil e duzentos homens de guarnição; e o seu armamento importou perto de 920$000 cruzados.

Sahio de Hollanda a 18 de Dezembro, menos o Gouda, que partio depois; e a 10 de Março de 1604 ancorou na Ilha do Maio, da qual passou á de S. Tiago. Aqui o Almirante escreveo ao Governador, pedindo licença para comprar alguns refrescos; ao que lhe respondeo: *Que para os Hollandezes não tinha senão polvora, e bala.* Com isto se fez a Esquadra á véla, passou a Linha a 9 de Abril, e dobrou o Cabo de Boa Esperança no 1.° de Junho.

(1) Epilogo de Pedro Barreto de Rezende. — Faria e Sousa, Asia Portugueza.

Caravelas S. Bernardo, commandada por Sebastião da Costa; e Santo Antonio, de que era Commandante Sebastião Barbosa; e ambas forão a salvamento.

1605. — Este anno (1) sahírão de Lisboa duas Esquadras para o Oriente. A primeira, que partio a 7 de Março, destinada para Malaca, era de tres Galeões; no primeiro, chamado Senhora das Mercês, hia o Chefe Alvaro de Carvalho, com o Posto de General do Mar do Sul; dos outros erão Commandantes Manoel Mascarenhas Homem, do S. Nicoláo; e D. Francisco de Noronha, do S. Simão. Esta Esquadra ancorou em Goa no mez de Outubro (2).

A segunda Esquadra sahio a 27 de Março, composta de sete Náos, commandada por Braz Telles de Menezes; e os outros Commandantes Pedro da Silva, na Conceição; Vicente de Brito e Menezes, na Senhora da Palma; Manoel Barreto Rolim, nos Martyres; D. João de Menezes, na Salvação; D. Francisco de Almeida, na

(1) Epilogo de Pedro Barreto. — Faria, Asia Portugueza.

(2) A Esquadra, que a Companhia de Hollanda (vede a citada Collecção, tomo 3.) mandou este anno á India, ás ordens do Almirante Cornelio Metelief Junior, constava dos navios: o Orange (em que elle tinha a sua Insignia) de 700 toneladas, e 163 homens; o Mauricio, de 700 toneladas, e 144 homens; o Amsterdam, de 700 toneladas, e 179 homens; o Middelbug, de 600 toneladas, e 131 homens; o Leão Negro, de 600 toneladas, e 127 homens; o Leão Branco, de 540 toneladas, e 140 homens; o Sol grande, de 540 toneladas, e 150 homens; o Erasmo, de 500 toneladas, e 148 homens; as Provincias Unidas, de 400 toneladas, e 100 homens; o Nassau, de 320 toneladas, e 85 homens; e o Sol pequeno, de 220 toneladas, e 67 homens. Este Armamento custou á Companhia pouco mais de 780$ cruzados.

A Esquadra partio de Hollanda a 24 de Maio, e a 4 de Julho ancorou na Ilha do Maio, em que fez aguada. Sahio dalli a 19, e descobrio a Costa de Africa a 10 de Agosto pela latitude de 6° Norte. Passou a Linha a 25. Vio a Ilha de Anno Bom a 7 de Setembro, onde se proveo de agua, e refrescos; nesta Ilha habitavão então unicamente dois Portuguezes. Sahio a 15, reconheceo a Ilha da Ascensão a 7 de Outubro; e a 21 de Novembro tomou sondas no Cabo das Agulhas.

Oliveira; e Manoel Telles de Menezes, no Galeão Salvador. Esta Esquadra tomou Goa nos principios de Setembro.

Na torna-viagem encalhou na Ilha de S. Lourenço, pela banda de dentro, a Náo Bitancor; e cortando o mastro grande, esteve quatorze dias encalhada na vasa, mas a final sahio, e foi a Moçambique, d'onde voltou para Goa, a fim de se concertar. As Náos Salvação, e Martyres tiverão peior fortuna, porque se vierão perder na barra de Lisboa.

1606. — Neste anno (1) não foi Esquadra á India, posto que se apromptasse huma de tres Náos, porque huma poderosa Esquadra Hollandeza bloqueou o Porto de Lisboa. Os Ministros de Hespanha não percebião, que as riquezas daquella Monarchia vinhão do Ultramar; e por consequencia havião passar para as mãos de quem fosse senhor dos mares (2).

1607. — Neste anno (3) mandou ElRei duas Esquadras ao Oriente. A primeira commandada por D. Jeronymo Coutinho, constava das Náos Senhora da Penha de França, em que embarcou D. Jeronymo; Senhora de Jesus, de que era Commandante D. João de Mene-

(1) Epilogo de Pedro Barreto. — Faria, Asia Portugueza.

(2) A Companhia de Hollanda (Vede a citada Collecção, tomo 3.) mandou este anno á India o Almirante Paulo Van Caerden com huma Esquadra composta dos navios o Banda, em que elle hia embarcado, de 600 toneladas; o Bantam, de 700 toneladas; o Walcheren, de 700 toneladas; o Terveer, de 700 toneladas; o Ziericzea, de 500 toneladas; a China, de 420 toneladas; o Ceilão, de 340 toneladas; e o Patane, de 340 toneladas.

Sahio Caerden a 3 de Junho: a 12 de Setembro vio a Costa de Guiné, ao longo da qual navegou em demanda do Cabo de Lopo Gonsalves, em que surgio a 30. Partio daqui, e a 6 de Novembro ancorou na Ilha de Anno Bom, onde tomou agua, e refresco. Seguio a sua viagem, e no 1.º de Janeiro do anno de 1607 se achou na latitude do Cabo de Boa Esperança.

(3) Epilogo de Pedro Barreto. — Faria, Asia Portugueza.

zes; e S. Francisco, commandado por D. Francisco de Lima (1).

(1) A Esquadra, que a Companhia de Hollanda mandou este anno á India (Vede a citada Collecção, tomo 4.), era commandada pelo Almirante Pedro Willemsz Verhoeven, levando por Vice-Almirante Francisco Wertet, e constava dos navios seguintes: Provincias Unidas (onde hia o Almirante) de 800 toneladas, 36 peças, e 160 homens, seu Commandante Frans Jacobsz; o Middelbourg (navio do Vice-Almirante), de 1000 toneladas, 26 peças, e 220 homens, seu Commandante Cornelio Leenertsz Krackeal; a Hollanda, de 1000 toneladas, 38 peças, e 230 homens, Commandante Simão Jansz Hoen; o Rotterdam, de 1000 toneladas, 30 peças, e 210 homens, Comandante João Cornelisz de With; o Delft, de 1000 toneladas, 36 peças, e 210 homens, Commandante João Cornelisz de With; o Delft, de 1000 toneladas, 36 peças, e 210 homens, Commandante Simão Martensz; o Hoorn, de 700 toneladas, 27 peças, e 140 homens, Commandante Martin Jansz Kloot; o Amsterdam, de 600 toneladas, 30 peças, e 140 homens, Commandante Pedro Gerritsz; a Zelandia, de 600 toneladas, 28 peças, e 140 homens, Commandante Guilherme Jacobsz; o Leão Vermelho com Flechas, de 460 toneladas, 26 peças, e 120 homens, Commandante João Wallischsz; o Hiate Pavão, de 220 toneladas, 26 peças, e 70 homens, Commandante Meus Gysbertsz; o Hiate Aguia, de 220 toneladas, 24 peças, e 70 homens, Commandante Rutgert Thomasz; o Hiate Falcão, de 200 toneladas, 21 peças, e 70 homens, Commandante Cornelio Adriansz; e o Hiate Grifo, de 200 toneladas, 19 peças, e 60 homens, Commandante Cornelio Cornelisz Thert.

Esta Esquadra levava 1840 homens, 367 canhões, e víveres, e munições para tres annos: importou o seu armamento 1:120$ cruzados.

Sahio de Hollanda o Almirante Verhoeven a 22 de Dezembro. A 2 de Fevereiro de 1608 vio as Ilhas de Cabo Verde, e ancorou na do Maio, onde fez agua. Passou a Linha a 7 de Março: a 23 resolveo ir á Ilha de Santa Helena fazer aguada, e refrescar os enfermos. Deo fundo nesta Ilha a 15 de Maio, e desembarcou quinhentos doentes. Sahio dalli a 2 de Junho, e a 28 reconheceo o Cabo das Agulhas.

Referi as Esquadras, que a Republica de Hollanda mandou á Asia contra os Portuguezes, desde o anno de 1598 até este de 1607 (menos o de 1604, que me parece não foi nenhuma), cujo total deita a cento e treze navios, para que se possão comparar com as poucas embarcações que Portugal, ou antes o Governo de Hespanha, enviou áquella remota parte do Mundo para defenderem as riquissimas Possessões, que Portugal conquistára á custa de tantos trabalhos, despezas, e derramamento de sangue; não se devendo metter em linha de conta as Náos da

A 5 de Fevereiro sahio de Lisboa D. Jeronymo Coutinho, com destino a Moçambique, onde chegou com todos os seus navios, e fez retirar os Hollandezes, que tinhão posto em risco aquella Praça, como em seu lugar direi; e concluida esta commissão, partio para Goa, e ancorou alli em Setembro com duas Náos, porque á sahida de Moçambique se perdeo o S. Francisco, salvando-se a gente, e a carga.

A segunda Esquadra sahio de Lisboa a 17 de Fevereiro, commandada por João Correa da Silva, no Galeão S. Filippe e S. Tiago; e os outros Commandantes Luiz de Brito de Mello, no Santo André; Diogo de Sousa, na Senhora da Consolação; e Jeronymo Telles de Albuquerque, na Senhora do Loreto.

Desta Esquadra tomárão os Hollandezes nos Ilheos Queimados a Náo Senhora do Loreto. A Náo Santo André chegou a Goa em Maio do anno seguinte, e perdeo-se naquella barra. A Náo Consolação invernou em Moçambique; mas tornando no anno seguinte, achou os Hollandezes sobre aquella Ilha, e os Portuguezes lhe lançárão fogo.

1608. — Sendo nomeado para Vice-Rei da India (1) o Conde da Feira D. João Pereira, sahio de Lisboa a 29 de Março com huma Esquadra de seis Náos da Carreira, indo elle embarcado em a Náo Monte do

Carreira da India, que hião cada anno directamente a Goa, e voltavão no seguinte com a carga, que achavão prompta; e aindaás vezes se occupavão neste giro alguns dos navios, que tinhão sido mandados com destino de servirem nas Esquadras da India.

Deste quadro comparativo das forças, que os Hollandezes empregárão na Asia para atacar, e das que tinhão os Portuguezes para se defender, se deduzirá facilmente, que não he de admirar, que elles fizessem algumas conquistas, mas que não conquistassem mais; sobre tudo, se estendermos o termo de comparação aos annos seguintes; mas reservo esta materia para outro lugar.

(1) Epilogo de Pedro Barreto. — Faria, Asia Portugueza.

Carmo; e os outros Commandantes D. Luiz de Sousa, na Salvação; Pedro de Tovar, na Oliveira; Miguel Correa Baharem, na Ajuda; Christovão de Sequeira Alvarenga, na Palma; e D. Pedro Mascarenhas, na Conceição.

Levava o Vice-Rei debaixo da sua bandeira outra Esquadra de seis Galeões, e duas Urcas, destinada para ficar servindo na India, a qual era commandada por D. Christovão de Noronha, que hia servindo de Almirante no Galeão Santo Antonio; e os outros Commandantes erão Diogo de Sousa de Menezes em outro Galeão da invocação de Santo Antonio; D. Diogo de Almeida, no S. Bartholomeu; Francisco Pereira Sodre, no Bom Jesus; Manoel da Silva da Cunha, no S. João Evangelista; e D. Constantino de Menezes, no Santo Espirito. Manoel de Frias commandava a Urca David; e Manoel de Matos, a Urca S. Marcos.

Esta Esquadra navegou com pouca ordem, como fazião quasi todas. A Náo Conceição, e o Galeão Santo Espirito arribárão. O Vice-Rei falleceo de doença no dia 15 de Maio, e o seu corpo foi remettido para Portugal na Urca David. Em consequencia tomou D. Christovão de Noronha o commando em chefe das duas Esquadras, e mudou a sua bandeira para a Náo Monte do Carmo, na qual invernou em Moçambique, o que tambem fizerão os dois Galeões do nome de Santo Antonio, o São Bartholomeu, e a Urca S. Marcos; que todos no anno seguinte passárão a Goa. As Náos Salvação, e Palma naufragárão, a primeira junto a Moçambique, e a segunda em Angoxa, salvando-se a gente de ambas. A Náo Ajuda perdeo-se na Costa da Mina, por má navegação. A Náo Oliveira foi incendiada pelos Portuguezes nos Ilheos Queimados, para evitar que a tomassem os Hollandezes, como tomárão o Galeão Bom Jesus defronte de Moçambique. Na torna-viagem foi a pique em Ceilão o Galeão S. Bartholomeu.

A chegada a Portugal da Urca David, fez com que ElRei nomeasse logo a Lourenço Pires de Tavora para Vice-Rei; e a 24 de Outubro sahio de Lisboa embarcado em hum Galeão, levando debaixo das suas ordens as Urcas S. Jacintho, e David, de que erão Commandantes Estevão Teixeira de Mello, da primeira; e Gregorio da Costa, da segunda; o Patacho S. José, commandado por André Salema; e a Caravela Monserrate, Commandante Manoel de Frias.

Invernou o Vice-Rei em Moçambique, e em Setembro do anno seguinte chegou a Goa com os seus navios.

1609. — A Esquadra da India (1) foi este anno de cinco Náos, commandada por D. Manoel de Menezes, embarcado em a Náo Piedade; e os outros Commandantes Ambrosio de Pina de Azevedo, na Penha de França; Manoel Barreto Rolim, na Guadalupe; Antonio Barroso, na Senhora de Jesus (que á vinda arribou á Bahia, onde se perdeo); e Luiz de Barde no S. Boa Ventura.

Sahio a Esquadra a 23 de Março, e arribou a Náo Guadalupe. A Náo Piedade entrou em Goa a 19 de Novembro, e as outras tres havião chegado em Outubro.

1610. — A Esquadra deste anno (2) constou de tres Náos, commandada por Luiz Mendes de Vasconcellos, em a Náo Remedios; e os outros Commandantes Manoel Telles de Menezes, no Livramento; e João da Costa Travassos, na Santa Helena.

Sahio de Lisboa a 23 de Março, e naufragou á sahida na barra a Náo Livramento: as outras duas tomárão Goa a 4 de Outubro.

1611. — A Esquadra ordinaria da India (3) foi de

(1) Epilogo de Pedro Barreto. — Faria, Asia Portugueza.
(2) Epilogo de Pedro Barreto. — Faria, Asia Portugueza.
(3) Epilogo de Pedro Barreto. — Faria, Asia Portugueza.

tres Náos, commandada por D. Antonio de Ataide, na Guadalupe; e os outros Commandantes Antonio de Mendonça, no S. Filippe; e Francisco Correa, na Piedade.

Sahio de Lisboa a 20 de Março: a Náo Piedade chegou a Góa a 9 de Setembro, e as outras duas a 12.

A 3 de Outubro partírão de aviso para a India duas Caravelas: o Santo Antonio, commandada por Antonio de Abreu, com destino a Malaca; e a Esperança, Commandante André Coelho, para Goa, onde chegárão ambas em Maio do anno seguinte, havendo invernado em Moçambique.

A 17 de Novembro sahio de Lisboa o Galeão São João Evangelista, Commandante Antonio Pinto da Fonceca, com o novo cargo de Visitador das Fortalezas da India: invernou em Moçambique, e em Setembro do anno seguinte chegou a Goa.

1612. — A Esquadra deste anno (1) foi de tres Náos, commandada por D. Jeronymo de Almeida, embarcado em a Nazareth; e os outros Commandantes Christovão de Sequeira Alvarenga, na Senhora do Carmo; e D. Luiz da Gama, na Senhora do Cabo.

Sahio a 10 de Abril D. Luiz da Gama, invernou em Socotorá, onde lhe morrêrão de enfermidades quatrocentos homens. As outras duas Náos chegárão a Goa em Setembro; e na volta para a Europa combatêrão na Ilha de Santa Helena, com quatro navios Hollandezes, de que mettêrão hum a pique, e vierão a Lisboa a salvamento.

1613. — A 29 de Janeiro (2) partio de Lisboa com avisos para Malaca o Patacho Senhora dos Remedios, commandado por Belchior Rodrigues Cardoso, que che-

(1) Epilogo de Pedro Barreto. — Faria, Asia Portugueza.

(2) Epilogo de Pedro Barreto. — Faria, na Asia Portugueza diversifica de Barreto.

gou a Moçambique a 5 de Junho, e dalli seguio para Malaca, onde entrou a 29 de Agosto.

A 7 de Abril sahio a Esquadra da India de quatro Náos, commandada por D. Manoel de Menezes, embarcado em a Náo Senhora da Luz; e os outros Commandantes erão Luiz Freire Furtado, no S. Boa Ventura; Paulo Rangel de Castello Branco, nos Remedios; e Manoel de Vasconcellos, no S. Filippe.

Esta Esquadra, navegando unida, não pôde montar o Cabo de Santo Agostinho, e arribou para Lisboa, onde entrou a 23 de Agosto.

Por causa desta arribada, partirão de Aviso para a India a 4 de Dezembro Pedro Rodrigues, no Patacho Senhora da Luz; e Luiz Massene, no Patacho Nazareth, os quaes chegárão a Goa em Maio do anno seguinte; o primeiro a 13, e o segundo a 15.

1614. — A Esquadra da India (1) constava de cinco Náos, commandada por D. Manoel Coutinho, embarcado em a Náo Senhora da Luz; e os outros Commandantes erão Paulo Rangel de Castello Branco, que levava o cargo de Almirante, na Náo Senhora dos Remedios; João Soares Henriques, na Guadalupe; Luiz Freire Furtado, no S. Boa Ventura; e Manoel de Vasconcellos, no S. Filippe. Esta Esquadra levava tres mil soldados para ficarem na India, dos quaes morreo metade na viagem. Em sua conserva partírão com destino para Moçambique as Urcas Boa Fortuna, Commandante Ruy de Mello de S. Paio, e a Conceição, commandada por Francisco de Sousa Pereira, que obedecia a Ruy de Mello.

Sahio de Lisboa D. Manoel Coutinho a 7 de Abril, e tomou Goa a 7 de Novembro com as Náos S. Boa Ven-

(1) Epilogo de Pedro Barreto. Faria, Asia Portugueza. — Vede o Livro intitulado Rebelion de Ceilan, por João Rodrigues de Sá e Menezes, Lisboa 1681.

tura, e S. Filippe. A Náo Guadalupe perdeo-se em Melinde, salvando-se a gente, e o cofre do dinheiro. O Almirante Paulo Rangel achou na sua viagem tempos contrarios, e ruins, e tanta falta de agua, e mantimentos, que chegou á altura da Ilha de Socotorá, tendo a bordo setecentos enfermos, e mui poucos homens sãos para o trabalho. Não podendo ferrar a Ilha, determinou ir invernar a Mombaça, e foi avistar a Costa de Magadaxo, sem saber onde estava, e com a gente já amotinada. Felizmente apparecêrão duas embarcações, e como o tempo era calmoso, mandou no escaler a Constantino de Sá e Noronha, Fidalgo de approvado valor, e grande talento, que hia de seu passageiro, o qual depois de seguir as embarcações por espaço de dois dias, soube dos Portuguezes (porque ambos o erão), que a Costa, que se via, era a de Magadaxo. Esta boa noticia socegou o motim, e a Náo ancorou naquella Cidade, onde se proveo de agua, e víveres. Dalli passou a invernar em Mombaça; e sahindo no anno seguinte para a India, entrou em Goa no mez de Maio.

Não foi mais feliz esta Esquadra na sua volta para Portugal. A Náo S. Boa Ventura aos vinte e cinco dias de viagem, foi a pique, salvando-se a gente nas Náos Capitanea, e S. Filippe. A mesma Capitanea naufragou na Ilha do Faial, em que se perdeo toda a carga, e se afogárão duzentas pessoas. A Náo Remedios, estando surta na barra de Goa para sahir a 28 de Janeiro de 1616, naufragou, salvando-se a gente, e perdendo-se tudo quanto havia a bordo. A Urca Conceição (em que hia embarcado o Escritor Pedro Barreto de Rezende), varou de noite, por erro do seu Piloto, na Costa do Brasil, entre as Bahias Formosa, e da Traição.

1615. — A Esquadra da India (1) foi este anno de

(1) Epilogo de Pedro Barreto de Rezende. — Faria, Asia Portugueza.

quatro Náos, commandada por D. Jeronymo Manoel, embarcado em a Náo Boa Nova; e os outros Commandantes D. Antonio Tello de Menezes, na Senhora de Jesus, o qual não estando em Lisboa na occasião da sahida, foi em seu lugar D. Diogo Cavaco (mas elle teve o capricho de ir por terra á India, para tomar o commando na torna-viagem); Francisco Lopes Carrasco, na Nazareth; e João Pereira Corte Real, no Galeão Santo Antonio.

Sahio a Esquadra a 5 de Abril: o Galeão entrou em Goa a 11 de Agosto; as Náos Senhora de Jesus, e Nazareth em Setembro; e a Boa Nova a 7 de Outubro.

1615. — Neste anno de 1615 se concluio a Conquista do Maranhão (1); Conquista da maior importancia para Portugal, em que os meios empregados para a obter, forão desproporcionados ás difficuldades da empreza. Para se entender este extraordinario acontecimento, he preciso tomar as cousas de mais longe.

Hum Armador Francez, por nome Rifault, que frequentava muito as Costas do Norte do Brasil, havendo travado amizade com os Indios naturaes, pareceo-lhe facil crear hum estabelecimento naquelles Paizes; e associado com outras pessoas, voltou de França em 14 de Maio de 1594 com tres navios bem armados; mas havendo perdido o melhor delles, arribou por accidente á Ilha do Maranhão, onde foi bem recebido dos Indios seus habitantes. Determinado a fixar alli a sua residencia, deixou em terra com alguma gente a Mr. Des-Vaux, e tornou a França para se munir das cousas necessarias ao estabelecimento projectado. Se a Corte de París ti-

(1) Vede os Annaes Historicos do Maranhão, por Bernardo Pereira de Barredo, desde Liv. 2. até Liv. 5.; e o tomo 1. N. 3. da Collecção das Noticias para a Historia das Nações Ultramarinas, pela Academia Real das Sciencias de Lisboa.

vesse favorecido com meios efficazes este principio de conquista, de certo a ampliaria nos annos que decorrêrão até á epoca, em que os Portuguezes pensárão seriamente na occupação daquella vasta Provincia, que então comprehendia não só o Maranhão, mas o Pará.

A primeira tentativa para penetrar no Maranhão foi emprehendida no anno de 1603, sendo Governador do Brasil Diogo Botelho, por hum morador da Parochia, chamado Pedro Coelho de Sousa, que levou á sua custa oitenta Portuguezes, e oitocentos Indios armados, com duas Caravelas, auxiliado pelo Sargento Mór do Estado Diogo de Campos Moreno, Official do maior merecimento. Esta expedição, que poderia dar grandes resultados, não produzio outro mais, do que a ruina de Pedro Coelho, e o conhecimento das difficuldades que offerecem a marcha por terra.

Em 1604 partio Diogo de Campos para Hespanha, encarregado de expor aos Ministros daquella Monarchia, o máo estado em que se achavão a Bahia, e Pernambuco, ameaçadas das Esquadras de Hollanda; e a importancia da Conquista do Maranhão; porêm ainda que obteve satisfação aos primeiros artigos, nenhuma se lhe deo relativamente ao Maranhão.

D. Diogo de Menezes, que em 1608 succedeo no Governo do Brasil a Diogo Botelho, fez novas instancias na Corte de Madrid para se proceder á Conquista do Maranhão; e por ultimo obteve huma Carta Regia para tirar ulteriores informações daquelle Paiz, e do melhor modo de emprehender a sua Conquista. Em consequencia, mandou em 1611 a Diogo de Campos ao Rio Grande do Norte, onde tinha intelligencias com os Indios, por via de seu sobrinho Martins Soares Moreno, que alli vivia; e com sua informação, toda favoravel á empreza do Maranhão, se resolveo D. Diogo de Menezes a participallo assim á Corte de Madrid, e mesmo

a dar-lhe principio, nomeando logo ao proprio Martim Soares para Commandante do Seará, com ordem de construir hum Forte, e huma Igreja, a fim de domesticar os Indios, com os quaes tinha ganhado grande reputação. Chegado ao Seará, o favoreceo a fortuna, trazendo-lhe hum navio Hollandez, que elle assaltou, e tomou á testa dos seus Indios; morrêrão na acção quarenta e dois Hollandezes, e achárão no navio muitas munições de guerra, víveres, e artilheria, que lhe forão de grande auxilio. Do Porto de Mucuripe expulsou Martim Soares outro navio da mesma Nação, matando-lhe alguns homens, de maneira que por falta de braços que o mareassem, naufragou na Costa, perdendo-se o resto da gente. Faltárão porêm os soccorros de Pernambuco a esta Colonia nascente, por haver passado D. Diogo de Menezes a assistir na Bahia; e assim não pôde prosperar.

Entretanto informado ElRei da necessidade urgente de proseguir o negocio do Maranhão, ordenou a Gaspar de Sousa, que acabava de nomear Governador do Brasil, que residisse em Pernambuco, e elegesse para a expedição do Maranhão as pessoas que mais idoneas lhe parecessem, dando-lhe para esse fim todos os poderes necessarios. Mandou logo Gaspar de Sousa hum reforço a Martim Soares, e nomeou para General da Conquista do Maranhão a Jeronymo de Albuquerque, morador em Pernambuco, por ter muita pratica dos costumes, e linguagem dos Indios, e por estar persuadido, que sem o auxilio destes se não poderia conseguir aquella empreza. Sahio de Pernambuco Jeronymo de Albuquerque em 1613, com quantidade de generos para fazer presentes, e cambios com os Indios; e chegando ao Seará, levou comsigo o Capitão Martim Soares, o qual se lhe offereceo para reconhecer a Costa até ao Maranhão, e voltar com toda a brevidade possivel; o que era mais facil

de prometter, que de cumprir, como a experiencia mostrou.

Partido Martim Soares a este reconhecimento maritimo, foi Jeronymo de Albuquerque ao Rio Camuri, e não achando por alli terreno conveniente para fazer povoação, por ser mui falto de agua, voltou oito leguas atraz á Bahia das Tartarugas, que desemboca no grande parcel de Jericoacoara, onde construio hum Forte com o nome de Nossa Senhora do Rosario, em que deixou hum seu sobrinho com quarenta Soldados: e como não tinha outras noticias de Martim Soares, senão mandar-lhe dizer do Pará, que havia alli chegado, e se dispunha a passar ao Maranhão; e tambem o Indio Principal da Serra de Buassava, chamado o Diabo Grande, recusava obedecer ao seu mandado de vir fallar-lhe á Bahia das Tartarugas, resolveo-se a marchar por terra ao Seará com o resto da sua gente, ordenando aos barcos de transporte se dirigissem a Pernambuco ao longo da Costa, como elle depois fez, dando com isto por concluida a campanha deste anno, de que o Governador Gaspar de Sousa não ficou satisfeito.

Diogo de Campos Moreno, que estava em Madrid, recebeo neste meio tempo ordens successivas, e apertadas d'ElRei para passar a Pernambuco, por ter aviso de que os Hollandezes armavão para o Brasil. Dirigio-se elle a Lisboa, onde se lhe promettia achar promptos alguns navios com quatrocentos homens. Mas chegando a esta Capital em Junho de 1613, achou só trinta soldados alistados; o que participou ao Governador de Pernambuco, do qual recebeo ordem, que levasse unicamente peças de artilheria, e armamento, porque não tinha meios pecuniarios para pagar aos Soldados.

A 8 de Abril de 1614 partio de Lisboa Diogo de Campos embarcado em huma Urca, levando duas peças de artilheria, algumas armas, e munições, e cincoenta

Soldados. Chegou ao Recife a 26 de Maio; achou huma Sumaca prompta com alguma farinha de mandioca para o Forte das Tartarugas, cuja guarnição havia tres mezes, que comia hervas do campo; e soube que os Indios daquelle Paiz havião assaltado o Forte em numero de trezentos, em que forão rechaçados, e depois fizerão pazes. Como a Sumaca não sahia por falta de gente, se lhe mettêrão quatorze Soldados dos que chegavão de Portugal, e dezeseis Hespanhoes que alli forão ter arribados; e assim partio, levando só dois arrateis de polvora, pelo descuido dos Officiaes dos Armazens. Chegada a Sumaca ás Tartarugas a 9 de Junho, logo a 12 appareceo naquella Bahia hum navio Francez de 400 toneladas, com trezentos homens, que conduzia para o Maranhão; e querendo de passagem destruir aquelle estabelecimento, desembarcárão cem homens, de que os Portuguezes matárão hum, ferírão sete, e obrigárão os outros a retirar-se; ficando morto hum Portuguez, e quatro feridos.

O Governador Gaspar de Sousa, tardando-lhe noticias do Capitão Martim Soares, que havia perto de hum anno, que partíra a fazer o reconhecimento do Maranhão, e querendo adiantar os preliminares da Conquista, nomeou de novo para General da expedição a Jeronymo de Albuquerque, e por ordem expressa d'ElRei lhe deo por *Collega com voto igual em todas as cousas* a Diogo de Campos Moreno, que sendo Sargento Mor do Estado do Brasil, só delle Governador Geral podia receber as ordens; ainda que todas as que se dessem na expedição, havião ser em nome de Jeronymo de Albuquerque; e fez sahir este a 22 de Junho para a Parahiba com algumas Sumacas, levando as munições necessarias para organizar hum corpo de Indios, de que elle tratou com grande actividade.

Diogo de Campos estava em Pernambuco apressan-

do a sahida do resto da expedição, quando a 24 de Julho chegou aviso de Lisboa, de que o Capitão Martim Soares havia reconhecido a Ilha do Maranhão, e achára os Francezes bem estabelecidos, e fortificados, e com infinitos Indios do seu partido; e que não podendo voltal a Pernambuco pelos ventos contrarios, e correntes, arribára ás Indias de Castella, d'onde passára a Sevilha; e mandava o Piloto Simão Martins, e alguns Soldados dos que o acompanhárão, para darem todas as informações, que se necessitassem. Com a chegada destes homens continuou o Governador a aprestar os navios, e gente que devia ir na expedição, para a qual se offereceo o Engenheiro Mor Francisco de Frias, e outras pessoas particulares. Formarão-se quatro Companhias de sessenta homens cada huma, incluindo os Soldados que havião hido com Jeronymo de Albuquerque: offerecerão-se tambem alguns Aventureiros para formarem huma Companhia separada.

A maior difficuldade desta empreza consistia na falta de dinheiro para fazer face ás grandes despezas, que ella exigia, as quaes augmentárão, porque quando o Governador recebeo de Madrid as ordens mais terminantes para emprehender aquella Conquista, recebeo outras para remetter a Hespanha o producto dos Dizimos, que era o unico rendimento do Estado, de que elle poderia servir-se naquella occasião.

Em fim, depois dos maiores esforços, sahio de Pernambuco Diogo de Campos a 23 de Agosto de 1614 com dois navios mercantes, huma Caravela, e cinco Sumacas, levando cem Portuguezes, entre Soldados, e marinheiros, que unidos aos que tinha Jeronymo de Albuquerque no Rio Grande, farião trezentos homens, alêm dos Indios. Os petrechos de guerra consistião em tres canhões de ferro, duzentas balas de artilheria, vinte quintaes de polvora, e os mosquetes, arcabuzes, chum-

bo, e morrão que havia nos armazens. As embarcações levavão algumas pequenas peças para sua defensa, e mui poucos víveres.

No mesmo dia da sahida ancorárão os navios no Porto dos Francezes. Sahírão daqui a 24 com bom terral; e correndo a Costa, surgírão na Bahia da Traição. Neste caminho encontrárão huma Sumaca de Pernambuco, que havia levado soccorro ao Presidio das Tartarugas, d'onde sahíra a 8 de Junho; e a tornárão a expedir para o Rio Grande, com aviso da sua ida. A 25 partírão com bom vento para o Porto dos Buzios; e chegando ainda com Sol, passárão adiante, e derão fundo na Ponta Negra.

A 26 veio por terra Jeronymo de Albuquerque a conferenciar com Diogo de Campos, e assentárão que na maré da tarde entrassem no Rio Grande a Caravela, e as Sumacas, o que assim se fez, indo nellas Diogo de Campos para aprompṭar espias, e reboques, com que na maré da tarde do dia seguinte mettêrão dentro os dois navios redondos, a pezar de hum Sueste rijo.

A 28 passou-se mostra aos Indios, para ver os que faltavão dos quinhentos, que Jeronymo de Albuquerque contava levar do Rio Grande; a fim de que reunidos aos do Seará, e Serra de Buapava, com quem se prezava de ter grandes intelligencias, se podessem unir á expedição até mil Indios. Acharão-se quatorze Chefes, ou Principaes, duzentos e trinta e quatro frecheiros, e trezentas mulheres, e meninos; e outro Principal chamado Camarão, que tinha marchado adiante com pouco mais de trinta frecheiros; o que dava hum total de duzentos e setenta Indios.

Tratou-se agora de organizar a tropa: formarão-se quatro Companhias, cujos Capitães (que vencião soldo como Soldados) forão Antonio de Albuquerque, filho do General; Gregorio Fragoso de Albuquerque, seu sobri-

nho; Manoel de Sousa d'Éça, e Martim Calado de Betancor, que viera de Portugal com Diogo de Campos, para servir nesta campanha. Nomeárão-se tambem Alferes, e Sargentos para as Companhias, e distribuirão-se armas, e munições aos Soldados. Jeronymo de Albuquerque estava determinado a marchar por terra com os Indios, e huma parte dos Portuguezes, mas cedeo ás razões de Diogo de Campos; e embarcados todos, se fizerão á véla na manhã de 3 de Setembro. Porêm tocando á sahida huma das embarcações, derão todas fundo.

Tornárão a sahir felizmente na manhã de 5; navegárão tres leguas ao Nordeste, para montar os baixos de S. Roque, a quatro leguas de distancia da terra; depois forão huma hora ao Norte, e logo ao Nornoroeste, e ao Noroeste, sempre a quatro leguas de terra, e não vírão baixos, nem arrebentação de mar, de que se devessem desviar. De noite seguírão o rumo de Noroeste; mas havendo-se amarado a Capitanea mais do necessario, sem fazer signal, amanheceo com algumas embarcações a dez leguas da Costa, faltando tres navios, que se reunírão depois quando se chegárão mais a terra, indo com vento rijo correndo a Costa para entrar no Porto de Ubaraná, o qual não podérão tomar pela demora de esperarem huns pelos outros; e assim passando avante, navegárão até quasi á madrugada ao rumo de Noroeste, que indo todos com o prumo na mão, com muito escuro, e muito vento, derão de repente em tres braças, por cuja causa forão duas horas ao Norte, que achárão sete braças, e conhecêrão ter vencido o parcel de Jaguaribe, que se estende duas leguas e meia ao mar, distancia a que se julgavão da terra; e deitando a caminho de Noroeste, forão no dia 7 entrar na Bahia de Iguape pelas dez horas da manhã. Gastou-se o dia em amarrar os navios, e desembarcou Jeronymo de Albuquerque, que vinha muito enjoado, e mais os Indios com suas mulheres, que não sendo costu-

mados ao mar, se achavão doentes; e caminhárão todos para as Aldeas do Seará, que distavão dez leguas. Ficou á bordo Diogo de Campos com a tropa; e fazendo-se á véla no dia seguinte, foi ancorar tres legoas mais adiante na Povoação do Seará, onde havia o Forte do Amparo: dalli expedio a Paulo da Rocha, Soldado experimentado, em huma Sumaca com farinha para ir a Jeruguaguara, como fez, dar aviso da expedição. Estava no Forte do Amparo o Capitão Manoel de Brito Freire com dezeseis Soldados Portuguezes, com os quaes se embarcou, deixando no Forte o seu Sargento com outros Soldados novos, que se lhe derão.

Aqui se dilatárão por causa dos Indios, que Jeronymo de Albuquerque esperava se lhe reunirião; e a final apenas obteve vinte frecheiros, deixando mais de quarenta dos que trazia. Concordou-se em que a Esquadra, com as tropas Portuguezas, fosse ao Paramirí, onde dizião que seria vantajoso esperar os Indios, indo até lá por terra Jeronymo de Albuquerque com todos os seus. Em consequencia partio Diogo de Campos no dia 17, e navegando a pouca véla, surgio no Paramirí pelas duas horas da tarde. Desembarcou logo a tropa, e se alojou em fórma; e todos os dias fazia exercicio, por ser a maior parte della gente bizonha, e que não vinha de boa vontade.

A 24 chegou Jeronymo de Albuquerque, e no outro dia subio Diogo de Campos em huma lancha armada pelo Rio Curú mais de cinco leguas, para o reconhecer, no qual achou muito peixe, e infinita caça; de maneira, que houve pela primeira vez abundancia de mantimentos no Campo.

A 28, tendo-se reunido os Indios, se passou outra mostra, e se achárão unicamente duzentos e vinte frecheiros.

A 29, estando todos embarcados, sahio a Esquadra

para a Enseada das Tartarugas, com vento Lesnordeste; ao longo da Costa, e rumo de Noroeste quarta a Oeste: seguio-se de noite o mesmo rumo a pouca véla, e ao amanhecer se acharão seis legoas da terra, e vento Sudoeste rijo, com o qual á orça se vierão chegando para a Costa, que já corria mais a Oeste, e se conheceo ser terra do Acuracú, e seus parceis, que huma legua ao mar tinhão duas braças e meia de agua; e pela banda de Oeste se descobria a ponta, ou morro de Jeruguaguara, ou das Tartarugas; chegando-se para a qual com o prumo na mão, vendo o fundo mui claro, derão em quatro, e cinco braças pegados á ponta, que corria agora a Oes-sudoeste, com grandes penedias ao longo do mar, e rochedos de marmore de muitas cores. Surtos neste Porto, gastou-se o dia em desembarcar a gente, e fazer alojamento, deixando alguns Soldados a bordo dos navios, por ser esta Bahia das Tartarugas frequentada de Corsarios, ainda que mui desabrigada, e aparcelada. Por estas razões pareceo melhor, que a Esquadra, e toda a gente, e mesmo a guarnição do Forte se passassem ao Porto do Camurí, oito leguas mais adiante, para alli se deliberar sobre o modo de fazer a expedição, e receber o soccorro dos Indios Tabajares da Buapava, com quem Jorge de Albuquerque dizia ter estabelecido amizade; e tambem porque os Indios do Pará, ou Ototos ficavão mais perto, com os quaes Martim Soares havia tido pratica, e parecia haver deixado os Povos daquella Costa amigos do Estado; a fim de se poder marchar seguro por terra, se fosse necessario.

Mandou-se reconhecer de novo por terra o Camuri; mas como o anno fôra mui seco, achou-se que não havia agua de beber, e que a barra era muito perigosa, por ter na entrada as ruinas de huma casa, ou Forte, que parecia feito antigamente por Europeos. Com esta informação resolvêrão ficar nas Tartarugas. Entretanto man-

dou Jeronymo de Albuquerque dois Indios á Serra de Buapava, para avisarem o Diabo Grande da sua chegada, a fim de trazer o soccorro, que promettêra para a guerra do Maranhão; projecto de que se rião os Portuguezes da guarnição do Forte; e contavão, que poucos dias antes, tendo-lhe elles dado soccorro contra huns Tapuias seus inimigos, com o qual obtiverão victoria, logo que se recolheo á sua Serra, quiz matar, e devorar os Portuguezes auxiliares, de que escapárão avisados por sua mulher.

A 4 de Outubro chegárão com effeito dois Indios da Serra, pelos quaes o Diabo Grande se mandava desculpar de não poder vir fallar a Jeronymo de Albuquerque, nem dar-lhe auxilio para a expedição. No dia 5 passou-se mostra geral: acharão-se duzentos e vinte Soldados promptos, e vinte doentes, sessenta marinheiros, e duzentos Indios frecheiros. Fez-se conselho, a que se chamárão os Mestres, e Pilotos dos navios, os quaes disserão, que não conhecião naquella Costa outro Porto, que o Pereá, no qual o Piloto Sebastião Martins, que estava presente, se offereceo a metter todos os navios. Conveio-se nisto, e feita aguada, e lenha, se embarcou toda a gente com tal aperto, que não se podião deitar; nem tinhão mais mantimento, que agua, e farinha.

A 12 de Outubro pelas seis horas da manhã sahio a Esquadra com vento Sueste, e foi correndo a Costa, até que crescendo o dia, entrou a viração de Leste com furia, e grande mar, e foi necessario navegar com bolsos de véla em pôpa, com muito trabalho, e perigo: de tarde abonançou hum pouco o vento, e de noite se navegou ao favor da Lua; e ao amanhecer estavão os navios todos juntos. Chegarão-se então bem á terra, a qual não foi conhecida de nenhum dos Pilotos: Sebastião Martins affirmava, que estava a tres leguas do Pereá, quando este lhe demorava a Oeste mais de dezeseis, como

depois confessou. Fizerão força de véla para alcançar a barra de dia, porêm não foi possivel, e chegárão a ella com huma hora de noite, vasando a maré, e não tendo lugar onde dar fundo para esperar a manhã, com embarcações tão carregadas, entre parceis, e alfaques ainda não conhecidos, em que o mar andava muito levantado. A pezar de tudo isto, confiados no bom lugar, e em serem as aguas mortas, e o vento em pôpa, que vencia a corrente, accommettêrão atrevidamente a entrada com o prumo na mão, levando faroes accesos, e fazendo a miudo fogachos huns aos outros. Alguns navios tocárão-nos bancos da entrada; por ultimo ás dez horas da noite estavão todos em salvo fundeados tres leguas pelo Rio acima, e desembarcárão com summo contentamento: com effeito, pareceo milagrosa similhante entrada!

Em quanto se passavão os acontecimentos, que deixo referidos, não se descuidavão os Francezes de promover os seus interesses. Em 1610 passou á França Mr. Des Naux, para expor á sua Corte as favoraveis circunstancias em que estavão as cousas no Maranhão, para se crear huma florecente Colonia. Formou-se para este effeito huma Companhia, composta de Mr. de Ravardiere, de Mr. de Sancy, Barão de Molle; e de Mr. de Racily, authorizada por Carta-Patente, em nome d'ElRei Luiz XIII., assignada pela Rainha Regente Maria de Medicis, em data do 1.º de Outubro de 1611 (1).

Deo-se o commando da expedição a Mr. de Ravardiere, e por seu immediato Mr. de Racily: o primei-

(1) Por esta Carta era authorizado Ravardiere a occupar cincoenta leguas de Costa, para huma e outra parte do Porto, onde primeiro se estabelecesse, e pela terra dentro quanto podesse reduzir á sua obediencia. Esta Doação era feita ao Senhor de Dampuille, Almirante de França, e Navarra (a quem ElRei chamava seu Primo); e na sua ausencia hia nomeado seu Lugar-Tenente General Daniel de la Tousche, Senhor de Ravardiere.

ro Calvinista, o segundo Catholico Romano. Embarcárão ambos no navio Regente, de 400 toneladas; era Commandante de outro, chamado Carlota, o Barão de Sancy, irmão do de Mollé; e do terceiro navio, por nome Santa Anna, o Cavalleiro de Racily, irmão de Mr. de Racily. Constava a guarnição dos tres navios de quasi quinhentos homens, entre Soldados, e marinheiros. Mr. Des-Naux embarcou-se nesta expedição, com quatro Missionarios.

Sahírão do Porto de Cancale a 19 de Março de 1612, e arribárão com hum temporal a Inglaterra. Partírão dalli a 23 de Abril, e a 7 de Maio estavão em Canarias: no outro dia descobrírão a Costa de Africa, que forão correndo, e dobrárão o Cabo Bojador. A 11 acharão-se na boca do Rio do Ouro, onde surgírão. Fizerão-se logo á véla, e na manhã seguinte montárão Cabo de Barbas. Detiverão-se por alli a pescar; passárão as Ilhas de Cabo Verde, e cortárão a Linha a 13 de Junho, sem acharem calmarias. A 23 avistárão a Ilha de Fernando de Noronha, e ancorárão nella no dia seguinte. Detiverão-se até 8 de Julho, e levárão comsigo hum Portuguez, e dezoito Tapuias, que achárão na Ilha. A 11 avistárão a Costa do Brasil; e correndo-a de perto, surgírão no outro dia na Enseada das Tartarugas.

Demorarão-se doze dias occupados na caça, e na pesca; e a 24 continuárão a sua navegação. Virão os Lençóes a 25; e a 26, embocando a barra do Pereá, dérão fundo defronte da Ilha, a que chamárão de Santa Anna (por ser o dia da sua Festa) distante doze leguas da Ilha do Maranhão. No mesmo ancoradouro estavão dois navios Francezes de Dieppe, e em outro Porto mais tres da mesma Nação. Tratárão os Francezes de contrahir amizade com os indigenas, e com o seu favor se estabelecêrão pacificamente na Ilha do Maranhão, onde os seus Missionarios celebrárão a primeira Missa a 12 de

Agosto de 1612. Construírão hum bom Forte guarnecido de vinte canhões, a que derão o nome de S. Luiz, que ficou sendo o nome de toda a Ilha; e outros edificios necessarios, e dalli proseguírão a communicar-se com os Indios do Continente. Em Dezembro voltou para França, no navio Santa Anna, Mr. de Racily.

Estabelecidos os Portuguezes no Periá, mandou Jeronymo de Albuquerque (a quem não agradava aquelle local), huma lancha com o Alferes Estevão de Campos, e dois Pilotos, a reconhecer a Ilha do Maranhão. Partio a lancha no dia 15 de Outubro, e voltou quatro dias depois, dando por noticias haver descoberto hum sitio bem defronte daquella Ilha, abundante d'agua, com excellentes terras para cultura; e que não se encontrára embarcação alguma Franceza. Resolveo Jeronymo de Albuquerque, sempre possuido da vã esperança de attrahir os Indios ao seu partido, ir occupar aquella nova posição, a pezar das razões em contrario, que lhe dava Diogo de Campos.

A 22 sahírão todos os navios do Periá; e navegando por hum labyrintho de Ilhas, e parceis, em que tocárão, e estiverão mil vezes perdidos, chegárão felizmente no dia 26 a hum sitio chamado Guaxinduba, quasi tres legoas distante do Rio Moní, e fronteiro á Ilha do Maranhão; e como a distancia a esta não era muita, e os navios Portuguezes largárão as suas bandeiras, forão vistas da Ilha, onde se fizerão muitas fumaças por toda a Costa.

Escolheo-se hum local conveniente, e o Engenheiro Francisco de Frias traçou hum hexagono, a que se deo o nome de Forte de Santa Maria, e se começou logo a trabalhar com toda a actividade na sua construcção, e na descarga dos navios. A 28 chegou huma canoa grande com muitos Indios, que dizião virem saber quem erão os estrangeiros, para serem seus amigos; e posto

que tudo indicava que vinhão como espias, pois variavão nas respostas, huns affirmando que os Francezes se havião retirado, outros que não; Jeronymo de Albuquerque os deixou retirar, dando-lhes varios presentes, e mandando com elles cinco dos seus Indios para alliciarem os da Ilha; e se contentou com ficarem dois dos outros em refens.

Continuou-se a fortificação feita de grossos páos, com entulho de terra, e em huma plataforma se assentárão os unicos tres canhões, que havião no Campo. O mantimento era agua, e farinha, e com isto, e o trabalho das fortificações, e calor do clima, começárão a adoecer os Soldados; e faltavão Officiaes de Saude, e Boticas, que não vierão de Pernambuco. A 30 de madrugada salteárão os Indios inimigos a humas Indias do Campo, que andavão mariscando pelas praias, das quaes matárão quatro, e mais hum Indio, que acudio aos seus gritos, e cativárão outras, e alguns meninos; porêm sobrevindo os Portuguezes, foi tomada a canoa, e presos os que a conduzião. Hum destes confessou, que na Ilha havião muitos Francezes, e tinhão muitos Fortes com artilheria, e muitos navios, em particular hum muito grande; que havião reunido todas as canoas dos Indios daquelles districtos, e em breve virião atacar os navios Portuguezes, cujo signal seria apparecerem no dia seguinte duas embarcações ao longo da Ilha; e que os Indios, que os Portuguezes mandárão na primeira canoa, estavão presos em ferros, depois de serem mettidos a tormento.

Ouvidas estas noticias, resolveo Jeronymo de Albuquerque mandar aviso a Pernambuco por duas vias, em quanto estava o mar livre; e escolheo para isso as duas Sumacas que andavão mais, indo em huma dellas com os despachos o Almoxarife Francisco Rodrigues Roma, e na outra o Capitão Martim Calado, que se achava muito doente. A 2 de Novembo virão-se com effeito

duas lanchas Francezas, huma das quaes veio reconhecer os navios, e o Forte, na qual se soube depois que vinha Mr. Du-Prat, habil Official, com quinze Soldados; mas vendo fazer-se á véla huma Caravela, se retirou apressado. A 5 partírão as duas Sumacas de aviso, e passárão duas leguas a barlavento do grande navio Francez, que lhes não pôde chegar, por estar mettido entre parceis, com muito mar, e vento, onde perdeo dois ferros, e arribou para a Ilha do Maranhão.

A 10 tomou-se huma canoa, que vinha reconhecer o Campo, e hum dos Indios confessou, que os Francezes devião naquella noite assaltar os navios Portuguezes. Diogo de Campos quiz logo embarcar-se com alguns Soldados, para os defender, dizendo, que delles pendia a segurança de todos, e o credito das armas; porêm Jeronymo de Albuquerque o não consentio. Antes das quatro horas da manhã do dia seguinte vierão os Francezes ao favor da maré, e do escuro, sem serem sentidos dos marinheiros, que estavão a bordo, ainda que tinhão sido avisados; mas do Forte os enxergárão, e começárão a fazer-lhes fogo. Os marinheiros salvarão-se a nado em terra quando se vírão entrados dos Francezes, que erão conduzidos por Mr. de Pisiau, Mr. Du-Prat, e o Cavalleiro de Racily, os quaes tomárão a Caravela, hum Patacho, e hum barco: os outros tres navios escapárão debaixo da artilheria do Forte.

Guarnecêrão os Francezes as embarcações apresadas, e com ellas, e as suas corrião continuamente a Costa, atirando á gente solta, que andava pelo Campo; o que causou tanto desalento, e desconfiança nos Soldados, que se formou huma conspiração para dar fogo á polvora, e obrigar assim Jeronymo de Albuquerque a retirar-se por terra. Hum dos conjurados descobrio tudo a Diogo de Campos, que tomou as necessarias medidas para evitar similhante desastre, que seria a perdição de todos.

No dia 19 ao amanhecer appareceo o mar coalhado de embarcações, que á véla, e remos vinhão buscando a terra: era a Esquadra de Mr. de Ravardiere, cuja força se compunha de sete navios redondos, com quatrocentos Soldados Francezes, e cincoenta canoas grandes com mais de dois mil Indios frecheiros. Ficou elle a bordo dos navios com duzentos Francezes, e mandou desembarcar Mr. de Pisiau com os outros duzentos, e todos os Indios, cobertos estes de pavezes, e rodelas, com os corpos pintados de mil cores, e emplumados de diversas pennas, levando cada hum ás costas hum molho de faxina.

Desembarcárão os Francezes na preamar ao pé de hum outeiro, situado proximo ao mar, e a tiro de canhão do Forte, junto ao qual corria hum regato, de que os Portuguezes bebião; e dividindo-se em dous corpos, marchou o da vanguarda, conduzido por Mr. Du-Prat, a ganhar o monte, começando-se logo a fortificar nelle, e estendendo huma trincheira de faxina para a banda da praia, onde as canoas estavão abicadas, a fim de conservar a sua communicação com a marinha, e cortar a agua aos Portuguezes. Diogo de Campos, que sahíra com alguns Soldados a observar os movimentos dos Francezes, travou com elles huma escaramuça para os entreter, na qual morrêrão dois Francezes, e hum Portuguez; e tendo examinado as suas disposições, correo ao Forte, e disse a Jeronymo de Albuquerque, que lhe parecia urgente, que sem perda de tempo marchasse com metade dos Portuguezes, e alguns Indios a atacar o monte, antes que os inimigos se fortificassem; e que elle faria o mesmo pela praia com o resto da gente. Soube-se depois, que Mr. de Ravardiere, logo que as suas tropas estivessem seguras em terra, devia desembarcar com os duzentos Soldados, que lhe restavão, os quaes erão commandados

pelo Cavalleiro de Racily, e cem Indios frecheiros, com a artilheria necessaria para formar o sitio do Forte.

Jeronymo de Albuquerque partio logo com o Engenheiro Mor, o Capitão Manoel de Sousa d'Éça, setenta e cinco Soldados, gente escolhida, oitenta frecheiros Portuguezes, Soldados velhos costumados ás guerras do Brasil, e alguns Indios. Ficou no Forte o Capitão Manoel de Brito Freire com trinta Soldados, e marinheiros, e todos os doentes. Diogo de Campos marchou pela praia com alguns Portuguezes, e cem Indios commandados pelo valente Capitão Madeira, ao qual ordenou, que quando o visse accommetter de frente os inimigos, atacasse os Indios que lhes cobrião o flanco; e ao mesmo tempo chamou do Forte o Capitão Gregorio Fragoso com a sua Companhia, de que formou hum pequeno corpo de reserva, mandando-lhe, que seguisse a retaguarda dos seus Indios, para lhes dar calor, e apoiar o ataque do flanco.

Feitas estas disposições, esperava Diogo de Campos que Jeronymo de Albuquerque começasse o assalto do monte, quando vio saltar na praia hum Trombeta Francez, que trazia huma carta de Mr. de Ravardiere, e abrindo-a, achou que era huma intimação a Jeronymo de Albuquerque, para se render no espaço de quatro horas. Chegou logo o Alferes Manoel Vaz de Oliveira, enviado pelo General a saber o que buscava o Trombeta; e Diogo de Campos, mandando-lhe explicar a substancia da carta, accrescentou, que principiasse a acção, como estava assentado, que elle hia fazer o mesmo. Jeronymo de Albuquerque marchou aos Francezes com grande coragem, e Diogo de Campos assaltou as trincheiras da banda da praia com tanto vigor, apoiado pelos Indios, do Capitão Madeira, e pelo ataque de flanco do Capitão Fragoso, que os Indios inimigos que as

defendião, voltárão as costas para salvar-se nas suas canoas, espantados do grande estrago, que nelles fazia a arcabuzaria dos Portuguezes. Mr. de Pisiau acodio a este ponto com hum reforço, que tirou do monte, porque lhe não cortassem o caminho do mar. A este tempo sahia dos mattos Jeronymo de Albuquerque, que havia feito hum rodeio sem ser visto; e ainda que os Soldados Francezes pelejárão aqui valorosamente, já desamparados dos seus Indios, forão derrrotados, e morto Mr. de Pisiau; e Mr. Du-Prat escapou a nado com a espada na boca. Os outros Officiaes Francezes, e pessoas de qualidade resistírão com valor desesperado, sem quererem acceitar quartel, que Diogo de Campos lhes offerecia. Durou a acção quasi huma hora.

O General Ravardiere, vendo de bordo do seu navio a derrota das suas tropas, mandou algumas embarcações ligeiras a bater o Forte, para fazer diversão; mas o Capitão Freire, e o Alferes Diogo da Costa, que nelle estavão, as recebêrão de modo, que as forçárão a retirar-se. Entretanto Diogo de Campos pôz fogo a quarenta e seis canoas, que estavão abicadas na praia, tirando com isto toda a esperança de retirada para os navios aos Francezes, que se conservavão no monte, commandados por Mrs. de la Foi Benart, e Canonville, onde se achavão tambem mais de seiscentos Indios.

Finalmente foi o monte assaltado por Jeronymo de Albuquerque, e Diogo de Campos só com as tropas Portuguezas; e como era necessario arrancar á mão as paliçadas, e os Francezes se defendião com o maior valor, esteve duvidosa a victoria, porêm sendo ferido Mr. de la Foi Benart, e morto o Lingua principal dos seus Indios, que os animava a pelejar, lançarão-se todos em montão pelo outeiro abaixo da parte opposta com tal impeto, e confusão, que levavão apôs si os mattos, e os arbustos, e fugírão para o sertão, e os Francezes envol-

tos com elles. Nisto anoiteceo, e os Portuguezes contentes com tamanha victoria; se retirárão ao Forte, havendo já recolhido todos os seus mortos, e feridos; os primeiros dos quaes forão onze, em que entrárão Luiz de Guevára, sobrinho de Diogo de Campos; Antonio Grizante, moço de distincto nascimento; e Domingos Correa, Mestre da Caravela: os segundos erão dezoito, entre elles o Capitão Antonio de Albuquerque, filho do General; os Alferes Christovão Vaz, e Estevão de Campos, sobrinho de Diogo de Campos, e o Sargento Rodovalho, que muito se illustrou na acção.

Sepultarão-se no campo da batalha cento e quinze Francezes, em que entrárão trinta Officiaes, e pessoas de boas familias; e ficárão oito prisioneiros. Dos Indios foi grande a mortandade. Os despojos consistírão em muitas armas, munições, e alguns víveres.

Passárão os Portuguezes a noite com boa vigia, e souberão pelos prisioneiros, que no dia seguinte devia chegar aos Francezes hum avultado soccorro de Indios. Com effeito, a 20 pelas sete horas da manhã apparecêrão dezeseis canoas grandes, com mais de seiscentos Indios. Sahio logo do Forte o Capitão Manoel de Sousa de Éçá com cem Soldados Portuguezes, para os atacar ao desembarque, o que elles não ousárão tentar, antes avisados pelos outros Indios escapados da derrota do dia antecedente, que andavão vagabundos pelos mattos, voltárão á voga arrançada para a sua terra, sem terem pratica, com os navios Francezes, a pezar de mandarem huma lancha apôs elles.

A 21 mandou Ravardiere huma carta a Jeronymo de Albuquerque, que produzio entre ambos huma correspondencia, á qual se seguio huma Convenção entre os dois Generaes, assignada no dia 27 de Novembro, cujos principaes artigos erão: « Que d'aquelle dia em » diante até ao fim de Dezembro do anno seguinte de

» 1615 haveria suspensão de hostilidades entre ambas
» as Nações: Que cada hum dos dois Generaes manda-
» ria hum Official a París, outro a Madrid, para se re-
» solver a quem pertencião as terras do Maranhão:
» Que em quanto não chegasse resposta definitiva, não
» poderião os Portuguezes, nem os Francezes passar pa-
» ra as terras huns dos outros, sem Passaportes dos seus
» respectivos Generaes: Que logo que chegasse a reso-
» lução das duas Cortes, a Nação, que houvesse de
» abandonar o Paiz, o faria dentro de tres mezes: Que
» os prisioneiros, tanto Europeos, como Indios, serião
» logo restituidos de parte a parte, sem resgate: Que a
» Esquadra Franceza se retiraria immediatamente para
» a Ilha de S. Luiz, deixando o mar livre aos Portu-
» guezes; e no caso que estes, ou os Francezes recebes-
» sem alguns soccorros, esta Convenção ficaria sempre
» em seu pleno vigor, sem poder-se alterar por motivo,
» ou pretexto algum. » Assignárão a Convenção, pela
parte dos Portuguezes Jeronymo de Albuquerque, e Dio-
go de Campos Moreno; e da parte dos Francezes, o
General Ravardiere.

Publicada esta Convenção, foi Mr. de Ravardiere a terra visitar, e mostrar a sua Commissão a Jeronymo de Albuquerque, que o recebeo com todas as honras militares, e lhe fez ver igualmente a sua Commissão. O que deo motivo a esta formalidade foi suspeitar-se, que Mr. de Ravardiere não tinha authorização d'ElRei de França, e que por tanto podia ser tratado como Pirata. A 29 se fez elle á véla para a Ilha do Maranhão com a sua Esquadra, salvando na passagem ao Forte, que lhe respondeo com igual cortezia; e daquella Ilha mandou o seu Cirurgião Mor com medicamentos para curar os feridos, e doentes dos Portuguezes, que nada tinhão; cousa que pareceria impossivel, se não fosse attestada por testemunhas oculares.

Passados poucos dias mandou Ravardiere pedir a Jeronymo de Albuquerque, que lhe enviasse Diogo de Campos, e o Padre Fr. Manoel da Piedade para fallar aos seus Indios, e os persuadir da verdade das condições contidas na Convenção por elles assignada, porque estavão desconfiados de que os Portuguezes os querião fazer escravos; e em consequencia intentavão abandonar a Ilha, e fugir para a terra firme. Como se aprromptava huma Sumaca para levar a Pernambuco as noticias do que havia occorrido, das quaes havião ser portadores o Capitão Manoel de Sousa de Éça, o Engenheiro Mor Francisco de Frias, e o Ajudante Simão Nunes Correa, embarcou-se nella Diogo de Campos, e o Padre Fr. Manoel, e forão á Ilha, onde o General fez o mais polido acolhimento a Diogo de Campos, obrigando-o a dar o Santo, e a Ordem naquelle dia. Alli souberão do Padre Fr. Archangelo de Pembroc, Superior daquella Missão (em que se empregavão vinte Religiosos) (1), que tinhão já baptizado mais de vinte mil pessoas; e virão o seu Convento, e hum Seminario, em que os meninos Francezes, e Indios aprendião reciprocamente as linguas huns dos outros.

Não tendo Jeronymo de Albuquerque á sua disposição huma embarcação capaz de mandar a Portugal, comprou aos Francezes, por quinhentos cruzados, a Caravela, que havião apresado; e guarnecida com duas peças de artilheria, que elles derão, e alguns marinheiros Portuguezes, sahio nella para Lisboa Diogo de Campos, com o Capitão Francez Malhart, no fim de Dezembro; tendo já partido a 16 para França, em o navio Regente, Mr. Du-Prat com o Capitão Gregorio Fragoso

(1) O Padre Fr. Archangelo tinha huma Patente de Chefe da Missão do Maranhão, assignada pela Rainha Regente no 1.º de Fevereiro de 1614; e ahi se dava áquelle Paiz o nome de Nova França.

de Albuquerque, portador de Officios de Jeronymo de Albuquerque para o Embaixador de Hespanha em París.

Assim ficárão suspensos os negocios do Maranhão até meado do anno seguinte de 1615, em que Jeronymo de Albuquerque, havendo recebido reforços de Portugal, Bahia, e Pernambuco, significou ao General Ravardiere, que elle tinha ordens do seu Soberano para occupar a Ilha do Maranhão, por serem todos aquelles Paizes do Patrimonio da Coroa de Portugal. Fez-se huma nova Convenção, em virtude da qual occupou Jeronymo de Albuquerque o Forte de Itaparí no dia 31 de Julho, e mudou para elle o seu alojamento, obrigando-se o General Francez a evacuar a Colonia no espaço de cinco mezes, dando-lhe os Portuguezes as embarcações de transporte necessarias, e pagando-lhe o valor da artilheria, que deixasse nos Fortes.

Entretanto reunirão-se em Pernambuco maiores forças para concluir a Conquista do Maranhão, e fazer a do Pará; porque Diogo de Campos, chegando a Portugal no mez de Março deste anno, persuadio o Governo do Reino a enviar tropas áquelle fim, e partio em pessoa para Pernambuco com seu sobrinho Martim Soares, conduzindo hum bom reforço. Foi nomeado General desta ultima expedição Alexandre de Moura, que sahio do Recife a 15 de Outubro de 1515, com sete navios redondos, huma Sumaca, e huma Caravela, armados todos em guerra. Hia por Almirante Diogo de Campos Moreno, e erão Commandantes dos navios, Henrique Affonso (com quem hia embarcado o General), Paio Coelho de Carvalho, Manoel de Sousa de Éça, Jeronymo Fragoso de Albuquerque, Ambrosio Soares de Angulo, Bento Maciel Parente, e Martim Soares Moreno. Embarcárão nesta Esquadra novecentos Soldados escolhidos.

Chegou Alexandre de Moura com feliz viagem á Bahia de S. José, onde Jeronymo de Albuquerque lhe entregou o governo do Campo; e por ordem do novo General cercou por terra o Forte de S. Luiz, em que se havião reunido todos os Francezes; e a Esquadra o bloqueou por mar. O General Ravardiere, que não recebêra, nem esperava receber soccorros de França, capitulou a 3 de Novembro, entregando a Colonia com toda a artilheria, e munições, sem indemnização alguma, e dos seus proprios navios se lhe derão tres para transportar á Europa os Francezes, que não quizessem ficar na terra. Sahírão da Ilha quatrocentos Francezes, restando alguns, que estavão casados com Indias. Jeronymo de Albuquerque ficou por Governador daquella Conquista.

Apenas Alexandre de Moura concluio este negocio, nomeou a Francisco Caldeira de Castello Branco por General do Descobrimento, e Conquista do Pará, dando-lhe duzentos Soldados, com hum Patacho, huma Sumaca, e huma lancha grande, cujas embarcações erão commandadas por Pedro de Freitas, Alvaro Neto, e Antonio da Fonceca.

Partio Francisco Caldeira do Maranhão em Novembro do mesmo anno, e com viagem breve entrou pela barra do Seperará; e navegando pelo Rio acima, desembarcou a 3 de Dezembro, e escolheo o sitio que melhor lhe pareceo para fundar huma Povoação, a que chamou Nossa Senhora de Belem, e deo á sua Conquista o nome de Grão Pará, nome que tambem se dava ao Rio das Amazonas, onde elle julgava então achar-se. Esta Povoação converteo-se depois em Cidade Capital da Provincia (1).

(1) O limite da Provincia do Pará era de 35 a 40 leguas além do Cabo do Norte, por outro modo, era no Rio de Vicente Pinçon, onde começava a demarcação das Indias de Hespanha. Assim consta da Carta

1616. — A Esquadra da India (1) foi este anno de tres Náos, commandada por D. Manoel de Menezes, embarcado em a Náo S. Julião; e os outros Commandantes erão Lançarote da França Pita, na Senhora do Carmo; e Lançarote da França de Mendonça, na Senhora do Cabo.

Sahio a Esquadra de Lisboa a 25 de Março. A Náo Senhora do Cabo arribou a Lisboa com agua aberta; e o Carmo, separando-se na Costa de Guiné, foi ter a Goa a 22 de Outubro.

D. Manoel de Menezes, seguindo sua viagem pelo Canal de Moçambique, avistou na madrugada de 16 de Julho quatro grandes navios, que trazião a mesma derrota: era huma Esquadra, que sahíra de Hollanda em Fevereiro do anno antecedente, commandada pelo Capitão Benjamin José, servindo de Almirante, e se compunha dos navios o Carlos (em que elle hia), o Licorne, o Jaques, e o Globo, que dobrárão o Cabo de Boa Esperança a 29 de Junho. Ao meio dia chegou á falla o navio Globo, e perguntando d'onde vinha aquella Náo? Do mar, respondeo D. Manoel. Seguio-se huma contestação, que D. Manoel acabou, atirando-lhe sete tiros, que lhe fizerão seis rombos, e ferírão muitos homens. O Globo respondeo ao fogo, e foi-se reunir ao seu Almirante, que pelas tres horas da

de Doação, que Filippe IV. fez a Bento Maciel Parente, de juro, e herdade, daquelle pedaço de Costa comprehendido entre o Cabo do Norte e o Rio de Pinçon, passada a 14 de Julho de 1636, comprehendendo as Ilhas, que estivessem dez leguas ao mar do dito espaço de Costa. Vede Berredo, Liv. 9. pag. 294.

(1) Epilogo de Pedro Barreto. — Faria, Asia Portugueza, tomo 3. Parte 3. Cap. 11. diz, que as Náos erão Inglezas. — Viagem de Eduardo Terrí ás Indias Orientaes, no tomo 1. das Viagens de Therenot, París, 1663. Ferrí hia no navio Carlos, cuja relação principalmente segui, por ser testemunha ocular, e não suspeita no que he relativo ao valor de D. Manoel de Menezes.

tarde veio a tiro de pistola da Náo S. Julião, e a salvou com toques de trombeta, a que lhe respondêrão com igual urbanidade.

O Almirante Hollandez enviou então hum escaler a seu bordo, requerendo que D. Manoel de Menezes lhe fosse fallar. Escusou-se elle, e havendo mandado tambem hum Official a bordo do navio Carlos, este quando regressou lhe disse em publico, que qualquer daquelles navios era capáz de se bater com a sua Náo, de que D. Manoel o reprehendeo asperamente. O resultado destas mensagens foi travar-se hum furioso combate, no principio do qual huma bala de artilheria partio pelo meio o Almirante Hollandez. Succedeo-lhe o seu immediato no commando do navio, que depois de meia hora de acção, se retirou do fogo, e fez signal de chamar a conselho. Ajuntarão-se a bordo do Carlos os outros Commandantes, e instalárão por Almirante o Capitão Henrique.

Entretanto continuou D. Manoel a sua navegação; e como era já noite, accendeo farol aos Hollandezes, que o seguírão, e foi dar fundo na Ilha de Mohilia (1). Os Hollandezes ancorárão proximos delle. No dia seguinte sobre a tarde, havendo reparado do modo possivel as avarias da sua Náo, se fez á véla, e apôs delle os Hollandezes; e anoitecendo, accendeo D. Manoel o seu farol, como que os provocava ao seguirem. Pela manhã travou-se hum porfiado combate, em que os navios Hollandezes se revezavão huns aos outros. Em breve espaço de tempo o novo Almirante recebeo huma ferida mortal; e o *Master*, e alguns marinheiros forão mortos. Durou esta desigual batalha até ás tres horas da tarde, que achando-se a Náo S. Julião sem mastros;

(1) As Ilhas do Comoro são quatro: Comoro, Joannes, Mohilia, e Mayota.

e só com hum pedaço de cevadeira, se dirigio para á Ilha do Comoro, que lhe ficava proxima. Os Hollandezes mandárão propor a D. Manoel, que se rendesse, e seria tratado com todo o respeito, que lhe era devido; o que elle não acceitou. Pouco tempo depois o mar, e o vento lançárão a Náo entre dois penhascos, onde os Portuguezes desembarcárão em numero de quasi seiscentas pessoas, e pozerão fogo ao navio.

Os Cafres habitantes da Ilha oppozerão-se ao desembarque, mas cedêrão logo, dando-se-lhes algumas cousas. José Alvares de Torres, que hia de passageiro, aconselhou a D. Manoel, que deitasse as armas ao mar, porque não tendo mantimentos, os Cafres lhos negarião em quanto os vissem armados. Conveio nisso D. Manoel, porêm quando os Cafres voltárão no dia seguinte, achando-os sem armas, os despojárão de tudo. Dividirão-se os naufragantes em dois corpos: D. Manoel marchou com hum pela terra dentro, o outro seguio seu caminho ao longo do mar. Os deste segundo corpo, em dois dias de marcha, assados do Sol, não achárão agua, e alguns morrêrão de fraqueza, entre os quaes forão D. Pedro Soutomaior, e D. Manoel de Castro. Ao terceiro dia achárão outros Cafres mais humanos, que lhes derão leite, e agua.

O Piloto da Náo, chamado Sebastião Prestes, tentou salvar-se na lancha com alguns marinheiros; e costeando a Ilha, quiz a Providencia, que encontrasse dois Pangaios, em que vinha hum nobre Mouro de Pate, por nome Chande, que hia para a Ilha de S. Lourenço. Tinha este amizade com o Regulo de Comoro, e por sua mediação, e presentes de pannos que lhe fez, libertou a D. Manoel de Menezes, e a todos os Portuguezes. Os Cafres não estimavão o dinheiro, que em grande quantidade havião recolhido do naufragio, e assim davão muito por hum só panno. Emprestou Chande os seus

Pangaios para transportar os naufragantes a Moçambique, e lhes fez restituir joias mui ricas das que tinhão salvado. Embarcou finalmente D. Manoel nos dois Pangaios, e passou a Moçambique, onde ancorou a 4 de Setembro; e dalli foi a Goa em outras embarcações.

1617. — Este anno (1) foi para Vice-Rei da India o Conde do Redondo D. João Coutinho. Constava a sua Esquadra das Náos Penha de França, em que elle embarcou; a Guia, commandada por Nuno Alvares Botelho, que servia de Almirante; a Senhora do Cabo, Commandante Lançarote da Franca de Mendonça; e o Galeão Santo Antonio, Commandante João Pereira Corte Real; huma Caravela, commandada por D. João de Almeida; e hum Patacho, de que era Commandante D. Nuno Soutomaior.

Sahio de Lisboa o Vice-Rei a 21 de Abril: navegou a Esquadra espalhada, mas toda entrou em Goa desde 20 de Outubro até 17 de Novembro, menos o Patacho, que da altura do Cabo de Santo Agostinho arribou para Portugal.

1618. — A Esquadra da India (2) foi este anno de tres Náos, e duas Urcas, commandada por D. Christovão de Noronha, embarcado em a Náo S. Carlos. Os outros Commandantes de Náos erão João Rodrigues Roxo, que servia de Almirante; e João Soares Henriques. Commandava a Urca S. Francisco, D. Luiz de Menezes; e Manoel Ribeiro a Urca S. Sebastião.

Sahio a Esquadra a 16 de Abril, e navegou derramada. A Urca S. Sebastião encontrou sobre a Ilha de S. Lourenço seis navios Inglezes, que a aprisionárão; e sabendo que pertencia á Esquadra da India, ficárão alli cruzando até que appareceo D. Christovão de Noronha.

(1) Epilogo de Pedro Barreto. — Faria, Asia Portugueza.
(2) Epilogo de Pedro Barreto. — Faria, Asia Portugueza.

Communicou-lhe o Chefe Inglez, que elle trazia ordem para se indemnizar nas fazendas dos Portuguezes, de setenta mil patacas, que o Vice-Rei D. Jeronymo de Azevedo havia causado de prejuizos a quatro navios seus, que atacára na Bahia de Surrate. D. Christovão, depois de fazer sobre isto conselho, deo aos Inglezes não só aquella quantia, mas accrescentou vinte e duas mil patacas para repartirem pelas guarnições, cujo dinheiro tirou do cofre dos particulares. Chegado a Goa a 18 de Agosto, foi mandado prezo para Portugal com o Mestre, o Piloto, e mais Officiaes da Náo. Observou-se, que no seu processo teve por maiores contrarios aquelles mesmos, que mais havião insistido em se dar o dinheiro aos Inglezes: caso, que muitas vezes tem occorrido.

1618. — Determinado ElRei a mandar fazer hum reconhecimento (1) exacto do Estreito de le Maire (descoberto, e mais o Cabo de Horn pelos Hollandezes em 1616), e tambem do de Magalhães, de que se não possuia huma descripção, que inspirasse confiança, nomeou para esta empreza ao Capitão Bartholomeu Garcia de Nodal, intrepido Gallego, que servia desde vinte e oito annos na Marinha Real, e commandára já navios de alto bordo. Propoz este para levar de seu segundo a seu irmão o Capitão Gonçalo de Nodal, não menos antigo, e pratico no serviço da Armada, e de muitos conhecimentos no serviço naval; o que ElRei approvou.

Expedirão-se ordens da Corte de Madrid a D. Fernando Alvia de Castro, Provedor dos Armazens do Arsenal de Lisboa, para se construirem duas Caravelas, e se munirem de tudo quanto fosse necessario para o desempenho daquella commissão, das quaes devião ser Commandantes os dois irmãos Nodales.

Fizerão-se as Caravelas do porte de oitenta tone-

(1) Vede o Diario desta Viagem, impresso em Madrid em 1766.

ladas, fornecidas de víveres para dez mezes, armada cada huma de quatro canhões, quatro pedreiros, trinta mosquetes, vinte piques, e as munições necessarias. Constava a equipagem de cada huma de quarenta marinheiros todos Portuguezes, sem levarem soldado algum, aos quaes se pagárão dez mezes de soldo adiantados. Hião por Pilotos Diogo Ramires de Arellano, que depois foi Cosmografo, e Piloto Mor; e João Manco, ambos Hespanhoes. Chamou-se a primeira Caravela, Senhora da Atocha, e a segunda, Senhora do Bom Successo.

A 27 de Setembro deste anno de 1618 sahio de Lisboa o Capitão Bartholomeu Garcia com as duas Caravelas, e navegando ao S. O. com ventos do quadrante do N. E., achou-se no dia seguinte raxado junto ao calcez o mastro grande da Caravela Bom Successo, cuja avaria remediárão enrocando o mastro com vergonteas de sobrecellente

A 30 pela manhã avistárão a Ilha de Porto Santo, havendo sempre seguido o rumo de S. O. Logo que montárão a Ilha, forão a O. S. O. até passarem a Madeira, que tornão ao S. O. até ao 1.° de Outubro, que ao meio dia achárão 31° 40′ de latitude. A 2 navegárão ao S. 4. S. O., e ao S.S.O., vento constante ao N. E., e tiverão de latitude 30° 40′.

A 3 virão a Ilha da Palma, e navegárão pelo rumo de S. 4. S. O. até ao dia 10, que tiverão de latitude 13° e 40′, e julgárão demorar Cabo Verde a E. 4. N. E., e a Ilha de S. Tiago a O. N. O. Continuárão o mesmo rumo a 11 com o vento N. E., e achárão 11° 30′ de latitude.

A 12, passando a noite ao S. O., navegárão ao S. S. E., e assim continuárão até 14, que tiverão 8° 48′ de latitude. A 15 forão ao S. 4. S. O. com vento O. bonança. A 16 navegárão ao S. com vento O. S. O., e observárão 5° 55′ de latitude. Até 20 achárão ventos

pelo S. S. O., e forão ao S. E. A 21 veio o vento ao S., e navegárão a E. S. E., latitude 3° 6'. A 22 tornou o vento ao S. S. O. muita bonança, e seguírão o bordo do S. E, tendo de latitude 2° 50'.

A 23 com vento S. virárão no bordo de O. S. O. A 24 tiverão a noite de calma podre, e de dia aragem de S. S. O.; observárão 2° 20' de latitude. A 25 vento S., e continuárão o bordo de O. S. O. Aturou o vento pelo S., tempo escuro, e seguírão o mesmo bordo até o dia 29, que podérao observar o Sol, e achárão 30' de latitude S., a qual concordava com a sua estima; fazião-se então quarenta leguas do Penedo de S. Pedro.

A 31 navegárão ao S. O. com vento E. S. E., e tiverão 2° 50' de latitude. No 1.° de Novembro seguírão o rumo de S.S.O. com vento S.E., tempo claro até ao dia 4, que estavão em 9° 55' de latitude. A 5, e 6 navegárão ao S. 4. S. O., vento N. E. Na noite deste ultimo dia virão hum grande Cometa ao S. O. Nos dias 7, e 8 seguírão o rumo de S. S. O., sempre com vento N. E., estando em 16° 20' de latitude. A 9 forão ao S. O. até 12, que tiverão de latitude 21° 45', e o mesmo vento N. E. A 13 deitárão a O. 4. S. O., e achárão 22° 15' de latitude.

A 14, no quarto d'alva, sondárão em 35 braças sobre o Cabo de S. Thomé; atravessárão, e logo que amanheceo, governárão ao S. O. 4. O. para reconhecerem a terra: virão huns montes altos junto á Ilha de Santa Anna, e continuárão ao S. O., guinando para o Sul, em demanda de Cabo Frio. A 15 ao anoitecer ancorárão no Rio de Janeiro, para metterem hum mastro novo em lugar do arruinado. Era Governador da Cidade Ruy Vaz Pinto.

As duas Caravelas tinhão mostrado as boas qualidades de andar, e aguentar, mas erão tão rasas, que ainda com bom tempo mettião agua pela borda com

qualquer balanço. Em consequencia deste defeito, mui perigoso para navegarem nos mares do Sul, assentou-se em huma conferencia de Mestres, e Pilotos experimentados, que se lhes levantasse a borda, e fizesse hum ponteavante; obra que se concluio em dez dias.

Descobrio-se nesta occasião a bordo da Caravela de Bartholomeu Garcia de Nodal huma conspiração traçada pelo Despenseiro Marco Antonio, e outros individuos, para se levantarem com o navio, por cuja causa forão tres condemnados ás Galés, e outros ficárão presos nas cadêas da Cidade; em lugar destes, e de alguns, que quizerão ficar, recebêrão igual numero de Portuguezes.

No 1.° de Dezembro estavão as Caravelas promptas a dar á véla, mas havendo vento S. O., só podérão sahir no dia 6 ao amanhecer, com vento E. S. E., que logo saltou a O. S. O., e com elle navegárão ao Sul, tempo escuro até ao dia 10, que o vento rondou para o N. E., e navegárão ao S. O. este dia, e o seguinte com o mesmo vento, e a mesma escuridão de tempo. A 12 mudou-se o vento para o S. O., e estiverão á capa todo este dia, e parte do seguinte, que tornou o vento ao N. E., e seguírão o rumo de O. S. O., e pela primeira vez podérão observar o Sol, e achárão 27° 40′ de latitude.

A 14 com o mesmo vento, e rumo descobrírão humas montanhas mui altas, e por isso mudárão o rumo ao S. 4. O. para se afastarem da terra. Assim navegárão no dia seguinte, e a 16 forão ao S. S. O., e tiverão de latitude 32° 50′; e ás oito horas da manhã soffrêrão huma trovoada do quadrante do S. O. A 17, e 18 forão com vento E. N. E. aos rumos de S. S. O., e S. O., e observárão a latitude de 34° 55′. A 19 tiverão ventos variaveis de N. N. E. até O. N. O. Sondárão pela primeira vez em 22 braças. Partio-se a verga grande á Caravela Senhora da Atocha, estando-se ferrando a véla, e

escapárão milagrosamente tres marinheiros, que vierão de cabeça abaixo agarrados á metade da verga, que cahio. De noite passou o vento ao S. S. E. bonança: navegárão ao S. O. com a sonda na mão, até chegarem a 14 braças, que virárão com a proa a E. N. E.; e depois foi alargando o vento.

A 20 fizerão rumo ao S. S. O., com vento N. E., tiverão 35° 40′ de latitude, fundo de 25 a 35 braças, sem verem terra, a pezar de ser o tempo mui claro, porque estavão no parcel do Rio da Prata. A 21 seguírão o mesmo rumo, com o mesmo tempo, e tiverão 36° 57′ de latitude.

A 22 navegárão com o mesmo vento ao S. O., latitude 37° 17′, e sondárão em 95 braças, fundo de vasa. A 23 navegárão ao S. S. O. com o mesmo vento; tiverão 38° de latitude, e sondárão em 60 braças. A 24 tomárão o rumo de S. O., o mesmo vento; fundo 50 braças, arêa fina. A 25, rumo ao S. O., vento Norte, latitude 39° 26′, fundo 50 braças, e virão muitas baleas. A 26 o mesmo rumo, ventos N. O., e N. N. O.; latitude 40° 10′, fundo 50 braças, e virão poucas baleas. A 27, e 28 o mesmo rumo, e os mesmos ventos mui bonançosos; fundo de 45, e 40 braças, arêa fina.

A 29 o mesmo rumo, vento N. E.; latitude 42° 44′, fundo 40 braças, arêa. A 30, rumo ao S. O. 4. O., o mesmo vento, que depois passou a Oeste calmoso; fundo 40 braças. Pescárão tanto peixe, que durou oito dias. A 31 estiverão á capa com muito mar, e vento de S. O., e S. S. O., tempo escuro; fundo 45 braças de arêa miuda.

No 1.° de Janeiro de 1619, calma, latitude 43° 11′, fundo 45 braças, arêa miuda. No dia 2 rumo ao S. O. 4. O., vento N. O., tempo escuro, fundo 48 braças. A 3 tiverão calmaria; latitude 43° 50′, fundo 45 braças. De tarde virão terra, que pela sua latitude ob-

servada julgárão ser o Cabo das Sardinhas, e seguírão correndo a Costa. A 4 amanhecerão quatro, ou cinco leguas do Cabo de Santa Helena (em 44° 30′); e de noite navegárão ao Sul com vento N.E., bom tempo, para se afastarem da terra, porque o Cabo deita muito ao mar; latitude 45° 34′; fundo 45 braças, pedra.

A 5 virão o Cabo de S. Jorge, demorando ao S.O. Navegárão de noite ao Sul, e S.S.O. com terral; antes de chegarem ao Cabo, observárão 46° 38′ de latitude. Entrárão na Bahia (que he mui grande) costeando a terra; no meio della achárão 40 braças, arêa preta miuda. Navegárão ao S.E. até dobrar o Cabo, que tem pegado a si hum Farilhão, que de longe parecem dois, e he mais alto que o Cabo. Quizerão entrar em huma Enseada, que faz o Farilhão da parte do Sul, mas não podérão pela força da corrente, que os encontrou sobre o Farilhão, ao pé do qual ha hum baixo, em que rebenta o mar. O resto da Costa he limpo. Dobrado o Cabo, corrêrão a Costa mui perto de terra, com vento fresco do N.E.; governando ao Sul contra a corrente, que era tão forte, que não a podião vencer as Caravelas. Este Farilhão corre Norte Sul com outro Cabo mais saliente, que dista delle duas, ou tres leguas. Ao anoitecer chegárão a este Cabo, onde a Costa deixa de correr Norte Sul; e acalmando o vento, a corrente os levou até chegarem a sete braças, fundo pedra; de cujo perigo os salvou huma forte corrente opposta á outra, que veio naquella noite com grande ruido da banda do S.E.; e em breve espaço os pôz em mais de vinte braças. Saltou logo o vento a Oeste, e O.S.O., com o qual forão trincando no bordo do Sul até amanhecer, que se pozerão á capa com vento S.O., dez leguas ao mar, fundo 40 braças.

A 6 observárão 47° 38′ de latitude. De tarde passou o vento ao Norte, e governárão a Oeste. Ao Sol

posto, estando proximos da terra, virão huma Ilha pequena, a que chamárão dos Reis, e alguns Ilhotes á terra della. Bordejárão de noite com pouca véla, e ao amanhecer estavão obra de quatro leguas ao S. O. da Ilha dos Reis, junto a huma ponta mais raza que a Costa adjacente; e coisa de quatro, ou seis amarras de distancia tem hum Farilhão, e entre este e a terra firme ha hum baixo, onde o mar quebra. Corrêrão a Costa na direcção da Ilha dos Reis (em 47° 48′), e antes de chegarem a ella menos de duas leguas, virão huma grande Enseada, que na entrada tinha 14, e 12 braças de fundo limpo, arêa preta, em que surgírão. Gonsalo Nodal foi na lancha com os Pilotos a sondar, e examinar o Porto (Porto Desejado, em 47° 43′); e desembarcando em terra, observárão o Sol ao meio dia com os Astrolabios, e achárão 47° 53′ de latitude. Esta Bahia tem bom fundo, e offerece algum abrigo aos navios, mas falta-lhe agua, e lenha. Ha dentro della algumas Ilhas pequenas, na maior das quaes matárão alguns leões marinhos, em cuja peleja correo perigo Gonsalo de Nodal, e ficou tão mal tratado dos queixos, que por mais de hum mez não pôde mastigar. Na tarde do mesmo dia voltárão á caça dos leões marinhos, de que matárão mais de cem tamanhos como bois, e derão á Bahia o nome dos Leões.

A 8 amanhecêrão sobre o Cabo de Santa Maria (em 48° 9′), distante coisa de tres leguas da Bahia dos Leões, cujo Cabo tem hum Farilhão, e hum baixo ao pé; e com vento N. E. forão correndo a Costa, vendo algumas Enseadas, com pequenas Ilhas; e na boca de huma destas Enseadas, huma legua ao mar, virão hum Farilhão grande, e dois menores ao pé delle. O fundo era então de 36 a 32 braças, pedra. A Costa corria N. E., S. O. Continuárão o reconhecimento na tarde do mesmo dia, vendo outras Bahias com duas Ilhas, e hum

baixo descoberto; e antes de chegar a estas Ilhas virão hum escarceo de agua, que parecia restinga, hum pouco desviado da terra firme, que não examinárão.

A 9 passou o vento ao S. O., e O. S. O.; capeárão latitude 48° 42′, fundo 48 a 50 braças, arêa, a oito leguas de terra. Dia 10 á capa, vento S. O., latitude 48° 20′. De tarde saltou o vento ao N N. O.; e seguírão o seu reconhecimento. Depois das cinco horas encontrárão hum baixo, que rebentava o mar nelle, e estava cinco leguas afastado da terra (chamado Baixo Velhaco); junto delle sondárão 26 braças, fundo de pedra; e o situárão em 48 30′ de latitude.

A 11, pouco depois do meio dia, chegárão á boca da Bahia de S. Julião (em 49° 22′), onde saltou o vento ao O. S. O., e S. O., com o qual se pozerão á capa, tempo escuro, fundo 33 braças, vasa negra, e mui viçosa. A 12 com o mesmo vento á capa, a oito, ou dez leguas de terra, fundo limpo de 60, e 70 braças. A 13 tiverão ventos de N.O., e O.N.O., tempo escuro. Navegárão em busca da terra, que virão quatro leguas ao S. O. da Bahia de S. Julião. Corrêrão a Costa aos rumos de Sul, S. 4. S. O., fundo limpo de 10 até 7 braças. De noite navegárão ao Sul com pouca véla, esperando a manhã. A 14 o mesmo vento. Ao meio dia chegárão á boca da Bahia da Cruz (em 51°), onde mudou o vento ao S. O. de rajadas, seguidas de calmas, e corrente ao S. E., fundo 27 braças, vasa viçosa até quatro leguas de terra; latitude 50° 51′. Não examinárão o interior da Bahia, porque de tarde rondou o vento a Oeste por cima da terra com tanta força, que estiverão algum tempo á capa, e depois seguírão a Costa a pouca véla.

A 15 amanhecêrão com a terra das Barreiras Brancas, que he terra alta, e no fim della virão o Rio de Gallegos (em 51° 34′), que lhe pareceo ser grande, e com larga entrada, porêm só com 3 a 5 braças, fundo

pedra da parte do Norte, vindo até alli por fundo limpo de 8, e 9 braças. Do meio da boca da Bahia para o Sul achárão de 10 a 14 braças fundo de cascalho; e seguio-se huma praia mui raza por espaço de quatro leguas, com oito, ou nove montes, que de longe parecião Ilhas. Passado o Rio de Gallegos, tiverão 52° de latitude. Deste Rio para o Cabo das Virgens corria a terra ao S. E. 4. S., primeiro terra baixa, que só se descobre de mui perto, e depois mais alta até aquelle Cabo. Ao Sol posto ancorárão em 16 braças, fundo limpo, huma legua alêm do Cabo das Virgens (52° 20′).

A 16 passou o vento ao S. S. E., tempo escuro, e chuvoso, e por isso se fizerão á véla, e pozerão á capa no bordo do mar. Abonançou o vento para a noite, e forão demandar o Cabo das Virgens, de que se havião afastado seis, ou oito leguas. Huma legua antes de chegar ao Cabo está hum banco, que tem de fundo 10 até 6 braças.

A 17 amanhecêrão com o Cabo, vento O.S.O. pela boca do Estreito de Magalhães, com cujo vento bordejárão até meia Bahia, por fundo limpo de 35, e 40 braças. Ao meio dia derão fundo, e tiverão 52° 20′ de latitude. Desembarcárão na lancha, e achárão hum navio grande naufragado, de que trouxerão algumas ferragens: virão alli signaes de fogueiras, e muitas cascas de mexilhões. De noite ventou muito o S. O., com chuva, e cerração; e logo que amanheceo, se fizerão á véla no bordo do S. E.; e como o tempo lhes não permittia embocar o Estreito de Magalhães, resolveo-se em conselho de Pilotos ir demandar o Estreito Novo (Estreito de le Maire).

A 18 seguírão derrota para o Sul, reconhecendo, e marcando todos os pontos notaveis da Terra do Fogo, a pezar das contrariedades dos tempos; e nelle descobrírão o Canal, a que chamárão de S. Sebastião (em

53° 13'), que se communica com o Estreito de Magalhães. A 22 entrárão no Estreito de le Maire, a que pozerão nome de S. Vicente, e por elle continuárão para o Sul, desembarcando algumas vezes para communicar com os indigenas, aos quaes virão comer hervas, e sardinhas cruas.

No 1.° de Fevereiro estavão em 56° de latitude, tempo muito escuro, e no dia 5 pela manhã virão o Cabo de Horn (em 55° 56'); em distancia de cinco leguas, e lhe derão o nome de Santo Ildefonso; tiverão ao meio dia de latitude 55° 50'. Continuando a sua derrota ao Sul, descobrírão no dia 10 a Ilha de Diogo Ramires (em 56° 40'). A 18 estavão por 58° 30' de latitude, d'onde navegárão a rodear a Terra do Fogo pela parte de Oeste, para entrarem no Estreito de Magalhães pelo mar do Sul; e no dia 25 reconhecêrão o Cabo Desejado (em 52° 50'), e os quatro Evangelistas (em 52° 23'), e embocárão o Estreito com vento Oeste mui forte. Dalli forão registando todos os Portos, e Bahias do Estreito, ancorando muitas vezes; até que no dia 12 de Março sahírão pela banda de leste, e derão fundo no Cabo das Virgens, collocando-o na latitude de 52° 24'.

A 13 pozerão-se em derrota para a Europa, e a 28 de Abril, estando em 9° 17' de latitude Sul, virão de noite a terra, e sondárão em 30 braças; a 30 derão fundo em Pernambuco em 16 braças, e no outro dia forão ancorar no Recife, sem haver fallecido hum só individuo a bordo das Caravelas. Achárão aqui surtos vinte e oito navios Portuguezes, e poucos dias depois chegárão da Bahia outros treze: a 14 sahírão todos juntos em Frota para Portugal; e como entre elles vinhão embarcações ronceiras, que demoravão a viagem, separárão-se as Caravelas no dia 28, e seguírão sós sua derrota.

A 23 de Junho, estando já em mais de 38° de la-

titude Norte, avistárão sobre a tarde tres Corsarios Francezes, que os seguião; e no outro dia ao amanhecer veio hum delles buscar as Caravelas, que pondo-se em traquetes, com hum virador dado de huma para a outra, o esperárão. A's oito horas chegou perto o Corsario, com joanetes largos, e içou bandeira Hespanhola, tocando hum tambor, e huma trombeta; e pondo-se á falla, largou bandeira Franceza, e mandou amainar por ElRei de França. Respondeo-se-lhe, que estavão amainados, e que abordasse, porque as Caravelas vinhão do Brasil com assucar. Disparou o Corsario a sua artilheria, pondo-se á trinca: responderão-lhe as Caravelas com as suas peças, e mosquetaria, e refrescando neste instante o vento, que estava quasi calma, largárão o virador, e fizerão força de véla para virar sobre elle; mas o Corsario virou logo de bordo para se aproximar dos outros seus companheiros; e as Caravelas seguírão a sua viagem, havendo huma dellas recebido huma bala na verga da mesma. Tiverão de latitude 38° 42'.

No dia seguinte virão a Ilha das Flores, da qual veio hum barco dar-lhe aviso, que naquella manhã havião dalli sahido cinco navios Francezes. A 26 reconhecêrão o Faial, e S. Jorge. A 27 derão fundo na Villa da Praia, na Ilha Terceira, d'onde largárão á noite, e navegando com tempos escuros, ancorárão no Cabo de S. Vicente a 7 de Julho, onde desembarcou Gonsalo de Nodal com officios para ElRei, que estava em Lisboa, e no dia seguinte partírão as duas Caravelas para S. Lucar, em cujo porto entrárão no outro dia.

1619. = A Esquadra da India (1) foi este anno de quatro Náos, commandada por D. Francisco de Lima,

(1) Epilogo de Pedro Barreto. — Faria, Asia Portugueza. — Vede os Commentarios do grande Capitão Ruy Freire de Andrade, Lisboa, 1647.

embarcado em a Náo Boa Nova; e os outros Commandantes erão Francisco Ribeiro, na Santa Theresa; Roque de Fróes, no Paraiso; e Jeronymo Correa Peixoto, na Guia.

Sahio de Lisboa a 5 de Abril; e arribou a Náo Paraiso com o mastro grande rendido. A Náo Guia invernou em Moçambique, e em Maio do anno seguinte entrou em Goa; as outras duas Náos chegárão nos principios de Outubro.

Como os Inglezes, e Hollandezes infestavão o Estreito Persico com os seus navios, e embaraçavão toda a navegação dos Portuguezes, determinou ElRei mandar huma Esquadra a Ormuz, para proteger o Commercio, e construir huma Fortaleza na Ilha de Queixome; e encarregou desta importante commissão a Ruy Freire de Andrade. Constava a Esquadra dos Galeões S. Pedro, de 64 peças, e 600 homens, em que levava a sua bandeira o General; e S. Martinho, de 48 peças, em que hia servindo de Almirante D. João de Almeida; e tres Urcas de 22 peças, que erão a Conceição, Commandante Pedro de Mesquita Guedes; a Senhora do Populo, Commandante Francisco de Mello; e Santo Antonio, Commandante Balthazar de Chaves. Estes cinco navios levavão dois mil soldados de guarnição.

Partio de Lisboa Ruy Freire no 1.º de Abril, quatro dias antes da Esquadra da India, conduzindo debaixo da sua bandeira a Frota destinada para o Brasil. Aos oito dias da sahida teve hum temporal, que espalhou os navios, ficando elle só com as Urcas Conceição, e Santo Antonio, e seguindo sua viagem, avistou huma manhã tantas embarcações, que cobrião o horizonte; posto logo em armas, diminuio de panno, e esperou por ellas com insignias, e bandeiras largas. A's duas horas da tarde aproximou-se a elle hum Patacho de dez peças, com bandeira encarnada na pôpa, e disparou huma pe-

ça sem bala, a que Ruy Freire respondeo com huma bala de vinte e quatro, que atravessou de parte a parte o Patacho, e lhe matou cinco homens. Amainou logo o Patacho, e vindo á falla disse, que aquella Frota era Hespanhola, e hia para as Indias Occidentaes; e ao mesmo tempo queixou-se do damno, qne recebêra. Ao que Ruy Freire respondeo, increpando-o da insolencia que praticára, e declarando-lhe quem elle era. O Patacho foi dar o recado ao seu General, e ambas as Esquadras se salvárão com as ceremonias naquelle tempo usadas.; depois cada huma seguio a sua derrota.

Passada a Linha, e estando em 4° de latitude Sul, pedírão as duas Urcas licença a Ruy Freire para se adiantarem, por fazerem ambas muita agua: concedeo-lha elle, com ordem de o esperarem em Moçambique até 16 de Setembro, e não chegando até esse tempo, irem para Mombaça, onde determinava invernar.

Seguindo Ruy Freire só a sua viagem, encontrou a Náo Boa Nova, em que vinha D. Francisco de Lima, ao qual representou, que levava a bordo muita gente doente, e receava encontrar-se com alguns navios Inglezes. D. Francisco lhe deo sessenta homens, e se encarregou de cartas suas para o Conde de Redondo, Vice-Rei da India.

Despedidos hum do outro, continuou Ruy Freire a sua derrota, e estando á vista da Costa do Cabo de Boa Esperança, encontrou huma Náo Hollandeza de 44 peças; e travando-se hum combate de artilheria, que durou muitas horas; sendo já noite, as balas do Galeão cortárão a verga da mesma, e o mastro do traquete ao navio Hollandez. O escuro fez cessar a peleja, e Ruy Freire, diminuindo de panno, se conservou com elle, esperando a manhã para o tomar, porêm das duas horas por diante não o vio, e amanhecendo, apparecêrão pelo mar muitas taboas, caixas, e alguns cadaveres, de que

se inferio haver ido a pique. Continuando a sua navegação, na altura das Ilhas de Angoxa soffreo hum temporal; e por ultimo chegou a Moçambique a 18 de Setembro.

Aqui chegou o Galeão S. Martinho, cujo Almirante tinha fallecido, e soube de D. Gonsalo da Silveira (que a guarnição elegêra por seu Commandante), que chegára áquelle Porto quasi perdido, sem leme, e com doze palmos de agua no porão; e que as Urcas Populo, e Conceição havião ido para Mombaça, a pezar dos seus requerimentos para que não desamparassem o Galeão. Nomeou Ruy Freire a D. Gonsalo por Almirante; e conferindo com o Governador de Moçambique Diogo de Castilho, e as principaes pessoas, pareceo a todos, que fosse invernar a Mombaça, onde já estavão as tres Urcas; e que ficasse alli o Galeão S. Martinho para se reparar. Mas estando Ruy Freire para sahir, chegou a Urca Conceição, cujo Commandante lhe disse, que a Urca Populo se perdêra avante das Ilhas de Quirimba em hum baixo, mais de doze leguas ao mar da terra firme, sem elle lhe poder acudir, em razão dos grandes mares, com que tambem estivera em perigo.

Com esta noticia resolveo Ruy Freire invernar em Moçambique, para mandar recolher o que podesse da Urca perdida; e foi a esta commissão Filippe da Fonceca em hum Pangaio; e houve-se tão bem, auxiliado do Governador de Quirimba Francisco Vieira, que recolheo toda a gente, e munições, e parte da artilheria, com que voltou a Moçambique.

Aqui recebeo Ruy Freire cartas de Balthazar de Chaves, Commandante da Urca Santo Antonio, em que lhe participava haver estado encalhado quinze dias na ponta da Ilha de S. Lourenço, d'onde felizmente sahíra.

Moçambiqne estava em tal necessidade de todas as

cousas, que morrêrão quatrocentos homens da Esquadra, huns de doenças, e a maior parte de fome; e morrerião todos, se Ruy Freire, vendendo a sua prata, e a fazenda que levava, e pedindo dinheiro emprestado, não mandasse hum navio á Ilha de S. Lourenço, onde carregou de mantimentos; e assim preparados os seus navios, sahio de Moçambique a 3 de Março de 1620, e chegando a Mombaça, se demorou tres dias; e partindo dalli, chegou ao Estreito do Mar Roxo a 3 de Abril, onde surgio dentro do Cabo de Guardafui. Mandou logo entrar as duas Urcas pelo Estreito, para ver se encontravão algumas embarcações de Mouros inimigos, o que não succedeo, e depois entrou a Esquadra toda, e foi fazer agua á ribeira de Teve, por ter tanta falta della, que quando alli chegou, havia tres dias que se não dava ração de agua á gente, e no caminho tomou huma Galeota de vinte e cinco bancos, com oitenta Malabares, armada com tres peças na proa, e quatro pedreiros por banda. Feita a aguada, em que se deteve dez dias, partio a Esquadra para Mascate, d'onde seguio para Ormuz, em cujo Porto ancorou a 20 de Junho.

1620. — A 2 de Fevereiro (1) sahírão de Lisboa dois Patachos de aviso: a Nazareth, de que era Commandante Diogo Barradas, para Moçambique, Ormuz, e Goa: e a Conceição, Commandante Filippe da Cruz Silveira, para Malaca, onde se perdeo em huma Ilha junto daquella Cidade.

A 20 de Março partírão para a India duas Urcas: o S. João Evangelista, commandada por José Pinto Pereira, que se perdeo no Rio de Luabo: e o S. João Baptista, Commandante Jacomo de Moraes Sarmento, que entrou em Goa a salvamento.

A Esquadra ordinaria foi de quatro Náos, com-

(1) Epilogo de Pedro Barréto. — Faria, Asia Portugueza.

mandada por Nuno Alvares Botelho, embarcado na Náo Paraiso; os outros Commandantes erão Diogo de Mello e Castro, na Penha de França; Pedro de Moraes Sarmento, no Santo Amaro; e D. Francisco Lobo, em outra Náo.

Sahio a Esquadra de Lisboa a 21 de Março, e arribou D. Francisco Lobo. A Náo Santo Amaro perdeo-se em Mombaça, salvando-se a gente: na mesma Ilha invernou Nuno Alvares; e só Diogo de Mello chegou a Goa a 15 de Dezembro.

1621. — Neste anno (1) sahio de Lisboa D. Affonso de Noronha, nomeado Vice-Rei da India, com huma Esquadra de quatro Náos, e seis Galeões. Erão Commandantes das Náos D. Francisco Lobo, na Conceição, onde embarcou o Vice-Rei; D. Francisco Henriques, servindo de Almirante, no S. Thomé; D. Rodrigo Lobo, no S. Carlos; e Nuno Pereira Freire, no S. José. Commandavão os Galeões Antonio Telles, na Trindade; Gonsalo de Siqueira, no S. Salvador; Francisco Sodré Pereira, no S. Pedro; Francisco Cardoso de Almeida, no Rosario; Luiz de Moura Rolim, no S. João; e Gonsalo Rodrigues, em outro.

Partio a Esquadra nos principios de Abril, e logo que sahio a barra, teve hum temporal, que a forçou a entrar. Desembarcou o Vice-Rei, e ficárão em Lisboa quatro dos seis Galeões da Esquadra; os outros navios sahírão outra vez a 29 de Abril; e mettendo-se na Costa da Malagueta, achárão tantas calmarias, que depois de perderem muito tempo, sem poderem avançar caminho, arribárão a Lisboa. O unico Galeão de Gonsalo Rodrigues, que quando os outros navios sahírão, ficou na Trafaria com os mastros cortados, e sahio depois delles, foi o que passou á India.

(1) Epilogo de Pedro Barreto.

1621. — A Náo Conceição (1), acabada de fazer na India, partio de Goa no primeiro de Março de 1621; era seu Commandante Jeronymo Correa Peixoto, que tinha ido de Portugal commandando a Náo Guia; e por esta ser mui velha, passou com toda a guarnição para a Conceição, que ainda estava no estaleiro.

Sahio tambem com ella a Náo Penha de França, em que vinha por Chefe daquella Esquadra Gaspar de Mello; e com vento prospero forão de conserva ver a terra ao Norte do Cabo de Boa Esperança, com cincoenta e tres dias de viagem. Chegando com vento em pôpa á vista do Cabo, saltou-lhes o vento á proa tão rijo, e com tanto mar, que huma vaga arrebatou hum passageiro; e andárão quarenta e quatro dias ao pairo, sem poderem dobrar o Cabo. Neste tempo separou-se a Conceição, por culpa dos seus Officiaes, que vinhão com idéas de chegar primeiro a Lisboa.

No fim destes dias de pairo, as correntes levárão a Náo para fóra do Cabo, e então quiz saber o Commandante, se tinha agua bastante para chegar a Portugal; e parecendo pouca a que se achou, resolveo-se, por voto dos Officiaes, ir a Santa Helena, porque o Regimento assim lho mandava em caso de necessidade, prohibindo expressamente arribar ao Brasil, ou a Angola. Sobre isto houverão muitas dissensões entre elle e D. Luiz de Sousa, que vinha por passageiro com sua mulher, e familia, e não lhe parecia bem a arribada a Santa Helena, com receio de achar alli alguns navios Hollandezes.

Chegada a Náo a Santa Helena, não encontrou embarcação alguma; e sendo necessario dar-se huma espia,

(1) Vede a Memoravel Relação da perda da Náo Conceição, escrita por João Carvalho Mascarenhas, Lisboa 1627. Este Portuguez foi hum dos que mais viajárão naquelle seculo; e vinha nesta Náo, d'onde o levárão cativo a Argel; e no anno de 1624 sahio do cativeiro. Vede Faria na Asia, Tomo 3. Parte 3. Cap. 19.

quando foi a metter-se dentro, estando o Commandante ao pé do cabrestante, que virava, rebentou a espia, e desandando o cabrestante, huma barra delle matou o Commandante, que na vespera se havia confessado, e feito testamento.

Por sua morte foi eleito D. Luiz de Sousa. Gastarão-se oito dias em fazer aguada; e sahindo com vento feito, navegárão até aos Açores, onde lhe deo hum temporal, com que estiverão quasi perdidos na Ilha do Faial. Acalmando o tempo, forão á Terceira, e pairando em papafigos, escreveo D. Luiz ao Governador, pedindo-lhe mantimentos, Soldados, e Artilheiros, que de tudo vinha falto. Os mantimentos, e refrescos vierão em abundancia, mas em lugar de Soldados, mandárão homens inuteis, huns por muito moços, e outros por muito velhos; e nenhum trazia armas. Chegárão nesta occasião duas Caravelas de aviso, com Cartas d'ElRei, que dizião: « Viesse a Náo em estado de guerra buscar » a altura de 39' 90', pela qual acharia a Esquadra de » D. Antonio de Ataide, que a estava aguardando; e » que navegasse com cautela, porque se tinha noticia de » andar fóra huma Esquadra de Turcos. »

Partio D. Luiz da Terceira, e em sete dias vio as Berlengas pela meia noite, e quasi rendido o quarto d'alva, estava perto da Ericeira, quando se ouvio hum rumor de gente, que fallava; e cuidando todos achar-se no meio da Esquadra de D. Antonio, e estando-se talingando as amarras para irem dar fundo em Cascaes, forão descobrindo com a luz da manhã dezesete navios grandes, que logo percebêrão não ser a Esquadra Portugueza, mas cuidárão que serião navios carregados de sal, que vinhão de Setubal.

Estes navios erão Turcos, que havia quatorze dias tinhão sahido de Argel, todos de 34 a 40 peças, os quaes sabendo que aquella Náo era da India, pela informação

de marinheiros Portuguezes, que trazião a bordo, pozerão escaleres no mar para se avisarem huns aos outros; e mettendo-se logo em ordem, com bandeiras içadas, empavezados, e entrincheirados, dispararão huma peça sem bala. D. Luiz, ainda que não enxergava bem que navios erão aquelles, nem esperava achar Turcos tão perto da barra, entendendo com tudo, que serião inimigos, largou a sua bandeira, acompanhando esta acção com hum tiro de bala á Capitanea. Esta, vendo que a Náo se não rendia, carregou os papafigos, prolongou a cevadeira, e veio em gavias, e mezena para a abordar.

A Náo Conceição estava pouco disposta para hum combate; os sete dias de viagem da Ilha Terceira até alli, forão empregados em trazer da coberta para cima todos os fardos, e baús que vinhão nos baileos, o que se costuma praticar nas Náos da India á chegada a Lisboa, para salvar os grandes direitos, que paga tudo quanto se acha de escotilhas abaixo na entrada do Porto; assim achava-se a Náo por cima empaxada com estes volumes, e no convéz com as amarras, que se preparavão para dar fundo. Porêm á vista de tantos inimigos, mostrou a guarnição tal animo, e actividade, que em menos de hum quarto de hora foi o convéz desembaraçado, e a gente repartida nos postos: as armas erão muito más, porque como estiverão dois invernos na India, achavão-se os mosquetes enferrujados, e podres as hastes dos piques. A Náo montava vinte e duas peças, trazia de guarnição quatorze Artilheiros pouco habeis, seis soldados de Infanteria, que vinhão requerer despachos de serviços, oito passageiros, e noventa homens de marinhagem, fóra os Officiaes. Foi necessario pôr hum Artilheiro a cada duas peças. D. Luiz de Sousa tomou posto no meio do convéz.

Como o vento era pouco, a Náo fazia fogo aos navios, que podia descobrir, sem mudar de posição. Os

Turcos abordárão a hum tempo por todas as partes, disparando primeiro as suas peças com assaz damno dos Portuguezes, porque matárão o Condestavel, que dirigia habilmente a artilheria, e D. Luiz recebeo duas feridas em huma perna, na qual não podendo sustentar-se, deitou-se sobre huma caixa, e dalli dava as suas ordens.

Os Turcos recebêrão tanto estrago da artilheria, sobre tudo das balas encadeadas, e de alguns pés de cabra, com que os Portuguezes lhes atiravão, que se afastárão da Náo; porêm Açan-Arraes, renegado Grego, que commandava hum dos maiores navios, e era conhecido pelo homem mais valente de Argel, vendo o seu navio desarvorado, e em termos de ir a pique, pelos muitos rombos que tinha, saltou dentro da Náo com a sua gente, que erão quatrocentos Turcos, e Mouros escolhidos, levando na mão a bandeira encarnada, que trazia na pôpa, e ganhando o Castello, pôz nelle a sua bandeira, e começou a deitar huma chuva de balas, e de frechas sobre os Portuguezes, que defendião o convéz, e a tolda; e outro renegado, natural de Setubal, subindo pela enxarcia do traquete, cortou com huma machadinha todos os cabos da verga, a qual cahindo de subito, esmagou quantos Turcos apanhou debaixo. Entretanto os mosqueteiros Portuguezes, que atiravão ao castello, não perdião tiro, por estarem os Turcos apinhoados, sem poderem dalli sahir; e dois que o intentárão, forão logo mortos.

Os Turcos vendo diminuir a cada instante o seu numero, e que o seu navio já tinha ido a pique, e os outros combatião de largo, começárão a capear-lhes que os soccorressem, o que fizerão, mandando escaleres para os recolher. Mas antes que chegassem, os Portuguezes atacárão o Castello com grande vigor; e ainda que desesperadamente rechaçados por duas vezes, á terceira os precipitárão no mar, ficando dentro hum só, que se rendeo.

Com esta ultima acção finalizou a batalha, durando desde as sete horas da manhã até ás seis da tarde.

Morrêrão, ou ficárão feridos mais de trinta Portuguezes; e dos quatorze Artilheiros apenas hum ficou illeso. Dos Turcos morrêrão muitos, porque alêm dos que perdêrão os outros navios, só oito escapárão a nado dos que entrárão na Náo, entre elles Açan, que se recolheo na Capitanea de Tábaco-Arraes, General daquella Esquadra, em que vinhão cinco mil homens de guerra, por ser o seu objecto fazer hum desembarque na Galliza.

Os Turcos, dando por acabado o combate, forão-se afastando para o mar, occupados em reparar as avarias da mastreação, e aparelho, e em tapar os rombos das balas; de modo, que se vião huns navios deitados á banda, outros com pranchas armadas nas portinholas.

A Conceição estava com todo o panno roto, e as enxarcias, e cabos de laborar cortados: as obras mortas da pôpa desfeitas, e os costados cobertos de balas de artilheria, que ficárão enterradas na madeira, sendo mui poucas as que passárão dentro. Deitados ao mar os mortos, e curados os feridos, trabalhou-se toda a noite em aparelhar a Náo, e envergar novas vélas, e ao amanhecer se achava aparelhada, e entrincheirada, de maneira que se houvessem algumas horas de bom vento, poderia entrar aquelle dia em Lisboa.

Passou-se em calmaria até ao dia seguinte pela manhã, sem apparecerem os inimigos; e levantando-se algum vento, mas contrario para buscar a barra, descobrio-se huma pequena praia junto da Ericeira, e assentou-se em ir dar alli fundo, parecendo que teria bom ancoradouro, e fundando-se tambem em que não tinhão gente bastante para sustentar outro combate; e assim estando perto da terra, poderião receber soccorro, com que se defendessem.

Achava-se a Náo a tiro de canhão da Ericeira, e

e com as ancoras promptas para dar fundo, quando veio de terra hum barco á véla, com tres homens do mar, e chegando á falla, disse hum delles, que trazia ordem verbal (não se sabe de quem), para que se fizessem logo na volta do mar; porque a Costa naquelle tempo era perigosa, e ao largo acharião a Esquadra de D. Antonio de Ataide, que os andava esperando. D. Luiz chamou o barco, para lhe deitar a bordo as mulheres, e meninos, e alguma pedraria, visto que no bordo do mar hia encontrar os inimigos; mas os do barco respondêrão, que trazião ordem para não chegar a bordo, sob pena de morte; e logo metteo de ló, e se foi embora.

Em consequencia desta intimação, virárão no mar, e pelas oito horas da manhã do dia 11 de Outubro avistárão os inimigos, de que D. Luiz não julgou acertado fugir, tanto por obedecer á ordem, e na esperança de apparecer a Esquadra Portugueza, como por não dar maior animo aos Turcos, cujos navios, sendo mais veleiros, os alcançarião em breve.

Posta novamente a Náo Conceição em som de combate, porêm com visivel falta de gente, sobre tudo de Artilheiros, D. Luiz, sem causa alguma, mandou por hum Polaco cortar a cabeça ao Turco, que ficára prisioneiro, dizendo-lhe, que havia pagar o mal, que os seus lhe vinhão fazer. Os Turcos, sabendo depois esta acção, não se vingárão delle, nem do Polaco.

A Esquadra Turca, composta de dezeseis navios, com a sua Capitanea em testa de columna, e formada em linha, veio com força de véla buscar a Náo por barlavento; e a Capitanea, que trazia huma bandeira branca, chegando a tiro de canhão, disparou hum tiro sem bala, ao qual a Conceição respondeo com outro de bala; e logo começou a fazer fogo. Os Turcos seguírão o mesmo bordo, e virando depois sobre ella, arriou a sua Capitanea a bandeira branca, e carregou papafigos,

e cevadeira (imitando os outros navios a manobra); e veio buscando a Náo hum pouco de largo, no seu mesmo bordo, e a barlavento; e ao passar pelo seu travéz, disparou toda a sua artilheria, e mosqueteria, a que os Portuguezes lhe respondêrão de maneira, que os navios Turcos, que vinhão na esteira do seu General, puxárão á orça para barlavento; mas o Almirante Cara-Mustafá, que vinha em hum grande navio, os metteo de novo em linha.

Os Turcos fizerão então conselho (como depois constou), no qual o General disse, que queria abandonar aquella Náo, e ir-se para Argel com dezenove navios Inglezes, que havia tomado juntos em huma manhã, sem lhe custarem mais que hum tiro de polvora, cujas equipagens trazia quasi todas comsigo, havendo mandado os navios adiante dois dias antes. A este voto se oppoz Açan, representando a injuria de deixar escapar huma tão rica presa, e instando que se investisse a Náo segunda vez, e se não se podesse tomar, elle lhe deitaria fogo, dando-lhe o commando de outro navio. Da mesma opinião foi outro renegado Grego, chamado Abibi-Arraes, Commandante de huma embarcação, e hum dos bravos homens que alli vinhão; offerecendo-se tambem a pôr fogo á Náo, ou a perder o seu navio, e a propria vida, que ambas as cousas lhe succedêrão.

O General Turco, formada a sua linha de batalha, e repetindo os mesmos signaes, que já tinha feito á Náo Conceição para se render, foi passando por ella a tiro de canhão, tocando as trombetas, sem atirar hum só tiro, nem algum dos seus navios; e virando depois, veio arribando na mesma ordem sobre a Náo, seguindo os outros navios a sua esteira, mas chegando-se tanto, que quasi se tocavão os laizes das vergas; e deste modo hia cada hum delles descarregando a sua artilheria, e mosqueteria, a que os Portuguezes respondião do mesmo

modo. O ultimo navio da linha inimiga era o de Abibi-Arraes, o qual chegou tão perto da alheta da Náo, que tirando o turbante, e ensopando-o em agua ardente, e oleo de linhaça, o cravou acceso por meio de huma frecha na lona alcatroada, que servia de tecto ao jardim, como naquelle tempo se usava para reparo da chuva; e seguindo avante, deitou outras materias inflammadas no convéz, e castello, que logo se apagárão, ficando elle morto, e o seu navio espedaçado das muitas balas, que naquella occasião recebeo. Não foi porêm assim na pôpa, onde o fogo se ateou com grande furia, a pezar dos promptos soccorros de agua, e da actividade com que os Carpinteiros desfizerão o jardim; porque a Náo, para se desviar do navio de Abibi, com quem estava embaraçada, arribou em pôpa; e o vento, mettendo as chammas pela camara dentro, propagou de modo o incendio, que fez o remedio impossivel.

A gente já largava as armas para acudir ao fogo, que chegava quasi ao mastro grande, quando começárão a entrar na Náo alguns Turcos do navio desmantelado de Abibi, e os Portuguezes se forão ao mesmo tempo para elle, onde os escaleres da Esquadra os vierão buscar; e em menos de huma hora acabou a Náo de arder, e foi a pique, sem d'ella tirarem os inimigos cousa alguma, antes acabárão alli alguns delles, bem como os feridos, que não podérão sahir.

Trazia a Náo Conceição seis mil e oitocentos quintaes de pimenta, e vinha abarrotada de fardos, e caixaria, com muita riqueza em dinheiro, e pedraria, por virem nella alguns passageiros mui ricos, como D. Luiz de Sousa, Governador que sahia da Fortaleza de Ormuz, com mais de duzentos mil cruzados.

Os prisioneiros forão repartidos pelos navios inimigos; e posto que despojados dos diamantes que levavão escondidos em si, todos forão mui bem tratados, homens, e

mulheres. D. Luiz de Sousa fallecco das feridas ao terceiro dia. Levados a Argel, alli passárão diversas fortunas, que se podem ver na curiosa Relação já citada.

1621. — A Náo S. João, acabada de fazer na India, sahio de Goa no 1.° de Março de 1621, commandada por Pedro de Moraes Sarmento, trazendo a guarnição, e a carga da Náo Santo Amaro naufragada em Mombaça: a sua artilheria consistia em dezoito peças de pequeno calibre. Aos 15 dias de viagem, sem tempo algum, abrio huma agua mui grossa: as bombas não lhe servião, por terem sido feitas para navio de menos pontal, e o leme estava podre. Assim com grande risco, e trabalho chegou á altura do Cabo de Boa Esperança, onde encontrou a 19 de Julho dois navios Hollandezes, com os quaes travou hum renhido combate; e quando só lhe restavão dois barrís de polvora, e dezoito cartuxos, sobreveio hum temporal, que os apartou, ficando a Náo aberta, e destroçada (1).

Depois de varios incidentes, encalhou a Náo na Bahia da Alagoa no 1.° de Setembro, onde o Guardião Manoel Domingues, arvorado em Mestre, teve a insolencia de querer forçar o seu Commandante a fugir com elle na lancha, e mais trinta homens, levando o precioso da Náo, o que pagou com a vida, porque Pedro de Moraes o matou ás punhaladas.

Desembarcados alguns víveres, e munições, e queimado o casco, fez Pedro de Moraes recolher todos os diamantes, perolas, ambar, e almiscar, que se podérão salvar, e poz-se em marcha com duzentos e setenta e nove homens para Sofála. Escolherão-se alguns moços, que por muito dinheiro se obrigárão a levar em andas algumas Senhoras delicadas, e Lopo de Sousa, Fidalgo

(1) Faria, Asia Portugueza, Tomo 3. Parte 3. Cap. 19. — Anno Historico, Tomo 3. pag. 20. — Collecção dos Naufragios das Náos da India.

rico, que por mui gordo, e ferido não podia andar. Deste modo forão caminhando com mil incommodos, e miserias, sempre ao longo da Costa.

Nos fins de Novembro hião já todos tão cançados, que ao passar de hum rio, lançárão nelle todo o ambar, e almiscar; e os que transportavão as Senhoras, se escusárão de continuar a marcha com similhante pezo. Por esta causa deixárão atraz huma donzella, com a qual queria ficar hum irmão seu de poucos annos; e não o consentindo os companheiros, alli morreo de dor á vista da irmã. Já falleciâo alguns de pura fraqueza, e os mais fortes, não querendo aguardar pelos mais debeis, conspirarão-se para se apoderarem de todos os diamantes, e abandonarem os companheiros. Soube disto Pedro de Moraes, e matou o cabeça da conjuração.

Era meado de Dezembro, quando os que ainda levavão quatro Senhoras, não quizerão continuar aquelle serviço; offerecerão-se dez mil cruzados a quem as levasse, e ninguem quiz. Ficárão abandonadas dez pessoas, entre ellas Lopo de Sousa, e Beatriz Alvares com hum filho de dezeseis annos, que por nenhum caso quiz abandonar sua mãi. Deixarão-se-lhes os seus escravos para os ajudarem a buscar modo de sustentar-se; mas estes barbaros os assassinárão, e reunirão-se ao corpo principal da gente; porêm descoberto o seu delicto, forão enforcados. A fome obrigou alguns individuos a comer a carne dos justiçados, e dos outros que hião morrendo. Falleceo o Commandante Pedro de Moraes; succedeo-lhe Francisco Vaz de Almada; e havendo pouco mais de cento e cincoenta homens, metade incapazes de pelejar, os assaltou o Regulo Mocaranga com mil Cafres, e matando alguns Portuguezes, despojou os outros do que levavão. Os que escapárão a este ultimo desastre em numero de trinta e hum individuos, chegárão finalmente a Sofala, havendo caminhado perto de quinhentas leguas.

Reinado d'ElRei Filippe IV.

As desgraças de Portugal continuárão no Reinado deste Monarcha, como se devia esperar da existencia das duas principaes causas, que as produzião. A primeira, por se achar Portugal envolvido em guerras com as maiores Potencias Maritimas da Europa, inimigas da Hespanha, e sem forças proporcionadas para sua defensa. A segunda, pela errada politica do Ministerio Hespanhol, que julgava assegurar melhor a união de Portugal, deixando invadir as suas riquissimas Possessões Ultramarinas, e destruir o seu Commercio; e tirando-lhe ao mesmo tempo os recursos pecuniarios, e militares, que a Nação Portugueza ainda conservava. Mas como similhantes projectos não podem executar-se sem grandes violencias, e injustiças, vierão estas a produzir o mesmo resultado, que os Ministros querião evitar; porque diffundírão pela Nação opprimida hum forte desejo de recobrar a sua independencia, restituindo á Casa de Bragança o Throno, que lhe usurpára o suborno, e a perfidia (1). Assim confunde a Providencia os projectos insensatos da ambição!

Eu só referirei hum facto curioso, que demonstra o estado de abandono em que estavão as cousas de Portugal naquella epoca desastrosa; facto publicado pela imprensa no mesmo Reinado.

Nomeado Governador de Mazagão D. Gonsalo Cou-

(1) Vede o Conde da Ericeira (Portugal Restaurado, Livros 1. e 2.), que relata as violencias, e oppressões do Governo Hespanhol; e com elle concordão todos os Escritores.

tinho, partio de Lisboa a 16 de Novembro de 1623 com tres navios, levando unicamente víveres para dez dias, e assaz de ruim qualidade. Durante o seu governo, soffreo Mazagão huma epidemia, que abrangeo os homens, e até os cavallos, de que falleceo muita gente. Procedeo esta epidemia do trigo podre, que se lhe mandava para sustento da guarnição. Seguio-se a este mal huma fome tão terrivel, que desde Fevereiro até Abril não se accendeo forno algum na Praça, por não haver pão para cozer. A falta de Facultativos, e de medicamentos era sempre constante; de maneira, que adoecendo o mesmo D. Gonsalo Coutinho, valeo-se da boa correspondencia que conservava com ElRei de Marrocos Moley Zidam, que lhe mandou o seu Medico, com os medicamentos necessarios, incluindo assucar, que nem esse havia na Praça (1).

No anno de 1624, por motivo da expedição da Bahia, creou-se em Lisboa hum segundo Terço de Marinha.

Cessou de Reinar ElRei Filippe IV. no 1.° de Dezembro de 1640.

Durante o seu Reinado sahirão de Lisboa para o Oriente quarenta e huma Náos, cinco Urcas, vinte Galeões, e oito Patachos. Arribárão tres Náos, e hum Patacho. Perderão-se á ida nove Náos, e á vinda sete, e hum Patacho.

1622. — A Esquadra da India foi este anno de quatro Náos, dois Galeões, e dois Patachos, e nella embarcou a bordo da Náo Santa Theresa, o Vice-Rei D. Francisco da Gama, Conde da Vidigueira. Os Commandantes das outras Náos erão D. Francisco Lobo, que

(1) Vede o Folheto intitulado "Jornada de D. Gonsalo Coutinho „ á Villa de Mazagão „ escrito por élle mesmo, e impresso em Lisboa em 1629.

servia de Almirante, no S. Carlos; D. Francisco Mascarenhas, no S. José (1); e Sancho de Tovar, no São Thomé. Gonsalo de Siqueira commandava o Galeão Trindade; e Nuno Pereira, o Salvador. Erão Commandantes dos Patachos, Francisco Sodré Pereira, e Francisco Cardoso de Almeida.

Sahio a Esquadra de Lisboa a 18 de Março; e arribou o Patacho de Francisco Cardoso. Os Galeões, a Náo S. Thomé, e o Patacho de Francisco Sodré, separando-se da Esquadra do Vice-Rei, entrárão em Goa nos principios de Setembro. O Vice-Rei, achando-se a 22 de Junho com as tres Náos restantes na altura do Baixo de Mongicale, encontrou huma Esquadra Hollandeza de cinco navios grandes (2). Travou-se huma furiosa batalha entre as duas Esquadras, que durou todo o dia, em que foi morto o Almirante D. Francisco Lobo. A Náo S. José, aberta, e destroçada, naufragou no Baixo de Mongicale, onde os Hollandezes aprisionárão cem homens, e tomárão parte do dinheiro, que levava; o resto da gente salvou se com o seu Commandante D. Francisco Mascarenhas, que estava tão desaccordado com huma febre maligna, que nem quando o mettêrão na lancha, nem quando o desembarcárão em terra, sentio cousa alguma. O Vice-Rei, acompanhado da Náo S. Carlos, querendo entrar de noite em Moçambique, perdeo-se com ella na Ilha de S. Jorge, salvando-se a gente, a artilheria, e parte da carga.

1623. — A Esquadra da India (3) constou este anno

(1) Faria, na sua Asia. — Epilogo de Pedro Barreto de Rezende.

(2) Pedro Barreto diz, que a Esquadra Hollandeza era de quatro Náos, e hum Patacho; e Faria dá-lhe cinco Náos. Barreto diz, que a Náo S. Thomé fugio sem combater; e Faria, que se havia separado antes da Esquadra com dois Galeões. Esta opinião me parece mais provavel, e por isso a segui.

(3) Faria, Asia Portugueza. — Epilogo de Pedro Barreto.

de tres Náos, e cinco Galeóes, commandada por D. Antonio Tello, embarcado em a Náo S. Francisco Xavier, que á vinda se perdeo na barra de Lisboa; e das outras duas Náos erão Commandantes D. Diogo de Castello Branco, que servia de Almirante, da Santa Isabel; e Francisco Correa da Costa, de outra Náo. Os Commandantes dos Galeóes erão D. Filippe Mascarenhas, do Santo André; Francisco Borges de Castello Branco, da Misericordia; Cosme Cassão de Brito, do S. Braz; Antonio de Freitas Mascarenhas, do S. Simão; e Manoel Pessoa de Carvalho, da Guia.

Sahio a Esquadra de Lisboa a 2 de Março, e teve desgraçada viagem. Manoel Pessoa perdeo-se na Costa da Arabia. D. Antonio Tello, e Francisco Borges invernárão em Moçambique; e no anno seguinte forão a Goa. D. Diogo de Castello Branco, Cosme Cassão, e Antonio de Freitas perderão-se em Moçambique; e só passárão este anno á India D. Filippe Mascarenhas, e Francisco Correa.

1623. — Neste anno se constituio na Hollanda a Companhia Occidental, cujo objecto era fazer conquistas no Brasil, sobre tudo nas Provincias de Pernambuco, e Bahia; porque se julgava que estabelecendo nellas boas Colonias, e ganhando a affeição dos habitantes, se poderião dalli fazer expedições ao Mar do Sul, e ás Indias Occidentaes.

Concorrêrão para o estabelecimento desta celebre Companhia, e os planos de invasão que ella meditou, as informações que obtiverão os Commandantes dos navios Hollandezes nos doze annos da tregua, que em 1610 concluírão os Estados Geraes com ElRei Filippe III., em cuja epoca frequentárão elles muito as Costas do Brasil, como já observei nestas Memorias; e tambem as insinuações dos Judeos, que a imprudencia do Governo tinha deixado estabelecer nas Cidades maritimas daquelle

vasto Continente, sobre tudo na Bahia, incitavão os seus Compatriotas de Hollanda a commetter a empresa. Acha-se na Obra manuscrita, adiante citada, Capitulo 3.°, hum facto singular, que corrobora o que deixo dito. Durando a tregua, entrárão na Bahia dez navios Hollandezes, e o Commandante de hum delles, chamado Francisco de Lorena, desembarcou escondidamente acompanhado de seis homens, para descobrir o terreno; porêm o Governador D. Luiz de Sousa lhes armou huma emboscada, em que todos ficárão prisioneiros. O Commandante foi mettido na Cadêa, e os seis enforcados por piratas. Passados muitos mezes, hum rico Judeo por nome Manoel Rodrigues Sanches, e hum Flamengo chamado Rodrigo Pedro, ambos moradores na Bahia, com quem o Capitão Hollandez tinha grande trato, o tirárão da prisão, e escondêrão em sua casa até acharem huma embarcação, em que o mandárão para Hespanha, onde desembarcou a salvo; e valendo-se da tregua, voltou para Hollanda. Alli expoz as grandes vantagens da situação da Cidade da Bahia, o descuido em que vivião os Portuguezes, os seus poucos meios de defensa, a riqueza do Paiz, e os desejos que tinhão os Judeos de viver livres na sua antiga Lei, o que os tornaria favoraveis aos Hollandezes; com outras muitas razões capazes de os mover áquella facil Conquista.

Em consequencia destas disposições, preparou-se em Hollanda huma forte Esquadra, de que logo direi o successo.

1624. — A Esquadra da India (1) foi este anno commandada por Nuno Alvares Botelho, e constava da Náo Chagas, em que elle hia, e da Náo Quietação, Commandante João de Siqueira Varejão; e mais seis Galeões, commandados, o S. Francisco por João Pereira

(1) Faria, Asia Portugueza. — Epitome de Pedro Barreto.

Corte Real; o S. João por Sebastião da Costa Valente; o Santo Antonio, por D. Sebastião de Menezes; o São Tiago, por Simão do Quental; a Conceição, por Francisco de Tavora da Cunha; e o S. Pedro, por Fernando da Costa de Lemos. Cinco destes Galeões devião ficar servindo na India.

Sahio de Lisboa a Esquadra a 18 de Março, e chegou reunida a Goa, nos principios de Setembro.

Na torna-viagem o Galeão Conceição ancorou na Ilha de Santa Helena tão aberto, e arruinado, que armando a lancha em Patacho, a enviou com aviso á Cidade da Bahia, d'onde se mandou buscar a gente, e a carga, como adiante direi.

1624. — Determinada a Companhia Occidental de Hollanda (1) a invadir o Brasil, começando pela Cidade da Bahia, ou S. Salvador, que era então a Capital daquelles riquissimos Paizes, aprestou huma Esquadra de vinte e cinco navios, dos quaes treze erão de guerra, e doze afretados, todos bem armados, e guarnecidos com tres mil homens escolhidos, entre marinheiros, e soldados, e abundantes munições de guerra. Era General em Chefe da Expedição Jacob Willekens, Official de muita experiencia nas guerras de Flandes; Almirante o famoso

(1) Para o que respeita á conquista, e restauração da Bahia, vede a Historia da Guerra do Brasil, escrita em Italiano pelo Padre Fr. João José de Santa Theresa (Portuguez), impressa em Roma em 1698, Parte 1. Liv. 2. — Portugal Restaurado, Tomo 1. Liv. 2. — Historia da Guerra Brasilica, por Francisco de Brito Freire, Livros 2., e 3. — Historia do Brasil, por Roberto Southey, Inglez, Tom. 1. Cap. 14. — Compendio Historico de la Jornada d'el Brasil, manuscrito, feito em 1626 por D. João de Valencia e Gusmão, que servio como Voluntario na Restauração da Bahia. — Faria e Sousa, Europa Portugueza, Parte 2. Cap. 3. — Jornada dos Vassallos da Coroa de Portugal para recuperar a Cidade de S. Salvador, pelo Padre Bartholomeu Guerreiro, Lisboa, 1625. — Relação verdadeira de tudo o succedido na Restauração da Bahia, mandada pelos Officiaes de Sua Magestade a este Reino, Lisboa, 1625. — Castrioto Lusitano, Parte 1. Liv. 1.

Pedro Heyne, intrepido e habil marinheiro Inglez; General das tropas o Coronel Hans Vandort, soldado de reputação; Commandante da Artilheria Guilherme Stope; e Commissario Geral Hugo Antonio.

Sahio a Esquadra de Hollanda a 21 de Dezembro de 1623, levando o seu General Ordens selladas, que devia abrir em Cabo Verde (outros dizem, que passada a linha); mas não obstante o segredo, antes da sua partida soube-se em Lisboa por cartas de Amsterdam, que o seu destino era para o Brasil; e avisada logo a Corte de Madrid, nenhum caso fez da advertencia; ou por dar mais credito ás vozes espalhadas na Hollanda, de que o projecto era atacar as Indias de Castella, ou por se embaraçar pouco com a perda das Conquistas de Portugal; e talvez essa mesma perda entrava nos calculos da falsa Politica daquelle Gabinete.

Em Janeiro deste anno de 1624 chegou a Esquadra á Ilha de S. Vicente, huma das de Cabo Verde, onde se deteve seis semanas, armando oito Patachos pequenos, de que hião todos os aparelhos, e peças lavradas nos porões dos navios, armado cada hum com quatro canhões. Abertas aqui as Instrucções particulares, causou nas guarnições grande alvoroço ser a expedição á Bahia, esperando cada hum fazer a sua fortuna com os despojos de tão rico Paiz.

Partio a Esquadra da Ilha, e navegando desunida, achou-se a 16 de Abril o General Willekens com o seu unico navio á vista do Morro de S. Paulo, dez leguas ao Sul da Bahia, e resolveo esperar bordejando a Esquadra naquella paragem, como fez, accendendo de noite faróes, e dando tiros de peça, para que não passasse sem elle a ver, e neste cruzeiro se dilatou vinte e tres dias.

Era Governador dos Estados da Bahia Diogo de Mendonça Furtado, que sendo avisado de andar naquelles mares hum grande navio de guerra estrangeiro, que

não buscava o Porto, e fazia de noite signaes, inferio que esperava por outros, de que se separára; e fez armar dois navios com a melhor gente que tinha, mandando a seu filho Antonio de Mendonça Furtado, que o fosse atacar. Sahio este a 24 de Abril, e no dia seguinte entrou arribado, com os mastros do seu proprio navio rendidos. O Governador, mudando de parecer, enviou dois Patachos mui veleiros com instrucções, que fossem reconhecer o navio estrangeiro, e se elle mandasse algum escaler a seu bordo, o apresassem, e fugissem para se saber dos prisioneiros quem era, e o que por alli fazia. Os Patachos partírão a 7 de Maio, e no outro dia avistárão de longe a Esquadra Hollandeza, a qual conhecêrão logo, e por isso se recolhêrão a dar a noticia.

Achava-se o Governador falto de tudo quanto era necessario para resistir a huma invasão. Toda a sua tropa de linha consistia em oitenta soldados, e alguns Auxiliares: as fortificações, além de defeituosas, estavão quasi destruidas; e faltavão as armas, artilheria, e munições. Ao primeiro aviso, que teve da apparição daquelle navio estrangeiro, convocou elle das Aldeas, e Engenhos do Reconcavo toda a gente capaz de combater. Reparou alguns entrincheiramentos, e construio outros de novo, assim como hum Forte na Marinha da Cidade, em que montou algumas peças; e cortou as bocas das ruas. Estavão surtos no Porto dezoito navios de Commercio, dos quaes escolheo os melhores para fazer huma tal qual linha de defensa na frente da Cidade; e no Forte de Santo Antonio, situado na entrada da Bahia, estabeleceo huma pequena guarnição, sendo este ponto da maior importancia, por estar no flanco esquerdo da Cidade. O mesmo fez em hum Reducto na praia de Tapagipe, que ficava no flanco direito. Os moradores acudírão ao chamado do Governador; mas costumados a huma vida molle, em breves dias se enfastiárão dos exer-

cicios de armas, rondas, e guardas que os obrigavão a fazer; e com pretexto da falta de mantimentos, rompêrão em queixas clamorosas, abrigados pelo Bispo D. Marcos Teixeira, que estava persuadido de que os Hollandezes só vinhão a fazer presas maritimas, e não conquistas. Assim foi o Governador obrigado a despedir alguma gente no fim de vinte e tres dias; e outra muita se retirou sem licença.

A entrada dos dois Patachos, que annunciavão a vinda dos Hollandezes, pôz a Cidade de S. Salvador em consternação: mais de tres mil homens fugírão para os bosques, levando o que tinhão de mais precioso; e muitos Officiaes não forão dos ultimos a dar o exemplo, a pesar dos rogos, e ameaças do Governador, e das exhortações do Bispo, que já conhecia o seu erro; porêm tudo foi de balde.

A 9 de Maio amanheceo a Esquadra Hollandeza na boca da Bahia, em numero de trinta e tres vélas. Cinco dos maiores navios derão fundo na ponta de Santo Antonio, e o resto foi surgir na fronteira da Cidade, e começou a bater as fortificações. Tinha o Governador mandado na vespera os Capitães Gonsalo Bezerra, e Rodrigo de Carvalho Pinheiro com as suas Companhias, que consistião em 180 Portuguezes, e huma Companhia de Indios frecheiros commandada pelo Capitão Affonso Rodrigues, para tomarem posição na praia de Santo Antonio, e obstarem a qualquer desembarque: e os Officiaes, que commandavão alguns pequenos postos naquellas visinhanças, recebêrão ordem de acudir á mesma praia, em caso de ataque. Era porêm tal o terror panico dos defensores, quasi todos Ordenanças, e paizanos mal armados, e peior disciplinados, que quasi sem opposição deixárão desembarcar os Hollandezes em numero de mil homens, os quaes marchárão até ao Mosteiro de S. Bento, sendo o Paiz tão coberto, e difficil, que

podião ser alli anniquilados. Era isto já ao anoitecer, e os soldados Hollandezes, cançados, e abatidos do calor, e quasi todos bebados, ou se deitavão a dormir, ou se espalhavão a buscar agua; de maneira, que se aquella noite os atacassem duzentos homens resolutos, nem hum só escaparia.

Os navios Hollandezes, que batião a Cidade, o fizerão com grande furia; e ainda que os Portuguezes respondião ao seu fogo, este era tão superior, que todas as fortificações ficárão desmanteladas, e algumas embarcações tomadas, e outras queimadas. Restava o Forte novo, que os Hollandezes assaltárão nessa noite, e ganhárão facilmente, morrendo vinte dos defensores: depois encravárão as peças, e recolhêrão-se a bordo. Os Portuguezes, vendo-os retirados, tornárão a occupar o Forte, que o Governador mandou abandonar, vendo impossivel a sua conservação.

No dia seguinte 10 occupárão os Hollandezes todos os Fortes da marinha, e os de Santo Antonio, e Tapagipe. Os moradores, dando tudo por perdido, tinhão desamparado de noite a Cidade, com o Bispo. Ficou somente no Palacio o Governador, seu filho, o Capitão Lourenço de Brito Correa, o Sargento Mor Francisco de Almeida de Brito, o Ouvidor Geral Pedro Casqueiro da Rocha, o Alferes Manoel Gomes, e seis criados. O aviso desta deserção foi levado naquella manhã aos Hollandezes por hum Judeo chamado Diogo Lopes de Abrantes; e entrando logo na Cidade as tropas, que occupavão S. Bento, chegárão ao Palacio, d'onde sahio o Capitão Lourenço de Brito a dizer-lhes, que o Governador estava alli com muita gente, e se renderia se lhe concedessem sahir com todos os seus livremente, aliàs se defenderia, e na ultima extremidade poria fogo á polvora. Concedêrão os Hollandezes tudo, e entrando a occupar a parte inferior do Palacio, o Governador imprudente-

mente desembainhou a espada; acção de que elles tomárão pretexto, percebendo a pouca gente que havia na casa, para annullarem a capitulação, e o remetterem preso para bordo do Almirante, e depois para Hollanda.

Seguio-se a isto saquearem a Cidade, em que achárão, alêm de muito ouro, e prata, grandes armazens atulhados de generos do Paiz, e da Europa, de que mandárão quatro navios carregados para Hollanda.

O General Vandort entrou no dia 11 na Bahia, e sentio muito os excessos commettidos pelas suas tropas. Tratou immediatamente de fortificar a Cidade, sobre tudo da banda do mar, em que concluio o Forte novo, e levantou mais dois, e diversas baterias bem guarnecidas de artilheria. Favoreceo a fortuna os Hollandezes, trazendo áquelle Porto muitos navios Portuguezes, huns da Europa, outros de Angola carregados de escravos, que elles empregárão nas fortificações, as quaes por isso medrárão muito em pouco tempo. Entre os navios assim tomados foi hum Hespanhol, em que vinha D. Francisco Sarmento Soutomaior, que acabava o lugar de Corregedor do Potozi, com sua mulher, e filhos, e outras familias, a bordo do qual se achárão setecentas mil patacas em pinhas, e moeda.

Os moradores da Bahia, recolhidos nos bosques, e mattos, resolverão-se a fazer os maiores esforços para reganharem o que com tanta ligeireza largárão, já desenganados de que os Hollandezes querião conservar a Cidade, para dalli estenderem as suas conquistas. Por commum consentimento tomou o Bispo o commando geral, auxiliado por alguns Officiaes praticos na guerra do sertão. Toda a gente Portugueza capaz de combater excedia pouco a mil e quatrocentos homens, e duzentos e cincoenta Indios, com poucas munições, e nove peças de artilheria; mas a natureza do Paiz tornava formidavel este pequeno numero de homens, animados do maior fu-

ror contra os seus inimigos; e com effeito em breve se virão estes reduzidos a estado de não poderem disfructar a campanha. O General Vandort, querendo a 15 de Julho fazer hum reconhecimento com duzentos homens, foi morto pelo Capitão Francisco Padilha. Succedeo-lhe no commando o Coronel Alberto Schouten, e pouco depois a este seu irmão Guilherme Schouton, que não possuia talentos para similhante emprego. Assim forão os Hollandezes rechaçados em todas as tentativas, que fizerão para penetrar no Paiz, seja por terra, ou por mar, com grande perda de gente, e de reputação, achando-se por fim circunscritos no recinto das muralhas.

Neste estado de cousas, o General Jacob Willekens sahio para Hollanda a 27 de Julho com onze navios, levando só a marinhagem; e a 6 de Agosto partio o Almirante Heyne com seis navios, e dois Patachos, guarnecidos de 120 canhões, e cento e vinte soldados, para invadir a Cidade de Loanda, por ser o principal mercado da escravatura naquelle tempo. Antes de relatar o exito desta expedição, cumpre dizer o que se passava na Hespanha.

Logo que Mathias de Albuquerque, Governador de Pernambuco (em quem agora recahia o Governo geral do Brasil) soube da tomada da Bahia, e da prisão de Diogo de Mendonça Furtado, expedio huma Caravela, que chegou a Lisboa a 26 de Julho; e enviou Francisco Nunes Marinho, soldado de experiencia, e valor, para commandar o bloqueio na Bahia.

A tomada de huma Cidade tão importante despertou os Ministros de Hespanha do lethargo verdadeiro, ou affectado, em que jazião. Passou ElRei as Ordens mais terminantes aos Governadores de Portugal, que erão o Conde de Portalegre D. Diogo da Silva, e o Conde de Basto D. Diogo de Castro, para armarem em Lisboa huma Esquadra, á qual devia ajuntar-se outra mais

poderosa, que se hia reunir em Cadix. Entretanto partírão de Lisboa duas Caravelas a 8 de Agosto para Pernambuco com cento e vinte soldados; e apôs ellas D. Francisco de Moura, nomeado por ElRei para governar as tropas, que sitiavão a Bahia, com tres Caravelas, e cento e cincoenta soldados, com as quaes chegou felizmente a Pernambuco, e em fins de Novembro entrou no campo dos sitiantes. Para o Rio de Janeiro sahio Salvador Correa de Sá e Benevides no dia 19 em hum navio com oitenta soldados, muitas armas, e munições de guerra; e para Angola o Capitão Bento Banha Cardoso com cento e trinta soldados, e muitas munições, o qual chegou a tempo de salvar aquella interessante Colonia, como abaixo direi.

Os Governadores de Portugal expedírão aviso á Esquadra Portugueza, que cruzava sobre as Ilhas dos Açores, para se recolher a Lisboa, onde entrou a 27 de Setembro; e mandárão outro ás Provincias do Norte para se afretarem embarcações, que vierão em numero de dez, conduzidas por Tristão de Mendonça Furtado, embarcado em hum navio de 350 toneladas, com vinte peças, e duzentos homens, com víveres, e munições, tudo á sua custa. As cartas, que ElRei escreveo ao Governo, e Grandes de Portugal, exaltárão o brio da Nação; e a pezar do máo estado das rendas, e falta de numerario, concorrêrão todos de boa vontade com os cabedaes, e as pessoas para se aprompter a Expedição; metade de cuja despeza sahio dos donativos. Mais de duzentos Aventureiros, ou Voluntarios das melhores familias do Reino se embarcárão para servir sem soldo, e muitos delles pagárão soldados á sua custa.

D. Manoel de Menezes, como General da Armada de Portugal, tomou o commando desta Esquadra, que se compunha de dezesete embarcações de guerra, ou armadas em guerra, das quaes erão da Coroa dois Galeões,

duas Náos, tres Urcas, e dois navios. Levava mais quatro Caravelas carregadas de provisões, e outras quatro embarcações com víveres, e bagagens. Era Almirante D. Francisco de Almeida; e Mestre de Campo dos dois Terços da Marinha, que se embarcárão, o Mesmo Almirante do primeiro, e Antonio Moniz Barreto do segundo, que se creou por esta occasião. Eis-aqui os nomes dos navios (1):

Náo Santo Antonio, em que hia o Capitão General D. Manoel de Menezes, de 900 toneladas, 460 Soldados de Infanteria, 160 Artilheiros, e marinheiros, e 42 peças.

Náo Santa Anna Maior, em que embarcou o Almirante D. Francisco de Almeida, de 500 toneladas, 300 Soldados, 110 Artilheiros, e marinheiros, e 24 peças.

Galeão Conceição, em que hia o Mestre de Campo Antonio Moniz Barreto, de 430 toneladas, 200 Soldados, 100 Artilheiros, e marinheiros, e 24 peças.

Galeão S. José, Commandante D. Rodrigo Lobo, de 400 toneladas, 200 Soldados, 100 Artilheiros, e marinheiros, e 24 peças.

Urca Caridade, Commandante Lançarote da Franca, de 300 toneladas, 100 Soldados, 80 Artilheiros, e marinheiros, e 20 peças.

Naveta Santa Cruz, Commandante Constantino de Mello, de 280 toneladas, 100 Soldados, 80 Artilheiros, e marinheiros, e 18 peças.

Urca S. João Baptista, Commandante Manoel Dias de Andrade, de 300 toneladas, 100 Soldados, 60 Artilheiros, e marinheiros, e 20 peças.

Urca S. Bartholomeu, Commandante Domingos da

(1) Esta Relação he tirada do Manuscrito, que mais vezes tenho citado nestas Memorias, o qual em substancia concorda com o que dizem os melhores Escritores.

Camara, de 230 toneladas, 110 Soldados, 100 Artilheiros, e marinheiros, e 13 peças.

Navio Rosario Maior, Commandante Tristão de Mendonça Furtado, de 350 toneladas, 150 Soldados, 50 Artilheiros, e marinheiros, e 20 peças.

Navio Rosario Menor, Commandante Ruy Barreto de Moura, de 300 toneladas, 90 Soldados, 50 Artilheiros, e marinheiros, e 14 peças.

Navio Rosario, Commandante Christovão Cabral, de 230 toneladas, 85 Soldados, 45 Artilheiros, e marinheiros, e 11 peças.

Navio Mercês, Commandante Domingos Gil da Fonceca, de 220 toneladas, 30 Soldados, 40 Artilheiros, e marinheiros, e 10 peças.

Navio S. João Evangelista, Commandante Diogo Furtado, de 220 toneladas, 85 Soldados, 45 Artilheiros, e marinheiros, e 14 peças.

Navio Senhora da Ajuda, Commandante Gregorio Soares Pereira, de 200 toneladas, 60 Soldados, 50 Artilheiros, e marinheiros, e 14 peças.

Navio Penha de França, Commandante Diogo Varejão, de 200 toneladas, 60 Soldados, 50 Artilheiros, e marinheiros, e 18 peças.

Navio Boa Viagem, Commandante Bento do Rego, de 150 toneladas, 50 Soldados, 40 Artilheiros, e marinheiros, e 8 peças.

Navio Senhora das Neves Maior, Commandante Gonçalo Lobo Barbosa, de 150 toneladas, 50 Soldados, 40 Artilheiros, e marinheiros, e 90 peças.

Caravela Conceição, Commandante Sebastião Marques, de 139 toneladas, 10 Soldados, e 22 marinheiros.

Caravela Rosario, Commandante Manoel Palhares Lobato, de 93 toneladas, 10 Soldados, 22 marinheiros.

Caravela Remedios, Commandante Roque de Montearroio, de 120 toneladas, 10 Soldados, 22 marinheiros.

Caravela S. João, Commandante Cosme do Couto, de 90 toneladas, 10 Soldados, 22 marinheiros.

Embarcárão nesta Esquadra dois Medicos, e todos os navios armados levavão Cirurgião, e Botica. Era o total das tropas 2260 Soldados de Infanteria, alêm dos Officiaes, e Aventureiros, que não recebião soldo: Artilheiros, e marinheiros 1298, não contando os Officiaes; assim a guarnição da Esquadra devia ser de perto de quatro mil homens. O numero de canhões chegava a 303, levando munições para mais de oitenta tiros por peça (1).

Em quanto em Lisboa se trabalhava com a maior actividade, reunia-se em Cadix a Armada Hespanhola, dividida (segundo o costume daquelle tempo) em cinco Esquadras. Nomeou ElRei para commandar em Chefe as forças navaes, e terrestres da Expedição da Bahia, a D. Fradique de Toledo Osorio, Marquez de Villa Nova de Valduesa Capitão General da Armada do Mar Oceano; o qual, quando desembarcassem as tropas, devia tomar o governo supremo destas; assim como tomaria neste caso o da Marinha D. João Fajardo de Gue-

(1) Importou a despeza desta Esquadra em 472$ cruzados; e tudo quanto para ella se comprou foi pago á vista. Levavão os navios agua para 120 dias, a canada por praça. Biscouto para 138 dias, a libra e meia por praça. Arroz para 32 dias, a meia libra. Bacalháo para 80 dias, a meia libra. Carne salgada para 25 dias, a libra. Queijo para 26 dias, a meia libra. Cosinhava-se huma vez ao dia. Custou o trigo a 99 réis o alqueire: o biscouto a 275 réis a arroba d'Hespanha: o azeite a 996 réis o almude: a carne 389 réis a arroba: o bacalháo a 366 a arroba: a pipa de vinho a 5557 réis; e a de vinagre 4454 réis. A polvora a 105 ½ réis a libra. O breu a 177 réis a arroba. He o que consta do citado Manuscrito, que he hum documento authentico, por ser extrahido dos Livros dos Armazens da Marinha.

vara, Conselheiro de Guerra, Capitão General da Armada do Estreito, e Almirante do Mar Oceano. Era Mestre de Campo General das tropas Portuguezas, e Hespanholas, Pedro Rodrigo de Santo Estevão, Marquez de Cropani; e Tenente General Diogo Rodrigues, que servia de Quartel Mestre General. Mestres de Campo D. João de Orelhana, Carlos Caraçiolo, Marquez de Torrecuço (do Terço Italiano), e D. Pedro Osorio. Embarcárão de Aventureiros muitos Fidalgos, e pessoas distinctas por nascimento, ou empregos.

Como o Armamento de Lisboa se achou prompto no mez de Novembro, quando o de Cadix estava ainda muito atrazado, resolveo-se que a Esquadra Portugueza fosse esperar a de Hespanha nas Ilhas de Cabo Verde, sendo-lhe indispensavelmente mais vantajoso ir a Cadix, para sahir dalli a Armada toda junta. Partio D. Manoel de Menezes a 22 de Novembro de 1624 com a sua Esquadra: a 29 avistou a Ilha da Madeira; a 6 de Dezembro passou entre Tenerife e a Palma; e a 19 tomou as Ilhas de Cabo Verde. O Galeão Conceição, em que hia Antonio Moniz Barreto, separou-se da Esquadra no dia 14 de Dezembro, e no mesmo dia 19 foi dar fundo sobre o baixo de Santa Anna, junto á Ilha do Maio (1), errando o seu Porto, no qual estavão surtos sete navios da Esquadra; e faltando-lhe as amarras, naufragou na noite de 21, salvando-se a maior parte da gente, toda a artilheria, o aparelho, e quasi toda a carga; e por ultimo deitou-se fogo ao casco.

Em quanto isto se passava na Hespanha, navegava da Bahia para Angola o Almirante Heyn, onde chegou a 30 de Outubro; mas vio taes disposições de defensa (havendo chegado primeiro o soccorro de Portugal), que

(1) Chamado Recife do Norte na bella Carta Ingleza de 1822, quasi duas milhas afastado da Ponta do Norte da Ilha. Os sete navios estavão no Porto situado na parte do Sul.

não ousou desembarcar; e contentando-se com algumas faceis presas nas embarcações de trafico, voltou dalli á Capitania do Espirito Santo. A 12 de Março do anno seguinte desembarcou alli, com o intento de ganhar a Villa da Victoria, Capital da Provincia; porêm foi rechaçado com perda pelo Donatario Francisco de Aguiar Coutinho, auxiliado de Salvador Correa de Sá, que seu pai Martim Correa de Sá mandava do Rio de Janeiro em soccorro da Bahia com duzentos homens, e por hum feliz acaso entrára no Porto do Espirito Santo. Não foi Heyne mais venturoso em huma segunda tentativa, em que perdeo huma lancha com perto de quarenta homens. E fazendo-se á véla para a Bahia, chegou á ponta de Santo Antonio, d'onde descobrio a Armada de Hespanha surta no Porto; o que o obrigou a seguir derrota para a Europa.

1625. — A Esquadra da India (1) reduzio-se este anno a duas Náos: S. Bartholomeu, em que embarcou o Chefe Vicente de Brito e Menezes: e Santa Helena, de que era Commandante João Henriques.

Sahírão de Lisboa a 2 de Abril; chegárão a Goa nos principios de Setembro; e na torna-viagem se perdêrão na Costa de França, como adiante direi.

1626. — A 14 de Janeiro deste anno (2) sahio de Cadix a Armada Hespanhola, que constava de vinte e hum navios de guerra, sete navios afretados, e armados, e sete transportes; pela maneira seguinte:

Esquadra do Mar Oceano.

Galeão Pilar, em que hia o Capitão General D. Fra-

(1) Faria, Asia Portugueza. — Epilogo de Pedro Barreto.

(2) Vede os Escritores já citados sobre a Conquista, e restauração da Bahia; e Castrioto, Parte 1. Liv. 1.

dique de Toledo, de 1040 toneladas, 330 Soldados de Infanteria, 209 Artilheiros, e marinheiros, e 52 peças.

Galeão Santissima Trindade, de 500 toneladas, 233 Soldados, 80 Artilheiros, e marinheiros; e 24 peças.

Galeão S. Nicoláo Tolentino, de 500 toneladas, 265 Soldados, 78 Artilheiros, e marinheiros, e 24 peças.

Galeão Victoria, de 450 toneladas, 127 Soldados, 70 Artilheiros, e marinheiros, e 20 peças.

Navios afretados, e armados.

Urca S. Miguel Turquillo, de 294 toneladas, 62 Soldados, 42 Artilheiros, e marinheiros, e 17 peças.

Urca D. Henrique, de 292 toneladas, 67 Soldados, 49 Artilheiros, e marinheiros, e 16 peças.

Urca Salvador, de 530 toneladas, 83 Soldados, 84 Artilheiros, e marinheiros, e 25 peças.

Urca S. Paulo, de 318 toneladas, 61 Soldados, 44 Artilheiros, e marinheiros, e 18 peças.

Urca Rei David, de 231 toneladas, 50 Soldados, 33 Artilheiros, e marinheiros, e 12 peças.

Urca Porto Christovão, de 292 toneladas, 31 Soldados, 27 Artilheiros, e marinheiros, e 14 peças.

Urca Esperança, de 319 toneladas, 61 Soldados, 30 Artilheiros, e marinheiros, e 12 peças.

ESQUADRA DO ESTREITO.

Galeão S. Tiago, em que embarcou D. João Fajardo de Guevára, de 900 toneladas, 244 Soldados, 225 Artilheiros, e marinheiros, e 44 peças.

Galeão Rosario, em que hia o Almirante Roque Centeno, de 652 toneladas, 225 Soldados, 157 Artilheiros, e marinheiros, e 32 peças.

Galeão S. João Baptista, de 400 toneladas, 176 Soldados, 80 Artilheiros, e marinheiros, e 18 peças.

Galeão S. Paulo, de 360 toneladas, 142 Soldados, 77 Artilheiros, e marinheiros, e 16 peças.

Galeão S. Miguel, de 450 toneladas, 190 Soldados, 91 Artilheiros, e marinheiros, e 16 peças.

Esquadra da Biscaia.

Galeão S. João Baptista, onde hia o Capitão General Martim de Valecilla, de 600 toneladas, 248 Soldados, 114 Artilheiros, e marinheiros, e 28 peças.

Galeão S. José, de 400 toneladas, 136 Soldados, 48 Artilheiros, e marinheiros, e 16 peças.

Galeão Santa Theresa, de 446 toneladas, 172 Soldados, 77 Artilheiros, e marinheiros, e 20 peças.

Galeão Senhora da Atalaia, de 446 toneladas, 184 Soldados, 66 Artilheiros, e marinheiros, e 16 peças.

Esquadra das Quatro Villas.

Galeão Bom Successo, em que hia o Capitão General D. Francisco de Azevedo, de 700 toneladas, 245 Soldados, 124 Artilheiros, e marinheiros, e 28 peças.

Galeão Santa Anna, de 304 toneladas, 189 Soldados, 88 Artilheiros, e marinheiros, e 24 peças.

Galeão S. Francisco, de 379 toneladas, 173 Soldados, 63 Artilheiros, e marinheiros, e 18 peças.

Galeão S. João da Vera Cruz, de 402 toneladas, 159 Soldados, 72 Artilheiros, e marinheiros, e 16 peças.

Galeão Santa Catharina, de 411 toneladas, 149 Soldados, 69 Artilheiros, e marinheiros, e 20 peças.

Galeão S. Pedro, de 450 toneladas, 133 Soldados, 81 Artilheiros, e marinheiros, e 24 peças.

Esquadra de Napoles.

Galeão Conceição, em que hia o Capitão General D. Francisco de Rivera, de 1200 toneladas, 398 Soldados, 203 Artilheiros, e marinheiros, e 46 peças.

Galeão Annunciada, de 800 toneladas, 344 Soldados, 138 Artilheiros, e marinheiros, e 26 peças.

Transportes.

Patacho S. Jorge, de 200 toneladas, 150 Soldados, 113 Artilheiros, e marinheiros.

Patacho Senhora do Carmo, de 200 toneladas, 150 Soldados, e 113 Artilheiros, e marinheiros.

Caravela S. João Baptista, 17 Soldados, e 30 Artilheiros, e marinheiros.

Caravela Remedios, 17 Soldados, e 30 Artilheiros, e marinheiros.

Tartana S. João, 27 Soldados, e 21 Artilheiros, e marinheiros.

Tartana S. Pedro Maior, 27 Soldados, e 21 Artilheiros, e marinheiros.

Tartana S. Pedro Menor, 27 Soldados, e 21 Artilheiros, e marinheiros.

Os navios de guerra levavão munições para quarenta tiros por peça.

Total das guarnições, excluindo Officiaes, Aventureiros, e creados; Soldados de Infanteria 5232; Artilheiros, e marinheiros 1878; Peças de artilheria 642.

A 6 de Fevereiro chegou D. Fradique de Toledo á Ilha de S. Tiago de Cabo Verde: arriou D. Manoel de Menezes a bandeira do tope grande, e salvou-o com cinco tiros de canhão, a que D. Fradique respondeo com tres tiros, arriando igualmente a sua bandeira, que logo

ambos tornárão a içar, e ao mesmo tempo sahírão nos seus escaleres a visitar-se. Chegou primeiro D. Fradique á Capitanea Portugueza, e ahi esperou que D. Manoel voltasse de bordo da sua, havendo-se desencontrado no caminho. Passados os primeiros cumprimentos, voltárão ambos para a Capitanea de Hespanha, onde conferírão sobre as futuras operações.

Publicou-se a bordo de todos os navios a ordem de successão no Commando geral da Expedição, que ElRei determinava se praticasse em caso de faltar o General em Chefe, a qual era a seguinte: Primeiro successor D. João Fajardo; segundo D. Manoel de Menezes; terceiro o Marquez de Cropani; quarto Martim de Valecilla; e ultimo D. Francisco de Azevedo.

A 11 de Fevereiro sahio toda a Armada da Ilha de S. Tiago; passou a Linha a 5 de Março; e soffrendo algumas calmarias, adoecêrão muitas pessoas a bordo dos navios Hespanhoes, porêm fallecêrão poucas.

A 29 avistárão terra da Bahia, e tomárão lingua na Torre de Garcia de Avila, onde souberão o estado das cousas, e que os Hollandezes já sabião da sua vinda, por haverem tomado hum Patacho expedido de Lisboa com avisos a D. Francisco de Moura. No mesmo dia derão fundo defronte da Ponta de Santo Antonio, e alli veio D. Francisco de Moura a bordo de D. Fradique, e lhe contou que os Hollandezes tinhão na Cidade dois mil e quatrocentos homens, e cento e oitenta canhões nas baterias, e havião feito muitas presas, tanto no mar, como em navios entrados no Porto, sem saberem que estava occupado por elles. Que agora tinhão abandonado os arrabaldes do Carmo, e S. Bento; e que á sombra de tres Reductos construidos na Marinha, estavão ancorados os seus navios em numero de vinte e seis, sendo seis de guerra de 30 a 40 peças, e os outros dos que achárão no Porto, ou apresárão depois; e tinhão

mettido a pique tres navios por fóra daquelles, para embaraçar que os fossem abordar: e por ultimo, que a Cidade estava fortificada no melhor modo possivel, entrincheiradas as bocas das ruas, reparado o Forte Novo, onde havia hum fornilho de balas vermelhas, e construidos mais dois Fortes, hum na ponta de Monserrate, e outro em Agua de Meninos.

No dia 30 entrou a Armada na Bahia, com bandeiras largas, tocando todos os instrumentos de guerra, e do mesmo modo estavão os Fortes, e os navios Hollandezes, que atirárão alguns tiros do Forte de Agua de Meninos. Deo fundo a Armada em huma linha curva, tendo a esquerda alêm do extremo Norte da Cidade, e a direita formada pela Esquadra de Portugal, quasi na ponta de Santo Antonio. Ficárão no centro da linha os navios dos Generaes. Fez-se logo hum Conselho de Guerra a bordo de D. Fradique, a que concorrêrão todos os Officiaes Generaes, e ahi se resolveo formar cinco ataques contra a Cidade: O primeiro da banda do Convento do Carmo, já arruinado pelos Hollandezes; o segundo no sitio das Palmeiras, hum pouco ao Nascente deste; o terceiro em Rio Vermelho, encarregado a D. Francisco de Moura com todas as tropas que empregára até alli no bloqueio, e as que lhe trouxera de Pernambuco Duarte de Albuquerque Coelho, que veio servir de Voluntario; o quarto da parte de S. Bento; e o quinto na Marinha, hum tanto ao Sul da Cidade. D. Fradique fez pessoalmente o reconhecimento da Praça, acompanhado dos Engenheiros. Conveio-se em desembarcar quatro mil homens de todas as Nações, que com os Portuguezes do Paiz pareceo seria força sufficiente.

A 31 vierão muitos barcos grandes dos Engenhos para auxiliarem o desembarque das tropas, o que verificou nesse dia na praia de Santo Antonio (cujo Forte os Hollandezes largárão) o Mestre de Campo General

Marquez de Cropani com dois mil homens, favorecido dos Portuguezes sitiados, que alli acudírão logo; e adiantando-se elle com quatro Companhias de Infanteria, passou alêm da Ermida de S. Pedro, e depois de reconhecer o terreno, sem ver inimigos, voltou á sua primeira posição.

No 1.° de Abril desembarcou D. Fradique, e unindo-se-lhe algumas tropas escolhidas da Divisão de D. Francisco de Moura, começou a marchar para a Cidade, não tendo ainda desembarcado artilheria alguma, e fez alto na Ermida de S. Pedro, a tiro de canhão da Cidade.

A 2 tomou porto o Marquez de Cropani com quatrocentos homens na Igreja de S. Bento, cujo Mosteiro estava desmantelado; e alli formou hum alojamento a tiro de mosquete das muralhas, começando logo a levantar terra para se cobrir do seu fogo de artilheria, e mosqueteria, que não cessava de noite, e dia.

A 3 desembarcárão outros dois mil homens, com artilheria, e deixando D. Fradique no Quartel de S. Bento ao Marquez de Cropani, com os Mestres de Campo D. Pedro Osorio, D. Francisco de Almeida, e o Marquez de Torrecuço, e dois mil e trezentos soldados, marchou a estabelecer o seu Quartel General na Igreja do Carmo, a tiro de mosquete das obras do inimigo, tendo ás suas ordens os Mestres de Campo D. João de Orellana, e Antonio Moniz Barreto, com a maior parte dos Aventureiros Portuguezes, e Hespanhoes. Aqui o reforçárão com dez Companhias de Infanteria Portugueza da Divisão de D. Francisco de Moura, que terião quinhentos homens; com cujo reforço perfez o numero de dois mil e quinhentos soldados, e fez occupar o Quartel das Palmeiras. Os Hollandezes desamparárão os Fortes de Monserrate, e Agua de Meninos, por estarem mui proximos dos postos avançados dos Portuguezes, que

os descobrião do alto da praia, e nelles deixárão dez peças desmontadas. Mandou D. Fradique occupar logo ambos os Fortes, o que lhe facilitou o desembarque da artilheria grossa, e munições de guerra para fortificar os seus Quarteis.

A 4, pelo meio dia, fizerão os Hollandezes huma sortida da parte de S. Bento, com dois destacamentos de trezentos homens cada hum, commandados pelo Coronel João Quif, soldado intrepido, e intelligente, o qual cahindo de subito sobre o Terço Hespanhol de D. Pedro Osorio, cujas guardas estavão com pouca vigia, pôz todo aquelle Quartel em confusão; e se tivesse maiores forças, poderia causar grandes perdas. Acudio ao rebate D. Pedro Osorio com a Companhia de D. Henrique de Alagon, sustentada pelas de D. Pedro de Santo Estevão, e de D. Ramires de Haro: combateo-se com grande valor de ambas as partes; mas chegando successivos reforços conduzidos pelo Marquez de Cropani, retirárão-se os Hollandezes com tanta cautela, que attrahírão os seus contrarios dentro do alcance das muralhas, d'onde lançárão sobre elles huma saraiva de balas de canhão, e de mosquete. Morrêrão nesta acção o Mestre de Campo D. Pedro Osorio, os Capitães D. Pedro de Aguilar, D. Alonço de Espinosa, e D. Pedro de Santo Estevão, sobrinho do Marquez de Cropani; e os Alferes D. João de Torre Blanca, e D. Diogo Manrique, com sessenta e cinco soldados. Ficárão feridos os Capitães D. Henrique de Alagon, sobrinho de D. Fradique, D. Diogo Ramires de Haro, e D. Diogo de Gusmão; e o Alferes D. Pedro de Medrano; e noventa soldados.

A 5 montarão-se quatro canhões nas baterias de S. Bento, e continuárão a desembarcar as munições de guerra, e mais petrechos necessarios naquelle Quartel. A' noite fizerão os Hollandezes outra sortida, em que

forão rechaçados com perda pelo Terço do Marquez de Torrecuço, que estava de guarda.

A 6 aproximarão-se os navios de guerra a tiro de canhão da Cidade. Conservavão-se a bordo os Generaes de Marinha, excepto D. Francisco de Almeida, por ser Commandante de hum Terço. Começou a Esquadra a bater as Fortificações, e os navios Hollandezes, fazendo bastante damno a huns, e outros; e ainda que elles respondêrão ao fogo, não causou este avarias de consequencia.

Os Hollandezes, observando que os navios com insignias de Generaes, estavão no centro da linha (não se sabe por que), preparárão tres Brulotes, que nessa noite, sendo a maré de vasio, mandárão contra elles pelas dez horas: hum encalhou á sahida, e ficou inutil. O segundo aproximou-se do Galeão Rosario, do Almirante Roque Centeno; e sendo visto das sentinellas, imaginárão os Hespanhoes, que os navios Hollandezes fugião, e começárão a fazer-se á véla para lhes cortar o passo. Entre tanto o Galeão deo-lhe huma descarga de palanquetas, de que tinha a sua artilheria carregada, com que logo o desarvorou, e abrio; e os marinheiros, que nelle vinhão, derão fogo ao Brulote, estando já perto, que o calor derreteo o breu das costuras do Galeão. A lancha deste colheo no mar hum Hollandez, que confessou haverem sahido aquelles tres Brulotes, destinados para as Capitaneas de D. Fradique, D. João Fajardo, e D. Manoel de Menezes.

O clarão do incendio deste Brulote fez distinguir o terceiro, que vinha com a prôa ao Galeão de D. Fradique; e tanto este, como o de D. Manoel de Menezes, que estava junto delle, cortárão as amarras, e fizerão-se á véla. Os do Brulote pegarão-se fogo, e rebentou delle huma grande quantidade de bombas, e foguetes incen-

diarios, que nenhum damno fizerão, por estarem já longe os dois Galeões, e toda a Armada á véla, na falsa hypothese da fugida da Esquadra Hollandeza; de maneira, que este erro feliz salvou naquella noite a Marinha Hespanhola.

A 7 o Marquez de Cropani tinha desmontado a artilheria dos sitiados da banda de S. Bento, e arruinado parte da muralha; o que elles reparavão com trincheiras, e cortaduras que fazião por dentro.

A 8 huma bateria de quatro canhões construida no Quartel de D. Fradique começou a atirar aos navios Hollandezes, e os maltratou muito. No mesmo dia huma bala disparada da Praça levou huma perna ao Morgado de Oliveira Martim Affonso de Oliveira e Miranda, Fidalgo de grande reputação, que falleceo com geral sentimento.

A 10, recebendo o Marquez de Cropani hum reforço de quatro canhões, formou huma bateria de oito peças a menos de tiro de mosquete das muralhas, junto á porta de S. Bento.

A 12 desembarcárão dos navios oitocentos soldados para o Quartel do Carmo.

A 14 mandou D. Fradique estabelecer hum alojamento no sitio das Palmeiras, a meio tiro de mosquete da muralha, com huma bateria de seis canhões. No mesmo dia chegou Salvador Correa de Sá com o soccorro do Rio de Janeiro, que constava de duzentos e cincoenta homens, entre Portuguezes de espada, e rodela, e Indios frecheiros, todos embarcados em duas Caravelas, e duas grandes canôas. Pelas dez horas da noite entrou no Porto hum Patacho Hollandez, que fallou a hum dos navios da Esquadra; e reconhecendo que estava entre inimigos, virou de bordo, e escapou. Este Patacho trazia noticia aos sitiados da vinda de huma formidavel Esquadra em seu auxilio.

A 16 mandou D. Fradique construir huma bateria de seis canhões defronte da casa dos Jesuitas, onde os Hollandezes tinhão vinte e quatro peças montadas, que fazião muito damno aos sitiantes; e deo o commando della ao Tenente General da Artilheria Sebastião Granero.

A 17 a bateria de S. Bento tinha arrasado huma trincheira, que os sitiados havião construido de novo; e lhes desmontou tres peças nella assestadas. Na manhã deste dia chamou D. Fradique para o Quartel General do Carmo ao Marquez de Cropani, havendo destacado para o das Palmeiras os Mestres de Campo D. João de Orellana, e Antonio Moniz Barreto.

A 19 começárão a jogar vigorosamente as baterias do Carmo, e assim continuárão nos dias seguintes, derribando metade da muralha, e descavalgando mais de vinte peças. Veio hum desertor Inglez da Cidade, que disse, que os Francezes, e Inglezes querião capitular, mas os Hollandezes não. Outro desertor confirmou o mesmo.

A 20 construio D. Manoel de Menezes com a gente da sua Esquadra huma bateria na praia, contra os navios Hollandezes, com a qual metteo alguns no fundo.

A 23 levantou o General Valevilla outra bateria junto á de D. Manoel, da qual bateo os Fortes da Marinha.

A 26 augmentarão-se as baterias do Carmo com quatro peças, de modo, que a Praça era agora batida por trinta e quatro canhões de calibres 35, e 22, e o fogo continuava de noite, e de dia: os aproxes estavão por todas as partes na borda do fosso.

A 27 chegou hum desertor Francez, que relatou a D. Fradique como tinha havido huma insurreição contra o Governador Guilherme Schoutens, em que este foi

deposto, e escolhido em seu lugar o Coronel Quif; e que tratavão de capitular. Com effeito Schoutens não tinha o animo, e talentos necessarios para o commando, que nelle recahio pelo acaso da sua antiguidade. Augmentava mais a sua frouxidão a falsa idéa em que estava de ser impossivel á Hespanha mandar huma expedição á Bahia, antes que a sua Republica lhe enviasse hum poderoso soccorro; e tão emperrado se conservava nesta opinião, que quando entrou a Armada Hespanhola, ainda cria que era a Hollandeza. A guarnição era composta em grande parte de mercenarios Francezes, e Inglezes, que não tinhão interesses nacionaes que os movessem a prolongar a resistencia até á ultima extremidade; e por outro lado escandalizados das más disposições, e conhecida pusillanimidade de Schoutens, movêrão huma sublevação, cujo resultado fica referido. Porêm o brilhante valor de Quif não pôde restabelecer a disciplina em tropas tão mal organizadas: alêm disso, estava já a todos patente, que ao menos de chegar promptamente de Hollanda huma Esquadra capaz de destruir os Hespanhoes, a Cidade seria forçada a capitular; e sendo incerta a época da vinda do soccorro, poderia ser entretanto ganhada por assalto; projecto que D. Fradique muitos dias antes tinha proposto emprehender, e não foi approvado.

Resolutos a final os Hollandezes a capitular, sahírão no dia 30 da Cidade o Commandante da Artilheria Guilherme Stope, o Commissario Geral Hugo Antonio, e o Capitão Francisco Duchs, todos tres do Conselho, e vierão ao Quartel de D. Fradique, com quem se achavão o Marquez de Cropani, os Mestres de Campo D. João de Orellana, Antonio Moniz Barreto, e D. Francisco de Almeida, o Doutor D. Jeronymo Quijada de Solorrano, Auditor Geral do Exercito, o Tenente de Mestre de Campo General Diogo Rodrigues, e o Sargento Mor João Venancio de S. Felice, todos do Conselho

de Guerra do Exercito, ajustarão-se as seguintes condições :

1.ª Que o Coronel Governador, e o Conselho entregarião a Cidade no mesmo estado, em que se achava naquelle momento, com toda a artilheria, armas, munições, bandeiras, petrechos, víveres, navios, Negros escravos, cavallos, e tudo o mais que na Cidade, e nos navios se achasse.

2.ª Que entregarião todos os prisioneiros Vassallos de Sua Magestade Catholica, de qualquer qualidade que fossem; e não tomarião armas contra Sua Magestade, e os seus Vassallos até chegarem a Hollanda.

3.ª Que o Coronel Governador, e todos os Officiaes, Soldados, e creados, e toda a gente do mar Hollandezes, Flamengos, Inglezes, Allemães, e Francezes, que em sua companhia vierão, sahirião livremente com toda a sua roupa de vestir, e dormir, os Officiaes levando a sua em caixas, e os Soldados nas moxilas.

4.ª Que se lhes darião embarcações, em que commodamente podessem passar a Hollanda.

5.ª Que se lhes fornecerião os víveres necessarios para tres mezes e meio.

6.ª Que os Hollandezes sahirião juntos da Cidade.

7.ª Que se lhes restituirião todos os prisioneiros feitos durante o cerco.

8.ª Que se não faria aggravo a nenhum dos rendidos.

9.ª Que se lhes darião os instrumentos de Navegação, que tinhão nos seus navios.

10.ª Que se lhes darião as armas necessarias para sua defensa na viagem.

11.ª Que sahirião da Cidade para se embarcar sem armas, excepto os Capitães, que conservarião as suas espadas.

12.ª Que as tropas Hespanholas occuparião naquella noite huma das portas da Cidade.

13.ª Que de parte a parte se darião refens até se cumprirem as Capitulações.

Assignárão esta Capitulação no mesmo dia 30 de Abril, D. Fradique de Toledo, o Coronel Governador, e o Conselho Hollandez.

A's oito horas da tarde entrou dentro das portas da Cidade o Marquez de Cropani com setecentos soldados Portuguezes, e Hespanhoes, deixando da parte de fóra outros trezentos; e na manhã do dia seguinte 1.º de Maio entrárão estes ultimos, e de tarde outros mil homens com D. Fradique, o qual publicou hum bando com pena de morte contra quem roubasse auguma cousa; e era bem necessaria esta providencia, porque já os vencedores commettião muitos roubos.

Sahírão rendidos mil e novecentos e doze homens, entre soldados, e marinheiros; e tinhão morrido trezentos no cerco. Acharão-se seiscentos Negros (que se pozerão em arrecadação), huns tomados nos navios Portuguezes apresados, outros fugidos, dos quaes estava organizada huma Companhia bem armada: restavão tambem alguns moradores Portuguezes do baixo Povo. Tomarão-se dezeseis bandeiras das tropas, os Estandartes dos Estados Geraes, e da Náo Capitanea, duzentas e dezenove peças de artilheria de varios calibres, mil e quinhentos quintaes de polvora, dez mil balas de canhão, muitas bombas, e granadas, dois mil e cem mosquetes, quinhentos capacetes, muitos peitos de aço, e outras munições. Existião na Casa da Moeda seis mil cento e setenta e seis marcos de prata em pinhas, mil e seiscentos e vinte e cinco marcos em peças de prata lavrada; alguns armazens cheios de fazendas, e outros de mantimentos, de que se fez inventario, e se entregou a D. João de Andosilla, nomeado Depositario geral por D. Fradique. Do producto destes generos, que valerião trezentos mil cruzados, pagou-se mez e meio de soldo ao Exercito. Dos

vinte e seis navios, e quatro Patachos, que os Hollandezes tinhão no principio do cerco; existião em bom estado só dois Patachos, e seis navios: mandarão-se aprestar estes ultimos para o transporte da guarnição.

A perda dos sitiantes deitou a duzentos e sessenta mortos, e feridos (outros a fazem maior), em que entrárão muitos Officiaes distinctos, Portuguezes, e Hespanhoes.

Ficou por Governador da Cidade D. Francisco de Moura, com mil soldados Portuguezes de guarnição.

No dia 10 embarcárão os Hollandezes para bordo dos navios, que os devião transportar; e a 12 começárão a embarcar as tropas Hespanholas, que não erão já necessarias em terra. A 14 expedio D. Fradique para Hespanha o Patacho Monte do Carmo, com cartas para ElRei, e nelle embarcárão os Capitães D. Henrique de Alagoa, e D. Pedro de Torres e Toledo, ambos seus sobrinhos.

No dia 19, apparecendo na Costa hum Patacho Hollandez, que fez presa em huma Caravela Portugueza, que vinha de Lisboa, sahio Tristão de Mendonça no navio Sol Dourado, e represando a Caravela com alguns Hollandezes a bordo, soube-se por elles, que de Hollanda havia sahido huma Esquadra de trinta e tres navios, com muitas tropas, e destino á Bahia. Este mesmo aviso tinha já chegado por duas embarcações, huma expedida de Cabo Verde a D. Manoel de Menezes, e outra de Canarias a D. Fradique. A Esquadra sahio de Hollanda antes que a Hespanhola de Cadix, mas os tempos ruins, que encontrou no Canal de Inglaterra, a demorárão até aos principios de Março. Deteve-se pairando sobre a Ilha do Maio, onde recebeo alguns refrescos por meio de dois Patachos; e dalli mandou hum á Bahia, que foi o que tomou a Caravela; e na Costa de Guiné teve muitos enfermos, e lhe morreo alguma gente. Era

seu Almirante Balduino Henrik, embarcado em hum navio de cincoenta peças, e quasi todos os outros erão de quarenta para cima: trazia tres mil homens de tropas.

Mandou D. Fradique immediatamente metter as embarcações dos prisioneiros debaixo da artilheria dos Fortes, e tratou de apromptar os seus navios, á maior parte dos quaes faltavão mantimentos, e aguada.

A 25 ao amanhecer appareceo a Esquadra Hollandeza quatro legoas ao mar. D. Fradique embarcou-se logo, e mandou recolher a bordo toda a gente, em que houve grande confusão. A Esquadra Hollandeza vinha formada em duas columnas; e como trazia vento escasso, virou no mar até á tarde, que tornou a virar na terra, e foi dar fundo para a banda da Ilha de Itaparica, onde passou a noite. No dia seguinte 26 se fizerão os Hollandezes á véla, e bordejárão até chegarem pelo meio dia a tiro de mosquete do Forte de Santo Antonio, cujo Commandante Alonso Rodrigues de Cisneros tinha ordem para não atirar. Virou então a Esquadra, e foi entrando pela Bahia com bandeiras largas. Neste momento fez D. Fradique signal aos seus navios para se fazerem á véla, começando pelos que estavão mais fóra; o que elles fizerão em numero de trinta e oito.

Os Hollandezes, tendo agora reconhecido as forças da Armada Hespanhola, cuja apparencia era formidavel; e ignorando as circunstancias particulares em que ella se achava, as quaes lhe facilitavão huma victoria decisiva, se a atacasse; e vendo o Estandarte Real da Hespanha arvorado na Cathedral, confirmarão-se em que a Cidade estava tomada, e dando a expedição por perdida, virárão no mar com intenção de se retirarem; mas o vento contrario não lho permittio, ainda que bordejárão o resto do dia, e parte da noite, antes a final se achárão quasi sobre os baixos de Itaparica, e forão obrigados a dar fundo; e a sua Capitanea tocou. Parte da Esquadra Hes-

panhola seguia os Hollandezes, atirando-lhes tiros de caça, a que elles não respondião; e o Galeão Santa Anna, pertencente á Esquadra de Biscaia, encalhou em hum daquelles baixos, d'onde sahio cortando o mastro grande, e com o auxilio das lanchas, e escaleres. Os outros navios seguírão no bordo de Leste, com o fim de virem no outro bordo a barlavento dos Hollandezes; porêm D. Fradique, estando sotaventeado, fez signal de reunião, temendo que os Hollandezes se mettessem entre os seus navios mais avançados e os que estavão a ré delle; e de noite continuou a bordejar para melhorar de posição, o que não pôde conseguir; porque carregando o vento com mais força, cahio para sotavento.

O Almirante Hollandez, aproveitando-se de noite da vasante da maré, que o deitava para fóra, fez-se de véla, e sahio da Bahia, havendo antes intentado queimar o Galeão Santa Anna, enviando a isso algumas lanchas munidas de materias incendiarias, as quaes forão repellidas, e duas tomadas.

D. Fradique pôz em conselho, se seria conveniente seguir os Hollandezes; e decidio-se que não, por se acharem todos os navios faltos de víveres, e aguada, e necessitados de reparos; e porque naquella estação, huma vez que sahissem do Porto, talvez não o podessem outra vez tomar. Em consequencia desta resolução, foi a Esquadra buscar o seu ancoradouro.

A 29 fez-se novo conselho, e concordou-se em comboiar até aos Açores os navios dos prisioneiros, para que não acontecesse, no caso de partirem sós, irem-se ajuntar com a sua Esquadra, e invadirem algum Porto do Brasil.

A Esquadra Hollandeza navegou para o Norte, e appareceo á vista de Pernambuco com vinte e oito navios, mas não pôde ferrar o Porto, porque o escorreo de noite com tormenta de vento, e foi ancorar na Bahia

da Traição, seis leguas ao Norte da Parahiba, onde se reunírão trinta e quatro navios, e derão fundo. Tratárão com os Indios de huma unica Aldea, que alli havia, e desembarcárão seiscentos soldados, com que guarnecêrão algumas trincheiras, para protegerem mais de duzentos enfermos, que pozerão em terra. Logo começárão a alimpar os navios, e a fazer agua, e lenha, e dirigidos pelos Indios, fizerão algumas entradas pelo Rio Mamangape, e colhêrão muito gado vaccum, de que abundavão aquellas planicies.

O Governador da Parahiba Affonso da França, sabendo da visinhança dos Hollandezes, reunio toda a gente que pôde ajuntar para lhes defender a campanha; e avisado Mathias de Albuquerque em Pernambuco, fez partir Francisco Coelho de Carvalho, que chegava de Lisboa nomeado Governador do Maranhão, com quatro Caravelas, e dezoito peças de artilheria, nas quaes metteo todos os soldados que podia dispensar em Pernambuco. Chegado Francisco Coelho á Parahiba, marchou com sete Companhias de Infanteria, que trazia de Pernambuco, e a gente da terra, e mais trezentos Indios frecheiros conduzidos por dois Jesuitas, e tomou posição a duas leguas dos Hollandezes, onde se fortificou. Seguírão-se alguns pequenos combates, em hum dos quaes morrêrão quarenta soldados Hollandezes, e trinta dos seus Indios.

Nesta situação o General Henrik julgou acertado largar o ancoradouro, e no dia 4 de Agosto se fez á véla; e expedindo depois para Hollanda os navios afretados, dividio os de guerra em duas Esquadras, huma das quaes foi atacar a Ilha de Porto Rico, e com a outra se dirigio á Costa de Africa, da qual tratarei logo.

No 1.° de Agosto sahio da Bahia D. Fradique de Toledo com todos os seus navios, menos os Galeões Hespanhoes Atalaia, e S. Miguel, que por fazerem mui-

ta agua, necessitavão carenar. O máo tempo fez arribar a Esquadra ao Porto da sahida, excepto quatro navios dos que levavão tropas Hollandezas, que continuárão a sua viagem.

Tornou a sahir D. Fradique a 4 de Agosto, com o projecto de recolher em Pernambuco os navios de Commercio, para os comboiar a Portugal. Os ventos contrarios, e violentos espalhárão a Esquadra: algumas embarcações Hespanholas acompanhárão D. Manoel de Menezes, que não podendo tomar Pernambuco, seguio para a Europa. D. Fradique ancorou em Pernambuco com o resto da Esquadra a 21 de Agosto, e soube que já tinhão passado para o Norte alguns navios, entre elles o de D. Manoel, e alguns dos que levavão os Hollandezes; e que se havia alli perdido huma Urca, de que se salvou a gente, e a carregação.

Estavão neste Porto quatro Urcas, que vinhão de Cadix carregadas de provisões para a sua Esquadra, commandadas pelo Capitão João Luiz Camarina, o qual lhe entregou duas Cartas d'ElRei, huma em que lhe ordenava, que não viesse avistar os Açores, por haver suspeitas de que o esperava naquella altura huma Armada de cento e trinta navios Inglezes, e Hollandezes; e na outra lhe mandava, que enviasse á Ilha de Santa Helena dois navios da sua Esquadra, acompanhados de tres Caravelas que se apresentavão em Pernambuco, para recolherem a carga, e gente da Náo Conceição, que se perdêra naquella Ilha. D. Fradique enviou logo ordem aos dois Galeões, que deixára na Bahia, para que, concluidos os seus reparos, viessem a Pernambuco, e dalli fossem a Santa Helena com as tres Caravelas, o que elles cumprírão (1).

(1) Esta expedição foi commandada pelo Capitão João Martins de Arteaga, o mais antigo dos dois Commandantes dos Galeões. Chegou

A 25 de Agosto partio D. Fradique de Pernambuco, deixando alli huma das Urcas vindas de Cadix. Passou a Linha a 2 de Setembro com bom tempo. No dia seguinte, estando o mar mui sereno, mandou repartir os mantimentos das Urcas pelos navios de guerra. A 6 amanheceo o Galeão S. Nicoláo Tolentino desarvorado de hum aguaceiro, que houvera de noite, em cujo desastre quebrou huma perna o seu Commandante André Dias da França, de que falleceo; e como este navio fazia muita agua, ordenou D. Fradique, que se lhe tirasse a artilheria, gente, munições, e aparelho, e se repartisse pelas outras embarcações. Esta faina durou quatro dias, que houverão de calmaria; e no dia 10 se lhe deitou fogo. Assentou-se em Conselho, que se navegasse por menos altura, para evitar o encontro da Armada inimiga; e D. Fradique deo ordens selladas a todos os Commandantes, prescrevendo-lhes o que deverião praticar em caso de separação.

O resto do mez de Setembro foi de trovoadas, cerrações, e ás vezes calmarias; e D. Fradique procurava sempre encostar-se á Costa de Barbaria. Os mantimentos erão tão escassos, que se davão de ração diaria a cada homem quatro onças de biscouto podre, outras tantas de farinha de páo, e meio quartilho de agua, sem haver vinho, nem outra alguma cousa. De 5 de Outubro por diante tiverão bom vento, e a 15 virão o Estrei-

elle a Santa Helena a 10 de Dezembro, e poucos dias depois ancorou tambem na Ilha huma Náo Hollandeza de setenta peças, que parecia vir da India. Começarão-se a bater huns, e outros, mas o Hollandez fez-se logo á véla, e os Galeões o forão seguindo, e por ultimo o abordárão, hum pela alheta, e outro pela amura. Os Hollandezes defenderão-se bravamente, e depois de morto Arteaga, e muitos Officiaes, e soldados, se desatracárão os Galeões, e voltárão para a Ilha; a Náo continuou a sua derrota. Os Galeões entrárão em Lisboa com a carga da Conceição a 14 de Maio de 1626. Vede Brito Freire, Liv. 3., e o Compendio Historico de la Jornada del Brasil, Cap. 16.

to de Gibraltar, porém o vento Ponente era tão violento, e o tempo tão escuro, que se espalhárão os navios. D. Fradique entrou no mesmo dia o Estreito com alguns delles, e amanheceo á vista de Malaga: a fome era tal a bordo do seu navio, que já se comião ratos, e se bebia vinagre em lugar de agua. Deteve-se aqui D. Fradique quatro dias para receber algumas provisões; e soprando Levante, se fez á véla com intento de tomar Gibraltar, ou Cadix; mas saltando logo o vento ao Ponente, tornou para Malaga, onde desembarcou a artilheria, metteo os navios no Molhe, e tratou de se fortificar, por saber que estava sobre Cadix a Armada Ingleza, e se temia que viesse a Malaga queimar a Esquadra (1).

Os Galeões Senhora do Rosario, e S. João Vera Cruz, e os dois de Napoles entrárão em Cadix seis dias antes de chegarem os Inglezes, e servírão de muito para a defensa daquella Praça.

O Galeão Santa Anna do commando do Almirante D. Francisco de Almeida, achou máos tempos em 30° de latitude Norte, e logo hum temporal do Sul tão furioso, e com tão grosso mar, que forão a pique nove na-

(1) Este Armamento compunha-se de oitenta navios (outros dizem que mais), e era commandado pelo Visconde de Wimbleton. As tropas constavão de dez Regimentos, sommando dez mil homens, commandados pelos Condes de Essex, e Denbigh. Sahírão de Plymouth a 7 de Outubro de 1625; e tendo soffrido huma tempestade, se reunírão a 19 em Cabo de S. Vicente, seu ponto de reunião. O projecto era interceptar a Frota Hespanhola, que se esperava da America em Novembro. Os Generaes Inglezes resolvêrão entretanto assaltar Cadix, onde sabião que estavão muitos navios. O ataque, feito a 22, não produzio o effeito, que esperavão; ainda que ganhárão com facilidade o Forte do Pontal; porque os soldados Inglezes, havendo arrombado muitos armazens de vinhos, embebedarão-se, e foi necessario fazellos embarcar a toda a pressa. Pouco depois espalhou-se a bordo dos navios huma molestia contagiosa, em consequencia da qual voltou a Armada para Inglaterra, sem fazer cousa alguma, tendo custado enormes despezas. Vede o Tridente Britannico, Tomo 6. Cap. 50.

vios, que o acompanhavão, em que entrou o Patacho S. Jorge, Hespanhol, e o navio Portuguez Senhora da Ajuda, armado em guerra, de que era Commandante Gregorio Soares Pereira; os outros erão Transportes. O Galeão abrio doze palmos de agua, e o mar levou-lhe as obras mortas da pôpa, e a lancha que vinha no convéz: hum rodomoinho arrebatou pelos ares sete homens, dois dos quaes metteo huma vaga a salvo dentro do navio. Alijárão ao mar a artilheria, e cortárão o mastro grande, que estando já rendido, ameaçava ruina com a sua quéda. Todo o mantimento, e aguada se avariou. Como não existião vélas, pelas ter levado o vento, fizerão huma de varias colchas, com que forão governando a demandar os Açores, quasi mortos de fome, de sede, e de trabalho, havendo fallecido por estas differentes causas oitenta e seis pessoas, em que entrárão D. Antonio de Castello Branco, Senhor de Pombeiro, o Sargento Mor Jorge Mexia Fouto, e o Padre Antonio de Sousa, Jesuita. Finalmente avistárão a Ilha de S. Jorge, e apenas tiverão tempo de saltar em terra, foi-se o Galeão a pique. Dalli regressárão depois todos a Portugal.

D. Manoel de Menezes, não podendo tomar Pernambuco, seguio a sua derrota, e a 24 de Setembro, na altura da Ilha de S. Miguel, trazendo em sua conserva o Galeão Hespanhol Santa Anna, em que vinha o Mestre de Campo D. João de Orellana, descobrio tres navios Hollandezes, que lhe parecêrão de guerra, porque hum largou bandeira no tope grande, como Capitanea, e o outro no tope de proa, figurando de Almirante. Anoitecendo logo, D. Manoel os foi seguindo; e ao amanhecer, estando mui proximos, arribou para elles, que o esperavão com os papafigos estingados. Travado o combate, o navio Capitanea começou-se a afastar do fogo; e o seu Almirante ficou tão mal-

tratado, que se deitou á banda para tapar os rombos. D. Manoel suppondo este navio rendido, o deixou ao Galeão Santa Anna, e deo cassa á Capitanea (havendo o outro tomado differente rumo); mas vendo que ella lhe levava grande vantagem na marcha, abandonou a cassa, e virou de bordo para o Almirante. Chegou porêm a ella primeiro D. João de Orellana, e a pezar dos Hollandezes estarem rendidos, e terem içada huma bandeira branca, o abordou desatinadamente de longo a longo, entrando nelle com a maior parte da sua guarnição, a tempo que já se percebia fumo a bordo. Os Hollandezes passarão-se logo para o Galeão, e declarárão virem da Costa da Mina, e trazerem ouro, marfim, almiscar, e alguns escravos: esta confissão augmentou a desordem dos Hespanhoes, porque todos querião ter quinhão no saque, de maneira que ficárão unicamente dez homens a bordo do Galeão.

D. Manoel, chegando perto dos dois navios abordados, vio que o Galeão se afastava do Hollandez, que começava a arder, e que tambem daquelle sahia muito fumo, e logo depois labaredas pela pôpa. Virou subito de bordo, tanto para obviar que se communicasse o incendio, por estar mui proximo, e a sotavento, como por evitar os effeitos da artilheria, e da explosão, quando chegasse o fogo á polvora; e atravessou em distancia pela sua pôpa, pondo no mar a lancha, e os escaleres, com algumas pequenas jangadas, que á pressa se fizerão. Com estas diligencias conseguio salvar cento e cincoenta homens, incluindo o Capitão Hollandez com dezenove dos seus, e dezesete escravos. Morrêrão afogados o Mestre de Campo Orellana, o Capitão D. Antonio de Luna, e alguns outros Officiaes, que com os soldados, e marinheiros fizerão o numero de cento e oitenta e oito pessoas. Entre os que escapárão foi o Capitão Domingos Diogo, e outras pessoas distinctas. Este navio Hol-

landez vinha armado com 14 peças pequenas, e cinçoenta homens: os primeiros disserão, que trazião quatrocentas libras de ouro, e outras tantas cada hum dos outros dois, que escapárão. Seguio D. Manoel a sua viagem, e entrou em Lisboa a 14 de Outubro.

Resta fallar da Expedição do Almirante Balduino Henrik á Costa de Africa (1).

A Esquadra Hollandeza appareceo diante do Castello de S. Jorge da Mina a 25 de Outubro de 1625, com dezenove embarcações grandes, e pequenas. Era Governador desta Praça D. Francisco Soutomaior, tendo de guarnição cincoenta e sete Portuguezes, inclusos alguns doentes; e novecentos Negros (tal era o abandono em que estavão as mais importantes Colonias!) divididos em tres Companhias, com seus Capitães. O Governador repartio por elles algum ouro em pó, e mandou o resto do que tinha aos Reis de Acumana, e Afuto, seus visinhos; com o que conseguio a neutralidade do primeiro, e obteve do segundo os mantimentos de que carecia.

Desembarcárão os Hollandezes obra de dois mil homens, entre soldados, e marinheiros, dos quaes mil e quinhentos trazião mosquetes. Pelas duas horas da tarde começárão os navios a bater o Castello, e a Povoação a que se dava o nome de Cidade; e entretanto marchavão as tropas pelo campo da Pelicada a tiro de mosquete do Castello, com tanta segurança, que parecia não recearem perigo algum. Os tres Capitães, que estavão com os seus Negros armados de escudos, lanças, partazanas, e pistolas, escondidos em covas, e montes de matto, sahírão tão repentinamente a hum signal que se lhes fez do Castello com tres tiros de peça, que os Hollandezes apenas tiverão tempo de fazer frente, e dar huma

(1) Vede a Relação deste acontecimento, mandada pelo Governador a ElRei, impressa em Lisboa em 1628.

descarga em desordem, a qual os Negros recebêrão deitados no chão, cobertos com os seus escudos; e levantando-se logo, os carregárão com tanta furia, que em hum momento os rompêrão, e derrotárão, seguindo-lhes o alcance até á noite, sem darem quartel a ninguem; de modo que apenas escapárão quarenta e cinco homens. Tomarão se quinze bandeiras, mais de mil mosquetes, e outras muitas armas, e despojos. Dos Negros morrêrão treze, e ficárão feridos trinta e quatro.

No dia seguinte de madrugada se fez a Esquadra á véla, e foi ancorar a huma legua do Castello: deteve-se aqui onze dias, procurando fazer alliança com os Reis de Acumana, e Apeto, o que não conseguio.

A 5 de Novembro tornárão os Hollandezes a bater o Castello, e a Povoação com os seus navios, o que continuárão nos dois dias seguintes, disparando mais de duas mil balas, a cujo fogo respondeo o Castello, fazendo-lhes muito damno. No dia 7 á noite cessárão o fogo, e afastando-se fóra de alcance de canhão, ficárão surtos até ao dia 14, que forão ancorar em Bonirem, d'onde finalmente partírão a 29 para não apparecerem mais. No Castello não houverão outros mortos, que hum Portuguez, e hum Negro.

1626. — A Esquadra da India (1) constou este anno de tres Náos, commandada por D. Manoel Pereira Coutinho, em a Náo S. Gonçalo; e os outros Commandantes Lourenço Peixoto Sirne, na Batalha; e Francisco Ribeiro Alcoforado, na Quietação.

Sahio de Lisboa a Esquadra a 15 de Abril, e entrou em Goa no mez de Setembro.

1626. — Tinha voltado da Bahia D. Manoel de Menezes (2) com a sua Esquadra destroçada, a qual se não

(1) Faria, Asia Portugueza. — Epilogo de Pedro Barreto.

(2) Para a narração do naufragio de D. Manoel de Menezes, vede as Epanaphoras de D. Francisco Manoel, pag. 150; e sobre tudo a Relacion

tratou logo de reparar. E neste anno mandou ElRei assistir em Lisboa o General Thomaz de Raspur, Biscainho, para defender as Costas de Portugal, a cujo fim reunio alguns navios Hespanhoes, e os Galeões Portuguezes S. Filippe, e S. Tiago, que se acabavão de construir. Veio tambem o Marquez de Inojosa nomeado Capitão General dos Presidios Hespanhoes, com ordem de auxiliar o General Raspur na defensa das Costas do Reino.

Aproximava-se o tempo de sahir huma Esquadra a esperar as Náos da carreira da India, e a Frota do Brasil, que ordinariamente chegavão á altura de Lisboa nos fins de Setembro, o que era difficultosa empreza, porque os navios de guerra Portuguezes erão poucos, e arruinados, á excepção dos dois Galeões novos, e faltava tropa experimentada no mar, por se acharem reduzidos a algumas Companhias desorganizadas os dois Terços da Marinha, que servírão na Expedição da Bahia.

Por ordem da Corte de Madrid entrou D. Manoel de Menezes a servir o seu Posto de General da Marinha Portugueza, que se lhe deo agora de propriedade, assim como a Antonio Moniz Barreto o Posto de Almirante, e Mestre de Campo de Infanteria, como fôra D. Francisco de Almeida. Embarcou D. Manoel no mesmo Galeão Santo Antonio, em que viera; e o Almirante Antonio Moniz Barreto no Galeão S. João, de mil toneladas, e quarenta peças; os outros Commandantes erão D. Antonio de Menezes, do Galeão S. José, de 30 peças; Gonçalo de Sousa, do Galeão S. Tiago; Manoel Dias de Andrade, do Galeão S. Filippe, de 28 peças; e Christovão Cabral, da Urca Santa Isabel, de vinte e

de la Perdida de la Armada de Portugal del año de 1627, escrita pelo proprio D. Manoel, e impressa em Lisboa no mesmo anno de 1627.

seis peças. Embarcárão na Esquadra como Aventureiros cento e cincoenta e oito Fidalgos (entre elles D. Francisco Manoel de Mello, que escreveo a historia desta desastrosa campanha), quasi todos das principaes familias, e até herdeiros de grandes Casas.

As Instrucções de D. Manoel de Menezes ordenavão-lhe: *Que procurasse conservar-se na latitude de 38° 20′, cincoenta legoas apartado da Costa, e ahi bordejasse até 20 de Outubro; porque não encontrando neste lapso de tempo os Navios da India, o Governo teria o cuidado de lhe mandar novas Ordens, segundo os incidentes mostrassem ser necessarias.*

Sahio a Esquadra de Lisboa na manhã de 24 de Setembro, e chegando á paragem determinada no seu Regimento, ahi se conservou com bom tempo. Na madrugada do dia 30 encontrou dezeseis embarcações; era a Esquadra de Hespanha commandada pelo General Francisco Rivera, a qual fazia parte da do General Raspur, que estava em Lisboa; e servia de seu Almirante D. Nicoláo Judice Fiesco, Genovez; vinhão de guarnição nesta Esquadra algumas Companhias de Infanteria Portugueza. Salvou o General Rivera a D. Manoel com sete tiros de peça para sotavento, e tres gritos de *Boa viagem*, a que D. Manoel respondeo com cinco tiros, e dois gritos. O Almirante Fiesco, e o Commandante mais graduado depois delle, salvárão com cinco tiros, e tres gritos, que forão respondidos com hum tiro, e hum grito, e toque de clarim. Os outros navios Hespanhoes salvárão com tres tiros, e tres gritos; e D. Manoel respondeo com toques de clarim. O General Rivera não abateo o Estandarte, mas obrigou-se a seguir os movimentos de D. Manoel, a quem communicou por huma mensagem, que vinha de Cadix com ordens de lhe obedecer na commissão de recolher as Náos da India; porêm que passado o dia 15 de Outubro, e não apparecendo

as Náos, devia separar-se delle, e ir cruzar com a sua Esquadra sobre Cabo de S. Vicente, a fim de esperar os Galeões da prata.

Conservarão-se unidas as duas Esquadras cruzando naquella altura, sem que os dois Generaes se visitassem; e findo o prazo dos quinze dias, se despedio Rivera com as mesmas ceremonias praticadas na sua chegada, e navegou para o seu destino.

Vendo D. Manoel de Menezes, que não apparecião as Náos da India, buscou a barra de Lisboa; e a 17, estando pouco distante do Cabo de Espichel, recebeo Officios dos Governadores de Portugal, por hum barco de Cascaes, em que lhe dizião: *Como por justas causas havia ElRei despachado Ordens, depois da sahida daquella Esquadra, para que as Náos da India arribassem ao Porto da Corunha; mas que sendo logo melhor informado, lhes havia remettido varios avisos por mar, e por terra para que proseguissem a sua viagem para Lisboa, desviando-se quarenta leguas da Costa, onde acharião a Esquadra; e por tanto devia elle ir logo buscar aquella paragem.*

Respondeo D. Manoel: *Que elle esperava que o Correio acharia as Náos na Corunha, ou no Ferrol, em cujo caso não esperasse Sua Magestade, que podessem sahir daquelles Portos antes de meado de Janeiro.*

Na manhã do mesmo dia 17 apparecêrão dois navios de Mouros, e como o vento era calmoso, e a Urca Santa Isabel estava mais proxima delles, mandou-lhe D. Manoel dar cassa, rebocada pelos escaleres da Esquadra. Durou esta cassa até tão tarde, que quando Christovão Cabral se desenganou de que não alcançava os Mouros, apenas houve tempo sufficiente para os escaleres chegarem a bordo dos seus respectivos navios, e saltar a gente para dentro, ficando elles abandonados, por

ser já noite, e o Vento pelo Sul mui fresco, com o qual a Esquadra foi no bordo do Norte, sem ser possivel a D. Manoel mandar instrucções aos Commandantes dos seus navios, segundo as ultimas ordens que recebêra.

A 18 passou o vento a O. S. O. de temporal: espalhárão-se os navios, e achando-se D. Manoel em 40° de latitude, e não longe da Costa, virou no bordo do Sul com pouca véla, e no dia seguinte reunio todos os navios, menos a Almiranta. A variedade dos tempos fez com que fosse avistar Sines, e a 28 veio á barra de Lisboa para saber se as Náos da India havião entrado; e no caso contrario, receber Praticos dos Portos da Costa do Norte, por não haver na Esquadra quem os conhecesse. Alli achou a Urca Santa Isabel, que se havia separado no dia 21, e recebeo ordem para se dirigir logo á Corunha, onde as Náos havião entrado no dia 14 (estas Náos erão o S. Christovão, do Chefe Vicente de Brito e Menezes; e a Santa Helena, Commandante Pedro de Anaia), e sahir com ellas para Lisboa no primeiro tempo favoravel. Navegou D. Manoel para o Norte, levando mais em sua conserva huma Caravela, que hia para a Corunha com ancoras, amarras, e lonas para as Náos da India.

Com vento Sul passou pela Ria de Baiona, d'onde sahio huma Caravela, pela qual o Almirante Antonio Moniz Barreto lhe participou achar-se alli fundeado. Por ella mesma lhe mandou D. Manoel ordem para que se fosse ajuntar com elle na Corunha. A Caravela, que levava as munições navaes, entrou na Ria de Baiona (em 42° 7′ de latitude). D. Manoel seguio para o Norte a buscar o Cabo de Finis Terræ (em 42° 56′ 30″ de latitude, e 8° 58′ de longitude); e ainda que se vio a Costa, nenhum dos Pilotos a conheceo, e por isso virou ao mar, e pela manhã do dia 2 de Novembro tornou a

virar na terra; e como não a vio, foi correndo com vento largo na direcção da Costa, governando-se pelos Roteiros pouco exactos daquelle tempo, em demanda da Torre de Hercules (na latitude de 43° 23′ 48″, e longitude 9° 54′), que marca o Porto da Corunha (1).

Como a bordo de D. Manoel não havia Pratico, deo fundo já de noite entre os baixos chamados *Jazentes*, que tem huma milha de comprido, com fundo de pedra de seis a dezenove braças; e pela sua pôpa ancorárão o S. José, e o S. Tiago, porque o S. Filippe, e a Urca desviarão-se mais da Costa, e entrárão dois dias depois na Corunha. Nesta occasião os baixos não rebentavão, por ser o vento bonança por cima da terra, e a maré cheia de aguas vivas. Como D. Manoel fazia signaes de necessidade com tiros de peça, e as Vigias da Costa havião avisado o Marquez de Espinar, Capitão General da Galliza, do lugar em que as Náos surgírão, mandou este a grande pressa tres barcos com o Piloto Mor Antonio del Castro, e outros Praticos para se repartirem pelos navios; o que assim se fez. Declarou o Piloto Mor, que os navios se perderião, se os colhesse a agua de vasio naquella situação; e D. Manoel determinou, que se governasse tudo pelo que dissesse. Mandou o Hespanhól picar logo a amarra, e imitando os outros navios a sua manobra, se fizerão todos á véla, e com vento S.S.E. se forão affastando da terra; mas sobrevindo depois grande cerração, com pezados aguaceiros do Sul, e do S.E., assustarão-se os Pilotos Portuguezes, ainda que o Piloto Mor promettia tomar Porto com todo o tempo; e com effeito, depois de fazer alguns bordos, achando-se a sotavento da abra da Corunha, commetteo a entrada do Ferrol (na latitude de 43° 28′, e longitude 9° 5′ 20″),

(1) A Torre de Hercules he quadrada, e muito alta, e tem hoje hum farol; dista huma milha da Cidade da Corunha.

consentindo-o D. Manoel; e a pezar da escuridão da noite, e do tempo tenebroso que corria, metteo a Náo a salvo naquelle Porto.

No dia 7 fez-se huma conferencia na Corunha no Palacio do Capitão General D. João Fajardo de Guevara, Marquez de Espinar, a que assistio este, o Chefe das Náos da India Vicente de Brito e Menezes, Fidalgo de setenta annos, os Commandantes dos Galeões São José, e S. Filippe, Capitão Domingos Gil da Fonceca, que D. Manoel mandou como seu delegado, e Custodio Fernandes Freire, Commissario encarregado das despezas da Esquadra. Assentou-se, que as Náos passassem para o Ferrol, a fim de sahirem dalli com os ventos Nortes; o que não podião fazer da Corunha.

No dia seguinte recebeo o Marquez de Espinar huma Ordem d'ElRei (que communicou a D. Manoel) para que a Esquadra esperasse pela do General Rivera, que devia reunir-se a ella, por haver noticia de andar naquelles mares huma grande Esquadra Ingleza. Com esta novidade arreárão os navios mastareos, e vergas, e se amarrárão melhor.

No dia 18 entrou na Corunha o Almirante Antonio Moniz Barreto.

A 15 de Dezembro chegou hum expresso de Madrid a D. Manoel, para ir á Corunha, e ter huma conferencia com o Marquez de Espinar, o Almirante Moniz Barreto, e os Pilotos, para executar o que se vencesse. Cumpre advertir, que o Marquez era interessado em que as duas Náos da India descarregassem na Corunha; o Chefe destas Náos tinha o mesmo interesse, esperando despachar as fazendas com maior vantagem; e o Almirante queria de todos os modos sahir para Portugal, a fim de se attribuir a brevidade da volta á sua actividade; o que D. Manoel conhecia perfeitamente.

Chegou este á Corunha, e hospedou-se no Palacio

do Marquez. Assentou-se na conferencia, que não se esperasse pela Esquadra de Rivera, e que todos os navios sahissem da Corunha, e ancorassem a Leste do Forte de Santo Antonio em franquia, e esperassem que o vento rondasse para o Norte, ou Nordeste, com o qual D. Manoel sahiria do Ferrol, e assim juntos navegarião para Lisboa; mas que no caso de terem ventos mareiros, entrassem no Ferrol.

Recolheo-se D. Manoel de Menezes ao Ferrol na tarde de 19, mandando apromptar os navios para a sahida. Os ventos erão variaveis, e bonançosos, e o tempo muito claro, o que augmentava em todos o desejo de sahir. Como das montanhas, que cercão o Ferrol, se descobre a Corunha, que fica distante duas leguas, estabeleceo D. Manoel huma vigia para saber os movimentos dos navios naquelle Porto.

A 21 de tarde, havendo hum pouco de vento S.E., que era bom para sahir da Corunha, porêm não para navegar, se fizerão os navios á véla. A Náo de Pedro de Anaia, chegando ao lugar que estava ordenado, carregou o panno, e deo fundo. Vicente de Brito, e o Almirante, querendo aproveitar-se da variedade do vento, que ao pôr do Sol se fez E. S. E., forão costeando a Torre de Hercules, e sahírão ao mar, contra o que se tinha assentado; isto com tal precipitação, que não levavão arrumados os mantimentos, e aguada, e até deixárão em terra algumas cousas essenciaes.

Na manhã do dia seguinte não se descobrio navio algum, e D. Manoel, determinado a sahir a todo o risco, fez ajuntar vinte e dois barcos, e levado por elles a reboque, chegou á bocca do canal do Ferrol, para sahir com a maré; e ainda vio surta a Náo de Pedro de Anaia, a qual dava tiros, e depois se fez á véla. D. Manoel tinha enviado hum barco com Praticos para trazerem os navios ao Ferrol, o que não teve effeito pelo escuro da

noite, e cerração que sobreveio. Neste tempo passou o vento ao Sul, e S. S. O. bonançoso, e rebentou o reboque, por cuja causa a Náo deo fundo a hum ferro. De tarde entrárão arribadas muitas embarcações, que tinhão sahido da Corunha dois dias antes. D. Manoel conservou-se fundeado, com o mesmo vento, resoluto a sahir na primeira mudança favoravel.

A 24, acalmando o vento, veio huma aragem do Norte, que promettia pouca duração; e nesse dia recebeo D. Manoel huma carta do Marquez de Espinar, em que lhe participava, que na hora da partida dos navios, annunciando o vento alguma vantagem, se resolvêra pelo maior numero de votos (em que entrára o seu), que se não perdesse tempo em sahir, a pezar do que estava assentado.

No dia 25 quasi se amotinou a gente a bordo da Capitanea (entrando na murmuração até pessoas nobres), por não sahirem dalli; e D. Manoel se fez á véla ajudado do reboque de alguns barcos, escrevendo a ElRei todas as circunstancias daquelle acontecimento; e concluia a sua carta com estas palavras: *Com tudo, Senhor, por seguir a estes cegos, me vou perder com elles; julgando ser assim maior serviço de V. Magestade, e honra minha, do que escapar para ouvir a sua triste sorte, e dar a V. Magestade (ainda que sem culpa) tão ruim conta das Armas que me encarregou.*

Gastou D. Manoel a maior parte do dia em sahir do canal, e quasi ao Sol posto se achou no meio da enseada, com algumas bafagens do N. E., vendo-se para o S. O. hum paredão, que subio com a ausencia do Sol. Assim navegou até á meia noite com a próa a O. S. O., que acalmou a aragem do N. E., e começou a ventar Sul, e S. O. tão rijo, que algumas embarcações mercantes sahidas com elle, arribárão na manhã seguinte para o mesmo Porto. O vento, e o mar crescião

cada vez mais, e D. Manoel virou no bordo do S. E., por não cahir para o Norte.

Na manhã de 28 vio Cabo Prior (na latitude 43° 34', e longitude 16° 27'), e achou-se já a sotavento do Ferrol, por se fazer o vento Sul tormentoso, e não ter outro bordo, que o do S. O.

No dia 29, achando-se em 45° de latitude, a sotavento de todos os Portos de Hespanha, e crescendo o vento, e o mar a cada momento de maneira, que os homens mais experimentados na Navegação, dizião que nunca tinhão visto mais terrivel tempo, resolveo D. Manoel ir buscar algum abrigo pelo Canal de S. Jorge: em consequencia correo para o Norte, e algumas horas depois abrandou o vento. Determinou-se então a capear, esperando melhor tempo, e pôz-se á capa em traquete arreado no bordo do N. O., com vento S. O., e grande mar. Na noite de 2 de Janeiro de 1627 cahio hum raio na tolda, que maltratou treze homens. No dia seguinte encontrou a Náo de Pedro de Anaia em traquete no bordo do S. E.; e fazendo-lhe signal de reunião, não obedeceo.

No dia 4, estando em 46° 30' de latitude, sem esperanças de resistir ao temporal, por se achar a Náo tão aberta, que vinha já arrochada com viradores, sem panno, nem fio de véla para concertar o que estava roto, assentou-se em entrar no Canal da Mancha, para buscar algum abrigo em qualquer Enseada; mas passando o vento ao Sul com muitissima força, seguio-se o bordo do S. O., para fugir da terra, e ganhar distancia para Oeste.

Na tarde de 5 amainou o vento, e vio-se o Galeão S. José, em que vinha a maior parte dos Fidalgos da Esquadra. Pôz-se D. Manoel á capa a esperar o Galeão; e por isso abrio mais agua. Chegado á falla, o informou D. Antonio de Menezes, de que a Náo de

Vicente de Brito se apartára delle naquella madrugada; indo mui destroçada no bordo do S.E. De noite augmentou o vento, e separou-se o S. José.

No dia 9 achava-se D. Manoel em 45° 30′ de latitude, e no estado mais miseravel. Os mantimentos estavão perdidos, e só restava algum biscouto, e vinho. Os Soldados andavão nús, e descalços, porque se embarcárão sem saber que havião passar o inverno no mar. A agua, que fazia o navio, não podia vencer-se, por se achar só huma bomba em termos de trabalhar; todas as curvas, e trincanizes estavão aluidos; o mastro grande cahia nos balanços para hum, e outro lado, por se não poder atezar a enxarcia; e o mastareo de gavia partio-se pelo meio, e na quéda espedaçou a véla grande. As vagas erão tão altas, que ás vezes rebentavão no convéz, e arrebatavão os homens pelos ares; e os balanços tão grandes, e amiudados, que os marinheiros não se podião segurar nas gavias, e alguns cahírão ao mar, ou dentro do navio. Os fogões, desde o terceiro dia da sahida do Ferrol, nunca mais se podérão accender. Toda a gente andava desfallecida, e desfigurada de fome, de frio, e de vigilias, e todos desesperados da vida; de maneira, que sendo huma noite necessario ferrar a mezena, sobírão á verga o Mestre, velho de setenta annos, e seis, ou sete Fidalgos moços, que acudírão áquella faina, sem que violencias, nem admoestações podessem incitar os homens a trabalhar. D. Manoel, que poucas vezes ouvia os Officiaes de Nautica (os primeiros em subtrahir-se ao trabalho), estava constantemente de vigia, e algumas vezes governava ao leme.

No dia 12 estava D. Manoel em 44° de latitude estimada, porque desde o principio da tempestade só hum dia se pôde observar o Sol com o Astrolabio, e nunca com a Balestilha: todos os pontos se fazião pouco

a Oeste de Cabo Prior (1). Navegou-se ao Sul, e de tarde não se vio terra. Nesta época já tinha naufragado toda a Esquadra na Costa de França, de S. João da Luz para o Norte, á excepção do navio S. Tiago, que correndo a buscar a terra com vento Oeste ao rumo de E. S. E., teve a fortuna de tomar o pequeno Porto de Guetaria, na Biscaia (em latitude de 43° 19', e 16° 3' de longitude), onde surgio, e sendo promptamente soccorrido dos moradores, alli ficou seguro; e voltando depois para Lisboa, combateo na barra com quatro navios Hollandezes, de que escapou, e entrou no Tejo a salvo. O navio S. Christovão encalhou em a noite de dez de Janeiro em hum banco de arêa longe da Costa, escapando só três Portuguezes, hum Negro, e hum Indio. No dia antecedente naufragou o S. João. Havia o Alferes Antonio Raposo, Official intelligente nas cousas do mar, prevenido huma jangada, na qual se metteo com alguns marinheiros escolhidos, pondo no meio o Almirante, que levava hum filho nos braços; e indo já no rolo da praia, onde o mar andava coalhado de madeira, veio huma *lata* cheia de pregos, e encapellando sobre a jangada, se revolveo de maneira, que hum dos pregos atravessou a garganta ao Almirante, e o matou, e a seu filho, sem que mais alguem fosse ferido; e todos desembarcárão a salvo. Os seus ossos forão depois trazidos a Portugal, e depositados no Convento da Madre de Deos de Xabregas.

No mesmo dia 9, e a pouca distancia do S. João, naufragou o S. Filippe, mas com a fortuna de achar huma abertura, que o mar tinha cavado na arêa; e dando huma pancada, deitou o leme fóra, e encalhou direi-

(1) D. Manoel de Menezes tinha hum erro para Leste na sua longitude, de 6° 28', que naquelle parallelo são perto de cem leguas, que tantas se julgava apartado da terra.

to, e o leme foi cravar-se na praia a alguma distancia. Deitarão-se ao mar alguns bons nadadores para irem amarrar hum cabo no leme, empreza que custou a vida a alguns delles, por ser preciso atravessar a floreação do mar; porêm Felix Teixeira, natural da Madeira, conseguio amarrar o cabo, e por elle desembarcárão todos, morrendo vinte e tres pessoas, que antes de tempo se havião lançado ás ondas. Dos navios S. José, e Santa Helena morreo quasi toda a gente; e da Urca escapou o Commandante com alguns homens.

Na noite de 13 passou o vento a Oeste com tanta força, que D. Manoel correo com elle em pôpa com a véla grande, por não ter já outra inteira; e ao amanhecer de 14 appareceo pela proa huma terra alta, e tão perto, que apenas houve tempo de deitar o leme a estebordo; e vindo o navio de ló, escapou de fazer-se em pedaços em hum grosso penhasco, que mal se distinguia com a escuridão, e alguns cuidárão ser o Cabo de Finis Terræ. Tão alheios estavão de suspeitar a verdadeira posição da Náo! Continuárão a correr ao Nordeste, e Lesnordeste, e depois a Les-sueste. A cerração era tal, que da pôpa não se via bem o que estava na prôa. A final enxergou-se huma Enseada, que pareceo a todos a da Corunha, e pozerão-lhe a prôa. Amotinou-se a marinhagem contra o Piloto, gritando que era melhor varar no areal, do que commetter aquella abra, que se via cercada de penhascos: seguírão por tanto o rumo de Leste, e ao meio dia vírão hum Patacho pequeno, ou Zabra, a que de balde fizerão signaes para esperar. D. Manoel mandou, que o seguissem, quando se descobrio outra ponta de terra para o Norte, que já não podia montar, e vio que o Patacho, estando hum pouco sotaventeado do Porto, que buscava, investio com hum areal que estava fronteiro, e como era embarcação pequena, encalhou no rolo da praia, onde se fez em pedaços,

salvando-se porêm toda a gente (1), graças aos soccorros que lhe derão os habitantes, que cobrião as praias, e por acenos mostravão onde o Galeão devia dar fundo, o que D. Manoel fez a dois ferros, no que houve alguma demora, de maneira que sondando primeiro em quinze braças, surgio em nove, e de terra lhe acenárão, que cortasse os mastros. Erão duas horas, e cortarão-se com effeito os mastros, que pela confusão propria de semelhantes acontecimentos, ficárão presos pelas enxarcias de sotavento, e com a resaca davão terriveis pancadas em a Náo, custando muito trabalho, e algumas vidas o separallos. O mar era tão cavado, que estando o navio na baixa-mar em seis braças, tocou quatro vezes, e deitou o leme fóra, fazendo muita agua. Tratou-se logo de desfazer as obras mortas, com bombas, e gamotes, a fim de evitar que fosse a pique sobre as amarras.

Ainda ninguem sabia que terra era aquella, só pelo trajo se via que era gente estrangeira a que andava pelas praias. A noite foi bonançosa, e passou-se a bordo huns em fazer confissões, e testamentos, outros em construir jangadas, e todos cheios de terror, menos D. Manoel, de que deo huma admiravel prova; porque estando mudando de vestidos, tirou d'entre alguns papeis hum Soneto, que Lope da Vega lhe dera ultimamente em Madrid, e se pôz a fazer delle huma analyse critica na presença de D. Francisco Manoel, explicando-lhe a differença entre o Pleonasmo e a Acyrologia, com huma presença de espirito sem igual.

Pela manhã vierão a bordo muitas embarcações, e então soube D. Manoel que estava em S. João da Luz. Embarcou elle em huma lancha, em que o veio buscar

(1) Esta Zabra era a Santa Anna, commandada pelo Capitão de Infanteria João Marim, e pertencia a huma Esquadra Hespanhola de vinte Zabras, em que D. Alonso de Idiaquez passava a Flandres com tropas, e dinheiro; e toda naufragou naquella Costa.

Mr. de Aranader, hum dos Regedores da Cidade, levando comsigo o Estandarte Real (1). Forão desembarcando outras pessoas, e D. Manoel, chegando a terra, expedio mais embarcações, mas virando a maré, se levantou de novo muito mar, e vento, e o Galeão começou a dar grandes pancadas, tendo já o porão cheio de agua: os barcos não se podião conservar atracados a elle, e apenas hum recebia duas, ou tres pessoas, largava para fóra, o que induzio alguns homens a deitar-se ás ondas, que os sorverão logo. Dando então hum grosso mar no Galeão, lhe faltárão as amarras; hum segundo mar o encostou sobre hum banco do recife, e hum terceiro o sumio de todo, morrendo perto de trezentas pessoas affogadas.

Todos os habitantes, sem exceptuar as Senhoras mais recatadas, acudírão á praia a recolher os vivos, e os mortos, levando aquelles para suas casas, e conduzindo estes em noventa e seis carros para o lugar da sepultura, que se lhes deo com piedosa, e honrada decencia. Será mais difficil igualar, e impossivel exceder a caridade, que os Francezes praticárão com os naufragados, não só em S. João da Luz, mas por toda a Costa em que a Esquadra se perdeo. Em agradecimento de tão generoso comportamento, consultou a ElRei o Conselho de Portugal, para que ordenasse, que os navios, e Commerciantes daquelles Portos não pagassem mais direitos dos generos, em que traficavão com Portugal; ou se lhes concedesse ao menos essa franqueza por alguns annos; o que ElRei não approvou.

Empregou-se D. Manoel com grande desvelo em reunir a gente naufragada da sua Esquadra, e tudo quanto se podesse della aproveitar; e salvou-se muita arti-

(1) D. Manoel de Menezes, e D. Francisco Manoel differem nos seus relatorios; eu segui pela maior parte ao primeiro.

lheria, que toda ficou em França, por se não mandar buscar a tempo, e sobrevir depois a guerra entre as duas Nações. Elle regressou a Portugal, já enfermo de melancolia, e falleceo em 28 de Julho do anno seguinte. Jaz sepultado no Convento da Madre de Deos.

Esta foi a maior perda, que Portugal soffreo depois da jornada d'ElRei D. Sebastião; porque além das duas Náos da India, que vinhão importando em tres milhões, perecêrão outros cinco navios de guerra, e mais de dois mil homens, a flor da Marinha Portugueza, entre elles grande numero de Fidalgos das primeiras Casas.

1627. — A 5 de Abril (1) partio de Lisbôa para a India a Náo Calvario, Commandante João de Siqueira Varejão; e o Patacho Guia commandado por Lourenço Mózinho Barba, o qual na torna-viagem pelejou com tres navios Hollandezes, aos quaes se rendeo estando já incendiado; ficou prisioneiro o Commandante, e os que escapárão do fogo, e do combate. Estas duas embarcações entrárão em Goa a 7 de Outubro.

A 15 de Novembro sahírão de Lisboa quatro Urcas de soccorro para Malaca, commandadas por Domingos da Camara, embarcado na Urca Nazareth; e os outros Commandantes Julião Paes, no Santo Antonio; D. Gil Annes de Noronha, na Conceição; e Duarte Paçanha de Abranches, em outra Urca chamada tambem Nazareth. A' excepção de D. Gil, que foi ás Ilhas de Querimba, e destas a Cochim: as outras forão em direitura a Malaca.

1627. — Neste anno tornárão os Hollandezes á Bahia, de que era Governador o Capitão General do Brasil Diogo Rodrigues de Oliveira, mui conhecido nas guerras de Flandres (2).

(1) Faria, Asia Portugueza. — Epilogo de Pedro Barreto.
(2) Brito Freire, Liv. 4. — Southey, Historia do Brasil, Tomo 1.

A 2 de Março havião dalli sahido para Portugal dois navios, que avistando huma Esquadra Hollandeza, tornárão a entrar; com esta noticia tomou o Governador as medidas necessarias para se defender, segundo os meios disponiveis que tinha. Achavão se ancorados defronte da Cidade dezesete navios mercantes, quatro dos quaes erão Hamburguezes: ordenou o Governador, que se abicassem na praia á sombra dos Fortes da marinha, para que os inimigos os não tomassem; o que mui poucos podérão fazer, pela brevidade do tempo; e alguns, que erão maiores, recebêrão guarnição de Soldados, e pozerão-se em estado de resistir. Levantou-se tambem huma nova bateria na praia, que protegia o ancoradouro; e montarão-se outras peças nos pontos mais vantajosos; as tropas tomárão as armas para atacar os inimigos, se intentassem desembarcar.

No dia 4 entrou na Bahia a Esquadra Hollandeza, commandada pelo Almirante Heyne, com treze navios, formada em linha de batalha, amuras a estebordo, sendo testa de columna o navio do Almirante. Seguio a Esquadra o bordo até á ponta de Tapagipe, onde virou por davante por contramarcha, e veio fechada á orça, cingindo a terra de tão perto, que se metteo entre os navios ancorados; cobrindo-se assim com elles do fogo das baterias da Cidade, que até alli soffreo na passagem, as quaes agora deixárão de atirar com receio de maltratarem os seus proprios navios. Estes fizerão pouca resistencia, como era de presumir em taes circunstancias, e foi a pique hum dos Hamburguezes. Cortárão os Hollandezes as amarras a todos, e a reboque das suas lanchas, e escaleres os levárão para o largo, não sem perda de gente.

Cap. 14. — Historia da Guerra do Brasil, etc. de Fr. João de Santa Theresa, Parte 1. Liv. 3.

Porêm o Almirante pouco satisfeito desta brilhante acção, devida á sua magistral manobra, quiz bater a Cidade, e no meio da estrondosa canhonada, que de parte a parte se seguio, aproximou-se tanto á terra, que o seu proprio navio varou em huma restinga. Aqui foi a maior furia do combate, porque todas as baterias da marinha, que ficavão a alcance, atiravão ao navio encalhado, tanto para o destruir, como para evitar que fosse soccorido, e posto em nado; e a Esquadra Hollandeza, por huma razão inversa, dirigia o seu fogo a fazer callar as baterias, para salvar o navio do seu General. Durou esta porfia o resto da tarde, e toda a noite até pela manhã, que os Hollandezes tiverão a barbaridade de atar por fóra das enxarcias os prisioneiros Portuguezes, cuidando que a Cidade cessaria por isso o fogo: Desenganados disso a final, abandonárão o navio, e o Almirante içou a sua bandeira em outro. Pouco depois voou pelos ares o navio do segundo Commandante da Esquadra, perecendo em ambos elles mais de trezentos homens, alêm dos que morrêrão nas lanchas, que rebocárão as presas, e nas que acudírão ao naufragio. Na Cidade foi insignificante a perda de gente.

Surta a Esquadra Hollandeza fóra de alcance das baterias, mandou Heyne queimar os navios apresados, exceptuando quatro, que remetteo para Hollanda carregados de assucar (tomarão-se a bordo das presas tres mil caixas), e outros quatro armados, que aggregou á sua Esquadra. Por ultimo, tendo enviado Parlamentarios por duas vezes á Cidade, onde o Governador os não deixou chegar, sahio da Bahia no 1.° de Abril, largando quarenta e cinco prisioneiros em huma embarcação de Angola, que tomou carregada de escravatura. Suspeitou-se, que a sua demora procedêra de aguardar algum reforço de Hollanda, com que tentar alguma empreza de outra especie; porque nos porões dos dois navios

perdidos se achou muita artilheria, e grande quantidade de armas, e ferramentas de campanha.

Conservou-se elle ainda cruzando na Costa, em que fez algumas presas, e no dia 10 de Junho veio segunda vez surgir na Bahia; e observando que alguns navios, que estavão no Porto, se mettião por hum dos Rios do Reconcavo, os seguio com dois Patachos, e muitas lanchas armadas por espaço de seis leguas, onde tomou hum delles, depois de hum combate com a gente do Paiz, no qual acabou o Capitão Francisco de Padilha, celebre por haver morto ao General Hollandez Vandort.

Dilatou-se Heyne ancorado na Bahia até 14 de Julho, sem fazer outro damno, e dalli partio para as Indias Occidentaes: sobre o Porto de Matanças atacou, e tomou a Frota Hespanhola commandada por D. João de Benevides, com dez milhões a bordo (outros dizem quinze); com cuja presa se recolheo a Hollanda.

1628. — A Esquadra da India (1) constou este anno de tres Náos; nella foi D. Francisco Mascarenhas, nomeado Vice-Rei, embarcado em a Náo Bom Despacho, da qual elegeo Commandante a Lançarote da Franca de Mendonça: os outros dois Commandantes erão Antonio Pinheiro de S. Paio, no S. Gonçalo; e o Alferes Mór D. João de Menezes, que hia por Chefe de Esquadra, no Rosario.

Sahio o Vice-Rei a 20 de Abril, e arribou para Lisboa, onde desembarcou preso, por mandar justiçar nesta volta a hum homem de qualidade, que achou culpado de peccado nefando. Com elle arribou a Náo São Gonçalo; de modo que só passou á India D. João de Menezes, que entrou em Goa a 25 de Novembro.

1628. — Continuavão os Hollandezes a infestar as Costas do Brasil, sobre tudo da Bahia, e Pernambuco.

(1) Faria, Asia Portugueza. — Epilogo de Pedro Barreto.

Hum dos seus habeis marinheiros chamado Cornelio Jol, a quem os Portuguezes davão o nome de Pé de Páo, appareceo naquelles mares com huma Esquadra; e tendo noticia, que acabava de sahir da Bahia para Portugal a Náo Batalha, Commandante José Pereira Pinto, que alli aportára vindo da India ricamente carregada, a seguio, e alcançou, porêm ou achou grande resistencia, ou as circunstancias do tempo a favorecêrão, a Náo continuou a sua viagem; e elle no anno seguinte foi fazer hum estabelecimento na Ilha de Fernando de Noronha; o que sabido em Pernambuco, partio a 19 de Dezembro o Capitão Ruy Calaça Borges com sete Caravelas, e quatrocentos homens, entre soldados, e marinheiros, para o desalojar. Chegado de noite á Ilha, achou surto hum navio Hollandez, que fugio, deixando a lancha com onze Hollandezes, e alguns Negros, que tudo foi tomado, e destruidas as plantações de tabaco, e mantimentos que estavão começadas.

1629. — Em lugar de D. Francisco Mascarenhas (1), nomeou ElRei para Vice-Rei da India ao Conde de Linhares D. Miguel de Noronha, que sahio de Lisboa a 3 de Abril com huma Esquadra de tres Náos, e seis Galeões (que devião ficar naquelles Estados), embarcado em a Náo Sacramento, da qual deo o commando a Sancho de Faria da Silva. Os Commandantes das outras duas Náos erão Francisco de Mello e Castro, que hia por Chefe da Esquadra, servindo de Almirante, em a Náo Bom Despacho; e Antonio Pinheiro de S. Paio (que falleceo na viagem), no S. Gonçalo, cuja Náo se perdeo á vinda, junto ao Cabo de Boa Esperança, salvando-se muita gente, e parte da riqueza que trazia. Comman-

(1) Faria, Asia Portugueza. — Epilogo de Pedro Barreto. — Vede na Collecção dos Naufragios das Náos da India, a Viagem da Náo Bom Despacho, escrita pelo Padre Fr. Nuno da Conceição, que hia nella embarcado. Lisboa 1631.

davão os Galeões André Velho, no S. Bartholomeu; Francisco de Sousa de Castro, no S. Tiago; Vicente Leitão de Quadros, no Santo Estevão; André de Vasconcellos de Menezes, na Conceição; Pedro Rodrigues Botelho, no S. Francisco; e Luiz Martins de Sousa Chichorro, no Santo Antonio.

No dia 6 notificou-se aos Commandantes, Pilotos, e Mestres o Regimento d'ElRei, que mandava se não separassem até á barra de Goa. A 16 entrárão nas trovoadas de Guiné. A 9 de Maio começárão os ventos geraes; e a 12 passárão a Linha. A 27 montárão os Abrolhos, levando já na Esquadra muitos doentes, e tendo morrido alguns, cuja mortandade augmentou depois, excepto na Náo Bom Despacho, em que só fallecêrão dois Portuguezes, e alguns Negros; o que se attribuio ao grande asseio, e limpeza da Náo, e a levar o Almirante muitos carneiros, que repartia pelos enfermos.

No 1.º de Junho virão a Ilha da Trindade (na latitude Sul de 20° 29′ 30″, e longitude 347° 40′ 40″). A 27 o Galeão Santo Estevão, que desde a sahida de Lisboa fazia agua, começou a fazer muita, e assim continuou até á altura de 35°, que a gente já não podia com o trabalho das bombas; por quanto, ainda que trazia quatrocentos homens, havião muitos doentes, e foi necessario que dos outros navios lhe mandassem gente para bordo. A final ordenou o Vice-Rei a Vicente Leitão, que arribasse para Angola, ou outro qualquer Porto, que melhor podesse; o que elle fez no dia 6 de Julho, levando muitos marinheiros dos outros navios, e muito dinheiro d'ElRei, e nunca mais appareceo. O Galeão São Francisco rendeo nesta viagem o gorupéz, e o S. Bartholomeu o mastro do traquete; avarias que se remediárão do modo possivel, com os auxilios que lhes deo o Almirante.

A 9 de Julho ao amanhecer, achando-se setenta le-

guas ao mar da Aguada de Saldanha, virão-se pela pôpa quatro navios, que parecerão Hollandezes. O Vice-Rei fez signal á Esquadra, e virou sobre elles, e depois de muitas horas de cassa, ganhou-lhes barlavento, e entrava-lhes muito. O Almirante adiantou-se mais, indo com grande força de véla; e promettia já boas alviçaras ao seu Piloto, e ao seu Mestre, se podesse abordar a Capitanea. Porêm estando perto della, deo o Vice-Rei hum tiro, e virou de bordo, o que executárão os outros navios; porque o Piloto Mor lhe representou, que se perdia aquella occasião de montar o Cabo de Boa Esperança, se arriscava a perder a viagem. O Almirante, em vez de imitar a manobra, fez signal de que hia abordar a Capitanea inimiga; mas o Vice-Rei lhe respondeo com hum signal de reunião; e o Almirante virou logo. Este acontecimento produzio entre elles certo odio, sendo antes muito amigos. Os quatro navios erão Inglezes, e hião para Surrate, segundo depois se averiguou.

A 16 dobrárão o Cabo, e a 2 de Agosto, na Costa do Natal, sobreveio hum tufão, que partio os mastareos de gavia ao Bom Despacho, e ao Santo Antonio; e o S. Bartholomeu esteve quasi soçobrado; aos outros navios não chegou. A 17 virão a Ilha de S. Lourenço, e navegando dalli para Moçambique, por má derrota do Piloto do Vice-Rei, a sua Náo, e a do Almirante, que hia na sua esteira, estiverão quasi perdidas na noite de 22 sobre o baixo de Mongicale, e forão obrigados a dar fundo mui proximo delle; e nesta occasião separou-se o S. Tiago, que se foi perder nos baixos de João da Nova, salvando-se nelles toda a gente, e dinheiro; e dalli passárão a Moçambique.

Sahidos deste perigo, chegárão a Moçambique em dois dias, e se detiverão dez dias. O Vice-Rei fez assignar hum Termo a todos os Commandantes de se não

apartarem delle. Sahio a 3 de Setembro, e vio as Ilhas do Comoro a 15, indo a Esquadra reunida, menos os Galeões Santo Estevão, e S. Tiago. Na noite de 20, estando o Almirante tres, ou quatro leguas a sotavento do Vice-Rei, mudou este de rumo sem fazer signal, e ao amanhecer não appareceo. O Almirante, julgando que o levava pela prôa, segundo lhe disserão os outros navios, fez toda a força de véla, e chegou a Goa oito dias primeiro que elle. O Vice-Rei, entrando em Goa, o mandou prender, e ao Piloto, e Mestre; e forão absolvidos por sentença. Mas por causa desta prisão, que foi dilatada, não poderão assistir ao fabrico, e carregação da sua Náo para a torna-viagem.

Levava o Almirante huma Provisão Regia para poder escolher navio, em que regressasse ao Reino, a qual o Vice-Rei não quiz cumprir, e assim lhe foi forçoso tornar no Bom Despacho. Adiante direi o que lhe succedeo.

1629. — A Companhia Hollandeza das Indias Occidentaes, resoluta a emprehender a conquista de Pernambuco, pela julgar mais facil que a da Bahia, armou este anno huma poderosa Esquadra (1) de cincoenta e quatro navios, e algumas Pinaças, de que nomeou General em Chefe a Henrique Loneq, por seu Almirante a Pedro Adrian, e General das tropas o Coronel Theodoro Wardenburg, excellente Engenheiro. Esta Esquadra levava perto de sete mil homens, entre soldados, e marinheiros.

Sahio a Esquadra por Divisões de differentes Portos da Hollanda, com ordem de se reunir na Ilha de S. Vi-

(1) Brito Freire, Liv. 4. — Sothey, Historia do Brasil, Tomo 1. Cap. 14. — Memorias Diarias de la Guerra d'el Brasil, por Duarte de Albuquerque Coelho, Madrid 1654. — Fr. João José de Santa Theresa, na sua Historia já citada, Parte 1. Liv. 3. — Castrioto, Parte 1. Liv. 1.

cente de Cabo Verde. A Companhia lisongeava-se de conservar assim o segredo da Expedição; porêm a Corte de Madrid recebeo avisos de Flandres, de que o seu objecto erão Pernambuco; o que logo participou ao Capitão General da Bahia, para que se acautelasse, na duvida de que tambem o poderia ser aquella Cidade. Diogo Luiz de Oliveira fez preparativos para defender-se, e enviou o Sargento Mor Pedro Correa da Gama a Pernambuco, a fim de reparar, e augmentar as fortificações de Olinda, Capital da Provincia, que ou estavão na ultima decadencia, ou não existião.

Quando chegou a Madrid a noticia da força, e destino da Expedição Hollandeza, achava-se alli Mathias de Albuquerque, que havia pouco chegára do Brasil, de que fôra Governador, e Capitão General; e como era irmão de Duarte de Albuquerque Coelho, Donatario de Pernambuco, o nomeou ElRei com titulo de General para acudir áquella Provincia, levando instrucções para fortificar Pernambuco, e as Praças do Rio Grande do Norte, Parahiba, e Tamaracá; sobre cujos vastos Paizes se estendia a sua jurisdicção no pertencente á guerra.

Passou a Lisboa Mathias de Albuquerque; e a pezar dos seus protestos, e representações, apenas obteve huma Caravela com vinte e sete Soldados, e poucas munições, na qual partio a 12 de Agosto, em conserva de outras duas, que levavão munições a outros Portos do Brasil.

Chegou a Pernambuco a 8 de Outubro, d'onde expedio logo para Portugal dezoito navios, que estavão carregados. Achou o Recife quasi sem fortificações, e até destruidas as que elle construira no seu Governo. A tropa consistia em huma Companhia de moradores de cem homens. A Villa de Olinda, de quasi tres mil visinhos, tinha de guarnição tres Companhias de Soldados, sommando cento e trinta homens, das quaes erão Capitães

Antonio Pereira Themudo, Martim Ferreira da Camara, e Francisco Tavares; e quatro Companhias de moradores com quinhentos e cinco homens, huns e outros sem disciplina, e quasi sem armas; a artilheria pouca, e as carretas pela maior parte inuteis, e nem hum só Artilheiro.

Aqui soube da occupação da Ilha de Fernão de Noronha pelos Hollandezes, e fez a expedição que atraz mencionei. Tratou com todo o desvelo de reparar as fortificações antigas de Olinda, e do Recife, e de accrescentar algumas novas trincheiras nos pontos mais expostos ao desembarque dos inimigos.

1630. — A Esquadra da India (1) foi este anno de duas Náos, o Santo Ignacio de Loyola (que á vinda se perdeo na barra de Lisboa), na qual hia o Chefe D. Jorge de Almeida; e o Calvario, de que era Commandante Christovão Borges Corte Real.

Sahírão de Lisboa a 18 de Abril, e entrárão juntas em Goa a 30 de Setembro.

1630. — A 4 de Março deste anno partio de Goa para Lisboa o Chefe Francisco de Mello e Castro, em a Náo Bom Despacho. Vinha a Náo mui sobrecarregada, e inclinada para bombordo; porque dizia o Contra-Mestre (que dirigio a carregação) que isto era bom para aguentar melhor a véla, em razão de dever ir na viagem quasi sempre amurada por bombordo (2).

O Vice-Rei veio naquelle dia a bordo, onde entregou as Vias ao Chefe, e mandou largar a Náo, não obstante representar o Mestre, que ella não se achava em estado disso. Sahio a Náo, levando debaixo da sua bandeira as Náos S. Gonçalo, e Sacramento. A 21 passárão a Linha. A 18 de Abril, estando em 17° de la-

(1) Faria, Asia Portugueza. — Epilogo de Pedro Barreto.
(2) Vede a Collecção dos Naufragios acima citada.

titude Sul, lhes deo o primeiro tempo, achando-se na paragem do baixo dos Garajáos. Era isto de noite; virou Francisco de Mello no bordo de Leste em papafigos; e nesta singradura abrio cinco palmos d'agua.

A 8 de Maio, na altura de 28°, rendeo o gorupés, que se remediou do modo possivel. A 23, estando em 31° com vento S. O. tormentoso, e muito mar de prôa, abrio nove palmos de agua. Alijou-se ao mar muita fazenda. Arrombarão-se os paioes, e entupirão-se as bombas, e por mais carga que se deitava ao mar da banda de bombordo, nunca se endireitou o navio. Os Officiaes aconselhárão ao Chefe, que arribasse a Moçambique, o que elle não quiz fazer.

A 12 de Junho, em 35°, correndo a Costa do Cabo de Boa Esperança, sobreveio de noite hum temporal de N. O., com que a Náo abrio vinte e dois palmos de agua; e no dia seguinte, ainda que as outras duas Náos estavão á vista, não pôde Francisco de Mello fallar com elles; e julgando-se já sem remedio, correo em traquete a meio mastro a buscar a terra para encalhar, indo alijando carga por ambos os bordos, e trabalhando de continuo com bombas, e gamotes, com que deitavão fóra cada vinte e quatro horas mais de quatro mil pipas de agua. No dia 14 não se virão as outras Náos. Francisco de Mello não socegava de dia, e de noite, presidindo a todos os trabalhos, e trabalhando pessoalmente como o ultimo grumete; e posto que até alli vinha mui doente, recobrou inteira saude.

A 15 virão terra, e não achando Bahia alguma em que entrar, continuárão a correr a Costa para o Cabo, havendo-se assentado antes, que se a Náo abrisse mais agua, alli encalhassem, e por terra passarião á Aguada de Saldanha (hoje Cidade do Cabo), onde todos os annos hião navios Hollandezes, aos quaes se entregarião.

A 24, estando a 10 leguas do Cabo, sobreveio de

noite hum tempo; virárão no bordo da terra, tendo no porão dezoito palmos d'agua, e forão entrar em huma Bahia cinco leguas a Leste do Cabo (a Bahia Falsa), em que estiverão sobre véla dois dias, calafetando, e tomando as aguas que podérão, sem dar fundo.

Sahírão desta Bahia a 26, dirigindo-se ao Cabo; e a 29, estando perto delle, sobreveio huma tormenta, com que a Náo abrio vinte e dois palmos de agua, por estar toda aberta pelos trincanizes, e desconjuntada. Arribárão para a terra, e á sombra della abonançou o vento. Andárão por aqui huns poucos de dias com ventos incertos, e calmas, chegando a estar a duas leguas do Cabo, onde outra tempestade os fez desandar o caminho; e a agua cresceo tanto, que todos esperavão ir a pique naquelle bordo. Vierão na outra amura, a pezar de todo o risco que nisso havia; perderão-se todas as vélas, e inutilizarão-se as bombas de modo, que se servírão só dos gamotes. Com a luz da manhã descobrírão huma Bahia junto ao Cabo das Agulhas, da parte de Leste delle, com tres leguas de boca, e dentro com cinco, ou seis de saco, e fundo de 19 a 30 braças. Aqui estiverão em calma sem surgir, porque Francisco de Mello, considerando os muitos requerimentos que lhe tinhão feito para que encalhasse, temia que o fizessem, se chegassem a dar fundo; e assim entretinha a todos com boas palavras, e os animava com ser o primeiro nos trabalhos. A aguada do porão estava perdida, e só havia alguma agua nos camarotes dos particulares, a qual se repartia por todos em pequena quantidade. Nesta Bahia trabalhárão por tomar as aguas por dentro, e por fóra, calafetando as costuras o melhor que era possivel.

A 6 de Julho sahírão desta Bahia, e a 10 dobrárão o Cabo; e assentou-se em conselho, que fossem a Angola. A 12, estando em 32°, lhes deo hum tempo do Sul, que a pezar de ser em pôpa, fez a Náo dezenove

palmos d'agua, e esteve em grande perigo, porque arrombando-se muitas vasilhas, ajuntou-se a madeira nas escotilhas, e embaraçou os gamotes, e era forçoso andarem os homens pendurados em balsos fisgando os páos, e passando-os de mão em mão, até que a final se conseguio laborarem os gamotes; e deste modo forão até Cabo Negro, na Costa Occidental de Africa, onde, pela bonança do mar, começárão a vencer a agua. A 17, faltando de repente as ostages da verga grande (parece que naquelle tempo assim andavão as vergas dos papafigos), cahio esta, e fez-se em tres pedaços, sem ferir pessoa alguma; e do pedaço maior, accrescentado nos laizes, fizerão outra verga. A 6 de Agosto derão fundo em Angola.

Neste Porto carenou a Náo; e tornando a carregar, partio para Lisboa a 5 de Abril do anno seguinte de 1631, fazendo logo tanta agua, que até Lisboa nunca as bombas cessárão de trabalhar. A 26 virão a Ilha da Ascensão, a 7 de Maio passárão a Linha, e a 3 de Julho ancorárão em Cascaes. No dia seguinte entrárão em Lisboa, onde tratárão logo de descarregar a Náo; e fazendo-lhe vistoria, achárão no porão da banda de bombordo todos os braços quebrados, e trinta e quatro do outro lado; quasi todas as curvas, dormentes, e váos partidos, ou fóra do seu lugar, bem como a maior parte das cavilhas; e a Náo tão alquebrada, e deslacerada, que nunca havia entrado no Tejo hum navio em similhante estado.

1630. — A Esquadra Hollandeza tinha sahido no anno antecedente, como acima disse. O General Loncq, com oito navios, encontrou-se a 23 de Agosto á vista de Tenerife com huma Esquadra Hespanhola de trinta e oito navios, commandada por D. Fradique de Toledo, que passava ás Indias Occidentaes. Os Hollandezes pozerão-se em retirada; D. Fradique, e dois dos seus na-

vios que andavão mais, chegárão a travar combate, mas ao favor da noite escapárão os Hollandezes, e chegárão á Ilha de S. Vicente a 14 de Setembro. Aqui se forão reunindo as outras Divisões, e depois de fazerem aguada, sahio toda a Esquadra a 26 de Dezembro (1).

A 9 de Fevereiro deste anno de 1630 chegou a Pernambuco hum Patacho expedido pelo Governador das Ilhas de Cabo Verde João Pereira Corte Real, participando a força, e o destino da Esquadra Hollandeza, o que soubera por alguns prisioneiros Portuguezes, que elle largára. Mathias de Albuquerque convocou logo todos os homens capazes de pegar em armas, assignando-lhes os postos que devião occupar; e tendo feito sahir dezoito navios, que estavão carregados, como já mencionei, ficárão ainda trinta e oito. Destes escolheo dezeseis, que fez amarrar no Poço para defenderem aquelle ancoradouro, e preparou em geral todos para se queimarem, sendo necessario. Na Barreta dos Affogados, por onde poderião penetrar os Hollandezes com as suas lanchas, estacionou hum navio armado com dez peças, e cento e sessenta homens ás ordens do Capitão Nuno de Mello de Albuquerque.

A 14 pelo meio dia appareceo a E. N. E. de Olinda a Esquadra Hollandeza, e até á noite se aproximou pouco da terra. No dia seguinte estava defronte do Recife, e dividio-se em tres Esquadras: a primeira de dezeseis navios, e muitas Pinaças, e lanchas, em que embarcou o General Wardenburg com a melhor parte das suas tropas, dirigio-se ao Rio Amarello, quatro leguas ao Norte, verdadeiro ponto escolhido para o desembarque. A segunda, de dois navios pequenos, e algumas

(1) Vede as Memorias de Duarte de Albuquerque já citadas, anno de 1630. — Brito Freire, Liv. 4. — Southey, Tomo 1. Cap. 14. — Fr. João José de Santa Theresa, Parte 1. Liv. 3. — Castrioto, Parte 1. Liv. 2.

embarcações miudas, buscou a praia fronteira a Olinda, na qual havião alguns intrincheiramentos. A terceira, composta do resto da Esquadra, encaminhou-se ao Poço, para atacar as embarcações alli fundeadas; e dois dos seus maiores navios ancorárão proximos á Barreta, e começárão a bater o navio, que defendia aquella passagem, o qual por ultimo mettêrão no fundo, assim como queimárão hum dos que estavão no Poço, a cuja vista os marinheiros Portuguezes desampararão os outros.

Em quanto acontecia isto no Recife, achava-se Mathias de Albuquerque no Rio Tapado, junto ao Páo Amarello, onde já havia huma trincheira com alguma gente, para se oppor ao desembarque dos Hollandezes, que alli chegárão pelo meio dia; e depois de reconhecerem a posição dos Portuguezes, afastarão-se para fóra, como se desistissem da empreza; levando os escaleres a reboque as lanchas em que vinhão as tropas.

Ou fosse enganado por este estrategema, ou porque a grande canhonada, que se ouvia no Recife, persuadisse a Mathias de Albuquerque, que alli era o ponto principal do ataque, elle largou o posto em que estava, deixando nelle toda a gente, e partio a galope com quinze de cavallo para o Recife. Ao anoitecer desembarcou sem perda o General Wardenburg da banda do Norte do Rio Doce; e formando das suas tropas tres columnas, com quatro peças de campanha, fez partir as embarcações em que viera, a fim de tirar aos seus soldados toda a esperança de retirada, deixando só tres Pinaças com quatro canhões cada huma, que hião costeando a terra para favorecerem a sua marcha; disposição summamente judiciosa. Chegado á margem do Rio Doce, guiado por hum Judeo, de alcunha o Papa-Roballos, que havia fugido de Pernambuco para Hollanda, ahi passou a noite debaixo de armas.

Avisado Mathias de Albuquerque do que acontecia

no Páo Amarello, sahio do Recife com a gente que alli havia; e ás sete horas da manhã do dia 16 chegou á margem do Sul do Rio Doce, que os Hollandezes não podião ainda passar, por estar a maré cheia. Achava-se elle com cem lanceiros de cavallo, quinhentos e cincoenta homens de Infanteria, e duzentos Indios frecheiros; mas quasi todos os Portuguezes erão moradores, e não soldados. A pezar desta desigualdade de forças, as localidades erão tão vantajosas á defensiva, que os Hollandezes serião perdidos, se os Portuguezes mostrassem agora a coragem, que mostrárão nas guerras posteriores, que sustentárão no Brasil contra aquella Nação. Mas nesta occasião tudo os espantava, e confundia. Pelas dez horas começárão os Hollandezes a passar o Rio, flanqueados pelo fogo das tres Pinaças, que nelle entrárão; fogo, que nenhum damno causava aos defensores, pela configuração do terreno. Bastou porêm o estrondo desta artilheria, e huma descarga da Infanteria Hollandeza, que matou quatro homens, para os Portuguezes se recolherem aos bosques, ficando apenas cem homens com Mathias de Albuquerque, que foi com elles occupar hum entrincheiramento, que cortava hum dos principaes caminhos para Olinda, e nella rechaçou tres vezes os Hollandezes, que o assaltárão; os quaes tomárão então outro caminho, que os conduzio áquella Villa; e elle, reduzido a vinte homens, retirou-se ao Recife, onde fez pôr fogo á Povoação, aos armazens do Commercio abarrotados de generos do Paiz, e aos navios que tinhão alguma carga, cuja perda total se avaliou em mais de quatro milhões. Era o golpe mais sensivel que neste estado de cousas se podia dar aos cubiçosos invasores.

Occupada a Villa de Olinda, em que os Hollandezes commettêrão horrores, marchárão para o Recife, e tiverão que ganhar, com bastante perda sua, os dois

pequenos Fortes de S. Francisco, e S. Jorge, em que consumírão até ao dia 4 de Março.

Mathias de Albuquerque retirou-se para os bosques com todos os moradores de Olinda, e do Recife, e foi tomar posição a huma legoa dos inimigos, onde construio hum campo entrincheirado, a que chamou Arraial do Bom Jesus, e dalli evitava aos inimigos tirarem vantagens da campanha.

Chegada a Madrid a primeira noticia da perda de Pernambuco, mandou ElRei ordem a Lisboa, para se lhe enviarem successivamente alguns soccorros, em quanto se não preparava hum armamento maior. Partírão primeiro duas Caravelas commandadas por Antonio de Araujo, e Gomes da Costa, levando cada huma trinta soldados, e algumas munições; e apôs ellas mais outras sete, cujos Commandantes erão Francisco de Freitas, Paulo de Parada (que occupou grandes Postos, e morreo Conselheiro de Guerra em Hespanha), Antonio de Madureira Trigo, Francisco Duarte, Manoel Quaresma Carneiro, João de Magalhães Barreto, e Bento Maciel Parente, conduzindo cada huma de trinta a quarenta soldados, e algumas munições.

Estas, e outras embarcações, que hião de Portugal com soccorros, aportavão onde podião, porque os Hollandezes cruzavão de continuo sobre a Costa de Pernambuco: humas arribavão ao Rio Grande, e á Parahiba, outras tomavão Portos quarenta, e cincoenta leguas ao Sul do Recife, de modo que a conducção dos soldados, e munições ao Campo do Bom Jesus custava infinitos trabalhos, e grandes perdas, e ás vezes muitos mezes de demora.

Huma destas Caravelas achou-se junto á Bahia da Traição cercada de dois navios Hollandezes, de hum dos quaes se destacou huma lancha com trinta homens para a abordar: os Portuguezes, não podendo escapar,

encalhárão na Costa, onde pouco depois o rolo do mar arrojou a lancha, na qual se vingárão, matando nove Hollandezes, e aprisionando seis, em que entrou o Commandante do navio; os outros salvarão-se a nado a bordo das suas embarcações.

1631. — A 18 de Abril (1) sahio para a India Antonio de Saldanha com duas Náos: a Senhora da Saude, em que elle hia; e Belem, de que era Commandante José Cabreira.

Estas Náos voltárão arribadas a 14 de Setembro, havendo-lhes morrido muita gente de enfermidades.

A 29 de Novembro partírão para a India dois Patachos: hum commandado por Cosme Luiz, e outro por Francisco Vaz de Almeida: levavão avisos de não poderem naquelle anno ir Náos da carreira, pelo acontecido ás duas de Antonio de Saldanha. Cosme Luiz entrou em Goa a 12 de Maio do anno seguinte; e Francisco Vaz foi tomar Mascate, onde invernou, e dalli passou a Goa a 4 de Setembro.

1631. — A Corte de Madrid (2), depois de ouvir varios pareceres, resolveo-se a mandar hum soccorro a Pernambuco, sufficiente (no seu entender) para Mathias de Albuquerque sustentar o genero de guerra, que fazia aos Hollandezes; parecendo-lhe que a Companhia, vendo-se defraudada nos interesses com que calculára para emprehender aquella conquista, sem mais esforço a abandonaria. Discurso inteiramente errado!

Preparou-se para este effeito em Lisboa huma Esquadra de quinze navios Hespanhoes, e cinco Portuguezes, com alguns transportes, commandada pelo Almi-

(1) Faria, Asia Portugueza. — Epilogo de Pedro Barreto.

(2) Brito Freire, Liv. 5. — As Memorias já citadas de Duarte de Albuquerque, de pag. 45 até pag. 72. — Southey, no lugar acima citado. — Fr. João José de Santa Theresa, Liv. 3. — Castrioto, Parte 1, Liv. 3.

rante do Mar Oceano D. Antonio de Oquendo, e por seu Almirante Francisco de Valecilla. Embarcárão nella Duarte de Albuquerque Coelho, e o Conde de Banholo João Vicencio Sanfelice, nomeado Commandante das tropas destinadas para Pernambuco.

Navios Hespanhoes.

Galeão S. Tiago de Leste, em que hia o General Oquendo, de 900 toneladas, 280 Soldados de Infanteria, 180 Artilheiros, e marinheiros, e 44 peças.

Galeão Santo Antonio, em que hia o Almirante, de 700 toneladas, 218 Soldados, 126 Artilheiros, e marinheiros, e 28 peças.

Galeão Capitanea das Quatro Villas, de 700 toneladas, 219 Soldados, 110 Artilheiros, e marinheiros, e 28 peças.

Galeão S. Boa Ventura, de 500 toneladas, 160 Soldados, 83 Artilheiros, e marinheiros, e 22 peças.

Galeão S. Martinho de Guipuscoa, de 450 toneladas, 166 Soldados, 75 Artilheiros, e marinheiros, e 18 peças.

Galeão S. Pedro das Quatro Villas, de 450 toneladas, 170 Soldados, 74 Artilheiros, e marinheiros, e 20 peças.

Galeão S. Bartholomeu, de 444 toneladas, 185 Soldados, 105 Artilheiros, e marinheiros, e 18 peças.

Galeão Capitanea de Mazabrady, de 601 toneladas, 185 Soldados, 105 Artilheiros, e marinheiros, e 30 peças.

Galeão Almirante de Mazabrady, de 622 toneladas, 172 Soldados, 112 Artilheiros, e marinheiros, e 26 peças.

Galeão S. Carlos, de 550 toneladas, 173 Soldados, 87 Artilheiros, e marinheiros, e 24 peças.

Galeão S. Braz, de 400 toneladas, 147 Soldados, 70 Artilheiros, e marinheiros, e 20 peças.

Galeão S. Francisco, de 400 toneladas, 172 Soldados, 68 Artilheiros, e marinheiros, e 20 peças.

Urca Anjo Gabriel, de 428 toneladas, 160 Soldados, 60 Artilheiros, e marinheiros, e 20 peças.

Patacho Leão Dourado, de 184 toneladas, 38 Soldados, 38 Artilheiros, e marinheiros, e 10 peças.

Patacho S. Pedro, de 134 toneladas, 42 Soldados, 25 Artilheiros, e marinheiros, e 8 peças.

Transporte.

Tartana Santa Anna, 18 Soldados, e 13 marinheiros.

Total das forças 2509 Soldados de Infanteria, 1331 Artilheiros, e marinheiros, e 336 peças. De todos estes navios só o S. Tiago era da Coroa, os outros erão armados por conta da Companhia Mazabrady, em consequencia de Contractos que fizera com ElRei, como já havia praticado em outras Expedições. O Governo de Portugal só em dinheiro forneceo para o armamento desta Esquadra 305$ cruzados, alêm de munições, e petrechos.

Navios Portuguezes.

Navio S. Jorge, Commandante Antonio da Cruz, de 433 toneladas, 143 Soldados de Infanteria, 81 Artilheiros, e marinheiros, e 28 peças.

Navio S. João Baptista, Commandante Lourenço Mózinho Barba, de 440 toneladas, 110 Soldados, 106 Artilheiros, e marinheiros, e 19 peças.

Navio S. Tiago, Commandante Duarte de Éça, de 450 toneladas, 110 Soldados, 97 Artilheiros, e marinheiros, e 20 peças.

Navio Senhora dos Prazeres Maior, Commandante Diogo de Freitas Mascarenhas, de 381 toneladas, 99 Soldados, 78 Artilheiros, e marinheiros, e 18 peças.

Navio Senhora dos Prazes Menor, Commandante Cosme do Couto, de 305 toneladas, 68 Soldados, 90 Artilheiros, e marinheiros, e 18 peças.

Transportes.

Caravela Senhora da Guia, Commandante Ruy da Costa, de 150 toneladas, 29 Soldados, e marinheiros.

Caravela Rosario, Commandante Domingos da Mota, de 120 toneladas, 28 Soldados, e 22 marinheiros.

Caravela Santa Cruz, Commandante Francisco Vaz Betancor, de 120 toneladas, 13 Soldados, e 22 marinheiros.

Caravela Senhora da Ajuda, Commandante Manoel Ferreira Alvares, de 100 toneladas, 14 Soldados, e 20 marinheiros.

Caravela S. Jeronymo, Commandante Antonio Teixeira, de 80 toneladas, 11 Soldados, e 20 marinheiros.

Total 655 Soldados de Infanteria, 560 Artilheiros, e marinheiros, e 103 peças. Pertencião á Coroa os tres primeiros navios, por se haver comprado o S. Jorge por 10$ cruzados. Despenderão-se com o armamento dos cinco navios (incluindo a compra do S. Jorge), 350$419 cruzados. Com o preparo das cinco Caravelas de Transporte, e algumas outras enviadas por esse tempo ao Brasil com víveres, e munições, gastarão-se 74$745 cruzados. As roupas de varias qualidades, que se remettêrão na Esquadra, para alli se pagar com o seu producto ás tropas, custárão 42$279 cruzados; assim a despeza total desta Expedição foi de 773$443 cruzados.

Sahio a Esquadra de Lisboa a 8 de Maio de 1631,

e éntrou na Bahia a 19 de Julho. Huma Tartana separada da Esquadra chegou ao Cabo de Santo Agostinho a 10 de Junho, cujo Commandante Alberto Peres deo a primeira noticia da sua vinda, e de que havia de conduzir o soccorro destinado para Pernambuco, quando voltasse da Bahia; o que Mathias de Albuquerque communicou logo a Diogo Luiz de Oliveira, expondo-lhe ao mesmo tempo o estado daquella Provincia, onde os Hollandezes havião já construido hum bom Forte na Ilha de Tamarucá, e só lhes faltava ganhar a Villa da Conceição, para serem senhores della; e que o General Loncq havia sahido para Hollanda com trinta navios.

Em hum Conselho de Guerra, que se convocou na Bahia, a que assistírão o Governador Diogo Luiz de Oliveira, o General D. Antonio de Oquendo, o Almirante Valecilla, o Conde de Banholo, e Duarte de Albuquerque Coelho, se assentou, que as tropas destinadas para Pernambuco se embarcassem em dez Caravelas: constavão ellas de quatrocentos soldados Portuguezes, commandados pelo Sargento Mor Francisco Serrano, divididos em cinco Companhias, de que erão Capitães D. Antonio Ortiz de Mendonça, D. Francisco Coutinho, Braz Soares de Sousa, D. Aleixo de Aza, e João Vasques: trezentos Hespanhoes em quatro Companhias, com os Capitães D. Fernando de Riba-Aguero, D. João de Orellana, Sebastião de Palacios, e D. João de Xereda, que por mais antigo commandava o destacamento; e trezentos Napolitanos, de que se formava o Terço do Conde de Banholo (em cuja Caravela embarcou Duarte de Albuquerque), de que era Sargento Mor Mucio Orilia. A artilheria reduzia-se a doze peças, de que era Capitão André Marim, com os Artilheiros necessarios. Para a Parahiba hião destinadas outras duas Caravelas, com cem soldados Portuguezes, e outros tantos Hespanhoes, em duas Companhias, cujos Capitães erão Anto-

nio de Figueiredo e Vasconcellos, e Manoel Godinho, levando doze peças de campanha, com munições, e Artilheiros, dos quaes era Condestavel Pedro de Menezes: hião tambem alguns canhões para o Forte do Cabedello. Concordou-se mais, que estas doze Caravelas navegarião de conserva com a Esquadra, assim como a Frota dos navios mercantes carregados de generos do Paiz, que se achavão na Bahia, a qual o General deixaria na altura, que julgasse conveniente á sua derrota para Portugal; seguindo elle viagem com a Esquadra para as Indias Occidentaes, a fim de comboiar dalli a Hespanha os Galeões da prata.

Durante a demora da Esquadra na Bahia, chegou ao Recife o primeiro reforço de Hollanda, composto de doze navios com dois mil homens de tropas, commandadas pelo Coronel Henrique Siton; e logo nos fins de Julho o Almirante Adriano Patry com oito navios, e mil e quinhentos soldados, de que Mathias de Albuquerque avisou á Bahia.

Sabendo Patry pelos seus cruzadores a força da Esquadra Hespanhola, que estava na Bahia, e provavelmente os seus projectos; aprestou dezeseis navios dos melhores, sendo o seu de cincoenta e seis peças, guarnecidos de excellentes marinheiros, e mil e quinhentos soldados, e sahio a esperar os Hespanhoes, destacando seis embarcações veleiras para cruzarem sobre a Costa da Bahia, a taes distancias humas das outras, que com rapidez o avisassem da vinda da Esquadra.

A 3 de Setembro se fez á véla D. Antonio de Oquendo com a Esquadra, que trouxera de Portugal, vinte e quatro navios mercantes da Bahia, e as doze Caravelas destinadas para Pernambuco, e Parahiba; deixando na Bahia o Terço do Mestre de Compo D. Christovão Mexia Boca Negra, composto de seiscentos Portuguezes, e duzentos Hespanhoes.

Oito legoas ao mar da Bahia virão-se dois navios Hollandezes, a que de balde se deo cassa. Como os ventos erão contrarios, e as aguas corrião ao Sul, no dia 11 achava-se a Esquadra em 17° de Latitude, e ao pôr do Sol foi vista da Esquadra Hollandeza, sem que esta fosse percebida dos Hespanhoes; o que muitas vezes succede no mar. No dia seguinte ao amanhecer apparecêrão os Hollandezes duas leguas a barlavento. O Conde de Banholo passou á falla da Capitanea, e disse ao General, que lhe parecia conveniente tirar a Infanteria das Caravelas, para reforçar as guarnições dos navios; a que elle respondeo: *Que os dezeseis navios inimigos erão pouca roupa.* Talvez receava elle, que recolhendo a tropa das Caravelas, poderião depois occorrer circunstancias, que não lhe permittissem restituilla, e ficaria inutilizado o soccorro de Pernambuco. Em fim, mandou as Caravelas, e navios mercantes para sotavento da Esquadra; e formando a sua linha de batalha, seguio o mesmo bordo.

O Almirante Patry fez signal de chamar á ordem, estando atravessado; e vindo a bordo os escaleres dos navios, enviou ordem aos Commandantes de abordarem os Hespanhoes, para cujo fim vinhão todos promptos, e com as gavias entrincheiradas, guarnecidas de soldados, e munidas de artificios de fogo. Expedidas estas ultimas instrucções, arribou em pôpa sobre os Hespanhoes, dirigindo o seu proprio navio contra a Capitanea de Oquendo; e o seu Vice-Almirante contra a de Valecilla.

A's nove horas da manhã estava o navio de Patry a menos de tiro de mosquete nas aguas da Capitanea, quando D. Antonio, que estava ao pé do leme, metteo subitamente de ló, e obedecendo logo a Náo, como Patry não fez a mesma manobra, antes seguio avante, D. Antonio, dando huma arribada, abordou por barlavento. Travou-se huma acção matadora, em que de parte

a parte nenhum tiro se perdia; e ainda que os Hespanhoes soffrião grande damno, sobre tudo das granadas, e mosqueteria das gavias, não causavão menos perda aos seus contrarios. Patry, receando as consequencias de similhante genero de peleja, quiz desabordar-se, e indo já çafo da prôa, mareou a gavia, e o velaxo para arribar, dando mais seguimento ao seu navio, que estava com a pôpa encostada á Capitanea Hespanhola. D. Antonio mandou neste momento ao Capitão João de Castilho, Official da maior intrepidez, que saltasse pela pôpa do navio Hollandez, levando na mão o chicote de hum cabo grosso, e o passasse á roda do mastro da mezena, o que elle executou á custa de huma ferida, e na volta para a Capitanea foi morto de huma bala, mas já os Hespanhoes tinhão cobrado, e dado volta ao chicote do cabo, com que os dois navios ficárão por então ainda atracados.

Neste tempo vinha hum navio Hollandez prolongando-se com o de Oquendo pelo lado opposto, quando Cosme do Couto, Commandante do navio Portuguez Prazeres Menor, o abalroou pela amura, a fim de o embaraçar, deitando-lhe logo dentro o Capitão Domingos da Motta com a maior parte da sua gente; mas o navio Hollandez, que era mui grande, arrastrando comsigo o Portuguez, não deixou de abordar a D. Antonio; e ficando o navio Prazeres á matroca, atravessou-se nas proas dos tres atracados, que arfando sobre elle, o mettêrão a pique. Cosme do Couto, e o Sargento Mor João de Araujo salvarão-se a nado com algumas pessoas a bordo dos navios Hollandezes, onde ficárão prisioneiros; Domingos da Mota morreo na abordagem.

Como as Náos dos dois Generaes inimigos, ainda que atracados, não deixavão de servir-se das peças altas, hum taco acceso da Hespanhola pegou fogo na Hollandeza. D. Antonio fez logo dirigir áquelle lugar todas as

suas bocas de fogo, o que obstou a poder-se apagar o incendio. Começou a Náo a arder em labaredas, e o mesmo succederia á de D. Antonio, se não lhe acudisse João de Prado, Commandante de hum Galeão, que pondo-se na sua prôa, lhe deo hum virador, e a tirou a reboque, estando tão destroçada, que não podia velejar. O Almirante Patry, desdenhando salvar-se nas Caravelas Portuguezas, que vierão promptamente recolher a gente naufragada, ou mesmo em algum dos seus navios que lhe ficasse mais proximo, envolveo-se no Estandarte de Hollanda, e árrojou-se ás ondas (1).

Este terrivel combate das duas Capitaneas durou das nove da manhã até ás quatro da tarde. Morrêrão a bordo de D. Antonio mais de duzentos e cincoenta homens, em que entrárão muitos Officiaes distinctos, e a maior parte dos marinheiros. O numero dos feridos foi quasi igual ao numero dos que ficárão vivos.

Em quanto durou a acção das duas Capitaneas, o Vice-Almirante Hollandez, seguido de outro grande navio, accommetteo, e abordou o Galeão Santo Antonio do Almirante Valecille, ao qual acompanhára o Galeão S. Boa Ventura. Depois de hum combate furioso, queimou-se o navio Hollandez, que auxiliava ao seu Vice-Almirante, e o Santo Antonio foi a pique, estando já Valecilla mortalmente ferido. Ficou o S. Boa Ventura pelejando com o Vice-Almirante; mas acudindo a este outro dos seus navios, foi tomado o S. Boa Ventura. Morrêrão nestes dois Galeões, alêm do Almirante, o Tenente General da Artilheria D. Francisco Lupercio, D. Alonso de Alarcão, Commandante do Boa Ventura, o Audi-

(1) O motivo desta acção desesperada foi provavelmente o conhecimento tardio do erro de não se aproveitar das vantagens da sua artilheria, muito melhor servida que a dos Hespanhoes, para tomar, ou destruir a Esquadra, e o Comboi, e dividir talvez naquelle dia o destino de Pernambuco.

tor Geral, o Provedor da Armada, e muitos Officiaes, e pessoas notaveis.

Dos outros navios das duas Esquadras nenhum ousou abordar, e todos combatêrão de longe, em que o navio Portuguez Prazeres Maior ficou tão derrotado, que o mandou o General para a Bahia. De ambas as Nações houverão Commandantes, que fizerão muito mal o seu dever, e se contentárão com ser expectadores da batalha.

A perda total da Esquadra de Oquendo chegou a mil e quinhentos homens, e a dos Hollandezes seria pouco menor: em quanto á dos navios, perdêrão dois, que se queimárão; e os Hespanhoes tiverão hum queimado, dois mettidos a pique, e hum tomado.

Até ao dia 15 gastou a Esquadra Hespanhola em se reparar das suas avarias, que erão grandes, sobre tudo as da Capitanea, que fazia muita agua pelos rombos das balas, e estava completamente desaparelhada; para cujo reparo concorrêrão muito os marinheiros Hollandezes prisioneiros. Tirarão-se trezentos soldados dos que hião para Pernambuco, a fim de supprir de algum modo a falta de gente com que se achava a Esquadra.

A 17, navegando com vento largo a buscar a Costa de Pernambuco, vio-se ao pôr do Sol a Esquadra Hollandeza. O Conde de Banholo pedio licença ao General (que a concedeo) para se apartar de noite com as Caravelas do soccorro, e ir buscar algum Porto, onde desembarcar; e a 22 ancorou na Barra Grande, trinta leguas ao Sul do Arraial do Bom Jesus; menos a Caravela de Antonio de Figueiredo, que continuando a sua derrota para a Parahiba, encontrou hum dos muitos navios Hollandezes, que cruzavão naquellas Costas, e fugindo delle, salvou-se no Rio Grande do Norte.

Ao amanhecer do dia 18 não se vio a Esquadra Hollandeza, e o General Oquendo proseguio a sua via-

gem para as Indias Occidentaes. Na altura da Parahiba combateo com dois navios Hollandezes o Galeão Capitanea das quatro Villas, em que hia o Sargento Mór Lazaro de Iguigurem, que servia de Almirante desde a morte de Valecilla; e ainda que escapou das mãos dos inimigos, ficou tão maltratado, que foi depois a pique em hum máo tempo, desgraça que igualmente succedeo ao navio Portuguez S. Tiago, Commandante Duarte de Éça. Assim se concluio esta infeliz campanha.

A 2 de Dezembro sahio do Recife o novo Almirante João Lichthart com vinte e seis navios, e muitas embarcações miudas, em que transportava tres mil homens de tropas, commandadas pelo Coronel Calvi, encarregado da expedição. O seu destino era a conquista da Parahiba, que governava Antonio de Albuquerque. Felizmente havia alli chegado a Caravela de Antonio de Figueiredo, que trazia a bordo oito canhões grossos, bons Artilheiros, e muitas munições. Este inesperado soccorro, e outro que Mathias de Albuquerque mandou de Pernambuco, malográrão o projecto dos Hollandezes, que havendo desembarcado, e posto sitio ao Forte do Cabedello, em sete dias de trincheira aberta, não o podérão tomar; e enfastiados da immensa perda de gente que soffrêrão, tanto no cerco, como em hum assalto que derão ao Forte, se retirárão ao Recife.

Picado desta desgraça o General Wardenberg, partio do Recife a 21 de Dezembro com vinte e dois navios, e algumas embarcações pequenas, com dois mil homens a bordo, e a 26 ancorou na Enseada da Ponta Negra, tres legoas ao Sul do Forte do Rio Grande, unica defensa então daquella Provincia. Desembarcárão os Hollandezes na Enseada de Diogo Martins, mas o Forte havia já recebido hum soccorro da Parahiba de trezentos Portuguezes, e outros tantos Indios, onde hum Patacho vindo de Portugal, que avistou a Esquadra Hol-

landeza, levára aviso da derrota, que ella seguia. Wardenberg, sabendo da chegada do soccorro, quiz ao menos colher algum gado vaccum, em que abundava o Paiz; e nem esse obteve. Cumpre advertir, que era tão apertado o bloqueio, que Mathias de Albuquerque tinha posto ao Recife, que estando os bosques a menos de tiro de canhão desta Praça, gastava-se nella a propria lenha, que lhe vinha de Hollanda; e o mesmo succedia com todas as mais provisões.

1632. — A Esquadra (1), que estava destinada para a India, commandada por Antonio de Saldanha, não pôde sahir de Lisboa pelos máos tempos, que occorrêrão.

Em consequencia deste embaraço, partio a 4 de Junho José Pinto por Chefe de tres navios: a Naveta São Filippe, em que elle hia; o Galeão S. Francisco de Borja, Commandante Manoel Mascarenhas Homem; e a Urca Senhora da Guia, commandada por Antonio da Cruz. Os dois primeiros navios entrárão em Goa a 25 de Outubro, e o ultimo a 2 de Novembro.

1632. — A 24 de Fevereiro deste anno (2) sahio do Recife o General Wardenberg com vinte e quatro navios; e algumas embarcações pequenas, em que levava mil e quinhentos homens de tropas, e foi ancorar na barra da Ilha de Tamaracá, junto ao Forte, que os Hollandezes havião alli construido, fingindo querer concluir a conquista daquella Ilha; de que avisado logo Mathias de Albuquerque, lhe enviou soccorro, mas o General Hollandez levou-se na mesma noite, e ao favor de hum bom vento, appareceo pela manhã sobre o Cabo de Santo Agostinho, verdadeiro objecto da sua expedição. A Bahia deste Cabo, e huma pequena Calheta, que fez a Natu-

(1) Faria, Asia Portugueza. — Epilogo de Pedro Barreto.

(2) Vede Brito Freire, Liv. 6. — Memorias de Duarte de Albuquerque, de pag. 73 até pag. 89. — Castrioto Lusitano, Parte 1. Liv. 5.

reza, deixando huma abertura no longo recife, que cérca toda aquella Costa, erão os pontos mais favoraveis para aportarem as embarcações, que trazião de Portugal alguns soccorros, ou vinhão carregar dos productos do Paiz. Tinhão os Portuguezes construido alli para sua defensa dois pequenos Reductos com quatro peças, e sessenta homens, tudo commandado por Bento Maciel Parente; e no momento do perigo lhe trouxe Francisco Gomes de Mello mais cento e vinte homens. Desembarcárão os Hollandezes, e rechaçados tres vezes nos seus ataques, receando que chegassem maiores soccorros do Arraial do Bom Jesus, se retirárão com perda.

Neste anno mandou a Companhia Occidental dois Commissarios Mathias Vancol, e João Gissilin para residirem no Recife, com amplos poderes no Militar, e Politico, levando comsigo tres mil homens de tropas; de que sentido o General Wardenberg, se embarcou para Hollanda, e em seu lugar tomou posse do commando das Armas Lourenço Rimbach, Official de longa experiencia.

Mathias de Albuquerque, antevendo que os projectos dos Hollandezes hião agora receber maior desenvolvimento, escreveo a ElRei, expondo-lhe que todas as tropas debaixo do seu commando não excedião a mil e trezentos Soldados, e trezentos Indios, de que duzentos erão frecheiros, por falta de armas de fogo; e tinha que defender o Arraial do Bom Jesus, e os Portos da Costa desde o Cabo de Santo Agostinho até ao Rio Grande; achando-se os Hollandezes com sete mil homens de Infanteria, e quarenta navios de guerra. Esta representação produzio o pouco, ou nenhum effeito de outras muitas, que em differentes tempos fizera.

1633. = A 6 de Março (1) sahio de Lisboa para a

(1) Faria, Asia Portugueza. — Epilogo de Pedro Barreto.

India Antonio de Saldanha, embarcado em a Náo Senhora da Saude; e os Commandantes das outras da sua Esquadra erão José Cabreira, em a Náo Senhora de Belem; e Ignacio Rodrigues, em a Náo Sacramento.

Chegou a Esquadra unida a Moçambique no mez de Julho, e entrou em Goa a 19 de Agosto.

1633. — Copiarei aqui por curiosidade o calculo, que em data de 13 de Janeiro de 1633 fez Ruy Correa Lucas da despeza de hum Galeão novo de 550 toneladas, para ir de Náo de Viagem á India, provido, e pago para dez mezes de jornada.

Custou em Lisboa o Galeão novo, e apparelhados	12:798$850 rs.
Os seus sobrecellentes	300$000
Preparos da Missa	20$000
Botica	50$000
Bandeiras, e flamulas	20$000
Pavezes	20$000
Despensas, barrís, e outros gastos miudos	66$000
	13:274$850
Soldo de hum Mestre	60$000
Dito de hum Piloto	60$000
Dito de hum Contra-Mestre	30$000
Dito de hum Sota-Piloto	30$000
Dito de hum Guardião	20$000
Dito de hum Escrivão	8$000
Dito de hum Despenseiro	8$800
Dito de hum Barbeiro	8$000
Dito de hum Capellão	18$000
Dito de dois Carpinteiros	34$000
	13:551$650 rs.

	13:551⸸650 rs.
Soldo de dois Calafates	34⸸000
Dito de hum Tanoeiro	15⸸000
Dito de hum Cirurgião	18⸸000
	13:618⸸650
Hum Condestavel, vencendo 1⸸680 rs. por mez, e 24 Artilheiros, vencendo a 1⸸000 rs. por mez	256⸸000
Soldo de 35 Marinheiros, cada hum a 14⸸800 rs. por viagem	518⸸000
Dito de 35 Grumetes, a 9⸸730 rs. cada hum por viagem	340⸸550
Dito de 4 Pagens, a 4⸸456 rs. cada hum por viagem	17⸸824
Dito de 1 Capitão	100⸸000
Dito de 150 Soldados de Infanteria, a 4⸸000 rs. cada hum	600⸸000
	15:451⸸024
Mantimento para 114 praças de Marinha para dez mezes, custando cada ração por mez a 2⸸200 rs. . . .	2:508⸸000
Dito para 151 praças de Infanteria para seis mezes	1:993⸸200
Custo de 24 peças, doze de bronze, e doze de ferro, pezando huma por outra a 25 quintaes, sendo o custo do quintal de bronze a 15⸸000 rs., e o de ferro a 3⸸640 rs.	5:592⸸000
Para munições de guerra, e trem novo de artilheria	1:381⸸296
Despeza total	26:925⸸520 rs.

N. B. Custou o quintal de enxarcia nova a 3⸸800 rs. pezo Hespanhol.

1633. — Continuava a guerra no Brasil (1). Em Janeiro deste anno chegárão duas Caravelas da Ilha da Madeira com alguma gente alli recrutada, de cujos Capitães, naturaes da mesma Ilha, o primeiro chamado João de Freitas da Silva, trazendo huma Companhia de noventa homens, entrou na Parahiba no 1.° do mez; e o segundo por nome Francisco de Betancur e Sá, com outra de setenta Soldados, chegou no dia 12 ao Porto dos Francezes, tres leguas ao Sul da barra das Alagoas. Dois dias antes de tomar aquelle Porto, encontrou hum navio Hollandez, com o qual pelejou, e no principio da acção hum filho seu de nove annos, chamado Gaspar, foi ferido de alguns estilhaços, e pouco depois huma bala lhe quebrou o braço esquerdo; e vendo elle o pai afflicto, e consternado, lhe disse: «Senhor, isto não » me embaraça para ajudar a v. mercê na defensa desta » Caravela, porque ainda me fica o braço direito. » Este valor extraordinario em hum menino, animou de maneira a gente toda, que combatendo desesperadamente, se retirou o Hollandez, e a Caravela achava-se tão arrombada das balas, e fazia tanta agua, que se perdeo já no Porto, salvando-se a guarnição, e algumas munições. Morrêrão no combate oito Portuguezes, e ficárão dezesete feridos.

A 20 de Junho sahio do Recife com dois mil homens, e muitos navios, o General Sigismundo Van Schoppe, a quem os Commissarios do Governo havião dado o commando em Chefe das tropas, e com elle se embarcou Mathias Vancol, levando por director daquella empreza ao famoso Mulato Domingos Fernandes Calabar, natural de Pernambuco, que se havia passado para os

(1) Memorias de Duarte de Albuquerque, pag. 90 até pag. 128. — Brito Freire, Liv. 6. — Southey, Tomo i. Cap. 17. — Castrioto, Parte 1. Liv. 3.

Hollandezes, e sendo o melhor Pratico de toda aquella Costa, e dotado de subtil engenho, era o instigador dos novos planos, que tanto damno fizerão a Pernambuco. Surgio a Esquadra na Ilha de Tamaracá, e desembarcadas logo as tropas, accommettêrão, e ganhárão por Capitulação a Villa da Conceição, sua Capital, defendida unicamente por sessenta Soldados, e 120 moradores, commandados pelo Capitão Mor Salvador Pinheiro; ficando agora senhores de toda a Ilha, que era para elles da maior importancia.

Em Setembro chegou á Parahiba o Capitão Francisco de Soutomaior com huma Caravela de Portugal, em que conduzia setenta Soldados, e algumas munições, escapando a tres navios Hollandezes, que o perseguírão.

Havendo ElRei ordenado, que se mandassem de Lisboa seiscentos Soldados para Pernambuco, foi nomeado Chefe desta expedição Francisco de Vasconcellos da Cunha, Official que servíra na Marinha de Portugal, e da India. Compunha-se este armamento de hum navio de vinte peças, em que embarcou Francisco de Vasconcellos, outro de dezeseis peças commandado por Francisco da Silva e Miranda, e cinco Caravelas; levando munições de guerra, e algumas fazendas, que devião vender-se no Brasil, e empregar o seu producto nas despezas da guerra. Tanta era a penuria do Erario!

Sahio de Lisboa Francisco de Vasconcellos a 22 de Agosto, e a 26 de Outubro vio terra junto ao Rio de Mamamguape, tres leguas ao Norte da Parahiba. Por ordem de Antonio de Albuquerque, Governador desta Provincia, assistia naquelle Rio o Capitão Pedro Marinho Lobeira, com bons Praticos da Costa, hum dos quaes veio a bordo do Chefe, e o informou do estado das cousas. Deo fundo o Comboi defronte do Rio, tendo-se já descoberto hum Patacho, que virou no Sul,

disparando tiros de espaço em espaço. Com effeito, desde alguns dias cruzavão cinco navios Hollandezes sobre a barra da Parahiba, e quatro na Bahia da Traição, ao Norte do Mamanguapé; o que o Pratico participou a Francisco de Vasconcellos, offerecendo-se a metter as suas embarcações no Rio. Mas elle, em vez de abraçar este expediente, o unico que o podia salvar de huma eminente ruina, chamou a conselho os seus Officiaes, e pessoas distinctas, que sendo pela maior parte ignorantes da Nautica, resolvêrão loucamente, que fossem desembarcar ao Rio Grande, trinta leguas para o Norte; e nessa mesma noite se fizerão todas á véla. Ao amanhecer do dia 27, achando-se entre a Bahia da Traição e a Formosa, virão tres navios Hollandezes, que os buscavão. Das cinco Caravelas conseguírão duas ganhar o Rio Grande; e tres, cozendo-se com a terra, encalhárão em differentes lugares. Travou-se entretanto o combate dos dois navios Portuguezes contra os tres Hollandezes. Fernando da Silva, vendo o seu navio aberto, e fazendo muita agua pelos rombos das balas, foi encalhar na Bahia Formosa, onde salvou a gente, dez peças de artilheria, e parte das munições. Francisco de Vasconcellos, desembaraçando-se como póde dos Hollandezes, que o abandonárão, surgio na mesma Bahia, e desembarcou tudo quanto levava; mas passados dois dias, chegárão alli os tres navios Hollandezes, e lhe mettêrão no fundo o navio. Succedeo, para maior desgraça, que transportando-se depois em barcos para a Parahiba o que havia escapado das mãos dos Hollandezes, todos os barcos forão tomados, ou perdidos, excepto hum; e Francisco de Vasconcellos deixando duzentos homens na Parahiba, chegou por ultimo ao Arraial do Bom Jesus com cento e oitenta Soldados dos seiscentos que conduzíra de Lisboa; o resto pereceo, ou desertou na marcha.

A 5 de Dezembro sahio do Recife huma Esquadra de dezoito navios, em que embarcárão o General Schoppe, o Commissario Vancol, e o terrivel Calabar, com mil e quinhentos homens. A 8 entrárão no Rio Grande, a pezar do fogo do Forte da Barra, e forão surgir na ponta de Gaspar Rebello, a coberto dos seus tiros, onde tomárão as duas Caravelas do Comboi de Francisco de Vasconcellos, havendo chegado dias antes outras duas de Lisboa, commandadas por Cosme do Couto Barbosa, que sahindo dalli, metteo huma no Porto do Cabo de Santo Agostinho, e outra em Rio Formoso. Desembarcárão logo os Hollandezes, e por conselho de Calabar occupárão hum morro de arêa sobranceiro ao Forte. Commandava este o Capitão Pedro Mendes de Gouvea, tendo treze canhões, e oitenta e cinco homens, quasi todos paizanos, de que fez logo aviso á Parahiba. Levantárão nessa noite os Hollandezes huma bateria de tres canhões naquelle morro de arêa, da qual começárão no dia seguinte a bater o Forte. Soube Pedro Mendes, por hum emissario, que lhe estavão da Parahiba a chegar soccorros sufficientes para fazerem levantar o cerco, porêm sendo ferido gravemente no dia 10, se aproveitou deste incidente o Sargento Pinheiro, desertor da Bahia; e conloiando-se com Simão Pita Ortigueira, que alli estava preso, e com alguns outros traidores, desanimárão a guarnição, cartearão-se com os inimigos, e na manhã de 12 levantárão bandeira branca; e ainda que esta foi arriada, como Pedro Mendes se achava incapaz de combater, poucos Portuguezes quizerão prolongar a resistencia, e os Hollandezes entrárão no Forte quando as tropas da Parahiba, em numero de quinhentos homens, estavão quasi á vista.

Depois desta facil conquista, aproveitando-se os Hollandezes de algumas intelligencias, que já havião urdido com os Tapuias, que habitavão a oitenta leguas

pelo sertão, os convocárão, e attrahírão á sua alliança, e começárão a fazer assaltos, e invasões nos districtos em que os Portuguezes tinhão Aldeas, e plantações, assolando todo o Paiz.

1634. — A Esquadra da India foi este anno das seguintes embarcações: A Náo Oliveira, em que hia o Chefe Jeronymo de Saldanha; a Naveta S. Filippe, Commandante Thomaz Barachi; e o Galeão S. Francisco de Borja, commandado por Jeronymo de Castanheda e Vasconcellos (1).

Sahio de Lisboa a Esquadra a 20 de Março: os dois primeiros navios chegárão juntos a Goa a 7 de Outubro, e o terceiro hum dia antes.

1634. — A 5 de Fevereiro (2) chegou ao Cabo de Santo Agostinho Pedro de Almeida Cabral em huma Caravela de Lisboa; e outras duas da sua conserva, de que erão Commandantes Domingos Paulo da Silva, e Manoel Coelho de Figueiroa, entrárão na Parahiba: todo o soccorro, que ellas trazião, não passava de cento e vinte soldados, e algumas munições de guerra. Por estas embarcações se recebeo aviso, que apromptavão em Hollanda tres mil homens para Pernambuco.

A 23 do mesmo mez sahio do Recife o General Schoppe com vinte e quatro navios, dezoito Pinaças, e muitas lanchas com tres mil Soldados. A 26 surgio esta Esquadra defronte da barra da Parahiba, e desembarcando nessa noite parte das tropas, marchárão os Hollandezes para o Forte de Santo Antonio, como para o surprehender. Mas encontrando primeiro huma trincheira, que o cobria, a assaltárão, e forão tres vezes rechaçados pelos reforços, que o Governador Antonio de Al-

(1) Faria, Asia Portugueza. — Epilogo de Pedro Barreto.

(2) Memorias de Duarte de Albuquerque, pag. 129 até 170. — Fr. João José de Santa Theresa, Liv. 5. — Francisco de Brito Freire, Liv. 7. — Southey, Tomo 1. Cap. 15. — Castrioto, Parte 1. Liv. 3.

buquerque alli conduzio. Este ataque era hum estrategema, que Schoppe imaginou para divertir a attenção dos Portuguezes; assim, retirando-se de subito aos seus navios, se fez á véla, e a 4 de Março amanheceo sobre o Cabo de Santo Agostinho, unico objecto da expedição.

As fortificações do Cabo, poucas, e defeituosas, tinhão de guarnição trezentos e cincoenta Soldados, commandados pelo Sargento Mor Pedro Correa da Gama; vierão-lhe mais cem homens do Arraial do Bom Jesus, e o General Mathias de Albuquerque, a pezar de acharse com huma sezão, partio no dia 6 de madrugada com trezentos Soldados, acompanhado de seu irmão Duarte de Albuquerque Coelho, do Conde de Banholo, e de Francisco de Vasconcellos da Cunha, deixando no Arraial pouco mais de duzentos homens.

Entretanto os Hollandezes separárão a sua Esquadra em duas Divisões: huma de treze navios, e outras tantas lanchas com tropas, sustentadas por tres Patachos, tentou em vão desembarcar da banda do Norte do Cabo, por lhe ser animosamente defendida a praia pelas tropas, que alli acudírão; e com perda de cem homens, se retirárão os Patachos com as lanchas para os seus navios, que pairavão a huma legua de distancia.

A segunda Divisão, comprehendendo o resto da Esquadra, accommetteo a barra do Porto do Cabo; e a pezar de ser muito estreita, e defendida por huma bateria antiga, e outra construida de novo na pequena Ilha de S. Jorge, situada mais dentro do Canal, forçárão a passagem quatro navios mais pequenos, hum dos quaes encalhou, por lhe haver huma bala quebrado o leme, e a equipagem o abandonou logo. Os tres navios restantes forão surgir junto da Povoação do Pontal, toda de casas palhaças, em que vivião os homens do mar, que a desampararão depois de deitar-lhe fogo, em que se quei-

márão muitos generos do Paiz, que estavão nelle recolhidos; de modo que os Hollandezes só se aproveitárão de algumas embarcações já carregadas. Estes navios estavão perdidos, não podendo tornar a sahir do canal, nem receber soccorro da sua Esquadra, tanto por se acharem as baterias da barra em poder dos Portuguezes, e melhor guarnecidas, como por falta de fundo para os navios grandes penetrarem no Porto. O genio astuto de Calabar, e o seu exacto conhecimento das localidades os tirou desta situação desesperáda. Pondo-se á testa de huma flotilha composta de todas as lanchas, e escaleres, que levavão mil homens de tropa, aventurou-se a introduzilla, e o conseguio, por huma abertura que havia entre os recifes quasi meia legua ao Sul da barra, pela qual não ousavão passar as canoas do Paiz; e sem perder hum só escaler, foi desembarcar na tarde do dia 5 na Povoação já queimada, onde logo os Hollandezes se fortificárão. Depois desta operação, toda a Esquadra veio dar fundo em frente da barra, meia legua ao mar, e estabeleceo com elles huma communicação por aquella abertura dos recifes.

No dia seguinte de tarde chegou Mathias de Albuquerque, e depois de reconhecer a prisão dos Hollandezes, resolveo o ataque para o dia 7, o que fez com oitocentos homens (o resto guarnecia os Fortes), entre Soldados, e moradores armados. A vantagem, que os Portuguezes ganhárão no principio da acção, parecia decisiva: já os Hollandezes começavão a perder as suas posições, e alguma artilheria, e muitos a lançar-se ao mar, quando algum traidor gritou: *Estamos cortados.* Espalhou-se de subito hum terror panico, que não pôde ser dissipado por todo o valor de Mathias de Albuquerque, expondo-se com menos prudencia, que temeridade, sendo o ultimo que cobrio a retaguarda, com perda de oitenta mortos, e feridos, entre os primeiros dos quaes

se contárão os Capitães Domingos Dias Bezerra, Miguel de Abreu, Antonio Velho, e Jorge da Costa, e o Alferes Francisco de Matos da Gaia. Suppôz-se que os Hollandezes não tiverão menor numero de mortos, e feridos.

Deste modo ficárão os Hollandezes senhores do Pontal, e da Povoação, que logo pozerão em estado de defensa; continuando os Portuguezes a occupar o Forte da Nazareth, e as baterias da barra. Tratárão immediatamente os Hollandezes de fazer huma obra propria de Nação tão industriosa: a pouco e pouco alargárão a abertura dos recifes, e a reduzírão a hum canal não só sufficiente para lanchas, mas passárão por elle os tres navios que tinhão dentro, tirando-os deitados sobre o costado; e deixando dois mil homens de guarnição nas fortificações conquistadas, recolherão se ao Recife, d'onde partírão para Hollanda os dois Commissarios a pedir novos reforços.

A 20 de Agosto chegárão de Lisboa duas Caravelas com trinta Soldados cada huma, commandadas por Balthasar da Rocha Pita: huma entrou na Parahiba, e outra no Rio do Cunhaú.

A 28 de Outubro entrou no Recife o soccorro, que havião ido sollicitar os dois Commissarios: constava de dezoito navios, com tres mil Soldados, muitos víveres, e munições; commandava as tropas o Coronel Polaço Artujoski, Official habil, com cuja vinda resolveo o Governo pôr em execução a conquista já premeditada da Parahiba.

A 29 de Novembro sahio do Recife hum formidavel armamento de quarenta navios, que levavão seis mil homens, entre Soldados, e marinheiros (alguns Escritores dizem menos), commandando as tropas, e a Expedição o General Schoppe; e a Esquadra o Almirante Lichthart.

Antonio de Albuquerque tinha para defender a Parahiba oitocentos homens, entre Soldados, e paizanos armados; e Mathias de Albuquerque, no mesmo dia em que vio partir a Esquadra do Recife, lhe mandou de reforço tres Companhias de Infanteria, que chegárão primeiro do que elle; e da Goiana lhe veio tambem alguma gente.

A 4 de Dezembro de madrugada appareceo em Cabo Branco a Esquadra Hollandeza, tendo mandado dois dias antes huma embarcação pequena a reconhecer a Costa desde aquelle Cabo até á Enseada de Lucena, duas leguas ao Norte do Rio da Parahiba. Cincoenta lanchas, e Pinaças com tropas a bordo, dirigidas por hum Patacho, em que provavelmente hia o General, vierão logo demandar a terra.

Antonio de Albuquerque tinha espalhadas as suas tropas em quatro pontos, em que era praticavel o desembarque: o primeiro quatro leguas ao Sul da barra: o segundo, que elle escolheo para si, legua e meia ao Norte da Enseada de Jaguaripe, nome de hum Rio, que alli ha; e os outros dois entre o segundo ponto e o Forte do Cabedello, situado na ponta do Sul da barra da Parahiba.

As lanchas Hollandezas pozerão as proas no sitio em que estava Antonio de Albuquerque, mas o Patacho adiantou-se, e ancorando em Jaguaripe, lhes fez signal para as chamar, a que ellas obedecêrão, e forão desembarcar naquella Enseada, onde com a ressaca do mar derão á costa tres lanchas, e huma Pinaça. Acudio áquella parte Antonio de Albuquerque, e quando chegou, vio os Hollandezes já desembarcados, e formados em tres columnas: huma cortando o caminho que elle seguia, outra ao longo do mar, em que tinha as costas, e a terceira guarnecendo os bosques que ficavão da banda da terra, nos quaes havia gente embarcada: cada huma das

columnas tinha na sua frente huma peça de campanha. A Esquadra Hollandeza veio surgir defronte da Enseada.

Antonio de Albuquerque, que apenas trazia quinhentos homens, em vez de retirar-se promptamente, fez alto, e esperou a determinação dos Hollandezes. Então Schoppe o atacou pela frente, e flanco esquerdo; e ainda que os Portuguezes resistírão algum tempo, forão rotos, e forçados a retirar-se com perda de dezoito mortos, muitos feridos, e dez prisioneiros.

Antevendo o Albuquerque que os Hollandezes investirião primeiro o Forte do Cabedello, que commandava João de Matos Cardoso, lhe augmentou a guarnição até trezentos homens, e se recolheo ao Forte de Santo Antonio, situado da banda do Norte da barra, para enviar dalli reforços onde fossem necessarios, achando-se já com muita falta de gente, tanto pela que perdeo na ultima acção, como por se haverem retirado a suas casas alguns dos moradores, que o acompanhavão. E avisou de tudo a Mathias de Albuquerque, que lhe enviou trezentos homens commandados pelo Conde de Banholo.

No outro dia 5 tomárão os Hollandezes posição a tiro de peça do Cabedello, e se fortificárão, havendo recebido algum damno.

Dentro do Rio da Parahiba, a tiro de canhão do Cabedello, ha huma pequena Ilha chamada dos Padres Bentos, e sobre huma restinga desta havia huma bateria aberta, com quarenta homens, e sete peças, cujos tiros incommodavão os trabalhos dos Hollandezes, e seria de grande vantagem para elles estabelecerem-se naquelle ponto, não só por esse motivo, mas porque dalli podião bater o Forte, e evitar os soccorros que descião da Cidade da Parahiba pelo Rio abaixo. Em consequencia destas considerações no dia 9 de madrugada, tendo bom

vento, e maré, e ao favor de huma grossa nevoa, entrárão pela barra sete navios Hollandezes dos mais pequenos, e sete Pinaças, levando oitocentos homens ás ordens do Sargento Mor de Batalha Andrezon; e a pezar do fogo do Forte do Cabedello, e Santo Antonio, e da bateria da restinga, forçárão a passagem; e desembarcando nas costas da mesma restinga, assaltárão a bateria pela gola, e a ganhárão com morte de vinte e seis dos seus defensores, ficando prisioneiro o Capitão Pedro Ferreira de Barros, que a governava: o resto da guarnição salvou-se nadando para bordo de algumas lanchas, que vinhão em seu soccorro.

No dia 12 achava-se o Forte completamente investido, e batido de muitas partes com canhões, e morteiros, e só pelo Rio he que recebia alguns soccorros em lanchas, que se aventuravão a atravessar o canal, por baixo do fogo da artilheria, e mosqueteria dos inimigos, o que custava sempre algumas vidas.

Na manhã de 14 sahírão para o mesmo effeito quatro lanchas do Forte de Santo Antonio, carregadas de víveres, e munições, huma das quaes era dirigida por Antonio Peres Calháo, com quem vinha seu irmão Francisco Peres Calháo, naturaes ambos da Ilha Terceira. Chovião sobre as lanchas as balas de mosquete, e huma dellas quebrou o braço direito a Antonio Peres, que governava o leme; e acudindo o irmão a tomar o seu lugar, lhe disse elle: *Em quanto eu tiver estoutro irmão mais visinho* (o braço esquerdo), *nem quero auxilio*, *nem largo o meu lugar.* Tomando então a cana do leme com a mão esquerda, foi governando; mas de outra bala, que recebeo no peito, cahio quasi morto. Correo o irmão a tomar o leme, e lhe aconteceo o mesmo desastre, recebendo huma bala no braço direito; por cuja causa pegou nelle com a mão esquerda. Ambos estes intrepidos Ilheos se restabele-

cêrão felizmente das suas feridas; e as lanchas chegárão ao Cabedello com perda de duzentos mortos, e feridos.

Achava-se a final o Forte incapaz de mais resistencia: tinha perdido cento e oitenta e cinco homens; os parapeitos, e cavalleiros estavão arrazados, e a muralha com brecha aberta capaz de assalto, quando capitulou a 19 de Dezembro. Houve huma circunstancia particularmente honrosa nesta Capitulação, e foi, que havendo sido o constante systema dos Hollandezes em todas as Capitulações das Praças do Brasil, transportarem as guarnições ás Indias Occidentaes, nesta do Cabedello concedêrão, que o Governador Gregorio Guedes Soutomaior (era o terceiro que commandava o Forte) escolhesse cento e vinte Soldados, que ficavão izentos daquella condição geral.

A perda do Cabedello produzio grande consternação nas tropas, e tal mudança nas opiniões dos habitantes da Parahiba, que começárão a manifestar desejos de viverem debaixo do jugo dos Hollandezes, o que arrastrou a entrega do Forte de Santo Antonio no dia 23, quasi sem resistencia. Porêm o Conde de Banolo, antes de abandonar a Cidade da Parahiba, que era aberta, mandou queimar os armazens do Commercio, e os navios que estavão no Porto carregados; e levando a artilheria, e munições que lhe foi possivel, se retirou a Pernambuco com o destacamento que d'alli conduzíra; o que Antonio de Albuquerque imitou depois. Schoppe, deixando boa guarnição na Praça, e reparados os Fortes, sahio para o Recife, havendo-lhe custado aquella conquista perto de seiscentos homens.

1635. — A Esquadra da India (1) constou das Náos Senhora da Saudé, e Santa Catharina, e hum Patacho:

(1) Faria e Sousa, Asia Portugueza. — Epilogo de Pedro Barreto de Rezende, que acabou neste anno a sua Historia.

embarcou na primeira o Vice-Rei Pedro da Silva, com o Chefe da Esquadra Antonio Telles da Silva; commandava a segunda Náo Luiz de Castanheda e Vasconcellos, e João da Costa o Patacho.

Sahio a Esquadra de Lisboa a 13 de Abril: separarão-se na viagem as duas Náos, e tornarão-se a reunir depois de dobrarem o Cabo de Boa Esperança. Desta paragem expedio o Vice-Rei o Patacho com soccorro a Moçambique, o qual, havendo alli desembarcado, foi tomar Goa em Novembro. As duas Náos passárão por fóra da Ilha de S. Lourenço, e soffrêrão grandes calmarias nos mares da India; por fim chegárão ambas a Cochim a 23 de Novembro, havendo-lhe morrido muita gente, e trazendo ainda a bordo muitos doentes. Na torna-viagem, perdeo-se na barra de Lisboa a Náo Santa Catharina.

1635. — A 24 de Fevereiro de 1635 (1) partio de Goa a Náo Belem, commandada por José Cabreira, em conserva de outra, que era a Capitanea. Esta Náo Belem, que era mui grande, tinha encalhado duas vezes na India, e tinha sido duas vezes carenada; e por lhe haverem cortado os mastros, lhe mettêrão outros mui pezados, e de maior guinda que os antigos. Trazia de guarnição cento e quarenta e cinco pessoas de marinhagem (tendo á ida levado duzentos), inclusos os Officiaes, e alguns escravos: muitos destes homens vinhão doentes, e outros enfraquecidos das enfermidades, que padecêrão em Goa. A Náo fazia agua, e de noite trabalhavão os escravos com a bomba de roda (he a primeira vez que acho menção destas bombas), e de dia com outra. Fazia-se pouca força de véla para acompanhar a Capitanea, que andava menos.

(1) Veja-se a Relação deste naufragio, escrita pelo Commandante José Cabreira, impressa em Lisboa em 1636.

Da latitude 5° Sul por diante tiverão aguaceiros, que lhe levárão o panno por falta de gente para a manobra; e no 1.° de Maio amanhecêrão com a Ilha de Rodrigo. Os ventos erão então favoraveis para buscar directamente o Cabo de Boa Esperança, mas a Capitanea foi sempre com a prôa ao Sul até chegar a mais de 34°, onde os ventos passárão a O. N. O. e N. O., e começárão a haver temporaes; o que vendo José Cabreira, fallou á Capitanea, e representou-lhe, que era melhor não se amarar tanto, e procurar ver a terra do Cabo por 32°, por ter mais abrigo, e cursarem alli aquelle mez os ventos Levantes, o que lhe pareceo bem; e assim tomárão as duas Náos o bordo da terra, e passados mais de oito dias, a descobrírão quasi em 33°; porêm encontrárão terriveis tempos, e a Náo Belem achava-se reduzida á bomba de roda, e esta quasi desmantelada, e as outras bombas ordinarias vierão de Goa em tão máo estado, que só huma podia trabalhar, e mal.

Nestas circunstancias pedio José Cabreira ao Chefe Antonio de Saldanha, hum Carpinteiro, e hum Calafate, e algumas cousas necessarias para a bomba; porque os dois Carpinteiros, e os dois Calafates que trazia, estavão incapazes de serviço. O máo tempo, e circunstancias particulares lhe embaraçárão receber este auxilio.

Neste tempo hia crescendo a agua, porque a Náo, com os grandes balanços que dava, cuspia a estopa; e á 13 de Junho lhe deo hum rijo temporal, a que se seguio outro, que obrigou a correr com elle em papafigos, para fugir ao mar, levando o farol acceso por lhe ficar a Capitanea na pôpa, a qual nunca mais se vio.

Os Pilotos fazião-se com a Bahia de S. Braz; e como o tempo continuava tormentoso, e as bombas não vencião a agua, se estabelecêrão gamotes, trabalhando todas as pessoas, sem exceptuar as mulheres, em acudir ao que era necessario. Decidio-se em hum conselho ge-

ral, que a Náo estava incapaz de soffrer por mais tempo os mares, e que se devia correr ao largo da Costa para tomarem o lugar, que podessem.

Os paióes da pimenta arrombarão-se, e deslizando esta no porão, entupio as bombas, e até embaraçava os gamotes; descobrio-se tambem, que a maior parte da agua estava pelo coral da prôa, e havia já dez palmos della no porão, e ainda crescia a cada momento. Tentavão passar por baixo da prôa huma véla bem estopada (meio de que se servio com vantagem o Capitão Cook), para vedar por este modo a entrada da agua; porêm o tempo não permittio pôr em execução este projecto.

Tinha-se alijado ao mar tudo quanto era possivel, posto que o navio não vinha mui carregado; porque se viesse como costumavão vir quasi todos, depressa teria ido a pique. Determinou-se a final, por parecer unanime, que se buscasse a terra para encalhar quanto antes, visto que a Náo estava com a prôa quasi mettida debaixo d'agua, e nem os gamotes podião já trabalhar, por causa da pimenta amassada no porão.

A 28 de Junho vírão terra em 32°, que he quasi o principio da Terra do Natal; e chegando a ella sobre a tarde, derão fundo a hum ferro. Posta a lancha fóra, sahio nella José Cabreira com trinta e oito homens armados, e sem mantimento algum pela brevidade com que partio; mas a escuridão da noite, e a braveza do mar, que rebentava em flor na Costa, não permittio que desembarcassem; e voltando no dia seguinte para bordo, não podérão tomar a Náo, de que os afastava o mar, e a corrente. Nesta extremidade pozerão a todo o risco a prôa em terra, onde milagrosamente saltárão todos, arruinando-se a lancha.

Os da Náo quando virão voltar a lancha para terra, a derão por perdida; e picando a amarra, e largan-

do o traquete, sendo o vento Levante, forão encalhar em huma praia proxima de hum Rio, que sahia ao mar, e pelo qual entrava a maré; porêm não o enxergárão nessa occasião, por ser baixamar, e rebentar muito o mar nas arêas, que cercão a sua foz. Abonançou depois o tempo, e passárão a noite a bordo. Os Cafres tinhão descido á praia em numero de mais de oitocentos; mas as armas de fogo, que o Commandante teve o bom acordo de levar, os contiverão. Desembarcada a salvo toda a gente, se alojárão todos os Portuguezes em terra com boa ordem, e grandes cautelas, por serem os Cafres mui ladrões, que só os continha o receio das armas, como succedeo em hum assalto que na primeira noite derão ao campo, no qual forão rechaçados com perda sua, e ficárão espantados do effeito das balas de mosquete.

Esta terra era de tão bons ares, que todos os doentes convalecerão em breve, á excepção de quatro, ou cinco, e nunca adoeceo pessoa alguma. Os Cafres erão grandes, robustos, e de bom aspecto, e tão ligeiros, que corrião por cima das serras mais fragosas, como gamos: cobrião-se com capas curtas de couro de boi, curtidas por tal modo, que ficavão macias como panno: as suas armas erão zagaias com seus ferros bem feitos; e rodelas de couro de elefante; acompanhavão-se de muitos cães, que lhes servião para a caça dos animaes silvestres; porque havião no Paiz elefantes, bufalos, tigres, leões, e porcos montezes; assim como caça volatil, e do matto de toda a especie. Criavão estes Cafres mui formoso gado vaccum, e lavravão grandes sementeiras de milho.

Achou José Cabreira acertado mudar o seu campo á outra margem do Rio, e alli formou huma povoação de cabanas com boa policia, e estabeleceo commercio com os Cafres, que lhe vendião mantimento a troco de pedaços de cobre, mercadoria a mais estimada daquel-

les barbaros. Como a Náo durou dezesete dias encalhada, até que se queimou por desastre, e tinha escapado intacto o escaler, por meio deste se tirárão muitos víveres, massame, e outros artigos, incluindo as malas das cartas, toda a pedraria, aljofar, ambar, e almiscar, que tudo se registou, e pôz em boa arrecadação; e o Commandante concebeo a feliz idéa de construir duas embarcações, em que coubesse toda a gente. Esta obra parecia impossivel, mas o talento, a actividade, e o zelo com que todos nella se empregárão, a tornou facil, não havendo mais do que dois Carpinteiros com tres machados, huma serra, e quatro marrões.

A 20 de Julho começou-se a cortar a madeira: erão as embarcações duas, a huma derão o nome de Senhora da Natividade, e á outra de Senhora da Boa Viagem, cada huma com sessenta palmos de quilha, vinte de boca, e nove de pontal, as quaes ficárão promptas no Rio a 10 de Janeiro de 1636. Embarcou José Cabreira na primeira com todos os Officiaes da Náo, e toda a riqueza, levando cento e trinta e cinco pessoas, incluindo dez escravos. Na segunda foi por Commandante Estacio de Azevedo Coutinho, com o Piloto Manoel Neto, conduzindo ao todo cento e trinta e sete pessoas, inclusos nove escravos; e a 28 de Janeiro sahírão do Rio com bom vento Levante em busca do Cabo de Boa Esperança, cujo vento se mudou logo ao N. O. tormentoso, separando-se a Boa Viagem, de que o Author da Relação não falla mais.

Ainda que a distancia do Rio d'onde vinhão (a que pozerão o nome de Rio da Praia) ao Cabo de Boa Esperança seria de cento e setenta leguas, andárão vinte e dois dias á vista da terra, sem poderem dobrar o Cabo; e por não perderem o caminho, que havião ganhado, surgírão na Bahia da Alagoa, d'onde sahírão com muito perigo; e finalmente em Fevereiro montárão o Cabo, e

e navegando ao longo da Costa da Africa Occidental; chegárão a Angola a 10 de Março. Dalli partio José Cabreira para a Bahia a 5 de Maio; e sahindo desta ultima Cidade a 11 de Julho, entrou em Lisboa a 28 de Agosto.

N.B. Faria diz, que ambas as embarcações se salvárão. Vede Asia Portugueza, Tomo 3. Parte 4. Cap. 14.

1635. — Os Hollandezes, animados com a conquista da Parahiba (1), e considerando as grandes forças militares, de que dispunhão, comparativamente ás dos Portuguezes, projectárão fazer huma campanha decisiva, para os expulsar de toda a Provincia de Pernambuco. Mathias de Albuquerque, penetrando os seus intentos, guarneceo o Forte da Nazareth com seiscentos homens, commandados pelo Sargento Mor do Estado Pedro Correa da Gama, e por Luiz Barbalho, Sargento Mor do Terço de Portugal: deixou no Arraial do Bom Jesus o Tenente General de Artilheria André Marin, com quatrocentos e cincoenta Soldados; e a 2 de Março tomou posição em Villa Formosa, a seis leguas do Cabo, com trezentos Portuguezes, alguns Indios, e pouco mais de cem moradores armados, ficando assim proximo dos Rios de Serinhaem, e Formoso, pelos quaes poderia receber os soccorros que viessem de Portugal; sendo tanta a falta de munições de guerra, que houve occasião de acharse com meia arroba de polvora. E sendo-lhe necessario occupar quanto antes Porto Calvo., situado ao Sul do Cabo, destacou a isso o Conde de Banholo com duzentos homens. Cumpre notar, que todas as forças de que dispunha nesta época Mathias de Albuquerque, não passavão de mil e trezentos e cincoenta soldados. Recolheo

(1) Memorias de Duarte de Albuquerque, pag. 171 até 211. — Fr. João José de Santa Theresa, Liv. 5. — Brito Freire, Liv. 8. — Southey, Cap. 17.

elle comsigo em Villa Formosa a Duarte de Albuquerque, ao Governador, que foi da Parahiba, Antonio de Albuquerque, e outros Officiaes Superiores.

No dia 3 appareceo o General Schoppe com huma grossa columna de Infanteria á vista do Forte da Nazareth, e se fortificou a huma legua de distancia, para interceptar os soccorros que viessem por terra: ao mesmo tempo a Esquadra Hollandeza evitava as communicações por mar; posto que, a despeito da sua vigilancia, entrárão no Porto alguns barcos com avisos, e soccorros.

No mesmo dia o Coronel Artisjoski, com outra columna de tres mil homens, e muita artilheria, sitiou em fórma o Arraial do Bom Jesus. Este cerco foi huma serie de assaltos, de sortidas, e de emboscadas, com grande perda de ambas as Nações, ainda que menor da parte dos Portuguezes, que tinhão a vantagem de hum perfeito conhecimento das localidades. Mathias de Albuquerque conservava-se descançado em Villa Formosa, d'onde o quiz expulsar no dia 18 de Março o Sargento Mor de Batalha Andreson, destacado para effeito por Artisjoski com mil homens; mas foi rechaçado antes de chegar aos entrincheiramentos, que cobrião a Villa; e voltando a 11 de Abril com oitocentos Soldados escolhidos, teve alguma vantagem no começo da acção, que durou das dez da manhã até ao pôr do Sol, mas por ultimo se vio forçado a retirar-se, deixando cento e vinte mortos no campo.

Não estavão entretanto as armas ociosas no Cabo de Santo Agostinho, fazendo a guarnição do Forte da Nazareth varias sortidas, e dando os Hollandezes repetidos assaltos ás obras exteriores, de que se retirárão sempre com perda.

O Conde de Banholo achou tambem inimigos em Porto Calvo, onde chegou a 12 de Março. Tinhão os

Hollandezes levantado já hum Forte na Barra Grande, cinco leguas distante, e o Almirante Lichthart, que alli se achava com huma Esquadra, querendo obstar ao estabelecimento do Conde em Porto Calvo, marchou contra elle com seiscentos homens tirados das guarnições dos navios, e do novo Forte. A 15 foi atacado o Conde, que tinha duzentos Soldados, e alguns paizanos, em huma posição que havia escolhido fóra da Povoação, a qual não podendo sustentar contra forças tão superiores, se retirou vagarosamente, com pouca perda, e sem ser perseguido, para a Alagoa do Norte, dezenove leguas mais ao Sul, a que chegou no dia 21. O Almirante em vez de seguir o Conde, contentou-se com saquear Porto Calvo, e deixando alli o Major Alexandre Picard com hum destacamento, se retirou.

O Arraial do Bom Jesus tinha chegado ao ultimo termo da sua vigorosa resistencia, estando arruinadas as obras, mortos cento e cincoenta homens, outros tantos feridos, e acabados os víveres, e munições de guerra. Mathias de Albuquerque, antevendo o resultado dos cercos do Arraial, e Forte da Nazareth, havia expedido ordens no dia 4 de Maio aos seus Governadores para que, antes de consumirem os mantimentos, rebentassem a artilheria, e sahissem de noite com as suas guarnições a reunir-se a elle em Villa Formosa: porêm estas ordens erão inexecutaveis nas circunstancias actuaes.

A 6 de Junho capitulou o Arraial, sahindo a guarnição com todas as honras militares, para ser transportada ás Indias Occidentaes. Custou esta conquista mil e quinhentos mortos e feridos aos Hollandezes, que depois de arrazarem as fortificações, marchárão a unir-se ao General Schoppe, o qual apertou agora o cerco do Forte da Nazareth, em que havia grande fome, e por isso capitulou a 2 de Julho com as mesmas condições do Arraial.

Havia Mathias de Albuquerque recebido a 25 de Junho hum expresso do Conde de Banholo, em que lhe partecipava terem entrado nas Alagoas duas Caravelas de Lisboa, commandadas pelos Capitães Paulo de Parada, e Sebastião de Lucena, trazendo Cartas d'ElRei, e algumas munições; e davão noticia de que a Armada Hespanhola não podéra sahir de Lisboa em Março, como se lhe tinha communicado; e que de certo partiria no mez de Maio. Accrescentava o Conde, que lhe parecia bem, que elle abandonasse Villa Formosa, e se recolhesse ás Alagoas. Concordou o General nesta opinião, bem como todos aquelles, a quem consultou. Esta retirada, ou emigração dos Povos de Pernambuco, que o acompanhárão, offerece hum dos quadros mais lastimosos da Historia Portugueza; eu me dispenso de o desenhar, por ser alheio destas Memorias.

A fortuna quiz dar por despedida a Mathias de Albuquerque huma occasião de se vingar dos Hollandezes. Estavão estes em numero de trezentos, e cincoenta homens em Porto Calvo, por onde passava a linha de retirada dos Portuguezes; e no dia que estes avistárão aquella Villa, entrou nella com outros duzentos soldados o famoso Calabar, que alli havia nascido. A 12 de Julho assaltou o Albuquerque a Porto Calvo, depois de derrotar hum destacamento de duzentos homens, com que o Major Picard, enganado por Sebastião de Souto, sahio a reconhece-lo. Ganhárão logo os Portuguezes alguns pequenos Reductos, e sitiárão duas casas, e huma Igreja em que elles estavão fortificados. Durou o cerco até ao dia 19, em que Picard se rendeo com a condição de sahir com as honras militares, e ser transportado á Bahia com os seus soldados, para serem todos conduzidos a Hespanha, e d'alli á Hollanda: exceptuou-se porêm Calabar, que Ma-

thias de Albuquerque mandou enforcar. Sahio Picard com trezentos, e sessenta homens sãos, e vinte e sete doentes, ou feridos: os Portuguezes não excedião neste momento a cento e quarenta soldados, e alguns Indios. Offereceo Mathias de Albuquerque ao General Schoppe trocar estes prisineiros pelos do Forte da Nazareth; o que elle recusou com frivolos pretextos.

Arrasadas as fortificações de Porto Calvo, e recolhidas seis peças de artilheria (que se enterrárão por falta de transportes), e as armas, e munições que alli se achárão, proseguio o General no dia 23 a sua retirada para as Alagoas, e chegou á do Norte a 29, onde o esperava o Conde de Banholo. Concordárão ambos em que se occupasse a Alagoa do Sul, tanto por ser mais defensavel, como por se achar situada entre os Portos de Jaraguá, Alagoas, e dos Francezes, projecto que logo começou a executar-se; e a 2 de Agosto entrou o General na Alagoa do Sul, d'onde partecipou a ElRei quanto havia succedido: o Conde foi alojar-se seis leguas mais ao Norte, no sitio chamado o Poço.

A 15 de Agosto occupou o Coronel Artisjoski com dois mil homens a Peripueira, oito leguas distante das Alagoas, e duas ao Norte do Poço, na qual construio algumas obras.

Mathias de Albuquerque, esperando cada dia pela grande Armada annunciada de Hespanha, tinha estabelecido intelligencias por toda a Costa de Pernambuco, para que logo que ella apparecesse, lhe levassem a bordo algumas cartas, que depositou em mãos seguras, nas quaes informava o General d'aquella Armada do estado das cousas, e do que se devia emprehender para de hum golpe expulsar os Hollandezes, que desatinadamente tinhão espalhado as tropas em póstos situados a grandes distancias huns dos outros, deixan-

do o Recife, chave de todas as suas possessões, com duzentos homens.

Esta Armada, por quem suspirava o Brasil, sahio finalmente de Lisboa, composta de trinta navios (não achei relação d'elles) Portuguezes, e Hespanhoes. Commandava em Chefe D. Lopo de Hozes e Cordova, e por seu Almirante D. José de Menezes, Fidalgo Portuguez. Da Esquadra de Portugal era General D. Rodrigo Lobo, e Almirante João de Sequeira Varejão. A bordo de D. Lopo embarcou D. Luiz de Roxas e Borja, com Patente de Mestre de Campo General, para succeder a Mathias de Albuquerque; e a bordo de D. Rodrigo Lobo hia Pedro da Silva, nomeado Capitão General do Brasil, que devia render na Bahia a Diogo Luiz de Oliveira. As tropas destinadas para Pernambuco reduzião-se a setecentos Portuguezes, quinhentos Hespanhoes, e quatrocentos Napolitanos, alguns Artilheiros, e Mineiros, e doze peças de varios calibres. Deteve-se a Armada quinze dias em Cabo Verde (mania inseparavel das expedições ao Brasil), onde lhe adoeceo, e morreo alguma gente. Alli fizerão os Generaes hum Conselho, que seria mais prudente ter feito em Lisboa, para se decidir se irião primeiro á Bahia, ou Pernambuco; e assentou-se que fossem avistar o Recife, a fim de tomar informação do estado das cousas, e por ella se resolverem as futuras operações.

Ao amanhecer do dia 26 de Novembro vîrão Olinda, e logo o Recife, onde achárão surtos em franquia nove navios Hollandezes carregados de generos do Paiz, promptos a fazer-se á vela para a Europa; e pela segurança com que estavão, tinhão em terra huma parte dos marinheiros. D. Lopo de Hozes, passando á falla do Almirante Varejão, perguntou-lhe o seu parecer, e respondendo este, que não perdesse a boa occasião de tomar aquelles navios, ambas as Náos arri-

bárão para elles; mas D. Lopo mudou logo de opinião, com o fundamento de que estas Náos demandavão mais agua, que os navios Hollandezes, havendo nas duas Esquadras muitos navios pequenos; e assim os deixou em paz, e continuou a cahir para o Sul, aonde as aguas então corrião.

O General Schoppe, quando vio a Armada de Hespanha, deo o negocio por concluido, e lançando em terra o chapeo, e o bastão, exclamou: *Estou perdido*! Maior seria a sua desesperação se soubesse, que por intelligencias secretas de Mathias de Albuquerque, os moradores de Pernambuco, e mesmo os do Recife estavão avisados, e resolutos a pegar em armas logo que a Armada deitasse gente em terra; e se D. Lopo ancorasse por algumas horas diante desta ultima Praça, receberia as Cartas de Mathias de Albuquerque, e seria cabalmente instruido de tudo.

No Cabo de Santo Agostinho he que D. Lopo soube por hum homem, que veio a bordo em huma jangada, as novidades que devera ter diligenciado adquirir de Olinda, ou do Recife; e agora já era difficil ganhar para barlavento contra as correntes, e ventos da monção. Communicou elle aos outros Generaes as noticias, que acabava de receber, e pareceo a estes, que ao menos se desembarcassem as tropas em Serinhem, e se destacasse huma embarcação a avisar Mathias de Albuquerque, para que se dirigisse promptamente a este Porto. Porêm D. Lopo não annuio a este voto, e seguindo derrota para as Alagoas, ancorou defronte da sua barra ao anoitecer de 28.

Na madrugada seguinte soube Mathias de Albuquerque da sua chegada, e lhe escreveo logo por Martim Soares Moreno, Official mui pratico, e capaz de o poder bem informar de tudo, e na carta lhe dizia, que o desembarque das tropas de soccorro devia ser em Se-

rinhem, ou Rio Formoso, poucas leguas ao Sul do Cabo de Santo Agostinho, ou deste Cabo para o Norte, pois assim ficava dominando a parte mais fertil da campanha, sem receio de achar opposição nos Hollandezes, que estavão dispersos desde a Peripueira até ao Rio Grande, e só com duzentos homens no Recife; e que elle, ao primeiro aviso seu, marcharia por caminhos occultos, que já tinha feito abrir, a unir-se ao soccorro; com que se ganharia o Recife. E que não convinha desembarcar nas Alagoas, por não haver farinha de páo nem para a pouca gente, que alli estava; e achar-se Artisjoski na Peripueira com doze navios, e dois mil homens. A substancia desta carta era a mesma das outras, que lhe escrevera antes, as quaes D. Lopo não recebeo pela sua precipitação em largar o ancoradouro do Recife.

A esta carta respondeo D. Lopo, desculpando-se que não podia demorar-se, por trazer ordens d'ElRei para hir á Cidade da Bahia, e receber a bordo Diogo Luiz de Oliveira, para o conduzir naquella Armada a expulsar os Hollandezes da Ilha de Curaçau, havendo-o ElRei nomeado General desta particular expedição.

A 30 desembarcou D. Luiz de Roxas, e o Tenente General de Artilheria Miguel Giberton com as tropas do soccorro no Porto de Taraguá, huma legua ao Norte da barra das Alagoas, e tres ao Sul da Peripueira. A Armada fez-se á vela para a Bahia a 7 de Dezembro, e a 16 partio por terra para aquella Cidade Mathias de Albuquerque, deixando alli Duarte de Albuquerque Coelho por ordem expressa d'ElRei. Ficou agora exercendo o supremo Commando D. Luiz de Roxas, Official valoroso, pratico das guerras da Europa, mas ignorante das do Brasil; e este erro da Corte de Madrid foi mui prejudicial a Portugal.

1636 — Sahîrão de Lisboa este anno para a India (1) duas Náos, a primeira commandada por Gonsalo de Barros, Chefe da expedição; e a segunda por Antonio de Araujo, que arribou. O Chefe entrou em Goa a salvamento.

1636 — D. Luiz de Roxas (2), querendo entrar em campanha, remetteo para a Alagoa do norte a artilheria, munições, e doentes (que não erão poucos), e deixando alli de guarnição ao Conde de Banholo com setecentos homens, se poz em marcha a 6 de Janeiro com mil, e quatro centos Portuguezes, alêm dos Indios de D. Antonio Filippe Camarão, seguindo huma vereda que mandára abrir pelo meio dos bosques, a qual se achou pessima. Tendo aqui noticia, que o General Schoppe estava descuidado em Porto Calvo com seis centos soldados, destacou o Capitão Francisco Rebello com tres Companhias para o entreter até á sua chegada, devendo antes marchar rapidamente a surprehendelo. Chegado a cinco leguas de Porto Calvo, recebeo aviso do Capitão Rebello, de que já se tinha apoderado dos principaes caminhos, e aprisionando o Secretario de Schoppe; e se levasse maior força, acconteceria o mesmo a este, que na noite de 14 escapou, sem ser sentido, com toda a sua columna, guiado por hum moço natural do Paiz, que o conduzio por atalhos desusados, e o poz a salvo na Barra Grande sem outra perda, que a de vinte e oito homens mais atrazados, que os Portuguezes matárão no alcance.

Entrou D. Luiz de Roxas em Porto Calvo, onde achou viveres, e munições, e sobre hum aviso falso de

(1) Faria e Sousa, Asia Portugueza.

(2) Memorias de Duarte de Albuquerque, pag. 212, até pag. 236 — Brito Freire, Livros 8.º, e 9.º — Southey, tomo 1.º, Cap.º 16 — Fr. João José de Santa Thereza, Part. 1. Liv. 6. — Castrioto Lusitano, Parte 1.ª, Liv. 3.º.

que se conservavão os inimigos na Barra Grande, marchou a elles; mas conhecido o engano, retrocedeo do caminho, e soube com certeza, que Artisjoski tinha sahido da Peripueira com mil, e quinhentos homens em soccorro do seu General, que suppunha cercado em Porto Calvo. Tornou D. Luiz a sahir desta Villa na tarde de 17, a pezar do grande cançasso das suas tropas, para atacar Artisjoski, que se achava d'alli quatro leguas, e tinha incendiado alguns Engenhos: levava elle oito centos soldados, e os Indios de Camarão, deixando inutilmente em Porto Calvo ao Tenente General Manoel Dias de Andrade com o resto das tropas; e seguio a direcção que julgou melhor para cortar os Hollandezes do caminho da Peripueira, onde cria intentavão retirar-se.

Nessa noite, por conselho de alguns Officiaes, destacou D. Luiz o Capitão Indio João de Almeida, bom pratico do Paiz, para reconhecer os caminhos; mas estava tão perto dos Hollandezes, sem o saber, que o Almeida os encontrou a tiro de mosquete, e percebeo que lhe vinhão cortando a retaguarda. No mesmo instante foi esta assaltada dos inimigos, a quem os Portuguezes rechaçárão, colhendo sete prisioneiros. Com isto fizerão alto huns, e outros, aguardando o dia para se reconhecerem.

Ao amanhecer de 18 travou-se huma acção furiosa, havendo alguma desordem na vanguarda de D. Luiz, a carregárão os Hollandezes com tanto vigor, que a rompêrão, e accudindo elle a pé á testa de hum pelotão de piqueiros para a sustentar, foi ferido de huma bala de mosquete em huma perna: querendo então montar a cavallo, recebeo outra no peito, que lhe tirou a vida. A morte do General, influindo sobre o moral das suas tropas, deo a victoria a Artisjoski, o qual vendo-se fóra da má posição em que se achava, não

perdeo hum momento em retirar-se á Peripueira, levando prisioneiro o Sargento Mor Heitor de la Calcha, e deixando duzentos mortos no campo. A perda dos Portuguezes não excedeo a noventa homens entre elles alguns Officiaes de merecimento.

Succedeo no Commando á D. Luiz de Roxas, o Conde de Banholo em consequencia de huma *Via de Successão*, que o primeiro levára de Hespanha. Continuou o Conde pelo resto do anno na mesma guerra de postos, e assaltos que anteriormente se fazia com grave damno dos Hollandezes, que não podião por essa causa tirar fructo algum da Campanha, por onde de continuo andavão partidas soltas, que incendiavão os canaveaes, e destruião as plantações de tabaco, e mandioca; o que incommodou de tal sorte os Hollandezes, que largárão a final os Fortes da Peripueira, e Barra Grande.

Chegárão á Bahia Cartas do Conde de Banholo dirigidas ao Capitão General Pedro da Silva, e aos Generaes das duas Esquadras, que ainda alli se conservavão, em que lhes partecipava a morte de D. Luiz de Roxas, e pedia que na sua volta avistassem a Costa de Pernambuco; porque segundo as poucas tropas, e navios com que os Hollandezes se achavão, quiça haveria occasião opportuna de tentar alguma facção util. Chamou Pedro da Silva a Conselho, a que tambem assistio Mathias de Albuquerque, o qual era da opinião do Conde de Banholo, e se offereceo a servir de Voluntario; mas tudo foi inutil, porque D. Lopo se escusou com as ordens positivas, que tinha para hir á expedição de Curaçau com Diogo Luiz de Oliveira, o que não teve effeito, pois que sahio depois sem elle, levando sómente a sua Náo Capitanea, a Almirante, e hum Patacho, e quatorze leguas ao mar da Bahia encontrou huma Esquadra Hollandeza de oito navios,

com que pelejou, recebendo delles tanto damno, que se recolheo á Bahia. E da segunda vez, que sahio, tambem não levou a Diogo Luiz, que partio para Lisboa com D. Rodrigo Lobo, e o resto da Armada, dando comboi a huma Frota de navios mercantes.

1637 — Neste anno (1) foi por Chefe de duas Naos da Carreira João de Mello, sendo Commandante da outra Aires de Sousa. Ambas chegárão a Goa.

1637 — A 23 de Janeiro (2) chegou ao Recife João Mauricio, Conde de Nopau, primo do Principe de Orange, para Governador Geral de todas as Praças Hollandezas conquistadas no Brasil: trazia por Assistentes tres Commissarios da Companhia Occidental, e dois mil, e sete centos soldados. Logo que o Conde se informou do estado das coisas, resolveo atacar com todas as forças reunidas ao Conde de Banholo, e perseguillo até o forçar a passar o Rio de S. Francisco. Tinha para executar este plano cinco mil, e quinhentos, e cincoenta Hollandezes, e quinhentos Indios, e Negros bem armados; e quarenta navios de guerra. No dia 30 embarcou Arteijoski com dois mil homens, e a 12 de Fevereiro ancorou na Barra Grande, onde se conservou embarcado esperando a chegada do Conde de Nassau, que marchava por terra com o resto das tropas.

Achava-se o Conde de Banholo em Porto Calvo, base das suas operações, e sabendo da vinda de Nassau, convocou hum Conselho de Guerra, em que Duarte de Albuquerque propoz hum plano de guerra offensiva, combinada com a defensiva, calculado sobre o

(1) Faria, Asia Portugueza.

(2) Memorias de Duarte de Albuquerque, pag. 237, até 259 — Fr. João José de Santa Thereza, Parte 1., Livros 6., e 7. — Castrioto Lusitano, Parte 1., Liv. 3. — Brito Freire, Liv. 9. — Southey, tomo 1., Capitulos 16, e 17. —

systema de aggressão que suppunha aos inimigos. O tempo justificou o acerto das suas ideas: mas o Conde de Banholo seguio outro plano: mandou recolher as tropas que guardavão a margem do Rio de Una, que os Hollandezes forçosamente havião passar; e deixando no Forte mal acabado, e mal armado de Porto Calvo ao Tenente General da Artilheria Miguel Gibertou com trezentos soldados (muitos delles doentes), e os Artilheiros, e Mineiros com as munições, e artilheria que vierão de Portugal, foi tomar posição a pouca distancia no sitio chamado o Outeiro de Amador Alvares, em que começou a construir dois Reductos, hum dos quaes guarneceo com tres canhões; e alli esperou os inimigos.

O Conde de Nassau, proseguindo a marcha, veio passar o Rio de Una sem opposição no dia 16 (de que devia ficar bem admirado!), e se ajuntou com Artisjoski, que desembarcou apenas soube desta passagem; e reunidas todas as forças, marchárão na madrugada de 17 para Porto Calvo, cinco leguas distante.

Avançou o Conde de Banholo hum reconhecimento, que encontrou os Hollandezes a duas leguas de Porto Calvo; e com esta noticia ordenou ao Tenente de Mestre de Campo General Almiron, que os fosse atacar com quinhentos soldados, trezentos Indios do commando de Camarão, e oitenta Negros de Henrique Dias. Era quasi noite quando Almiron se achou na presença dos Hollandezes a tiro de mosquete; e cada qual fez alto onde estava, esperando a manhã. Occupavão os Hollandezes hum terreno elevado, e no cume construírão huma bateria entrinxeirada com quatro peças de campanha, que toda a noite jogárão contra o campo dos Portuguezes: estavão estes em huma baixa, junto a hum riacho, em que levantárão hum entrinxeiramento, com sua palissada, e nos flancos emboscárão alguma

gente. Nessa noite enviou Banholo hum reforço de trezentos homens, conservando-se na mesma posição que havia escolhido, com o resto das tropas, que de nada alli lhe servião, pela grande distancia, e poderião servir de muito na batalha decisiva, que Almiron hia dar com menos de mil homens, sem artilheria, a seis mil inimigos, que trazião alguns canhões.

A's oito horas da manhã do dia 18 atacárão os Hollandezes em tres columnas a linha dos Portuguezes, que depois de os rechaçar duas vezes, foi rota ao terceiro ataque; mas a perda não excedeo a quarenta e dois mortos, inclusos tres Officiaes, e vinte e oito feridos e quatro Officiaes prisioneiros; porque em hum terreno tão coberto de bosques, e de matos, he facil, e segura a retirada aos que são praticos no Paiz. Huma parte dos Soldados tomou logo o caminho das Alagoas, e o maior numero retirou-se ao campo do Conde de Banholo. Este, em sabendo da derrota, partio immediatamente para as Alagoas, levando comsigo a Duarte de Albuquerque, e ao Tenente General Andrade; e deixou coisa de oito centos homens a Almiron para comboiar áquelle districto os moradores, que se quizessem retirar, como fizerão muitos, sem que os Hollandezes os seguissem.

O Conde de Nassau, satisfeito da sua victoria, poz cerco a Porto Calvo, que se rendeo a 6 de Março, sahindo a guarnição com as honras militares, para ser transportada ás Indias Occidentaes.

Entrou o Conde de Banholo na Alagoa do Sul a 25 de Fevereiro, e no dia seguinte chegou Almiron com a sua columna, e o comboi dos moradores, os quaes soffrêrão as mesmas inclemencias, e desgraças da antecedente emigração; mas não se dando o Conde alli por seguro, continuou a 10 de Março a retirada para a Villa de S. Francisco, vinte leguas distante, edificada

sobre o Rio do mesmo nome, que desagua no mar oito leguas mais abaixo, na qual entrou no dia 17. Este Rio tem hum quarto de legua de largura, e em partes menos, com huma barra capaz de embarcações de duzentas toneladas: a sua corrente he grande, e as cheias são na estação do Verão. As margens são abundantissimas de pastos, em que vaguêa immenso gado vaccum. Nelle acaba a Provincia de Pernambuco pela banda do Sul, e começa o districto de Sergipe d'ElRei, que faz parte da Provincia da Bahia.

Não se dilatou muitas horas o Conde de Banholo, e no dia seguinte começou a passar o Rio, cuja operação concluio a 26 com precipitação, e alguma perda, já quasi com os Hollandezes á vista, os quaes entrárão ao outro dia na Villa; e o Conde de Nassau, deixando nella ao General Schoppe com mil e seiscentos dos melhores Soldados, voltou com o resto das tropas para o Recife.

A 31 de Março chegou Banholo á Cidade de Sergipe, vinte e cinco leguas distante da Villa de S. Francisco, e mais de sessenta da Bahia, d'onde escreveo ao Capitão General Pedro da Silva, offerecendo-se a hir soccorrelo, por julgar que Nassau, em concluindo as fortificações do Rio de S. Francisco, passaria a atacar aquella Capital. Não acceitou Pedro da Silva a offerta, duvidando que o General Hollandez tivesse similhante projecto. Em consequencia desta negativa, ficou o Conde de Banholo em Sergipe, mandando dalli partidas além do Rio de S. Francisco para devastarem a campanha, na qual causárão grandissimos damnos; e avisou a ElRei pelo Tenente General Andrade de tudo quanto havia occorrido.

A 27 de Junho chegou o Almirante Lichthart com dezoito navios á Villa dos Ilheos, trinta leguas ao Sul da Bahia, e queimando huma embarcação mercante,

que alli achou, quiz saquear a Villa, d'onde foi expulso pelos seus moradores, e se retirou com huma bala de mosquete em huma perna, de que ficou aleijado.

A 8 de Junho partio do Recife João Koin, membro do Governo Supremo, com mil, e quinhentos Soldados em dez navios, para atacar o Castello de S. Jorge da Mina. Havia Nicoláo Van Yperen, Commandante do Forte Hollandez da Morea, situado naquella mesma costa, dado aviso ao Conde de Nassau, de ter agora huma occasião opportuna de ganhar aquella importante Colonia, por haver elle conseguido ligar intelligencias com alguns Officiaes, e Soldados da guarnição; e talvez com o proprio Governador. Chegado Koin á Costa de Africa, communicou-se com Van Yperen, e fez Tractados com alguns dos Regulos do Paiz, que se obrigárão a ficar neutros. Dividio Koin as suas tropas em tres Batalhões; o primeiro commandado por Guilherme Latan; o segundo por João Godlaat, e o terceiro por elle; e nesta formatura marchou para o Castello. Os Negros alliados dos Portuguezes sahirão subitamente dos bosques, e matárão logo o Commandante, e muitos Officiaes, e oitenta Soldados do primeiro Batalhão; mas em vez de atacarem os outros, lançárão-se sobre os mortos, para lhes cortarem as cabeças, segundo o seu costume. O segundo Batalhão os carregou no meio desta desordem, e os poz em fuga de maneira, que não apparecêrão mais durante o cerco.

Abrio Koin hum caminho por meio dos bosques até ao cume de hum monte, que dominava o Castello, e nelle estabeleceo huma bateria, de que começou a lançar bombas, que nenhum damno causárão ao Castello. Alguns Negros, que elle tinha attrahido ao seu partido, assaltárão a Cidade, e fórão rechaçados. A pesar disto, o Governador capitulou fracamente quatro dias depois da chegada dos Hollandezes, achando-se a Pra-

ça munida de boa artilheria, muitas munições de guerra. As condições fôrão, que a guarnição seria transportada á Ilha de S. Thomé, levando cada individuo sómente o que tivesse vestido. Koin, deixando boa guarnição no Castello, voltou para o Recife.

A 16 de Agosto chegou de Lisboa á Bahia Luiz Barbalho com quatro Caravelas, e duzentos e cincoenta Soldados, fazendo parte de hum Terço de oitocentos homens, que se organizava em Portugal, de que elle vinha por Mestre de Campo.

Avisado o Conde de Banholo de que Schoppe havia passado o Rio de S. Francisco com tres mil, e quinhentos homens, se pôz em retirada para a Bahia, sahindo de Sergipe a 14 de Novembro, e a 29 chegou á Torre de Garcia de Avila, quatorze leguas ao Norte da Bahia, onde se alojou. O General Schoppe entrou em Sergipe tres dias depois da sua partida, e queimando a Cidade (menos as Igrejas), e oito Engenhos, voltou nos fins de Dezembro para o Rio de S. Francisco.

Outra conquista fizerão os Hollandezes a 20 deste mez de Dezembro, porque mandando-se offerecer os Indios do Seará ao Conde de Nassau para o ajudarem a tomar hum Reducto, que os Portuguezes alli tinhão, guarnecido com vinte homens, e duas peças de artilheria, destacou quatro navios, e duzentos Soldados, que unidos aos Indios, facilmente o ganhárão.

1638 — A Esquadra da India (1) foi este anno de duas Náos; era seu Chefe João Soares Vivas, e Commandante da outra João Cardoso de Almeida.

(1) Manoel de Faria e Sousa, na lista das Armadas que poz no fim do tomo 3. da Sua Asia Portugueza, não concorda com o que diz no corpo da sua Historia, relativamente a este anno, e ao de 1640.

1638 — A 2 de Abril (1) soube-se com certeza na Bahia, que o Conde de Nassau a vinha atacar, e não poderia tardar muito. Achava-se esta Cidade quasi aberta por todas as partes, falta de viveres, e munições, e unicamente com mil quinhentos homens de guarnição, divididos em dois Terços, e algumas Companhias de Milicias pouco disciplinadas. O desalento dos habitantes foi tanto com esta inesperada noticia, que se a Providencia não tivesse alli conduzido o Conde de Banholo com as tropas de Pernambuco, em numero de pouco mais de mil homens, infallivelmente abandonarião a Cidade, como fizerão em 1624.

O temor do perigo reunio as vontades para todos se empregarem nos trabalhos das fortificações mais indispensaveis, a que desde logo se acudio, não se isentando d'elles o Bispo, o seu Clero, e os Religiosos. Levantou-se hum novo Baluarte junto ao Convento de S. Francisco, defronte do sitio das Palmeiras, posição de que D. Fradique de Toledo bateo a Cidade quando a restaurou.

A 14 de Abril appareceo a Esquadra Hollandeza proxima á Tapoã, na qual vinha o Conde de Nassau com cinco mil Soldados, e oitocentos Indios. Naquelle dia, e no seguinte fingio querer desembarcar naquellas praias, levando tropas nas lanchas, mas a 16 pelas duas horas da tarde entrou pela Bahia com quarenta navios, de que era Almirante João Mastio, e foi surgir junto da ponta de Tapagipe, a huma legua da Cidade. Pelas cinco da tarde, debaixo da protecção dos seus navios, desembarcárão tres mil homens na praia, que ficava entre as Ermidas da Senhora da Escada, e

(1) Brito Freire (que acaba aqui a sua Historia), Liv. 10. — Memorias de Duarte de Albuquerque (acabão neste anno), pag. 260, até 287 — Fr. João José, Parte 1., Liv. 7. — Castrioto Lusitano, Parte 1., Liv. 3. — Southey, tomo 1., Cap. 17. —

S. Braz, e alli passárão a noite. Na madrugada seguinte marchárão a occupar hum monte superior ao Engenho de Diogo Moniz Telles, no qual fizerão alto; porêm o Engenho foi logo guarnecido por algumas tropas Portuguezas, que seguírão por terra o movimento dos navios; e após estas tropas chegou o Capitão General Pedro da Silva, o Conde de Banholo, e Duarte de Albuquerque com todas as forças disponiveis; e tomárão posição em outro monte a tiro de canhão do inimigo. Por espaço de duas horas se observárão huns aos outros, e por conselho de Banholo se recolhêrão os Portuguezes, parecendo ao Conde imprudencia arriscar huma acção, de cujo máo successo seria a perda da Cidade a necessaria consequencia. Mas os da Camara, convocando o Povo a toque de sino, o amotinárão contra os Generaes querendo por força que se désse batalha aos Hollandezes. Tanto receavão os trabalhos do cerco! Custou muito ao Bispo, e a Duarte de Albuquerque socegar os animos da multidão com a promessa, de que se atacarião os Hollandezes.

Sahio com effeito no dia 20 o Conde de Banholo com as tropas de Pernambuco, e os dois terços da Bahia a buscar os Hollandezes, que já não encontrou, por haverem mudado de posição; e retirando-se para a Cidade, não o quiz fazer o Mestre de Campo D. Fernando de Lodonha, Commandante de hum d'aquelles dois Terços; ainda que pouco depois o obrigárão os Hollandezes a obedecer, expulsando o d'aquelle posto.

Como as tropas da guarnição da Cidade recusavão obedecer ao Conde de Banholo, e as de Pernambuco ao Capitão General, o que embaraçava a boa ordem do serviço, tinha este transferido ao Conde toda a sua authoridade militar; e desse momento em diante desenvolveo a Banholo tanto zelo, actividade, e talentos, que fez emmudecer a inveja, e concorrerem todos para a

defensa. Em consequencia, levantárão-se em breve novos Reductos, e entrincheiramentos nos pontos mais accessiveis; fizerão-se plataformas, e cartuxame de artilheria, que não havia, e dispoz-se tudo para huma vigorosa resistencia. Estas acertadas medidas devião fazer arrepender o Conde de Nassau de não assaltar a Cidade com todas as suas forças de mar, e terra logo que desembarcou; porque segundo o estado em que ella ainda se achava, e a divisão que reinava entre os Portuguezes, era provavel que a ganhasse.

No dia 21 tomárão os Hollandezes sem resistencia o Forte de Monserrate, situado em huma praia a meia legua da Cidade. Era seu Commandante o Capitão Pedro Alvares de Aguirre, velho decrepito, que tinha alguns Soldados da guarnição, e seis peças de pequeno calibre. Ao anoitecer deste mesmo dia assaltárão os Hollandezes com mil e quinhentos homens hum entrincheiramento, que se andava construindo na Ermida de Santo Antonio, pouco adiante da porta do Carmo, posto o mais importante para a defensa da Cidade por aquella parte; porêm sendo sentidos, fôrão rechaçados com perda de duzentos homens, por se acharem então alli o Capitão General, e o Conde de Banholo com as melhores tropas: a perda dos sitiados não excedeo a vinte e seis homens, inclusos quatro Officiaes. Se os Hollandezes atacassem com todas as suas forças, talvez ganhassem o entrincheiramento, que não estava concluido, e nesse caso a Cidade corria imminente risco, porque a porta do Carmo ainda não se podia fechar, nem estava em termos de resistir: do mesmo modo se achavão outros pontos do recinto, que em tão pouco tempo não havia sido possivel pôr a abrigo de hum golpe de mão. Acabado a final o entrincheiramento, e guarnecido com o seu fosso, e quatro peças grossas, ficou sempre alli hum Terço de guarda.

No dia seguinte 22 ganhárão os Hollandezes, quasi sem perda, o Forte de S. Bartholomeu, que lhes difficultava o desembarque: commandava o o Capitão Luiz de Vedoy, tendo setenta Soldados de guarnição, e dez canhões, com que poderia defender-se alguns dias.

Hum caso accontecido neste tempo deo motivo a suspeitar-se, que os inimigos tinhão intelligencias na Praça: indo-se buscar polvora hum dia antes de amanhecer, achou-se atravessado debaixo da porta do armazem hum murrão meio acceso; nunca se pode descobrir o author deste attentado.

O Almirante Hollandez distribuio tão mal os seus navios, que entravão, e sahião a salvo as embarcações com mantimentos; e por terra não faltavão os soccorros. No dia 28 chegárão do Sertão duzentos e cincoenta bois; e pouco depois outros duzentos. As sortidas dos cercados fazião grande damno aos sitiantes, e de continuo conduzião prisioneiros, que davão noticias de todos os seus projectos.

As tropas de Pernambuco tinhão já passado dois annos sem soldos, e em attenção aos seus bons serviços a Camara da Bahia lhes mandou dar depois 16$ cruzados como gratificação.

No 1.º de Maio começárão os Hollandezes a bater a Cidade com seis canhões da parte da Ermida de Santo Antonio, e como descobrião a rua, que conduzia áquella bateria, matávão alguns homens, e damnificavão as casas.

A 5 entrárão dois barcos com farinha, e por terra oitenta bois, e a 8 entrárão mais 200, e hum rebanho de ovelhas. A 9 formárão os Hollandezes outra bateria de duas peças de 24, com que causavão damno, por descobrirem d'aquelle ponto a Cidade. A 10 chegou de noite o Capitão Manoel Mendes Flores, Com-

mandante do Morro de S. Paulo, por ordem que para isso recebeo, com cento e cincoenta homens, dos duzentos que alli tinha de guarnição. As Pinaças, e lanchas dos Hollandezes fazião neste meio tempo incursões pelo Reconcavo, buscando mantimentos, e objectos de saque; e assassinavão barbaramente os habitantes, e as suas familias que podião surprehender.

A 18 pelas sete da tarde assaltou o Conde de Nassau com tres mil homens, juramentados a vencer, ou morrer, o entrinxeiramento de Santo Antonio; e no primeiro impeto ganhárão os Hollandezes o fosso, e começárão a escalar as trinxeiras. Como senão fez nenhum ataque falso, que divertisse as forças dos sitiados, accudírão alli todas as tropas da Cidade, e fazendo huma sortida de outro ponto tomárão em flanco, e de revez aos que estavão no fosso. Puchou o Conde de Nassau pelo resto das suas forças, para sustentar o assalto, ou favorecer a retirada dos seus, o que não era facil. Deo-se aqui huma verdadeira batalha, em que a final os Hollandezes fôrão derrotados, e expulsos depois de tres horas de conflicto, deixando nas mãos dos Portuguezes cincoenta e dois prisioneiros, muitas armas, e instrumentos de expugnação. Pedio Nassau, e obteve huma suspensão de armas de seis horas, para retirar os seus mortos de que levárão trezentos e vinte sete. Dos sitiados morrêrão trinta, inclusos oito Officiaes, e ficárão feridos oitenta.

A 20 entrárão na Cidade mil bois. A 26 amanheceo deserto o campo dos Hollandezes, que abandonárão quatro peças de 24, muitas armas, e ferramentas, mil barricas de farinha, outras muitas de arroz, e legumes, e os fornos com o pão a coser. Os Fortes, que havião tomado, ficárão com toda a sua artilheria. Embarcárão no mesmo lugar em que tinhão desembarcado; e detiverão-se dois dias na entrada do Porto. Du-

rante o cerco disparárão contra a cidade 1446 balas, e perdêrão quasi mil homens mortos, e feridos.

A 28 entrou a salvo hum navio Portuguez vindo da Cidade do Porto, e nessa mesma noite sahírão os Hollandezes para Pernambuco.

A 17 de Novembro entrou na Bahia huma Esquadra Hollandeza de dez naviós, e dois Patachos: surgio defronte de Tapagipe, e desembarcando alguma gente, saqueou hum Engenho, e a 3 de Dezembro sahio do Porto.

1638 — Resolveo-se finalmente no Gabinete de Madrid fazer hum grande esforço para expulsar os Hollandezes de Pernambuco; ao menos foi este o motivo ostensivel das duas Esquadras, que se armárão em Lisboa, e Cadix (de que não achei a relação) (1), sommando mais de oitenta navios. Nomeou ElRei para General em Chefe, e Governador do Brasil, ao Conde da Torre D. Fernando Mascarenhas. Sahio de Lisboa nos fins de Outubro de 1638, e foi esperar nas Ilhas de Cabo Verde pela Esquadra de Cadix, demora que lhe custou mais de mil homens fallecidos de doenças, em que entrou o seu Almirante Francisco de Mello e Castro.

Reunidas as Esquadras, seguiraõ a sua derrota, e a 10 de Janeiro do anno seguinte vírão o Recife. O Conde da Torre, ou porque levasse para isso ordens particulares, ou pela multidão de doentes de que hião empachados os seus navios, não se deteve diante d'aquella Praça, e proseguio a sua navegação para o Sul. Enviou o Conde de Nassau duas embarcações ligeiras em seu seguimento, para observarem o Porto que tomava, crendo que surgiria em algum d'aquella Costa,

(1) Portugal Restaurado, tomo 1., Liv. 2. — Southey, tomo 1., Cap. 17 — Castrioto Lusitano, Parte 1. Liv. 3. — Fr. João José de Santa Thereza, Parte 1., Liv. 7. —

para desembarcar as tropas; porêm recebendo a agradavel noticia de que ficava ancorado na Cidade da Bahia, prevenio a sua Esquadra para o esperar na volta.

Deteve-se o Conde da Torre hum anno naquella Capital, onde os Hollandezes tinhão boas intelligencias, por cujo meio sabião no Recife quanto alli se fazia, e premeditava; e os seus navios cruzadores interceptavão os Despachos, que o Conde expedia para Madrid.

Enviou este por terra a Pernambuco a André Vidal de Negreiros, e os Officiaes mais praticos dos caminhos, e veredas d'aquella Provincia, com algumas tropas, dando-lhes instrucções para assolarem todo o Paiz (como fizerão), e em certo tempo se aproximarem da Costa, e descobrindo a sua Armada, a seguirem até ao Porto em que ancorasse, a fim de se encorporarem logo com as tropas, que elle desembarcasse, e cercarem o Recife da banda da terra, em quanto elle o sitiava por mar.

Nos principios de Janeiro de 1640 sahio da Bahia o Conde da Torre com toda a sua Armada, e a flor das tropas da Bahia, alêm das que levára de Hespanha: de humas, e outras escolheo dois mil homens para o desembarque projectado. Navegou com vento em popa até á Barra Grande; e acconselhado, que desembarcasse aqui as tropas, não o quiz fazer por ser longe. Avistou depois Tamandará, dezesete leguas ao Sul do Recife, e dando-se-lhe o mesmo conselho, o rejeitou. Começando agora a experimentar ventos violentos, e grandes correntes para o Norte, encontrou a Esquadra Hollandeza sahida do Recife com vinte navios, e alguns Patachos. No dia 12, entre Tamaracá e Goiana, combatêrão ambas em desordem: os Hollandezes perdêrão o seu Almirante, e tiverão hum navio a pique. Succedendo huma bonança de tempo de algumas horas, e mettida em ordem a Esquadra Hespanho-

la para huma acção geral, avistárão os Hollandezes; que conservavão o barlavento. Tornou a crescer o tempo furioso, e as Esquadras fôrão arrastadas para o Norte. No dia seguinte, achando-se entre Goiana e Cabo Branco, tiverão outro combate parcial. A 14 atacárão-se de novo defronte da Parahiba; e a 17, na altura do Rio Grande, travão a ultima acção, em que os Hollandezes se retirárão de todo; e as correntes levavão cada vez mais para o Norte os Hespanhoes. Nestes quatro combates não foi grande a perda das duas Nações; e posto que a victoria ficasse ao Conde da Torre, com tudo as consequencias fôrão favoraveis aos Hollandezes, por se mallograr o cerco do Recife, que não podia resistir naquella conjunctura. O Conde de Nassau ficou tão escandalizado da conducta de muitos Commandantes dos seus navios, que alguns fôrão punidos com pena de morte.

Perdidas finalmente as esperanças do desembarque na Costa de Pernambuco, rogárão os Chefes das tropas da Bahia ao Conde da Torre, que os desembarcasse em qualquer parte, porque se atrevião a hir d'alli á Bahia, atravessando o sertão, o que elle fez no Porto do Touro, quatorze leguas ao Norte do Rio Grande, pondo em terra ao Mestre de Campo Luiz Barbalho com mil, e trezentos homens, e os Terços de Indios, e Negros de Camarão, e Dias Luiz Barbalho fez huma marcha de trezentas leguas das mais trabalhosas, e difficeis; reunio-se no caminho com os Officiaes destacados antes da Bahia: entrárão todos nesta Cidade com pouca perda, deixando arruinadas as possessões dos Hollandezes, e destruidos muitos dos seus destacamentos.

O Conde da Torre seguio viagem para as Indias Occidentaes, onde tinha ordens d'ElRei para hir depois de concluido o negocio de Pernambuco, a fim de

comboiar os Galeões da Prata á Europa. Na sua volta a Lisboa, foi preso na Torre de S. Julião, da qual sahio depois da gloriosa Acclamação d'ElRei D. João IV.

1639 — Neste anno não achei memoria dos navios, que fôrão á India.

1639 — Os desastres das Armas Hespanholas (1) nos Paizes Baixos, que governava o Cardeal Infante D. Fernando de Austria, induzîrão ElRei a aprestar huma Armada para levar tropas, e dinheiro áquellas Provincias. Nomeárão-se duas Cidades maritimas para centros de reunião das tropas, e navios; a Corunha nas Costas do Oceano, e Carthagena no Mediterraneo; ajuntando-se nesta ultima Praça as forças navaes commandadas por D. Antonio de Oquendo, Almirante Real do Mar Oceano; e na outra as que obedecião a D. Lopo de Hoses e Cordova, em numero de perto de cincoenta navios, em que entravão os tres Galeões Portuguezes (alêm de outros de que não achei os nomes), Santa Anna, S. Balthazar, e Santa Thereza, em que D. Lopo tinha a sua insignia, o qual levava sessenta grossas peças de bronze, e seiscentos mosqueteiros, e fôra construido em Lisboa por Bento Francisco, para Capitania de Portugal.

Para servirem nesta guerra da Flandes se organizárão em Portugal quatro Terços de Infanteria; de hum destes foi nomeado Mestre de Campo Belchior Correa da França, e de outro D. Francisco Manoel de Mello: este ultimo constava de quinhentos Portuguezes, e seiscentos Hespanhoes, e se lhe aggregárão depois outros muitos Soldados Portuguezes. Os Terços Hespanhoes, que se completavão nas duas Praças de reunião, erão

(1) Epanaphora 4. de D. Francisco Manoel, testemunha ocular do successo.

cinco, commandados pelos Mestres de Campo D. Jeronymo de Aragão, D. Martim Affonso de Sárria, D. Antonio de Ulhôa (composto de Napolitanos bisonhos) e D. Gaspar de Carvalhal, Conselheiro de Guerra, e o Sargento Mor D. Francisco Palominas.

Para conseguir a gente de que necessitava, tratou a Corte de Madrid com alguns particulares, para apresentarem as recrutas em Carthagena, e Corunha, mediante huma gratificação de vinte e tres cruzados por homem. Seguio-se deste systema, que os Contractadores fazião prender por todas as Cidades de Hespanha os Lavradores, Artistas, e pais de familias sem excepção alguma, assim ajuntárão mais de dez mil homens, escondendo-se entre tanto os que podião servir para a guerra; de maneira, que querendo o Duque do Infantado, e outros Grandes, apromptar certo numero de Soldados a que erão obrigados, e promettendo dezeseis reales (640 reis) de soldo diario, ninguem concorreo a assentar praça.

Como a França tinha preparado hum grande armamento maritimo em auxilio dos Estados Geraes, commandado por Henrique de Escorbeau Sordis, Arcebispo de Bordeaux (1), e se reaçava viesse atacar alguma das Praças de Galliza, recebeo ordem o Marquez de Val-Paraiso, Governador d'aquelle Reino, para se premunir contra qualquer invasão. Em consequencia chamou á Corunha todas as tropas, e ajuntou dezoito mil homens, quasi todos bisonhos, porêm faltavão viveres, e até munições para tanta gente amontoada em huma pequena Cidade, e começárão logo a grassar as doenças. Para obstar a que os Francezes penetrassem no Porto,

(1) Este Prelado guerreiro tinha commandado outra Esquadra Franceza no anno antecedente, e sobre a Costa de Biscaia atacou oito navios de guerra Hespanhoes, dos quaes tomou, ou queimou sete, escapando hum só.

formou-se hum encadeamento de cento e setenta grandes antennas, ligadas topo a topo com boças de ferro, que começava no Forte de Santo Antonio, e acabava no de Santa Luzia, conservando-se sempre na mesma situação por meio de cincoenta ancoras talingadas em boas amarras. No meio desta especie de trinxeira fluctuante deixou-se huma abertura sufficiente para caber por ella hum navio, a fim de poderem entrar, e sahir as embarcações Hespanholas. Este methodo de cerrar o Porto da Corunha, que deo grande brado na Hespanha, era na realidade pouco seguro; e os cincoenta navios de Lopo de Hozes, sendo apoiados por boas baterias em terra, podião com segurança esperar o ataque de toda a Marinha Franceza, se tivesse a temeridade de o emprehender.

A 14 de Junho, não estando ainda concluida a mencionada linha de defensa, entrou hum Patacho de Londres carregado de pannos para fardamento das tropas Hespanholas, cujo Mestre entregou huma carta do Arcebispo de Bordeaux, dirigida ao General Hespanhol, em que lhe dizia: *Que havendo apresado aquelle navio, e sendo informado da necessidade dos Soldados Hespanhoes, o mandava de presente, na intelligencia de que Sua Magestade Christianissima não desejava fazer guerra aos seus contrarios com os auxilios do tempo, mas só com a força das Armas.*

Dois dias depois offereceo a Armada Franceza de mais de setenta navios, forçando de vela para dobrar Cabo Prior. O Marquez de Val Paraiso, e o Mestre de Campo Fernando Sanches de Baamonte, Commandante da Infanteria da guarnição, não tinhão ainda nomeado as tropas para os postos que devião occupar em caso de rebate, o que se fez por tanto com grande confusão. Encarregárão-se a D. Francisco Manoel, com o seu Terço, os entrincheiramentos da Marinha, e Forte

de Santo Antonio, em que consistia a principal defensa do Porto; e os outros postos a varios Officiaes. A Cavallaria, pouca, e mal armada, patrulhava pela campanha. Era tanta a escassez de munições de guerra, que se deo ordem expressa de as reservar para o ultimo aperto.

O Arcebispo, depois de reconhecer a cadea de antennas, que julgou impenetravel, contentou-se com disparar de longe algumas balas inuteis. D. Lopo de Hozes mandou então sahir oito navios da Esquadra de Dunquerque, os quaes, sem se alargarem muito do amparo dos Fortes, e dos Galeões, e favorecidos do vento, bordejárão no espaço que mediava entre as duas Armadas, dando, e recebendo descargas, que poucas avarias causárão. Esta manobra insignificante repetio-se por tres dias successivos.

A 23 os navios Francezes mais pequenos fôrão ancorar encostados á terra do Ferrol, a que obrigou o Marquez de Val-Paraiso a fazer partir dois mil homens escolhidos, ás ordens de D. Pedro Bygorri, o qual marchou com tanta diligencia, que a pesar do grande rodeio que foi obrigado a fazer, chegou pela manhã juntamente no momento em que os Francezes, havendo já desembarcado, marchavão descuidados para o Ferrol, que não tinha defensa. D. Pedro os carregou logo com o maior impeto, e depois de huma acção de quatro horas, os forçou a retirar-se para o ponto em que desembarcárão.

O Arcebispo intentava soccorrer os seus, mas saltando o vento ao S. E. com máo aspecto, recolheo no dia seguinte as suas tropas com assás trabalho, e risco, e fazendo-se á vela, buscou abrigo nos Portos da França.

Nos principios de Agosto entrou na Corunha D. Antonio de Oquendo com vinte e dois bons navios de

guerra, embarcado no Galeão S. Tiago de sessenta e seis peças de bronze. Com a sua vinda constava a Armada de setenta navios, em que, além d'elle, e de D. Lopo de Hoses, havião estes Officiaes Generaes: D. Pedro Velez de Medrano, General da Esquadra de Napoles, no Galeão Orfeo; e o seu Almirante D. Estevão de Oliste, Raguez, no Galeão Santo Agostinho, formoso, e riquissimo navio: D. André de Castro, Conselheiro de Guerra, General da Esquadra de Galliza; e seu Almirante Francisco Feijó: Miguel de Orna, valoroso Biscainho, General da bella Esquadra de Dunquerque, no navio Salvador; e o seu Almirante Mathias Rombau no navio Senhora de Monte Agudo: Francisco Sanches Guadalupe, General da Esquadra chamada de S. José, embarcado no grande Galeão Santo Christo de Burgos: esta Esquadra, composta dos doze melhores navios, era preparada por Affonso Cardoso, Negociante Portuguez, em virtude de Contracto com a Coroa: Jeronymo Mazibradi, Raguzez, General de huma Esquadra de nove navios, que elle proprio armou por Contracto; e seu Almirante Matheus Esfrondati, tambem Raguzez: da Esquadra de D. Lopo era Almirante D. Thomaz de Chamburú, Biscainho, velho, e habil marinheiro.

Dos Mestres de Campo, D. Francisco Manoel embarcou no navio S. Francisco, da Esquadra de Dunquerque, commandado por Salvador Rodrigues, Portuguez, que de grumete, e marinheiro dos navios da India, chegou a Almirante: D. Martim Affonso de Sarria na Almiranta de Dunquerque: Bechior Correa da França no navio S. Vicente Ferrer, da Esquadra de Dunquerque, commandada por Francisco Ferreira Portuguez: D. Gaspar de Carvalhal no Galeão S. José: D. Antonio de Ulhôa no Galeão S. Pedro o Grande,

da Esquadra de Napoles; e D. João Ascenso no Galeão S. João.

Distribuião-se cada dia a bordo desta Armada vinte e cinco mil rações, e levava abundancia de munições de toda a especie, e dinheiro para pagar os soldos.

Antes de sahir a Armada da Corunha, suscitou-se a duvida se a devia commandar D. Antonio de Oquendo, que tinha o Titulo de Almirante Real do Mar Oceano, ou D. Lopo de Hoses, que governava muito maior numero de navios; principalmente porque as Instrucções de Oquendo erão em termos geraes, e não comprehendião o caso presente. Para decidir esta questão, chamou o Marquez de Val-Paraiso a conselho os Officiaes Generaes, e o Duque de Villa Formosa, e seu irmão, que tinhão vindo em soccorro da Corunha. A proposta do Marquez continha dois artigos: 1.° Que fôrma se daria áquella Armada, para que tivesse hum Chefe unico? 2.° Como se preencherião melhor os dois fins para que ElRei a destinava? Cumpre advertir, que as Ordens Regias determinavão, que a Armada Hespanhola buscasse a Franceza, e a destruisse; e que tendo-se esta já retirado das Costas de Hespanha, para se hir ajuntar com a de Hollanda (como se receava), a perseguisse, e procurasse destruir mesmo dentro dos Portos de Inglaterra, sem embargo de ser huma Nação amiga, e de se quebrantar a neutralidade; porque a razão d'Estado assim o pedia, por ser mais facil satisfazer depois as queixas d'aquelle Monarcha, do que organizar outra força tal, que podesse arrostar as forças das duas Nações.

Sobre o primeiro artigo, todo o Conselho propendia para dar o commando a D. Lopo, que tinha alli muitos amigos, pelos saber grangear com prudencia, e cultivar com beneficios; ao contrario de Oquendo, ho-

mem de engenho curto, e genio desagradavel. Porêm D. Lopo atalhou a decisão, declarando, e instando, a pesar do voto do Conselho, que elle desistia do commando, e queria fazer a campanha sem Insignia alguma a bordo do seu Galeão Santa Thereza; o que se lhe concedeo, e embarcou com elle o Almirante D. Thomaz de Chaburú. Nomeou tambem o Conselho para Almirante General da Armada a D. André de Castro.

Em quanto ao segundo artigo, concordou-se: Que se a Armada sahisse antes de 15 de Setembro, corresse a Costa de Biscaia em busca da Armada Franceza; mas sahindo depois d'aquelle dia, navegasse para o Canal de Inglaterra, por ser mais certo encontrar nelle os inimigos juntos, ou divididos, para lhes dar batalha. Remetteo-se este voto por Consulta à ElRei para a sua approvação; porêm o Conselho d'Estado, sendo ouvido, resolveo: *Que a Armada navegasse direitamente a Flandes; e se na passagem encontrasse alguma Esquadra inimiga, se aventurasse tudo, a troco de conseguir a sua ruina.*

Recebida esta resolução, tratou-se de apromptar a Armada, a que faltava muita gente para completar o numero de tropas destinadas a servir na Flandes, porque as doenças causadas pelos máos quarteis, e pessima qualidade dos mantimentos, tinhão diminuido de mais de dois mil homens os oito mil, que o Marquez de Val-Paraiso promettera fornecer. Nesta urgencia mandou elle prender pelas Povoações circumvisinhas todos os homens de qualquer qualidade, que fossem, sem excepção; e em poucas horas ajuntou tão grande numero, que fez embarcar em dois dias mais de nove mil homens, a pesar dos clamores dos presos, e de suas mulheres, e filhos que ficavão ao desamparo.

A 27 de Agosto sahio da Corunha toda a Arma-

da: D. Antonio de Oquendo chamou para Commandante do seu Galeão ao General Miguel de Orna, e deo o commando do navio deste a D. Jeronymo de Aragão. Doze navios Inglezes afretados accompanhavão esta expedição, carregados de tropas para Flandres. Navegou a Armada com bom vento até ao dia 11 de Setembro, que achando-se por 48° 40′ de Latitude, conheceo pelas sondas estar na bocca do Canal de Inglaterra, pelo qual entrou com vento largo, e á vista de Cabo Lizart se achou toda reunida, excepto os doze navios Inglezes, que na noite da sahida se amarárão tanto, que nunca mais apparecêrão, e fôrão cahir nas mãos dos Hollandezes; o que muitas pessoas já de antemão suspeitavão.

Todos os navios de guerra, que naquelles tempos navegavão no Canal, erão obrigados a abater a bandeira á Capitanea Real de Inglaterra. Encontrou-se aqui huma pequena Fragata, a qual vindo á falla de Oquendo, pedio *o devido acatamento á Coroa de Inglaterra, na falta da sua Capitanea.* O General Hespanhol respondeo: *Que quando se encontrasse com a Capitanea Real da Grão Bretanha, usaria com ella das cortezias que ElRei seu Senhor lhe mandava; e assim o podia certificar ao General Inglez logo que o visse.*

Fallou-se no dia 15 a hum mercante Inglez, que disse haver encontrado no dia antecedente a Esquadra Hollandeza no estreito de Calé. Com effeito, os Estados Geraes, sabendo da expedição preparada na Corunha, tinhão armado quarenta e quatro navios para a combater, dos quaes dêrão o commando ao famoso Almirante Tromp, sendo seu Vice-Almirante D. Witt, e Contra-Almirante Van Kart. Espalhada aquella noticia, fôrão a bordo de D. Antonio de Oquendo os principaes Officiaes Generaes, para recebe-

rem algumas instrucções de que careciáo; por ser pouco explicito, e claro o Regimento que traziáo; porêm Oquendo não lhes deo outra resposta, senão dizer-lhes: *Ea, Senhores, el inimigo es poca ropa, cada uno haga su mejor, que yo lindo caballo tengo; la Real dará buenos exemplos.*

Gastou-se aquella tarde, e noite em preparativos para huma batalha, descobrindo-se já os inimigos. Amanheceo o dia 16, e achárão-se os navios Hespanhoes separados huns dos outros, e em grande confusão, e desordem. Pelas sete horas da manhã, sendo o vento N. O., distinguírão-se onze navios Hollandezes, que vinhão buscar a Armada; e outros seis mais affastados em differente bordo.

D. Antonio, occupado unicamente no pensamento de combater, sem esperar pelos seus navios atrazados, fez toda a força de vela, e se foi prolongando com a Almirante Hollandeza, seguido dos navios de Dunquerque mais veleiros, que fazião a vanguarda, e do Galeão S. João. Tinha elle dado a todos os Commandantes hum mappa, em que estava marcado a cada hum o seu lugar na ordem de batalha; e como no momento actual não fez signal nenhum, cada Commandante tratou de hir buscar o lugar, que segundo o mappa lhe pertencia, sem attender ás circunstancias (1); de maneira, que alguns, que estavão a barlavento dos inimigos, vendo sotaventeados os Chefes das Divisões a que pertencião, arribárão para elles, o que augmentou a desordem.

(1) Oquendo, na situação em que se achava, não tinha mais, que fazer signal para metter promptamente em linha de batalha, sem attender a lugares; e formada a linha, cercar os Hollandezes, mandando passar para sotavento d'elles huma parte dos seus navios. Más parece, que perdeo a cabeça, e quiz antes ser Commandante de hum navio particular, que General. A Esquadra Hollandeza seria anniquilada em breves horas.

O Almirante Tromp, talvez por ignorar a verdadeira força, e navegação dos Hespanhoes, havia dividido a sua Armada em tres Esquadras: com a primeira, composta dos onze navios melhores, que tomou para si, ficou cruzando sobre as Costas da Flandes; mandou a segunda, commandada por Van Kart para o Norte, a fim de interceptar ós Hespanhoes se quizessem rodear por aquelles mares, como na realidade projectavão primeiro; e enviou a terceira, ás ordens de De Witt, a correr os Portos de Inglaterra, e estes erão os seis navios que se avistárão em outro bordo. Achandose agora diante de hum inimigo tres vezes mais forte do que elle, não recusou a batalha, e formou habilmente a sua Esquadra em huma linha tão cerrada, que o gorupés de cada navio tocava quasi na grinalda do que o precedia.

Como o projecto de Oquendo era abordar o Almirante Hollandez, sem disparar hum tiro, foi-se prolongando com elle por barlavento, mas quando arribou, foi fóra de tempo, e ficou a ré d'elle: tornou então a hir de ló, seguindo entre tanto os Hollandezes a bordo; e querendo elle abordar outro navio, este igualmente o evitou. A Esquadra Hollandeza, que tinha agora despassado a linha dos Hespanhoes, virou por davante ao mesmo tempo, e a Capitanea Hespanhola recebeo na passagem o fogo de toda ella, de que teve grandes avarias, e mais de cento e cincoenta mortos, e feridos. Desenganado Oquendo de que lhe convinha servir-se da sua artilheria, respondeo ao fogo, causando muito damno aos Hollandezes, por tomarem parte na acção os outros navios Hespanhoes, que ficávão na pôpa do General, e a distancia em que se achavão ser tão pouca, que a mosquetaria laborava de huma, e outra parte, em que os Hespanhoes tinhão grande vantagem, pelas muitas tropas, que trazião. No meio desta batalha se reu-

nio com Tromp o Vice-Almirante De Witt com os seis navios do seu commando; porêm os Hespanhoes tinhão já em linha numero sobejo de navios para dilatarem a acção até chegar o resto da sua Armada; e os Hollandezes havião perdido hum dos seus maiores navios chamado o Grão Christovão, que se queimou por accidente, em que morrêrão cento e vinte homens, salvandose os restantes a bordo dos amigos, e inimigos.

Achava-se por ultimo Tromp nas circunstancias mais criticas, não só quasi cercado por forças mui superiores, mas tão abarbado com a Costa de França, que com o vento existente não podia montar naquelle bordo a ponta, que fôrma o arco da Enseada de Bolonha, por lhe demorar a ONO.; e sem isso não podia escapar de naufragar, ou ser tomado; para o que bastava só, que os Hespanhoes continuassem o combate no mesmo bordo.

Tal era a posição das duas Esquadras, quando ao meio dia D. Antonio de Oquendo, deixando a peleja, virou de bordo; o que causou tanto espanto nos Commandantes das Divisões, que só á força de signaes, e tiros de canhão se resolvêrão a seguilo. Aproveitou-se Tromp desta falsa manobra, e da mudança que de tarde houve no vento, para sahir da perigosa situação em que se via; e ao amanhecer estava fóra da Enseada, e a barlavento dos Hespanhoes, e reforçado pelo Contra-Almirante Van Kart com quinze navios; o que o fez resolver a arriscar outra batalha.

Este dia 17 gastou-se de ambas as partes em disposições para o combate, e Tromp, que não queria perder as vantagens da sua nova posição, da qual podião expulsallo as correntes, que são alli furiosas, ancorou com a sua Esquadra; o mesmo fizerão os Hespanhoes, menos o Galeão Santa Thereza, e alguns outros navios mais pesados, que continuárão o bordo, e

fundeárão mais avante. Serião onze horas da noite quando Tromp se fez á vela, e veio accometter os Hespanhoes, havendo ordenado aos seus Commandantes, que se conservassem fóra de tiro de mosquete, confiado na sua artilheria, que era melhor servida. O combate foi horroroso, por ser a noite, ainda que bonançosa, muito escura; mas a perda não correspondeo de parte a parte ao dispendio das munições.

Com a luz da manhã se continuou a pelejar sobre vela, e com mais furia, porêm não com mais união dos Hespanhoes, porque Oquendo nenhumas ordens deo: huma parte da sua Armada achava-se em formatura combatendo com o inimigo, mas o resto espalhado em filas de quatro, e cinco navios a traz da linha. Tromp, organizando a sua Esquadra em duas columnas, penetrou á testa de huma por entre a linha de batalha dos Hespanhoes, e os navios desordenados, que estavão amparados com ella; em quanto De Witt com a outra columna se batia contra a linha Hespanhola, que se achou assim atacada de fronte e de revez. O fogo da columna de Tromp, era terrivel por ambos os bordos, e os Hespanhoes não podião responder-lhe com outro igual na sua posição, porque se offendião huns aos outros. O Galeão Santa Thereza foi o que mais se illustrou nesta acção, rechaçando todos os navios Hollandezes que ousavão aproximar-se d'elle; e era tão rapido o seu fogo, que da banda de estebordo disparou 1520 tiros de canhão. Oquendo igualmente se distinguio mais como Commandante particular, que como General, porque nenhum signal fez, nem menos o Almirante General D. André de Castro. Muitos Commandantes de navios, e alguns Officiaes Generaes se comportárão mal; e mesmo hum delles tentou por duas vezes fugir. O Almirante Francisco Sanches Guadalupe foi partido em duas metades por huma bala de artilhe-

ria; e ao Almirante Mattheus Esfrondati levou huma palanqueta a cabeça: ficou logo o seu Galeão em desordem, e em quanto os Officiaes disputavão entre si o Commando, foi cercado, e tomado por cinco navios Hollandezes, como já havia sido o navio Engueven, Dinamarquez afretado.

A tomada do Galeão de Esfrondati accendeo em ira a Oquendo, e a todos os Officiaes Hespanhoes, que com hum novo vigor atacárão os Hollandezes; mas Tromp evitou a acção, e pelas quatro horas da tarde navegou para Calé, levando a reboque o Galeão, que a pouco espaço largou, por não se empenhar em outro combate. A falta de polvora foi o motivo desta intempestiva retirada, segundo elle proprio confessou depois a D. Francisco Manoel.

D. Antonio de Oquendo, achando-se mais perto das Dunas, que os Hollandezes de Calé, foi dar fundo naquelle Porto.

Não estavão naquella época em boa intelligencia as Cortes de Londres, e de Madrid, e por isso a entrada de tão grande Armada nas Dunas despertou suspeitas, e ideas differentes em Carlos I.; e nos seus Ministros, e mesmo nos Chefes dos partidos em que se dividia aquella Nação, tendo huns os seus interesses identificados com os da Hollanda, e outros com os da França. Augmentou-se esta inquietação com a chegada do Almirante Tromp, que no dia seguinte veio dar fundo com vinte e quatro navios hum pouco mais ao mar das Dunas, como para embaraçar aos Hespanhoes a communicação com a Flandes, e até a sahida d'aquelle Porto.

Tromp havia recebido em Calé quatrocentos quintaes de polvora, e outras munições de guerra, de que tinha grande necessidade; e remettendo para Hollanda os navios maltratados, com o Vice-Almirante De Witt,

pedio novos reforços, que os Estados Geraes preparárão com tão extraordinaria actividade, que em breves dias chegárão ás Dunas cento e dez navios, entre embarcações de guerra, e de transporte, incluindo dezesete Brulotes; alêm de huma Esquadra, que ficou cruzando no Canal para interceptar os soccorros, que viessem da Flandes.

O Cardeal Infante estabeleceo a sua residencia em Dunquerque, e d'alli mandou o Mestre de Campo D. Simão Mascarenhas a tratar com Oquendo sobre o modo de transportar a gente, e dinheiro, e as munições que vinhão na Armada destinadas para aquelles Estados. Assentou-se em hum Conselho secretissimo; *Que o Infante mandasse de Dunquerque o maior numero de embarcações ligeiras de pesca, ou trafico, que lhe fosse possivel, as quaes amanhecendo nas Dunas entre a Armada, e encostando-se cada huma a seu navio, voltarião de noite carregadas, sem serem vistas do inimigo.* Para melhor assegurar o bom resultado deste projecto, ordenou D. Antonio de Oquendo, que treze navios estivessem promptos a fazer-se á vela, sem lhes dizer quando, nem para que.

Na manhã de 27 de Setembro se achárão juntas no Porto das Dunas cincoenta e seis embarcações de Flandes, que os Hollandezes julgárão virem com refrescos para a Armada Hespanhola, e para levarem os seus feridos; e nesta hypothese não fizerão opposição alguma. A's nove horas da noite sahírão os treze navios, que estavão promptos, com todos os barcos carregados, favorecidos de huma espessa nevoa, e pelas nove da manhã entrárão a salvamento em Dunquerque, que distava quinze leguas, á excepção de sete, ou oito com trezentos soldados, que as Fragatas Hollandezas tomárão. O Almirante Tromp avisado deste successo, man-

dou cruzar doze navios sobre aquellas Costas, para evitar segunda passagem.

Seguia-se entretanto em Londres da parte da Hespanha huma negociação com o Governo Inglez, a qual se reduzia; Primo, a que se guardassem as leis de neutralidade naquelle Porto; e em consequencia, como a Armada Hespanhola havia entrado quatro marés primeiro, que a Hollandeza, sahisse tambem quatro marés primeiro que ella. Secundo, que no caso de os Hollandezes se recusarem a este arranjamento, a Esquadra Ingleza accompanhasse a de Hespanha até a pôr fóra dos mares de Inglaterra. Tertio, que não acceitando nenhum destes expedientes, se permittisse aos Hespanhoes comprarem as munições de guerra, de que necessitavão. Os Ministros Inglezes tinhão promettido tudo, mas depois a tudo faltárão; e mesmo a entrega da polvora, que os Hespanhoes havião pago duas vezes, e por exorbitante preço, se dilatava de hum para outro dia.

ElRei Carlos ordenou ao seu Almirante Penington, estacionado em Plymouth, que viesse ancorar nas Dunas, o que elle fez, e no dia 30 surgio ao mar das duas Esquadras com trinta e hum navios Inglezes. Na sua abatêrão os Estandartes as duas Capitaneas inimigas, que estavão no Porto; e ficou elle dando os tiros de alvorada, e de recolher, tocando os seus clarins, a que respondião com os mesmos toques as duas Capitaneas: houverão na sua chegada reciprocas salvas, e cortezias militares: porêm Oquendo não o visitou, como devia, desculpando-se com razões mais de disciplina, que de urbanidade; não assim Tromp, que com elle conviveo em alternadas visitas, e convites.

D. Antonio de Oquendo, para reforçar do modo possivel as equipagens dos navios mais capazes de pelejar despedio grande parte dos que trazia afretados,

repartindo pelos que ficárão a gente, e munições que tirou d'elles; e como necessitava muito de antennas para vergas, e mastareos, comprou em Dower com grande segredo algumas arvores grossas, e enviou escaleres para as trazerem de noite a reboque, sendo a distancia tres leguas. Sabendo disto o Almirante Tromp, destacou huma Fragata a comboiar os escaléres Hespanhoes, o Commandante da qual, depois de os accompanhar até ás Dunas, foi a bordo de Oquendo, e lhe disse: *Que era tanto o desejo que tinha o seu Almirante de se ver em batalha com tão grande General, que ordenava á sua Esquadra ajudasse em tudo ao apresto da Hespanhola; e que como bom amigo se podia servir d'elle, em quanto concorresse para o effeito, que ambos pertendião.* Respondeo Oquendo a este recado com igual civilidade, enviando hum presente de excellentes vinhos para a guarnição da Fragata Hollandeza, em lugar do dinheiro que primeiro lhe mandava dar, e o seu Commandante não acceitára.

Parece, que nesta occasião souberão os Hollandezes, que o Governo Inglez determinava não dar protecção alguma aos Hespanhoes; porque começárão a fazer todos os dias tres, e quatro Conselhos a bordo da sua Capitanea; e de noite passávão em armas, dando tiros de artilheria, e descargas de mosquetaria. O Almirante Penington escreveo a Oquendo, dizendo; *Que o seu inimigo crescia já tanto em poder, como em soberba; e de tal modo, que elle receava, que no mesmo Porto não estivesse segura a Esquadra Hespanhola; porquanto, ainda que a Ingleza faria quanto lhe cumpria pela observancia da neutralidade, com tudo sendo ella tão inferior em forças aos Hollandezes, entrava em duvida se estes lhe guardarião o respeito devido; o que elle tanto mais temia, quanto estava certo em que ElRei Carlos lhe não ordenava, que ar-*

riscasse as suas forças para fazer ceder o partido, aggressor de qualquer novidade. Por cuja causa lhe parecia ser necessario, que os Hespanhoes estivessem com dobrada vigilancia para o que podesse accontecer.

A esta carta respondeo Oquendo: *Que se elle não tinha ordens d'ElRei Carlos para obrigar por todos os modos os Hollandezes a que tivessem respeito ao seu Porto, e ás suas Armas, e Bandeira, elle tinha ordens do seu Soberano para arriscar, e perder toda aquella Armada, a fim de que os Hollandezes guardassem melhor o respeito, e obediencia que devião ao Rei da Grão Bretanha.*

Como o Almirante Inglez estava inteiramente de intelligencia com os Hollandezes, deo-lhes licença para que os dezesete Brulotes, que tinhão dissimulados entre a sua Esquadra, mudassem de amarração, e se avisinhassem, como fizerão, da Capitanea de Hespanha, e dos maiores navios.

A' vista destas disposições hostis, determinou o General Oquendo sahir das Dunas, achando menos perigoso dar huma batalha desigual no mar alto, do que encurralado em hum Porto. D. André de Castro, seguido por outros muitos Officiaes, dizia: Que mal podião elles pedir, ou alcançar d'ElRei de Inglaterra o beneficio da observancia da neutralidade, quando elles proprios fossem os primeiros aquebrantalla; o que se tornaria mais funesto, por ser certo, que a Esquadra Hespanhola não podia combater só por só com a de Hollanda, e teria contra si a de Inglaterra, que se uniria a esta, logo que se fizesse algum movimento contrario á neutralidade. Oquendo, apoiado do resto dos Officiaes respondia: Que já não era tempo de contemporizar com Inglaterra, pois que a paciencia dos Hespanhoes fôra a sua ruina. Que elle só com a sua Capita-

nea sahiria do Porto, quando os seus subalternos não quizessem seguilo. E que tinha por certo, que poderia combatendo atravessar o breve espaço de mar interposto entre Inglaterra, e a Flandes, até se abrigar em alguma Praça do seu Rei, onde pelo menos acharia testemunhas (quando não achasse soccorros) do muito que havia obrado pela salvação do Estandarte, que lhe entregára.

Determinada em fim a sahida da Esquadra, fez o seu General aviso a Londres, para que lhe remettesse a polvora já comprada; mas apenas lhe veio huma embarcação, trazendo huma pequena porção da que esperava, e ainda essa de má qualidade: e chegando a seu bordo ao anoitecer, e duvidando Oquendo recebela áquella hora, representou o Capitão Inglez, que não a recebendo logo, voltaria para Londres, segundo as ordens que trazia do Conde de Northumberland. Tratouse então de receber a polvora, porêm via-se neste tempo a Almiranta Hollandeza fazer-se á vela, para accommetter os Hespanhoes, e á sua imitação os outros navios Hollandezes.

Era o vento favoravel para sahir do Porto, e D. Antonio foi o primeiro a fazer-se á vela, mas como não tinha dado antecipadamente, nem deo neste momento ordens algumas aos seus Commandantes sobre o que devião fazer, e o caso foi subito, achárão-se os Hespanhoes na maior confusão, e desordem ao fazer-se á vela, abalroando huns com outros; e alguns encalhárão, por se affastarem dos inimigos. Entretanto os Hollandezes fazião hum fogo terrivel, porque a intenção de Tromp era justificar o rompimento da neutralidade, com pretexto de que os Hespanhoes estavão recebendo polvora para o combaterem.

D. Lopo de Hozes, não obstante o máo governo do seu Galeão Santa Thereza, foi o segundo que se

fez á vela após a Capitanea, e logo na sua popa foi sahindo D. João Ascenso, o Almirante Feijó, e outros navios mais bem commandados. Os Hollandezes enviárão tres Brulotes incendiados contra a Capitanea, de que se livrou por meio de escaleres armados, que os desviárão, estando já quasi atracados com ella. Outros dois Brulotes vierão contra a Santa Thereza, que os evitou por igual modo, porêm como navegava nas aguas da Capitanea, embaraçou-se com os tres Brulotes, de que havia escapado. D. Lopo, a quem duas balas de artilheria havião levado huma perna, e hum braço, deo assim mesmo as ordens necessarias para desviar os Brulotes; mas ainda que os seus escaleres conseguírão com temerario valor arredar dois delles, não podêrão evitar o terceiro, que cahindo na proa do Galeão, em hum instante lhe communicou o fogo em que vinha ardendo em altas labaredas. Desta maneira foi queimado o Galeão Santa Thereza, sendo já morto D. Lopo, e nelle acabárão mais de seiscentos Portuguezes, e Hespanhoes. Com a perda deste grande navio, desanimárão de todo os Commandantes Hespanhoes, e huns tratárão de render-se, outros de salvar-se como podessem, e tambem alguns de vender caras as vidas. D. Antonio conseguio recolher-se a Mardick, com outro navio, que poucos dias depois naufragou, salvando-se a gente. Tudo quanto fizerão os Inglezes em defensa da sua neutralidade, se reduzio a alguns tiros inuteis dos Castellos de Dower, e das Dunas.

Perdêrão os Hespanhoes nesta batalha seis mil homens, e quarenta e tres navios, com seiscentas peças de artilheria de bronze, e grande numero de Officiaes: dos Portuguezes morrêrão novecentos.

Quasi metade dos navios naufragárão pelas Costas de Hollanda, França, e Inglaterra; e alguns alli

achárão refugio. Os Hollandezes perdêrão alguns navios, e mais de mil homens.

1640 — Partio da India (1) o Vice-Rei João da Silva Tello com duas Náos, e dois Patachos, de cuja Esquadra foi por Chefe João de Sequeira Varejão, com quem hia embarcado o Vice-Rei. Chegárão todos a Goa á salvamento.

(1) Faria, Asia Portugueza.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.